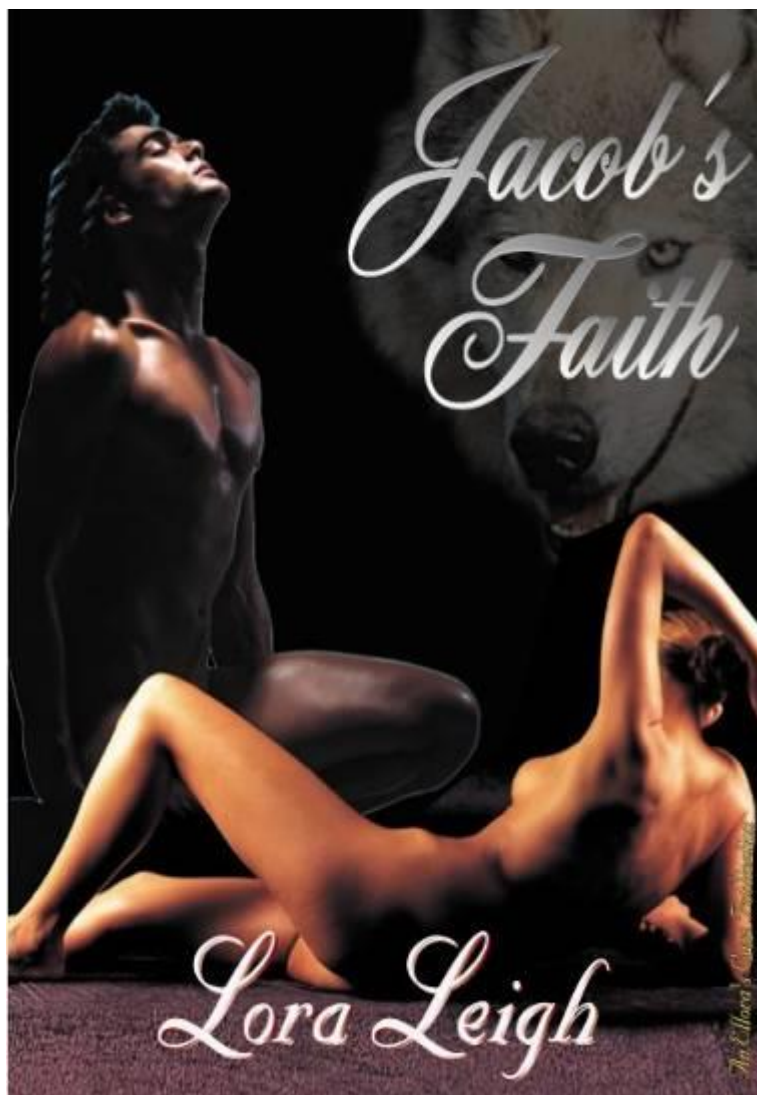


Lora Leigh

Jacob's Faith

Castas 11 – Lobos 03



Disponibilização/Tradução: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Luna

Revisão Final: Camila Luppi

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Jacob abandonara Faith seis anos atrás, inconsciente de que a marca que tinha deixado sobre ela também a mantinha em uma agonia de ardor sexual que nunca se apaziguava. Agora, Jacob e Faith estão juntos de novo, mas as surpresas se escondem atrás de cada esquina e os perigos escuros e letais, como sua mesma criação, lhes rodeiam em mais de uma maneira.

Revisado do Espanhol: arquivo sem créditos



Prólogo

Em alguma parte do México, nos laboratórios experimentais das castas, em um futuro próximo.

Jacob saiu da pequena ducha anexa a sua cela, com uma toalha envolta ao redor da cintura, enquanto secava as longas mechas de seu cabelo com outra. A ducha quente tonificara os músculos esgotados pelo treinamento diário, mas fizera pouco para mitigar a tensa premonição que o incomodava há dias. Palpitou em seu ventre, e apertou seu peito. A frieza da advertência parecia se infundir seu ser.

Ele não conseguia afastá-la. Era incomum que seu sexto sentido lhe golpeasse tão forte quando não estava comprometido em alguma das missões sangrentas do Conselho. Estando encarcerado nos laboratórios, a capacidade altamente desenvolvida de detectar perigo era normalmente preservada. Agora, entretanto, apertava seu peito e enviava uma pontada de advertência que se estendia ao longo de sua coluna vertebral. Seu aguçado sexto sentido era algo que mantinha cuidadosamente oculto.

As premonições ficavam mais fortes a cada mês, mas o desenvolvimento de um dos talentos latentes permanecia às escondidas, à beira de sua mente de uma maneira que estava fora de controle. Não permitira que seus criadores percebessem. A evolução de qualquer de seus sentidos adicionais podia ser o prego final nos caixões para as castas de lobo.

A vida já era o suficientemente difícil como experimento genético; preferia não fazê-la ainda mais dura. Se continuassem naquele ritmo, de qualquer maneira estariam preparados antes do final do ano.

Apesar dos anos de treinamento sangrento e as cruéis condições, as castas ainda não tinham desenvolvido o sentimento de ódio e selvageria sanguinária que seus criadores procuravam. À exceção no que se referia a seus criadores. Se tivessem uma chance, cada casta dentro das celas agarraria as gargantas dos membros do Conselho, dos cientistas e dos soldados manipulavam suas energias pervertidas.

Um grunhido silencioso, e oculto, ressonou em sua mente ante o pensamento de seus captores, quando entrou na área principal de sua pequena cela.

Deteve-se no momento que cruzou a soleira do banheiro. Sua cabeça se levantou, as abas de seu nariz se agitaram quando seu olhar fixou-se imediatamente na jovem mulher que, furiosa, sentava-se no grosso colchão situado no canto da cela.

Uma mulher que não deveria estar ali. Por um momento, o desejo agudo e repentino se agitou dentro dele. Um instinto de posse que teve dificuldade de ocultar, para assegurar a subsistência, sob um ar protetor de passividade. Os instintos animais que lutavam pela supremacia cada vez que estava em sua presença eram mais difíceis de esconder a cada dia que passava.

Seu peito se apertou com fúria, enquanto a realidade queimava em seu cérebro. O dia que tanto temera tinha chegado, esperara que pudesse evitá-lo, mas agora estava aqui. Deu uma olhada através da separação de cristal que separava sua cela da de seu líder da manada. Wolfe olhou fixamente por trás dele, e em seu olhar furioso, Jacob viu a preocupação e a cólera do outro homem. Wolfe, o líder da manada do pequeno grupo de lobos, enviou-lhe uma advertência silenciosa, o olhar refletindo aborrecimento.

Jacob deu então uma olhada a sua esquerda, vendo Aiden apoiado contra a parede longínqua de sua própria cela, a expressão era estóica, seus olhos cinza o olhavam furiosos. A mulher que estava na cela de Jacob nascera da mesma fêmea que Aiden. Eram mais que só membros do grupo, eles eram irmãos de sangue. E essa era uma relação que Aiden tomava seriamente. Levava mais de uma cicatriz em seu corpo por proteger a sua irmã contra as crueldades dos soldados dos laboratórios.

O olhar fixo de Jacob foi de novo à mulher. Seus punhos estavam apertados, e os olhos alagados de lágrimas. Ele inalou cuidadosamente o aroma de sua luxúria. Era quente, doce e tentador.

Em toda sua vida, ele nunca o havia sentira tão potente; era o aroma débil da necessidade. Como se sua carne se desesperasse por ela, apesar da cólera que corria em ondas por seu corpo. Formou redemoinhos sobre seus sentidos, tocando-os ligeiramente, esquentando seu corpo.

O animal em seu interior rugiu sua demanda e ele lutou por manter imóvel sua chamada voraz. Sentiu uma sacudida elétrica, confuso. O aroma de luxúria intoxicava seu corpo. Somente com um controle extremo evitou a ereção de seu membro; o efeito era instantâneo.

O sangue trovejava através de suas veias, enviando uma mensagem embriagadora a suas sensíveis terminações nervosas e seus primitivos desejos. Sua mulher. O pensamento queimou seu cérebro.

Ela era dele, e apesar de seu medo por ela, e pelo grupo, ele abertamente reconhecia essa necessidade; não podia evitar a necessidade de seu corpo por tê-la. Tinham-na vestido com uma camisa de algodão e calças brancas; debaixo da camisa, seus seios se elevavam e caíam asperamente, eram montes cheios, inchados e empinados com pequenos mamilos duros.

Seu membro se crispou sob a toalha, cativado pelo aroma da necessidade que se difundiu pelas abas de seu nariz. A boca se umedeceu com o pensamento repentino de provar, pelo desejo de enterrar sua cabeça entre as coxas lisas que seu dinheiro oculto tinha pagado para manter suaves e sedosas.

Ele desejava empurrar sua língua por seu clitóris e lambe ali a umidade, pegajosa e doce, que sabia que encontraria. Sua língua palpitou, literalmente, com a necessidade. Sacudiu sua cabeça. Conhecia-a muito bem, sabia que ela não estava pronta para seus desejos.

Faith era um membro do grupo, e treinava com ele regularmente.

Ela era um pouco imatura para seus dezoito anos de idade e cheia de cólera, mas era muito bonita, com seus grandes olhos negros, e seu grosso cabelo castanho cortado à altura do ombro. Seu corpo era delicado, pequeno e bonito, com ossos delicados e aspecto frágil.

Ela estava pronta e condicionada, e era muito mais forte do que aparentava, sabia, mas não podia sufocar seu medo, sabia que ela acabaria facilmente destroçada com a fome que corria através dele.

Jacob deu a volta cuidadosamente, seu olhar foi ao exterior das barras de aço que formavam a porta e a parte dianteira da cela.

Bainesmith estava ali parada, a cientista a cargo dos laboratórios, e com seus pequenos olhos negros brilhando de satisfação, ela cruzou os braços sobre seus seios e o olhou. Suas feições asiáticas, ásperas, estavam estiradas em uma expressão de ávido prazer. Ele a tinha visto assim com bastante frequência, e podia ver o entusiasmo em sua expressão diabólica.

Se a luxúria por Faith não o afligisse tanto, Jacob sabia que cheiraria o fedor das perversões da outra mulher. Delia Bainesmith era o mais odiado de todos os cientistas que trabalhavam nos laboratórios das castas. Sua fome de poder os destruiria a todos, Jacob frequentemente pensava.

Ela considerava as castas como sua própria esquadrilha pessoal da morte, e sua fúria por negarem-se a matar com abandono sanguíneo logo os condenaria a todos, absolutamente.

Jacob sabia que se ele não tivesse muito cuidado, então Faith e ele poderiam tornar-se as primeiras mortes a cair por seus castigos demoníacos. Ele levantou uma sobrancelha.

— Ela está aqui por alguma razão, Bainesmith? — Os finos lábios da cientista se curvaram com diversão. A chamavam de “a Cadela”. Seus prazeres sádicos tornaram suas vidas um inferno. Levavam todas as cicatrizes dos açoites que lhes tinha dado quando a contrariavam. Todos sabiam do aroma repugnante de sua luxúria por eles. O fedor de sua depravação.

— Ela é um presente, Jacob. — Disse zombadora. — Eu a preparei toda para você. Espero que a faça criar esta noite. — Jacob encarou Faith.

Ela não parecia tão disposta para criar, a pesar do aroma de seu corpo. Olhava-o furiosa e violenta. Ele coçou o peito, ausente, observando a fome ambiciosa nos olhos de Bainesmith quando deu a volta para enfrentá-la.

Pensava que o era seu brinquedo pessoal. Dirigiu à cientista um olhar enojado, que sabia a acenderia. Não poderia revelar ainda suas necessidades, e não desejava dar à cientista nenhuma razão para voltar-se contra Faith. A manipulação da calculista da mulher que governava suas vidas já era infernal o suficiente. Sabia que se ele demonstrasse qualquer atenção, qualquer preferência por Faith, depois sua vida não teria mais valor.

O pensamento das muitas maneiras em que Bainesmith poderia machucá-la aterrorizava-o. Não poderia arriscá-la, ela era muito importante para sua própria sobrevivência.

— Decidi compartilhar um pouco. — Bainesmith encolheu o ombros, mas ele podia ver a cólera em seus olhos. Maldição, que infernos teria feito para contrariá-la agora? — E não finja meu lobo selvagem; vi como encara nossa pequena Faith. Estou segura de que passará um momento maravilhoso com ela.

Ele lutou para manter sua expressão brandamente divertida, que se refletia em seus olhos. Não tinha sido cuidadoso o bastante; ao que parecia, tinha revelado de algum jeito sua atração pela mulher mais jovem.

— Estou muito cansado, Delia. — Suspirou, procurando freneticamente os meios para evitar o que ele sabia viria. — Como lutaria amanhã? Ela é muito bonita, mas suas manobras de treinamento estão ficando mais duras a cada dia.

Bainesmith encolheu seus finos ombros, mas os olhos cintilaram com malévola diversão.

— Não importa Jacob. — Preocupou-o aquele ar satisfeito no sorriso que se formou em seus lábios. — A deixarei aí com você, faça o que tem que fazer. — Ele entrecerrou os olhos quando ela deu a volta despreocupadamente. Os soldados que a rodeavam sorriram com satisfação, mas seguiram sua chefe como os cães treinados que eram.

As luzes apagaram-se, ficando somente a débil iluminação que cada cela tinha para seu uso pessoal.

— Alguém deseja me dizer o que está acontecendo?

Ele deu uma olhada para Faith, depois aos dois homens a cada lado de sua cela. Wolfe suspirou com repugnância, mas o olhar que deu ao Faith estava cheia de fúria compassiva.

— Ela te drogou.

O coração de Jacob golpeou pesadamente em seu peito.

— Drogaram-na?

Encarou-a outra vez, vendo como ela mordida o lábio, apertando seus joelhos mais perto do peito e envolvendo os braços ao redor de suas pernas de forma defensiva. Jacob afogou uma maldição áspera e violenta.

Tinham dado um afrodisíaco às mulheres que trouxeram para ele e aos outros, para assegurar sua excitação e sua capacidade para acomodar a largura do membro de uma casta, que era mais grosso do que o normal. Mas nunca se atreveram a trazer uma tão jovem.

Seu treinamento sexual tinha começado a uma tenra idade, como parte de sua educação para derrotar a qualquer inimigo. Faith era a fêmea mais velha, mas não tinham começado tais lições com ela ainda.

Ele temera o dia que comesçassem. E temeu que deveria ser o primeiro de uma larga linha de amantes para o Faith.

A fúria se elevou dentro dele. Morreria antes de permitir que outros a tocassem. Ele sabia que sua raiva seria como a de uma besta sanguinária para a luxúria de Bainesmith, se outro se atrevesse a tocá-la depois que ele a tomasse como sua.

— Qual é o motivo disto? — Perguntou ao Wolfe, furiosamente — Por que começam seu treinamento assim? — O líder da manada grunhiu com irritação. Seus lábios se levantaram, exibindo as presas agudas enquanto sua cólera se elevava também.

— Não está treinando, Jacob. — Grunhiu. — Bainesmith está convencida de que ela pode forçar Faith a conceber. Que tudo o que precisará é o afrodisíaco para forçar seus ovários a produzir, e também acredita que a mínima quantidade de esperma normal que possuímos a fertilizará.

Jacob olhou a expressão de Faith enquanto Wolfe falava. O terror puro brilhava, tanto em seus olhos negros como seu corpo estremecido.

— Querem que viole a esta menina e a fecunde? — Riu zombador. — O que os faz pensar que me forçarão a isto?

O aroma da excitação de Faith era embriagador em sua cabeça, e seu corpo respondia a ele, mas ele decidiria a quem tocar, e não a malévola doutora levada por seus esquemas de grandeza. E ele estava seguro como o inferno de que não ia dar-lhe um filho dele para que o torturasse. Wolfe grunhiu.

— O afrodisíaco é potente, Jacob. Quer vê-la sofrer? E não é como se ambos não soubéssemos que Faith estaria disposta.

A face de Faith avermelhou. Jacob lançou a seu líder um olhar de contrariedade, mas recebeu somente um encolhimento de ombros.

Todos estavam inteirados do carinho de Faith por ele, ela não fizera segredo nos últimos meses, quando seu corpo amadurecera. Tinha paquerado com ele, e brincara abertamente várias vezes, provando sua atração por ela.

Uma atração sobre a qual ele não teria agido até que ela fosse mais velha, e o perigo da fúria de Bainesmith já não existisse. A fúria relampejou através dele. Ela era virgem, apesar de suas paqueras anteriores, e era tímida em suas interações com outros. Não haveria maneira de ocultar seu interesse por sua pessoa. Nenhuma maneira de proteger sua modéstia. Conhecia os soldados, conhecia Bainesmith, e ele sabia que esta noite seria utilizada para atormentar a moça de cada maneira possível.

— Não desejo isto! — Gritou ela, finalmente falando. Jacob olhou-a com compaixão — Não desejo piedade, Jacob. — A violência palpitou em sua voz, junto com o ardor indesejado de sua excitação. As lágrimas faiscaram em seus olhos.

Ele podia ver que o desejo e a dor atormentava; via a emoção em seus olhos. Fez uma careta, lutando contra a necessidade de gritar de fúria. Quem demônios poderia planejar algo tão malvado como Bainesmith? Que Deus os ajudasse, mas forçavam-no a destruir a inocência de Faith, e sua anterior atitude amável.

A partir desta noite, ela não sentiria nada além de vergonha e fúria, quando os cientistas acabassem de atormentá-la. Jacob encarou Wolfe outra vez. O que poderia fazer? Como poderia agora protegê-la? Wolfe sabia de sua ternura por ela, sabia que se preocupava. Que infernos poderia fazer? Wolfe deu a volta, sacudindo a cabeça em renúncia enquanto desaparecia no único setor privado de sua cela.

Jacob olhou então para o irmão de Faith, vendo sua fúria nos redemoinhos escuros das nuvens tormentosas que eram seus olhos.

— Jacob — A voz de Aiden era um grunhido duro, admoestador. — Se lhe fizer mal, te matarei. — Jacob passou os dedos através de seu cabelo na frustração.

— Maldição Aiden, pensa que a machucaria de propósito? — Perguntou-lhe asperamente. O que podia fazer? O olhar fixo de Aiden foi a sua irmã e a ele, e Jacob vislumbrou uma raiva desamparada, a necessidade impotente de protegê-la refletindo-se através do corpo e das emoções do outro homem. Jacob sabia a fúria do irmão porque era similar à fria e dura emoção que se alojava em seu próprio peito. Faith sofreria esta

noite com ele, e ele sabia. Jacob sentia sua mandíbula endurecer-se, enquanto lutava contra uma maldição particularmente vil.

Suas mãos tremiam com a necessidade de tocá-la, mas seu coração doía destroçado com os pensamentos do que viria amanhã.

— Eu deveria protegê-la, e você também deve fazê-lo. — Disse furiosamente antes de dar volta e desaparecer no banheiro privado.

Não haveria maneira de amortecer os gritos, mas pelo menos se asseguraria de que quem era importante para ela não presenciaria o ato. Entretanto, lhe dariam a falsa ilusão de isolamento para facilitá-lo, sabendo que a vergonha a encheria na manhã seguinte. E Wolfe sabia o que ele sentia. Somente umas horas antes, Bainesmith tinha arrastado sua própria filha à cela de Wolfe depois de tentar forçá-lo à criação com ela. Sua própria filha. Era um demônio, saído do inferno. Jacob suspirou com fadiga. Seu membro estava grosso e duro, inchado pelo aroma da excitação de Faith; nunca tinha estado assim antes com as outras mulheres que haviam lhe trazido. Mas Faith atraía durante meses. Conhecia-a, desejava-a de todos os modos. Ela era uma parte de seu grupo, e uma parte de quem era.

Ele a teria tomado, eventualmente. Jacob soubera havia quase um ano, que chegaria o momento em que Faith estaria debaixo dele. Teria preferido lhe dar a opção, para lhe dar uma excitação que ela pudesse controlar. Ocultaria suas necessidades violentas, para não fazê-la afastar-se dele. Maldita Bainesmith, amaldiçoou silenciosamente. Como faria para proteger a inocência desta mulher contra a selvageria do mundo em que tinha nascido?

— Faith — Ele se moveu para mais perto dela, ajoelhando-se no colchão enquanto olhava fixamente nos olhos excessivamente brilhantes que o olhavam cheios de vulnerabilidade. — Sinto muito.

Ela mordeu o lábio, olhando-o fixamente, e Jacob sentiu seu coração apertar-se pela emoção de seu fixo olhar. Pôs o dedo em seus lábios antes que ela falasse, expressando essas emoções.

Ela acreditava no amor, em viver feliz para sempre, apesar da realidade de sua vida. Ele podia ver os sonhos em seus olhos, sua crença que ele faria que tudo fosse correto. O que poderia fazer quando não pudesse protegê-la, quando não pudesse afastá-la da miséria que ele sabia que viria?

— Não podemos nos permitir mostrar nenhuma debilidade, Faith. — disse, recordando-lhe os microfones dentro das celas, e desejando que não estivessem.

Não lhe falaria das câmaras de vigilância que sabia os vigiavam. Ela sabia. Não haveria ajuda para ela. Inclusive os banheiros estavam equipados de forma semelhante. Uma lágrima deslizou de seu olho. Ele sentia seu corpo tremer, transpirando pelo começo de sua dor interna, e gritando silenciosamente sua misericórdia.

— Confie em meu, Faith. Relaxe, não quero te machucar. — Disse, movendo as mãos em suas pernas, afastando-as de seu peito quando ele a ajudou a ficar atrás no colchão.

Ela ainda estava rígida enquanto ele a forçava virtualmente a desenroscar seu corpo e reclinar-se. Estava furioso com Bainesmith, consigo mesmo, e com Faith. Com a cientista por sua crueldade, consigo mesmo por sua debilidade, e com Faith por sua crença nele.

Ela se estirou lentamente, as lágrimas escorregando das comissuras de seus olhos, umedecendo sua carne e o fogo escuro dos cabelos em seus ombros.

Odiava as lágrimas; odiava-as porque sabia que haveria mais de onde essas tinham saído. Jacob acomodou-se ao lado dela, enterrando a boca em seu ouvido enquanto apertava seu corpo em um abraço.

Era pequena e delicada, frágil em seus braços. Suas mãos acariciaram suas costas e seus quadris enquanto tentava acalmar seus medos. Não poderia tranquilizá-la. Não poderia demonstrar-lhe amabilidade, ou seria utilizada contra ela mais adiante.

Bainesmith gozava explorando suas debilidades. Ela gozava de jogar com elas cara a cara. Ele não poderia permitir que Faith fosse uma debilidade, ou sua vida não serviria para nada.

Ela estremeceu, choramingando quando seus lábios pressionaram na pele delicada de seu pescoço. Seu corpo tremeu, ele sentia o calor de sua pele enquanto sua excitação aumentava.

— Estou assustada. — Sussurrou ela, com voz tremente e grossa pelas lágrimas. — O que fizeram comigo, Jacob?

— Não tem nada a temer, Faith. — Prometeu-lhe, desejando grunhir pelo prazer incrível da sensação de seu corpo junto ao seu. — Relaxe. Logo terá acontecido tudo. Confie em mim. — Sua respiração estava agitada enquanto lutava por engolir as lágrimas.

— Realmente confio em você, Jacob. — Disse ela. Ele balançou cabeça, gemendo pela confiança e a profundidade das emoções refletidas em seus olhos antes de cobrir seus lábios com os próprios.

Suas pestanas se agitaram contra as bochechas enquanto gemia ávida. Seus lábios se abriram para ele, a língua se entrelaçou com a sua imediatamente. Jacob se encolheu pelo incrível prazer que se cravou nele. A língua dela enrolou-se timidamente com a sua, fazendo as glândulas situadas aos lados de sua língua pulsar e doer.

Ele agarrou seus quadris, fazendo-a tombar para trás enquanto caía em cima dela. Os lábios dele fecharam-se em sua língua e criaram uma gentil sucção, enquanto ela se arqueava contra ele. Ele introduziu a língua em sua boca, animando-a para que fizesse igual. Doce misericórdia. Estremeceu, sentindo o abraço que o comprimia nela, enquanto seu corpo sacudia com uma inexplicável e repentina luxúria.

Tudo o que sabia era que o gosto e o toque dela o conduziam mais longe em sua necessidade, algo que nenhuma outra mulher tinha feito durante o curso de sua vida sexual. Moveu de seus quadris, afrouxando desesperadamente os grandes botões de sua camisa para que a mão pudesse tocar seu seio. Estava quente e inchado, o mamilo duro pela necessidade contra sua palma.

Ela gritou seu nome, tentando amortecer o som contra seu ombro enquanto seus dedos a beliscavam. Era como fogo em seus braços, e seu controle repentinamente era desesperadamente débil. Jacob nunca tinha tido problemas em conter seus impulsos sexuais. Nunca se importara as necessidades da mulher; quando gritava desesperadamente por ele, seu controle nunca não tinha sido provado. Agora, com esta pequena virgem, com seu corpo tremendo debaixo dele, Jacob sentia seu próprio corpo estremeendo.

Seus lábios escorregaram sobre os dela, sobre o delicado e obstinado queixo, ao longo de uma garganta tão suave que sentia a incrível necessidade de beliscar a pele, de marcá-la. Seus lábios se detiveram brevemente na área onde o pescoço e o ombro se uniam, não poderia conter muito mais tempo essa necessidade. Suas presas se detiveram ali, ásperas, arranhando sua pele, e ela se arqueou violentamente em seus braços, gritando seu nome outra vez.

Ele cobriu a ferida com os lábios, esfregou-a ligeiramente com a língua e a acariciou dentro de sua boca para permitir que sua saliva apagasse qualquer dor. Com o impulso de marcá-la satisfeito, moveu-se às curvas inchadas de seus seios. Estavam empinados, tintos de uma ligeira cor rosada, com os mamilos inchados e sua mão curvada ao redor de um monte pálido, cheio de carne.

— Jacob! — seu grito era desesperado quando ele baixou sua cabeça e cobriu a extremidade quente.

Ela se arqueou para ele, ajudando-o quando ele deu um puxão em sua blusa, quase a rasgando em sua necessidade de despi-la.

Suas mãos foram ao laço das calças, afrouxando-os, empurrando-os além de seus quadris, desesperado por afundar os dedos na carne suave de seu clitóris. O aroma dela o intoxicava. Podia sentir o sangue trovejar em suas veias, correndo para seu palpitante

membro. Maldita fosse, o que o fazia? Sua língua lambeu um mamilo quando golpeou com o pé as calças livres de seu corpo, depois lambeu o seguinte enquanto ele empurrou suas pernas afastá-las.

Tudo que podia fazer era ofegar pelo prazer delicioso que encontrou na pele dela. Seus mamilos se endureceram sob sua língua, avermelhando com os movimentos de sua boca.

— Relaxe — gemeu com as mãos dela agarrando obstinadas seu cabelo, e o corpo que tentava arquear-se para ainda mais perto. Não havia nada fácil com ela. O excitação natural e a droga induzida se vertiam através de seu corpo, sentia-a tremer contra ele, ouvia os gritos desesperados em seus ouvidos. Jacob lutou com a necessidade e o desespero de seus próprios instintos que o atacavam.

Ele desejou dar prazer a ela, não um orgasmo forçado. Se não podia proporcionar-lhe nada, ao menos desejava dar-lhe a lembrança de seu desejo por ela, de sua necessidade de proporcionar-lhe o prazer maior possível. A mão dela alisava seu abdômen, e seus dedos o sacudiram, surpreendendo-o, quando acariciaram mais perto da carne nua de seu sexo.

As castas não tinham nenhum pêlo em seus órgãos genitais, fossem macho ou fêmea. Não havia explicação para isso, mas quando seus dedos tocaram a perfeição Lisa como uma pétala de seu clitóris, sua pressão arterial aumentou poderosamente.

Ele podia sentir o sangue fervendo em suas veias, atacando através de seu corpo como se também o tivessem narcotizado. Seus sucos cobriram os lábios de seda com um xarope quente, suave. Seus dedos escorregaram através da estreita fenda, acariciando a seda molhada e seus lábios, escorregando dos seios para o abdômen, movendo-se infalivelmente para o zelo fragrante de seu clitóris.

— Jacob? — A confusa paixão encheu sua voz quando ele se moveu, abrindo mais suas coxas, determinado a provar a perfeição líquida de sua necessidade por ele.

— Está tudo bem, Faith — Ele lutou para não ofegar, para manter a voz uniforme, confortando. — Está tudo bem, amor. Só desejo te provar. Só sentir seu gosto, Faith. — Ele se colocou entre as pernas dela estendendo suas coxas, olhando-a com um olhar fixo, escuro.

Ela voava de luxúria. Bombeando seu corpo com o ardor da necessidade e do prazer desesperado que a invadia. A necessidade o determinou a fazê-lo logo. Porque não havia maneira no inferno em que ele pudesse permanecer controlado durante muito mais tempo. Mas primeiro primeiro tinha que prová-la. Baixou a cabeça, e sua língua lambeu através do xarope doce, sem poder deter o som de luxúria que permitiu que retumbasse contra sua carne. Seu clitóris tremeu; ele poderia sentir batimento do seu coração.

Ela era doce, suave, como o aroma das montanhas depois de uma chuva do verão. E ele estava desesperado por mais. Jacob permitiu que a luxúria o governasse, mordiscou a carne branda com os lábios famintos e a língua indagadora. Chupou na fonte de sua vagina, com sua língua que penetrava no canal quente, apertado, e então ela gozou violentamente. Seu corpo estremeceu e chorou mais líquido de seda em sua boca. Quanto mais consumia dela, mais necessitava.

Era aditiva, quente, e ele tinha sido um homem morto de fome e inconsciente disso. Sua língua se moveu em seu clitóris furiosamente, escorregando e empurrando dentro dela, enquanto a mão que sustentava os lábios doces do traseiro escorregava em seus suaves sucos, detendo-se na abertura de veludo de seu ânus.

Ele gemeu, pressionando-se contra ela. Empurrou a língua mais profundamente dentro de sua vagina, e ouviu seu grito enquanto seu polegar escorregava dentro do buraco apertado, quente. Estava fora de controle. O instinto e a luxúria o governavam, e embora lutasse com as profundidades incríveis de sua necessidade, o prazer superou qualquer pensamento de motivações apazíveis.

Ele se elevou sobre os joelhos. Suas mãos foram a seus quadris, e embora lutando para agir com gentileza, estava aterrorizado.

— Vire-se — grunhiu, agarrando seus quadris e movendo-a com um puxão sobre seu estômago. — De joelhos. — Não existia, agora, nenhum controle.

Ela ficou sobre os joelhos, gritando em sua excitação, agora o pedindo. Seus quadris empurraram mais perto dele as curvas firmes de suas nádegas que se afastaram, mostrando a pequena entrada de seu traseiro para ele. Abaixo deste, os lábios lisos e reluzentes de seu sexo tentaram os seus desejos mais carnis.

Ela era dele. O pensamento chamuscou seu cérebro. Sua mulher e seu corpo, e a necessidade de sua submissão completa eram repentinamente supremos. Temia a submissão, mas não havia nada mais que desejasse nada que necessitasse mais. Seu dedo foi ao pequeno buraco. Bem lubrificado pelos líquidos do corpo feminino, seu dedo se afundou, empurrando o xarope no buraco apertado, lubrificando mais a área.

Ele pegou um tubo de lubrificante situado em uma prateleira a seu lado, e continuou a prepará-la. Tinha que submetê-la, dominar seu corpo, e depois tomaria o canal apertado, e plantaria sua semente dentro de seu útero. Mas primeiro... Primeiro, ela saberia quem controlava sua luxúria. Seus movimentos eram desiguais, e a necessidade voraz. Era tudo o que ele poderia fazer para proporcionar a preparação de seu corpo, para estirar a carne delicada com primeiro um depois dois amplos dedos.

Ele olhou quando ela o tomou, o pequeno buraco se estirando, os músculos apertando e quentes nele enquanto empurrava dentro e fora do canal apertado.

— Jacob! — Gritou ela com desespero, quando seu membro se alojava na entrada do seu traseiro. Jacob agora lutou pelo controle, olhando seu grosso membro e o pequeno buraco que se preparava para invadir. Era possível. Tinha-o feito muitas vezes, antes, com outras mulheres. Mas não a uma virgem. Nunca a mulheres inconscientes do que viria.

Ela pressionou-se contra a extremidade de sua ereção, seu corpo tremendo em sua necessidade de tomá-lo.

Ele lutou com a necessidade. Lutou com o desespero que se agarrava a seu corpo, até que ela moveu o corpo para trás. A cabeça de seu pênis desapareceu dentro do pequeno buraco enquanto ela gritava. Dor ou prazer? Não poderia estar seguro do que era, e não tinha o controle necessário para perguntá-lo.

Jacob pressionou mais profundo, sentindo a mordida quente de seus músculos fechando-se ao redor dele, ordenhando seu membro. Estava enterrado, somente pela metade entre o líquido quente que fluía no pequeno canal. Ele não estava gozando. Ela sabia que ele não estava gozando, mas aconteceu outra vez, então outra vez mais, lubrificando a área enquanto ele se afundava dentro até o punho. Seu corpo, muito maior que o dela, cobriu-a, seus lábios deslizaram em seu pescoço, infalivelmente localizando a marca que ele tinha feito anteriormente.

Ela ouviu o grunhido de batalha que retumbou em sua garganta, então sentiu uma necessidade tão violenta que o destroçou. Sua boca se abriu, suas presas perfuraram a pele de seda e ela gritou debaixo dele, arqueando seu corpo a ele, rasgando-o com suas súplicas.

Ela agora cantava seu nome. Pedia por ele. Repetiu os gritos junto dele, até que ele sentiu tudo ao redor desabar.

O quarto se sacudiu, uma luz brilhante explodiu ao redor deles enquanto os tubos arrebentavam com um assobio de vapor. A terra oscilou enquanto as paredes se esmiuçaram em uma cascata do vapor, rompendo o cristal e enchendo tudo de gritos.

CAPÍTULO 1

Seis anos depois

Ela podia sentir o olhar de Jacob. Poderia senti-lo observando-a, sempre. Faith tinha lembranças, lembranças de Jacob e daqueles olhos azuis que a seguiam a qualquer lugar que fosse. Ou o faziam, até sua fuga dos laboratórios. Até que ele a deixou, seis anos antes. Estava de volta há várias semanas, entretanto ele nunca estava longe dela.

Estava sobre ela agora, fazendo-a sentir-se coibida e tensa.

Ela era uma escolhida da segurança da manada, não uma Executora. Negociava a paz entre os grupos, e levava informação dos vários informantes de dentro dos membros secretos do Conselho de genética que ainda existia dentro da América.

Não era uma assassina. Não era um soldado. Não que ela não pudesse fazer esse trabalho. Faria o que tivesse que fazer. Mas a preocupação óbvia de Jacob, que pensava que ela não podia fazê-lo, doía. Eram castas de lobo. Criados em um laboratório, sob a desdenhosa consideração dos cientistas, dos médicos e dos frios e insensíveis soldados que trabalhavam ali. Seu DNA fora alterado na concepção, seu sexo determinado, sua força realçada, seus sentidos modificados. Perguntava-se inclusive se os cientistas que os criaram tinham imaginado o que esperar.

Ela sabia que os caçavam agora não tinham nenhuma idéia de que se encaminhavam para eles. Faith olhou os soldados movendo-se silenciosamente ao longo da escharpa da montanha. Sustentou o rifle automático com mais força.

Olhou-os com os binóculos, recordando muitos mais como eles. Os soldados nos laboratórios. Aqueles que a seguravam enquanto Bainesmith lhe injetava drogas que torturavam seu corpo, e a conduziam a uma insana necessidade. Os mesmos soldados que perversamente antes tinham açoitado Aiden, seu irmão, por impedir sua tentativa de violá-la. Soldados que, de muitas maneiras, faziam um inferno das vidas dos membros da manada. Todos mereciam morrer. Mas no momento, os soldados não se moviam em sua direção, felizmente. Havia duas equipes, seis homens em cada uma, varrendo o ponto mais baixo da montanha.

Estava razoavelmente segura de que eles não a encontrariam, mas nunca se sabe. Tocou o gatilho. Seriam tão malditamente fáceis de matar. Poderia atirar em suas cabeças, explodido-as com uma bala e ninguém sentiria falta deles. Eram malvados. Tinham o coração negro, desumanos, mais animais do que a chamavam.

Podia sentir a adrenalina bombeando em seu sistema, a raiva e a cólera enchendo-a. Estavam ali para destruí-la, para destruir a seu grupo, e achavam que deviam ter misericórdia. Ter misericórdia para assegurar a aprovação de um governo que voltou atrás, secretamente, pelo horror dos laboratórios de genética. Ter misericórdia para assegurar a sobrevivência. Ela estava ficando rapidamente sem misericórdia.

— Tem autorização, Fiat? — A voz de Jacob era uma intrusão suave no receptor de cabeça que usava. Ela respirou fundo, profundamente. Lutou para deter o compasso furioso de seu coração, o ódio que fazia com que desejasse cobrir o bosque de balas, com os gritos ressonando em seus ouvidos, lembranças, escuras e brutais, ameaçando invadi-la.

— Aidan, tome seu posto...

— Comprovação de posição — assobiou no micro. — Estou sob controle, Jacob. — Sua voz era dura e fria. Por um segundo, imaginou o brilho de calor e a cólera que seu tom traria para seus olhos. Outra respiração profunda. Este não era o momento de permitir que a cólera tomasse o controle, deixando que suas emoções se apoderassem perigosamente dela.

— Três estão irrompendo, dirigindo-se ao topo da montanha. — Radiou ela, olhando as figuras camufladas de perto, e como se moviam através do bosque. — Parece uma expedição de exploradores.

Não podiam deixá-los subir muito alto na montanha. As cabanas, embora bem ocultas, não eram impossíveis de encontrar. Estavam fora do território da manada, entretanto, de modo que tornavam mais difícil assegurar sua localização, e sua segurança.

— Tenho-os — A voz de Aidan sugeria que seus lábios estavam retorcidos de cólera. É obvio, ele estava mais perto, mas era a necessidade de violência que estimulava sua decepção.

— Vamos ver se podemos encontrar uma maneira de empurrá-los para trás sem uma confrontação, ou desviá-los para longe — Jacob disse prudente. — Não gosto de imaginar que tenhamos que encontrar outra montanha para nos esconder nela. Não dispararemos a menos que rompam os perímetros das cabanas. Lembrem-se disso.

O aviso era dirigido a ela, Faith sabia; essa era também uma ordem para mover-se. Permanecendo agachada, começou uma lenta trajetória paralela à dos soldados que mudavam de lugar em um movimento de rastreamento através do bosque. Como se esperassem encontrar a um deles ocultando-se detrás de uma árvore. Ou subindo em uma árvore, ou em um arbusto. Eram estúpidos. Fixou os olhos neles, o rifle preparado, seu dedo no disparador. Ela mordeu o lábio, desejando acabar logo com esta missão, que Wolfe e sua companheira estivessem seguros, assim ela poderia voltar para casa, de volta às comodidades com as quais se rodeou.

Eram comodidades frias. Substituições para o homem que nunca voltara, mas que agora era tudo o que tinha. A marca em seu ombro pulsou em aviso. A marca de Jacob. Seu sangue trovejou, seu clitóris se apertou. Faith lutou para respirar. Já tinha feito isso antes. Quando os bastardos sem piedade lhe injetaram suas drogas, fazendo com que seu corpo e sua mente a traissem. Seu pulso trovejou, desenfreado quando a excitação aumentou e a consumiu, revolvendo-lhe de novo a memória. Fazendo sua respiração agitada.

— Faith — Sua voz era suave, pausada, mas ela poderia ouvir a ordem sob o tom. — Venha depois de mim, Faith.

— Estou muito bem — sussurrou, quase tropeçando com as lembranças escuras vertidas nela. Era realidade ou um sonho? Frequentemente, perguntava-se sobre suas lembranças daquela tarde. Jacob, com sua voz dura e a escuridão, grossa de sua necessidade quando a tocou. Suas mãos não tinham sido ásperas, contudo não tinham sido tampouco gentis. Sua boca fora voraz, a língua destrutiva, esfregando sobre seu clitóris, afundando-se em sua vagina. Então suas mãos ficaram mais duras, mais ásperas quando a virou, colocando-a diante dele, preparando-a, não para a invasão que ela tinha temido, mas sendo mais, muito mais dominante do que ela sempre esperara.

Um som a sua direita, fraco, a advertiu; tinha que dar o alarme. Um pesado corpo masculino a cobriu. Por um momento, Faith não soube se era realidade ou as lembranças que tinha de estar sob um corpo pesado, com mãos duras tocando seus seios.

Ela poderia ouvir Jacob gritando em seu ouvido, a réplica do fogo, os gritos dos feridos. Deixou cair o rifle, retorcendo-se para longe do peso do homem, e foi a seus pés, tomando a adaga que caíra do envoltório em sua coxa. Sorriu abertamente, enfrentando ao bastardo que apontava com o rifle para ela. A fúria, densa e espessa, corria por suas veias quando grunhiu, dando-lhe uma vista clara de suas presas.

Ela quase teve medo de si mesma, enquanto grunhia baixa e ameaçadoramente. A morte agora não a assustava, não mais. Todos os anos perdidos se estenderam diante dela, longe de seu companheiro.

— Faça-o — sussurrou ela. — Morrerá de qualquer maneira.

Seu dedo apertou o gatilho. Faith sentiu um tiro que rompeu o silêncio repentino, e o sangue orvalhado a seu redor. Não seu sangue. O sangue do soldado. Ela ainda

estava de pé, silenciosa, quando ele caiu a seus pés com seus olhos totalmente abertos pela surpresa. Respirando pesadamente, ela olhou para cima.

Jacob estava de pé, alto e feroz, a trinta pés dela. Seus olhos estavam entrecerrados de fúria; sua cara cinzelada em mármore duro e frio quando reparou no sangue que ela sabia que percorria seu rosto e pescoço.

Ele inalou profundamente, grunhindo com um som baixo, gutural, que reverberou em seu corpo. Seus pálidos olhos azuis brilharam em sua face escura, a expressão era tensa, selvagem. Ela sustentou o olhar.

— Vá — Sua voz se elevou de fúria, de luxúria, e de dor. — Temos que chegar às cabanas. Estes são soldados de Bainesmith. Cuidarei de você mais tarde.

CAPÍTULO 2

A Dra. Delia Bainesmith estava morta. Isso era tudo o que importava agora. O mal que ela tinha feito com seus estudos de engenharia do DNA humano. O prazer cruel, malévolo que ela encontrava em sua dor tinha sido enorme.

E agora, com Hope enrolada em seu regaço, Wolfe finalmente se encontrava com a companheira que ele tinha deixado atrás seis anos antes. Seu segundo em comando e Executor de segurança da manada, Jacob, estava com eles, lutando com a alegria e a inveja que se alternavam no que ele sentia por seu líder.

Wolfe esperara durante muito tempo para reclamar à mulher a que fora forçado a deixar. Agora, poderia compensar esses anos que tinham perdido. Jacob rechaçou olhar ao casal que deixava para trás quando deixou a cabana. A cólera e a necessidade o atormentaram com força, a necessidade estava golpeando constantemente, enchendo de sangue seu membro latente. Mas não era a mulher do Wolfe que fazia com que o corpo de Jacob estivesse em um estado constante de excitação. Era aquela que o esperava do lado de fora.

Quando fechou a porta atrás dele, Faith de sua posição no extremo da casa, seus olhos negros olhando-o cautelosamente enquanto ele se aproximava mais dela.

Ela era um membro das castas de lobo, magra, as linhas compactas de seu corpo eram ligeiramente musculosas, com seios altos e firmes debaixo da camiseta negra que usava com as calças jeans. Seu cabelo marrom avermelhado era um descuidado novelo com toque de seda e emoldurava seu rosto magro de uma maneira que lhe dava um olhar vulnerável, intocável.

— Está tudo bem? — Perguntou ela enquanto ele se aproximava. Jacob grunhiu, descobrindo os dentes em advertência quando que ela retrocedeu detrás dele. Ela caminhava sempre para trás, nunca diante.

— Estavam ali, deveria ter percebido — disse furioso com ela de novo.

— Bem, me morda, por que não o faz? — Espetou, franzindo o cenho. — Era uma pergunta razoável.

— De uma fêmea pouco razoável — acusou-a, áspero. — Volte para a cabana com o resto! Não dorme há dias e estou cansado de ver sombras sob seus olhos!

As sombras, e a luz do medo que freqüentemente havia em seu olhar, morderam sua alma. Ela continuava sendo pequena, delicada; sua imagem fez com que ele tremesse com fome. O pensamento de como devia tê-la machucado fazia-o estremecer de apreensão.

— Descanse você — Seu corpo se enrijeceu imediatamente, a cólera que pulsava através dela perfumando o ar. — Por acaso, eu te digo o quanto deve dormir? — Ele virou-se, lutando contra a necessidade de alcançá-la, de arrastá-la para ele.

— Faz o que mandei! — ele ficou rígido.

— Foda-se, Jake! Vá você dormir...!

— Não se preocupe, chegará dia em que fará isso, Faith. Até que possa digeri-lo, sugiro que agora se mova e que se mova rapidamente, ou pode aprender o que se sente quando seu companheiro te transe sem sua permissão.

A fúria invadiu seu corpo. Seu desafio contínuo excitou à besta e a fez dar um uivo. Ele olhou seu rosto pálido. O terror cintilava em seus olhos um segundo antes que ela corresse.

Jacob amaldiçoou violentamente, arrastando as mãos pelos cabelos enquanto submetia à besta que lhe exigia que a tomasse. Ele não poderia. Nunca poderia. Ela era sua companheira, mas lhe negaria para sempre seu toque. Seu voraz, aflito uivo foi repetido através das montanhas, repetindo-se em sua alma. Malditos fossem Bainesmith, os laboratórios e Faith! Por essas três razões ele tinha permanecido longe de seu grupo, e da mulher que o tentava e atormentava. Por essas duas razões, iria embora outra vez.

Ele não poderia confiar, na falta de controle que invadira seu corpo na primeira vez que a tomara. E não poderia agora fazer frente a seu medo dele. Via-o em seus olhos cada vez que estava perto dela, ouvia-o em sua voz quando lhe falava, e o odiava. Odiava ouvi-lo, e se odiava por causá-lo. Aproximou-se do jipe que o esperava a vários metros de distância. Empacotou e se preparou tudo para partir. Wolfe não o necessitaria mais, ao menos durante um tempo. Os outros poderiam limpar a confusão, e Wolfe logo teria tudo resolvido. Não tinha muito mais o que fazer.

Jacob pôs o carro em marcha, olhou fixamente para Faith, que o observava da cabana dentro da qual tinha permanecido sacudindo sua cabeça. Maldição, se apenas ela fosse um pouco mais velha, um pouco mais experiente. Se apenas tivessem nascido em vez de ser criados, crescido em vez de treinados. Se ele apenas pudesse ficar.

* * * * *

Faith olhou como o jipe corria da janela da cabana, seus olhos se estreitando de cólera e de dor quando Jacob se foi. Ele não olharia para trás. Ela sabia que não o faria. Seu companheiro. O pensamento era um desprezo silencioso. Não o vira em seis anos. Tinha esperado cada dia com a respiração acelerada, pensando em que chegaria o momento em que ele voltaria para procurá-la. Que ele se daria conta de que a necessitava. Perceberia que ela o necessitava. Seus dentes se apertaram com a cólera queimando seu interior, tão quente e devastadora como a excitação que também a enchia freqüentemente. Ela não o necessitava. Não fez caso da pequena voz dentro dela que lhe assegurava que o fazia. Poderia viver sem ele facilmente. Apagou o protesto de seu coração e de seu corpo de que ela não poderia.

Ela tinha seus vibradores; tinha seu lar, seu café e sua liberdade. Quem necessitava de um companheiro? Ela, é obvio, disse-lhe sarcasticamente, sua voz interna. Suspirou com fadiga, tristemente. Era hora de voltar para casa. Wolfe e Hope conseguiriam levar a manada ao Novo México, e então ela voltaria para Nova Iorque. De novo, a sua vida. De novo, a seu trabalho. De novo, a sua solidão.

CAPITULO 3

Seis meses mais tarde

Ele conhecia aquele traseiro. Jacob olhou a mulher quando ela maneou os quadris, olhando ao redor do bar, depois se voltou para o garçom.

Seu cabelo castanho estava curto, emoldurando seu rosto de forma irregular e dando-lhe quase um olhar de peixe. Ela media apenas 1,60m, vestida com calças jeans negras suaves, uma jaqueta de couro negra e mochila de excursionista. E ela seguia tendo a parte posterior mais bonita que ele tinha visto nunca em uma mulher. Tentava a sedução, a quente luxúria e a uma advertência que ele não necessitava. Gemeu silenciosamente.

Ela maneou os quadris outra vez. Flexionou as nádegas, fazendo seu pênis palpitar. Infernos, ele não necessitava disto. Tinha demorado mais anos dos que ele desejava recordar, antes que ele parasse de acordar suando, com a sensação desse traseiro apertado que agarrava seu membro, deixando-o louco. Infernos de uma época para um resgate, ele tinha pensado sempre. E aqui estava ela, seis meses depois que se forcara a partir para longe dela outra vez, em um lugar onde ela não deveria estar tentando o frágil controle que o mantivera afastado dela.

E este era o lugar malditamente incorreto e a época malditamente errônea para tentar seu controle. O pequeno bar sul-americano estava cheio de ladrões, de assassinos, de mercenários e de putas.

Ele estava ali para comprar informação, consegui-la e sair, nessa ordem. E ela estava ali dentro. Suspirou com fadiga. Seu barômetro interno de perigo saía das escalas, e os seis indivíduos da mesa mais perto a ela pareciam muito interessados naquele lindo traseiro para satisfazê-lo.

Esse era seu traseiro.

Não importava que ele nunca tivesse acabado de tomá-lo, ou tentar um pouco o clitóris debaixo dele. Ele ainda o considerava dele, se estivesse em qualquer lugar de sua vizinhança. E quem infernos era esse homem que estava com ela? Não deveria estar com um homem! Cada instinto possessivo que ele possuía rugiu em protesto. O grunhido suave, selvagem que retumbou em seu peito não era nenhuma surpresa. Era tudo o que ele poderia fazer para enviar uma advertência suave em vez do forte grunhido que ele desejava lançar.

— Jake, que infernos está acontecendo? — Seu companheiro assobiou ao lado dele.

— Problemas — Jacob fez uma careta, sacudido o resto de seu uísque. — Teremos que lutar para sair daqui.

— Por quê? — A voz de Danson se encheu de confusão. Jacob deu uma olhada ao outro homem, vendo a confusão nos olhos pardos que o olhavam. Ele cabeceou para Faith.

— Vê aquele traseiro? — Houve silêncio um momento. Jacob jogou uma olhada ao outro homem, somente bastante tempo para conseguir zangá-lo mais do que ele estava já. Danson jogou um olhar atento e intenso àquelas curvas tentadoras, um olhar que era um insulto aos instintos possessivos de Jacob.

— O traseiro é ótimo — a voz de Danson era muito elogiosa para satisfazer Jacob.

— É meu esse traseiro, Danson, que está rebolando ao redor deste bar! Meu traseiro, minha mulher, e ela está a ponto de conseguir nos colocar em uma confusão infernal! — Ele estava de pé, fazendo uma careta ao notar o repentino ajuste apertado na entreperna de suas calças jeans.

Seus olhos se estreitaram quando os seis bastardos diante dele se uniram para enfrentar ao pequeno e bonito traseiro que se curvava enquanto a mulher olhava ao redor do bar outra vez. Maldito formoso traseiro suspirou. Ia dar-lhe uma lição na primeira ocasião que pudesse por ser tão malditamente estúpida de estar nesse bar.

* * * * *

— Vai se enfiar em uma luta — disse Hawke seu amigo e companheiro adotado da manada, com voz lenta preguiçosa quando se inclinou contra o balcão e olhou ao pequeno grupo de homens que estavam dizendo em voz alta obscenidades e sugestões impossíveis durante os últimos minutos. Havia seis deles, e Faith poderia cheirar o

aroma rançoso de corpos sujos e de violenta luxúria. Eram homens que procuravam uma briga e a uma mulher a quem poder machucar. Evidentemente, as putas neste lugar eram também fáceis; malditos fossem se pensavam que realmente poderiam tomá-la.

Ela mudou de lugar, incômoda. Não necessitava disto. Estava ali para encontrar Jacob, isso era tudo. Apesar da adrenalina que acelerava através de suas veias, lutou por ter o bom senso de não empurrar a esses bastardos mais longe.

"Maldito seja Wolfe! pensou, por enviá-la aqui. Ela estava bem onde estava. Um pequeno e agradável apartamento, um trabalho no qual ela poderia ocupar-se conforme o necessitasse, e nenhum problema.

Quatro anos era muito tempo sem treinamento, e seis anos fora da manada eram inclusive mais. Seu triste passado fracassado como Executor depois do seqüestro de Hope fazia só seis meses, devia haver demonstrado-lhe isso.

Ela duvidava de sua decisão nesta pequena missão que lhe tinha encomendado. Por que maldita razão não tinham todos telefones? E para arrematá-lo, ele enviara Hawke com ela! Esse Hawke era um maldito bom combatente e um inferno de bom guia quando ela necessitava um. Mas ele era um homem, e uma casta masculina. Dominante, mandão, particular, e uma fonte de problemas depois de outra.

Os homens humanos eram muitos normais para ela hoje em dia, mas um varão da casta era um insulto à independência que tinha estabelecido durante anos.

— Faith, digo que voltemos depois — murmurou Hawke quando os homens detrás dela ficaram um pouco mais agitados. — Não desejo defender sua virtude, hoje. — Péssimo momento para mostrar com sua boa vontade, suspirou. Em qualquer outro momento ele estaria à cabeça da batalha. Agora, estiveram procurando Jacob durante dois meses, e ela estava cansada de ficar contundida e sangrenta pelas brigas que ele tinha instigado.

Lançou uma olhada sobre seu ombro, restando o impulso de girar os olhos. Não seria nem sua primeira nem sua última briga, estava segura. Mas não estava definitivamente de bom humor esta noite.

Desejava encontrar Jacob, dar-lhe a informação e a mensagem que tinha e depois voltar para seu lar e dormir durante um mês. Por que tinha que ir movendo o traseiro daqui para lá?

Ordens. Ela era uma escolhida, disse imitando as palavras do Wolfe silenciosamente. Era seu trabalho.

Como se Jacob desejasse que ela estivesse a seu redor. Tinha-lhe demonstrado uma e outra vez como importante era ela para ele quando partiu para longe dela, outra vez, faz seis meses.

— Não se preocupe por minha virtude, Hawke, está em dúvida há anos — respondeu zombadora. Empurrou sua mão impacientemente através de seu cabelo curto. Ela não ia pensar nele, prometeu-se. Tinha coisas mais importantes a tratar que a memória de sua virtude perdida ou do homem que a tinha tomado.

Ou se inclusive contava como a tinha perdido. Ela mudou de lugar, impaciente, sua mão tocando o revólver preso com correia a sua coxa, agradecida de havê-lo colocado antes de entrar no pequeno e sórdido bar. Se escapasse de suas mãos, estava ali, somente para estar segura, pois infernos, não desejava ter que ocupar-se dos problemas que viriam depois de usá-lo.

— Faith, esta podia ser uma má idéia — disse Hawke, com voz lenta. — Despertamos muita atenção e nos rodeiam. Assim nunca encontraremos seu homem.

— Ele não é meu homem — murmurou ela, sorvendo impaciente sua cerveja. — Supõe-se que estará aqui esta noite. Melhor que esteja, estou segura como o inferno de que paguei bastante dinheiro pela informação. — Era uma maldita boa coisa que fosse o dinheiro de Wolfe e não dela pensou. Ela ficava irritável quando estava comprometido seu dinheiro.

— Oh oh, estão se levantando da mesa. Tempo de violação em grupo, amor. Temos o melhor do inferno daqui. — Hawke a advertiu um toque duro de diversão. Maldição, ele soava como se desfrutasse do pensamento da briga viria. A energia pulsou através de suas próprias veias, agitando-a em antecipação, o desejo convertendo-se em fúria que levaria à dura luta que se mostrava.

— Merda! — Ela deu uma palmada a sua cerveja na barra e girou furiosa de que esses machos idiotas fossem fazer isto por ela. Não necessitava outra luta. Não necessitava toda a excitação que a consumia e que se produziria depois. Nenhum vibrador, nenhum companheiro. Estaria no inferno. Enquanto dava a volta, enfrentou ao primeiro dos imbecis. Repentinamente, houve uma área grande limpa ao redor do balcão, das duas dúzias de indivíduos e do patrão que olhava agora com interesse, mas com pouca vontade de intervir quando os seis valentões a encararam.

O maior, que classificou como um desenvolvido jogador de futebol olhou fixamente à Faith com os olhos marrons cheios de luxúria, embotados.

— Estar pronta para brincar, garota? — Perguntou-lhe em um inglês espantoso. Faith girou olhos. OH sim, ela realmente desejava brincar, a ambição de sua vida devia ser brincar com um aspirante a King Kong com o cérebro de um mosquito.

— Com você? — Ela arqueou uma sobrancelha magra, castanha com imprudente diversão. — Sinto amor, mas eu tenho já uma entrevista esta noite. — Ela se moveu para trás cuidadosamente, inteirada dos outros três homens que se alinhavam do outro lado do bar. Se ele não entendia as palavras totalmente, entendia definitivamente o desprezo em sua voz. Uma mão agarrou a carne entre suas pernas quando ele sorriu, exibindo os dentes putrefatos que ele parecia tão orgulhoso de mostrar.

— Digo que brinque garota — grunhiu com áspero acento.

— E eu te digo foda-se — disse seu corpo preparando-se para a luta.

— Faith, suas maneiras — Disse Hawke, sarcástico. — Não são todas as mulheres que recebem um convite tão gentil.

— Malditas sejam as maneiras! — Grunhiu — Vou acertar o traseiro de Jacob por me colocar nisto!

* * * * *

Hawke sorriu abertamente. Ele precisava dela zangada.

A apatia de Faith começava a preocupar Wolfe e o resto da manada. Ela vivia, e isso era tudo. Fazia seu trabalho conforme o requerido recebia seu pagamento, e o resto do tempo permanecia encerrada naquele apartamento de merda que ela tinha conseguido.

Ela era um dos poucos membros da manada que não vivia dentro dos perímetros que Wolfe tinha conseguido para eles. Era seu mensageiro, informante, e mais espião dentre todos os espiões que ele poderia calcular.

Mas gostava. Se estivesse suficientemente zangada, poderia golpear o traseiro melhor que ele. Seu treinamento, entretanto, estava tão oxidado como Wolfe tinha lhe advertido que o estaria.

Ele tinha requerido dois meses até pô-la novamente em forma, antes de dar-lhe a localização verdadeira de Jacob. Não que não estivesse impressionado com seus esforços de ficar de novo a capacidade máxima.

Toda o que ela fazia era encher-se de contusões e de arranhões. Sempre esperou que ela se zangasse com ele e lhe partisse a cabeça. Esta era a maldita mulher que ele devia levar de novo a seu companheiro? Ele controlou seu bufo. Ele estaria muito melhor com uma companheira muito menos obstinada.

Hawke suspirou sua atenção divertida momentaneamente enquanto uma sombra se moveu ao passar do extremo do bar. Seus olhos se arregalaram, um tremor dançou sobre sua coluna vertebral quando seu agudo olfato cheirou ao animal que se aproximou. Provavelmente não era um animal, ao menos não mais do que ele mesmo o

era, Hawke sabia; era um varão alfa. Seu grosso cabelo marrom escuro e pesado caía comprido sobre seus ombros e seus olhos azuis pálidos olharam a cena com interesse.

Ele se reclinou contra o balcão, determinado claramente a não dar nenhuma ajuda apesar de sua conexão óbvia com Faith. E havia uma conexão. O homem que estava no local levava o mesmo aroma que Hawke cheirava freqüentemente quando estava perto de Faith. O aroma era escuro e evasivo, uma advertência. Uma marca de que Faith pertencia a outro, ao homem que não fazia nenhum movimento de cuidá-la. Hawke finalmente tinha conduzido Faith a seu companheiro, e ele tinha a sensação de que Jacob não estaria precisamente satisfeito com seus esforços.

* * * * *

Jacob fez uma careta ao ver o corpo de Faith tenso para a luta, com sua atenção centrada nos seis homens que estavam determinados a violá-la. Seu corpo, esbelto e capaz, ligeiramente musculoso, seguia sendo pequeno e frágil.

O varão que estava com ela estava preparado também, lançando a Jacob outro olhar, este com uma mensagem. Jacob sorriu e sacudiu a cabeça, grunhindo da fúria que chegou à expressão do outro homem. Esta nova Faith era um enigma.

Ele inclinou sua cabeça, olhando-a, vendo a irritação e a impaciência que se refletiam em sua face. O prazer selvagem da luta se mostrava estava ausente, mas seguia sendo algo que ela olhava sem temor.

Jacob não tinha nenhuma intenção de deixar que Faith saísse ferida. Embora visse ela estivesse a ponto de lutar, de acabar com os bastardos, ele rasgaria suas gargantas antes. Essa era sua mulher. Sua companheira de sangue. Seus dentes tinham marcado sua pele, seu sangue enchera sua boca enquanto ela gritava debaixo dele. Isso não era pouco. Tinha passado muito tempo, e agora não importava mais; se seu grito fora de prazer ou de dor era outra coisa. Fatos eram fatos. Ela era dele. E quando ele a olhou deu-se conta de que estava cansado de esperá-la. Cansado de necessitá-la. Maldita fosse, era hora de livrar-se de seu olhar arredio, do medo com o que o olhava a cada vez que o via. Isso se pudesse manter seu controle o suficiente tempo para demonstrar-lhe a doçura ele desejava tão profundamente lhe dar.

Conseguir vencer os medos dela poderia ser difícil. Ele machucara naquela noite nos laboratórios, reconhecia-o. Os efeitos das drogas que tinham lhe dado, e o aroma que dominava sua luxúria conduziram além de qualquer pensamento de controle. Qualquer pensamento de doçura. Mas estava cansado de esperar. Dera-se conta disso depois de deixar o grupo outra vez, seis meses antes.

Estava cansado de esperar, esperar que ela o perdoasse e não o temesse mais. Ele tinha planejado fazê-lo lentamente. Mas agora, ela estava aqui e ele reclamaria o que era dele. Quer dizer, depois que conseguisse afastá-la desse maldito varão que a acompanhava. Hawke. Isso era tudo o que ele desejava. O grupo no qual nascera agora estava sob controle de Wolfe, depois que Wolfe, Aiden e Jacob tinham destruído os laboratórios onde eram mantidos antes de sua exterminação. Suas poucas conversas com Wolfe asseguraram-lhe que Hawke era bastante capaz como combatente, e um infernal manipulador. Como Executor um dos membros de elite da manada e encarregado da segurança e do amparo do número crescente de crias de lobo, Hawke era conhecido por sua crueldade e lealdade ao grupo.

Jacob suspirou. Ele esperava com todas as forças que Hawke não brigasse pela pequena e bonita Faith. Ele odiaria ter que matar ao outro homem, mas esse pedacinho tentador de mulher agora era dele.

Ela se atrevera a vir a buscá-lo, e agora encontrara. Imaginou que era um momento tão bom como qualquer outro para acabar com o que o tinha atormentado durante seis longos anos. Ele não poderia esquecer-se dela, não poderia deixá-la ir, e estava malditamente cansado de acordar a noite, profundamente quente e faminto por ela.

— Necessita ajuda, querida Faith? — disse ele em voz alta, perguntando-se se ela percebera que ele estava ali. Por um momento, o silêncio encheu o ambiente. Um momento de espera quando todos os olhos se voltaram para ele.

— Finalmente decide se mostrar, idiota? — Perguntou-lhe; a diversão tensa em sua voz quase ocultava seu nervosismo.

— Sua língua se deteriorou pelo que vejo — disse ele enquanto levantava uma garrafa de uísque do balcão e indicou ao garçom por um copo – Espero seu prazer, amor, ou te dou uma mão? — Ele ouviu seu bufo pela escolha de palavras. Um som atraente, desafiante que fez sua ereção pulsar com antecipação.

— São vermes. Dê-me cinco minutos e estarei com você. — Ele quase fez uma careta de dor pelo entusiasmo que se mesclou em sua voz. Um tom de expectativa que não estivera ali antes que ela o notasse e olhasse o jogo exibido ante ele.

Ela agora era uma mulher confiante; pensava que tinha o controle. A confiança encheu sua voz e a postura preparada de seu corpo. Estivera ele equivocado todos estes anos? Faith crescera? Ele bebeu um gole do uísque duplo. Tinha a sensação de que ia necessitá-lo. Por todo o interesse que tinha nas mudanças que a atingiram, ele ainda liberava uma batalha e não queria entrar e matar a esses estúpidos seres humanos que pensavam que poderiam danificar algo pertencente a ele.

— Permanece fora disto, gringo — um dos homens advertiu-o firmemente, sua cara marcada com uma cicatriz torcida com desprezo — Ela é nossa. — O inglês gutural, áspero, do aspirante ao Romeo fez Jacob fazer uma careta. Ele tragou o líquido de seu copo, fazendo um gesto de dor pelo fogo que encheu sua garganta.

— Tentem, — ele agitou o copo para eles — se podem tomá-la. — Como se sua permissão fosse tudo que necessitavam, os seis assaltantes atacaram. Jacob se esqueceu do copo e inclinou a garrafa na boca enquanto Faith e Hawke resolviam a onda dos corpos suarentos, sujos que convergiram neles.

Se ele não embotasse a raiva que fervia dentro dele, depois não haveria maneira de manejar com cuidado este seu pequeno com Faith. Voltou-se, inclinando-se contra o balcão, e olhando com os olhos entrecerrados. Os grunhidos de seres humanos e as presas que encheram o ambiente. Os gritos surpreendidos de dor masculina seguidos, quando Faith converteu-se em uma máquina animal de lutar. E Hawke não ficava atrás. Lutava com uma mescla de técnicas asiáticas e jogo sujo das gangues, golpeando com o pé, e os dentes grunhindo, as duas castas lutaram contra a luxúria dos valentões da América do Sul.

Não era uma luta bonita. Jacob virou a garrafa na sua boca, seus dedos estavam apertados, o corpo cheio da necessidade de matar quando um bastardo tentou sujeitar Faith sobre uma mesa. Uma joelhada na virilha, e o plano de sua palma em no nariz o convenceram de outra coisa. Com surpresa, Jacob viu como as duzentas libras do varão caíam enrugadas no chão.

Ele levantou as sobranceiras com assombro enquanto o homem permanecia ali. Um havia caído, ficavam cinco. Ele melhoraria depressa, o fedor de sua luxúria o enlouquecia, compelia-o a saltar para eles e a destruí-los.

— Bastardo. Essa era uma jaqueta nova. — Amaldiçoou Faith quando Jacob ouviu a ruptura do pano. Um quebrado grito masculino se seguiu. Levantando sua cabeça para ver melhor, ele fez uma careta ao ver o branco dos nódulos pelo apertão que ela tinha na entreperna do homem. Retorceu, fazendo-o empalidecer e cair sobre seus joelhos quando o empurrou, enquanto o homem começava a vomitar.

Faith era como uma mulher selvagem. Não fez caso dos dois homens com os quais Hawke lutava, e fez frente aos dois que foram para ela, um de cada lado. O orgulho o invadiu quando uma perna magra golpeou um com o pé. Quase um tiro do peito. Jacob tinha uma sensação, vendo a energia detrás desse retrocesso, de que o moço quase não pôde sobreviver àquele golpe. Ele caiu facilmente.

Hawke acabou com os outros de forma similar.

O pesado, maior e instigador do ataque, começou a mover-se para trás, longe dos dois lentamente, o horror e o conhecimento que ele não deveria ter tido se revelando em sua cara.

— Os "demônios" — murmurou antes de dar volta e de partir.

— Bom infernos — disse Jacob com voz lenta, ele estava de pé e se moveu de propósito para a porta — Vamos sair daqui antes que os soldados locais interrompam a diversão. — Para não mencionar antes que seu membro arrebeentasse o zíper que o confinava. Olhando aquele traseiro contrair-se, pensou: ela ainda vai me matar.

CAPITULO 4

Jacob empurrou Faith para da porta do bar, deixando Danson e Hawke para trás. Lá dentro, era como se o lugar inteiro entrasse em erupção, em uma luta. Nada que a surpreendesse, pensou Faith. Muito álcool, muita testosterona. A combinação era segura para causar um alvoroço.

— Levou bastante tempo se mostrar. — Grunhiu Faith enquanto ele a introduzia ao negro e sujo SUV estacionado atrás do bar. O braço dele enroscou-se ao redor de sua cintura, sustentando-a perto de seu corpo, conduzindo-a para o estacionamento. Agora não era momento para que sua maldita luxúria se acendesse e viesse com força total, contudo, ela sentia o calor umedecendo-a, preparando-a para ele.

— Danson, deixo o acompanhante de Faith com você! Chamarei pela manhã! Cuidem-se! Não tenho tempo para tirar seus traseiros para fora da cadeia local! — Disse Jacob, com voz densa, enquanto a mão que a sujeitava pô trás empurrou mais rápido para o veículo.

— Ei, ele é meu sócio — Faith protestou violentamente quando Danson seguiu ao Hawke rapidamente ao outro veículo. — Maldito traidor.

— Entre. — Ele abriu a porta e a empurrou no assento poeirento rapidamente, antes de correr ao lado do condutor e de saltar dentro — Não temos tempo para discutir sobre ele.

Faith grunhiu.

— Mandão — Jacob ligou o carro e acelerou rapidamente para sair do estacionamento. Estavam no caminho principal, dirigindo-se para fora de cidade quando as sirenes que cintilavam em um sedam passaram por dele. Exalando profundamente, ela deu uma olhada a seu relutante salvador. Maldição, ele continuava tão formoso como sempre o fora.

Os ombros eram largos, cobertos por uma camiseta escura que contornava cada linha dos músculos debaixo dela. O peito musculoso se afinava para os quadris e as coxas de grande envergadura. Seu cabelo era grosso, de um marrom tão escuro que era quase negro. Emoldurava os contornos duros de suas feições e caía sobre seus ombros onde era jogado para trás de sua cara pelos dedos descuidados. De perfil, suas características eram selvagens e implacáveis. Com altas maçãs do rosto, um nariz reto, arrogante, e uns lábios que eram apenas perfeitos. Ele tinha lábios pecaminosamente, beijáveis que faziam sua boca se encher água.

— Que infernos faz aqui? — Ele finalmente grunhiu, arrastando-a longe da admiração de suas formas masculinas, enquanto olhava o espelho retrovisor para estar seguro que o policial local não voltava atrás — Estava tentando conseguir ser violada, Faith? — Seu olhar lançava rajadas de fúria. Parecia carrancudo e atraente de uma vez. Um varão primitivo, irritado e arrumado, e apenas um pouco excitado. Ou muito excitado, se o vulto que ela tinha vislumbrado sob essas calças jeans significava alguma coisa.

— Estava te procurando. — Ela se inclinou para trás no assento, cruzando os braços sobre os seios enquanto ele manobrou através das ruas estreitas dos subúrbios

da pequena cidade — Que infernos está fazendo aqui? Sabe que estive te procurando durante mais de dois meses? Cada vez que estava segura de que tinha te encontrado, sumia outra vez. E não, Jacob, não tentava conseguir que a turba me violasse como deve saber muito bem. — Lançou-lhe um olhar enviesado. Faith decidiu que devia precaver-se desse olhar. A maneira que seus olhos brilharam debaixo de suas sobrancelhas a afetava muito. Por um momento, ela recordou os laboratórios, a luxúria, quente e violenta, enquanto o prazer se derramava através de seu corpo.

Inspirou profundamente. A marca em seu pescoço, a ferida que nunca se curou, palpitou com a lembrança. Havia um pulso correspondente em sua vagina, e na umidade que a preparava. Não necessitava disso. Tinha lutado para esquecê-lo dele durante seis anos. Para esquecer-se das lembranças de seu toque, da fome e da luxúria que a acenderam como um inferno enquanto seu membro empurrava no interior profundo de sua entrada anal. A memória do ato de abrupta dominação, da sensualidade incrível dele, sacudiu-a.

— Está dormindo com o Hawke? — Sua voz era um estrondo áspero quando fez a pergunta. O choque e a surpresa a enrijeceram, pergunta era ofensiva. Ela se sentiu insultada pela acusação áspera que ouviu em sua voz.

— Qual é seu problema? — Gritou — Não tem nenhum direito sobre mim, Jacob. Nem Wolfe não me pergunta nada pessoal.

— Wolfe não te tomou, então não é assunto dele — grunhiu. — Tudo que desejo é uma resposta.

— Por quê? Poderia ter dormido com qualquer um, Jacob — recordou-lhe, perguntando-se se o ato que tinham compartilhado há tanto tempo tinha sido sexo realmente.

— É que, por acaso, preciso saber se vou matá-lo ou não. — Faith engasgou não inteiramente segura de que ouvira direito. Não estava segura se tom de violência e excitação em sua voz era verdadeiro ou um engano de sua imaginação. Não que ela imaginasse coisas freqüentemente, mas certamente ouvira mal.

— Matá-lo? — Ela perguntou. — Por que, exatamente? — Ela olhou suas mãos apertarem o volante, então o encarou até ver os músculos em sua mandíbula apertar-se de ira.

— Por tomá-la. — Esse era definitivamente um fio de violência em sua voz, decidiu. Faith sacudiu a cabeça com assombro.

— Vai arrebentar meus vibradores também? — perguntou-lhe com falsa inocência. O silêncio encheu o veículo. A excitação quente e pulsante, envolvendo-a. A ambos. Ela podia sentir o calor agora que irradiava dele.

— Tem um vibrador? — Sua voz baixou espessa. Faith estreitou os olhos, olhando-o cuidadosamente.

— Vários — assegurou-lhe, sarcástica. — Vamos selar nosso negócio e assim poderei voltar com eles, ou pode ser que seja forçada a transar com Hawke. Você sabe Jacob, uma mulher tem suas necessidades. — Seus lábios se retraíram. Faith afastou-se dele. Não desejava olhar seus lábios, não desejava recordar a sensação deles. Mas a carne entre suas coxas o recordava. Claramente. Pulsou e palpitou e umedeceu as calcinhas. Maldição desejava que não tivesse perdido sua mala essa semana, naquele buraco do inferno onde Hawke a tinha arrastado essa última vez. Algum estúpido estaria provavelmente gozando de sua pequena SACUDIDA agora. A vida não era justa.

— Não me respondeu — Lembrou-lhe ele.

— Repita a pergunta. — Faith encolheu os ombros, lutando para não zangar-se mais. — Reformule-a. — Seu grunhido foi sombrio e profundo. Um som primitivo, selvagem. Ele era um alfa, e a demanda de uma resposta acabava de ser expressa. — Não, não estou me deitando com Hawke. — Gritou ressentida de que ele o perguntasse. — Somente continua não sendo assunto seu Jacob. — Deu-lhe um olhar enviesado, seus olhos pálidos que brilhavam com luxúria nua. Faith sentia seu corpo responder com uma onda de umidade que pulsou desde seu clitóris, e uma dor dura em seus

mamilos. Ele nunca a encarara assim antes. Como se sentisse um desejo faminto por ela, e não lhe importasse se o via. Então, o olhar desapareceu rapidamente. Seu olhar fixo se velou, refletindo.

— Tudo está bem com Wolfe e Hope então? — Finalmente perguntou, enrolando, com seus olhos voltando de novo para caminho.

— Fodem e lutam, depois fodem mais, pelo que ouço. — Ela encolheu os ombros, negligente. — Não os vi muito desde dia que ele matou Bainesmith. Obrigado por estar perto para ajudar a sair da confusão, a propósito. — Enviou outro daqueles olhares quentes que foram direito a seu lombo. A dor entre suas coxas era uma advertência, um prelúdio à luxúria quente que torturava de vez em quando seu corpo. As exhibições de luxúria masculina que ela tinha encontrado até agora a deixavam doente, preferia a fria comodidade de seus vibradores. Ela ia procurar a ação do Duracell logo.

O silêncio encheu o veículo enquanto ele circulava pelos becos estreitos e os caminhos ásperos, até que girou em um caminho que conduzia à selva que rodeava a cidade.

— Onde estamos? — Finalmente perguntou-lhe, impaciente. — Preciso voltar para casa assim que te der os papéis que Wolfe enviou. Tenho uma vida, coisa que sempre tento recordar ao nosso renomado líder.

— Vamos a uma casa que pedi emprestada. Então lerei os papéis de Wolfe. — Sua voz era escura, profunda e estimulante.

Rodeada pela selva, o céu abafado e os sons selvagens da noite, Faith sentia uma mescla incômoda de necessidade e primitiva luxúria. Necessidades que ela sabia que não tinha a força suficiente para lutar contra. Depois de minutos, chegaram a uma pequena clareira, rodeada por uma alta cerca de pedra. De um puxão ele tirou um controle, apertou um interruptor e as pesadas portas feitas de ferro começaram a girar, abrindo-se.

— Bonito lugar — Disse ela enquanto ele conduzia pelo meio-fio de pedra, até onde se levantava uma casa de dois pisos com um balcão envolvendo-a ao redor.

— Adiante. — Ele abriu a porta, deslizando-se brandamente do assento e caminhando ao redor do veículo. Faith o seguiu, enfiando as mãos na leve jaqueta de couro, sentindo a pressão do zelo na pele, molhando seu corpo. Seu sexo se agitou, a pele se sensibilizou, as carnes de seus seios se incharam debaixo do fino algodão de sua camisa. A reação era similar às drogas que lhe tinham subministrado nos laboratórios. As drogas que enfiaram em seu corpo e que fez Jacob estar perdido para ela para sempre.

Ela entrou na casa, olhando fixamente ao redor o amplo vestíbulo, a escada curvada e os grandes cômodos abertos. O interior estava mais fresco que o ar de fora, mas não muito. Ela abriu a jaqueta assim que entraram e segurando-a diante de si, incômoda, seguindo Jacob pelo longo vestíbulo até uma cozinha espaçosa e bem iluminada.

— Cerveja? — Ele tirou duas do moderno refrigerador e deixou-as no balcão da cozinha para ela. Faith pegou a lata e a abriu, bebendo dela, agradecida. A cerveja no bar tinha sido morna e amarga. Esta era natural e refrescante, mas fez pouco para apagar o calor que ela sentia entre as pernas. Sustentando a cerveja cuidadosamente com uma mão, buscou no bolso interno de sua jaqueta e tirou o envelope selado que Wolfe tinha lhe dado meses antes. Estava enrugado, poeirento, mas ainda em bastante boa forma. Ela o sacudiu na mesa e o olhou com expectativa enquanto ele a olhava do outro lado do balcão.

— Tem pressa? — Ele arqueou uma sobrancelha, sua expressão era zombadora.

— Tenho uma vida a que voltar — Recordou-lhe, suave.

— Para não mencionar seus vibradores — ele grunhiu, claramente com o pensamento em seus brinquedos.

— Sim, não mencione as minhas sacudidas. Estou sentindo falta delas já.

— Sacudidas? — perguntou ele, franzindo o cenho, suas sobrancelhas franzindo-se em advertência.

— Noivos Funcionando a Bateria — Ela sorriu firmemente.

— Sacudidas. — Grunhiu. Movendo-se da pia para a mesa da cozinha dando-lhe um olhar de aborrecimento. Pegou uma cadeira e foi para ela antes de ir ao outro extremo para sentar-se. Faith pegou a cadeira oferecida, depois bebeu outro longo gole de cerveja. O líquido estava fresco, mas mais que isso, sua potência parecia suavizar o nó apertado de nervos em seu peito. Jacob sempre a tinha feito sentir-se nervosa. Desde que era jovem, tinha-o observado, idolatrado, e depois conheceu seu toque. Tinha conseguido mais do que ela tinha pensado disso.

Ele rasgou o envelope, abrindo-o, e começou a ler a carta. Faith acabou com sua cerveja e apoiou a cabeça na mesa. Estava cansada. Os dois meses passados tinham-na deixado com pouco tempo para dormir enquanto procurava Jacob. Não é que tivesse dormido muito antes disso. E maldita fosse se essa luta não a tinha esgotado. Seu corpo doía-lhe inteiro. Infelizmente não todas as dores eram devidas à disputa.

* * * * *

Jacob olhava Faith enquanto lia as páginas da carta. Ele suspirou, resignado. Perguntou-se por que Wolfe não utilizava o maldito telefone para entrar em contato com ele. Agora ele sabia por que: Faith. Ela parecia delicada e tão frágil como sempre. Tinha crescido nos últimos anos, seus seios e os quadris eram mais cheios, suas pernas definidas e bonitas como o inferno. Mas ela não era a moça que tinha conhecido seis anos antes. A moça que ele recordava se teria assustado com os seis valentões que desejavam violá-la. Ela não se teria metido em uma luta com tanta impaciência.

Era uma negociadora, e boa, maldição, não uma assassina. Como escolhida da manada, Faith tinha coordenado os grupos conhecidos, trabalhando entre os líderes da manada e ajudando a trazer paz entre eles, em vez da guerra aberta em alguns casos; muitos dos grupos estavam impacientes pela matança mais que pela paz.

Ela era também mensageira entre os informantes do Conselho e Wolfe. Mas Faith não era um combatente. Até este momento. Ele limpou o suor de sua cara com um movimento irritado. Maldita vida, tentava golpear seu traseiro em cada ocasião que podia, e desta vez poderia ser a final. Que infernos supunha-se que devia fazer agora? Olhou novamente os papéis.

A informação que recolhi indica que Faith está em zelo, um prelúdio ao frenesi sexual violento que começa alterá-la geneticamente nos ovários. Você a marcou e como, ao que parece, ela não pode suportar nenhum outro toque, ela irá com você para que a cuide.

Estou cansado de pagar as contas dela pelos malditos vibradores. Cuide dela. Sei que a marca que fez em Faith é igual à de Hope, depois do tempo que passei com Hope. Ela é sua companheira, limitada a você e seu corpo. Não estamos seguros de como funciona ainda, ou o que significa o frenesi de acasalamento em termos de nossa casta, somente que é uma condição o bastante séria para ser motivo de alarme.

Conta com uma medida de cólera, fúria. Suas oscilações de humor chegarão a ser selvagens, e não tenho nenhuma dúvida que ela está tão zangada com sua deserção como Hope o estava e segue estando, muito excessiva.

A marca significa muito mais do que nós pensamos e que o fez, seis anos antes. Seus efeitos são imediatos, e os remanescentes dela nunca saem inteiramente do sistema. Ainda estou recolhendo a informação, mas no caso de Faith, os sintomas aparecem mais fortes do que estavam em Hope.

Faith está sentindo-se bem mais impulsiva, temperamental e agressiva. Isto me preocupa cada dia mais, pois parece ir de mal a pior. A cafeína e o álcool parecem fazer estes efeitos piores, e o excedente estimula o corpo. A soma de ambos em Faith é excessivamente alta. Fará o zelo mais agudo, o grau de excitação mais alto.

Confie em mim, Jacob, desejará limitar isto tanto como seja possível, a menos que deseje que sua histamina seja igual a de um coelho.

Era minha intenção guiar claramente sua relação com Faith, como já sabe. Estou mais que informado que sente que te acoplando como ocorreu nos laboratórios estava também perto de violação. Nunca estive de acordo, mas a época de tratá-lo nunca parecia apresentar-se. Forçam-me agora, como líder da manada, a tratá-lo de todos os modos.

Aiden e eu estamos de acordo nisto. É hora de fazer as pazes com essa noite, e com Faith, antes que ela sofra um dano sério. Conto com um relatório seu logo.

A carta era muito mais longa, as explicações mais profundas do que para ele era cômodo, mas Jacob entendia claramente por que seu líder da manada tinha enviado Faith na missão de um parvo. Ou era uma missão para encontrar a um parvo?

Ele sacudiu sua cabeça com brincadeira. Teria podido ele estar equivocado? Era ela mais forte do que parecia? Capaz de suportar sua forma de vida, e também sua luxúria? Não no estado em que ela estava agora, dormindo como um bebê, com a cabeça apoiada em sua jaqueta. Parte da carta de Wolfe estava cheia de sua preocupação por ela, seus hábitos noturnos e a carência de sono.

Seu pênis lhe recordou poderosamente quão mulher ela era. Durante anos ele tinha despertado a noite suando, com o membro brotando a fervuras, quando ele sonhava sendo rodeado pelo buraco molhado de seu traseiro, com seus músculos apertando-o, sustentando-o em seu interior, prendendo-o nela enquanto tomava cada polegada de seu membro e se movia para trás nele para tomar mais. O que sempre deixara Jacob confuso era que normalmente seu sêmen não saía a fervuras. O líquido tinha saído, a quantidade não era muito grande, mas o bastante para preocupá-lo. Infelizmente, não havia explicação para aquilo na carta.

Ele respirou com fadiga, seus olhos pousando-se na lata vazia da cerveja enquanto fazia uma careta. Nada mais de álcool para Faith. Os efeitos secundários soavam agradáveis, embora ele duvidasse que seu sistema necessitasse da carga adicional. Seu membro crispou em antecipação enquanto lia essa parte da carta, mas ele rechaçou imediatamente o uso de tais meios para incrementar sua luxúria. A primeira vez em que ele a havia tomado, tinha sido devido à potência das drogas que corriam através de seu sistema. A próxima vez que o fizesse, não desejava nenhuma influência exterior, nenhum efeito, e nenhuma droga.

Levantou-se da mesa e foi para ela. Sentando-se a seu lado, olhou fixamente sua cara delicada. Seus úmidos lábios estavam separados e o tentavam. Suas mechas castanhas acariciavam as bochechas. Suas altas maçãs do rosto e olhos inclinados lhe davam um aspecto misterioso, sedutor.

— Faith? — Ele se permitiu o prazer de mover brandamente uma mecha de cabelo macio de sua bochecha, deixando seu dedo acariciar a seda de sua pele. Perguntava-se se ela ainda utilizava a loção que gostava, quando era apenas uma adolescente. Wolfe tinha se encarregado de controlar os detalhes, mas tinha sido a acumulação preciosa do dinheiro que Jacob mantinha escondido que a tinha comprado. Cara, não perfumada, mas muito hidratante para manter sua pele de cetim lisa e macia.

Sempre ficara maravilhado com o tom cremoso de sua pele. Ela não era escura como o eram os varões da manada. Tinha a tez como uma mescla de pêssegos perfeitos e nata, era formosa e tão malditamente sedutora que lhe tirava a respiração. Sentindo-a agora, a textura de seda, e a viveza de sua pele fizeram arder no sangue seu zelo com o pensamento de prová-la, movendo seus lábios e língua sobre ela.

— Faith? — Ele sussurrou seu nome outra vez. Ela não respondeu, inspirando profundamente como se sua voz a satisfizesse de algum jeito. — Acorde amor — Sussurrou. — Se fizer com que eu tenha que te levar para a cama, pode ser que termine por tomá-la mesmo dormindo. — Ela lambeu os lábios e inspirou brandamente, mas não despertou. Ele poderia detectar o cansaço que a enchia.

Ela estava absolutamente cansada. Esgotamento, álcool e nervos. Jacob sacudiu sua cabeça. Pelo menos, estava muito cansada para a luxúria que Wolfe tinha advertido que poderia acompanhar ao álcool. Evidentemente, os Felinos estiveram estudando as anomalias de acasalamento de seu clã, enquanto as castas do lobo deviam lutar por sua sobrevivência. Os malditos gatos, grunhiu silenciosamente.

Ele se tinha reunido com seu escolhido, Tanner, vários anos antes. Um felino presunçoso, arrogante. Seu seqüestro da filha de um membro influente do Conselho tinha causado quase um incidente internacional. Seu acasalamento com ela tinha produzido tanto conflito para o clã felino como para os grupos do lobo.

Suspirando com fadiga, Jacob se levantou, levando-a em seus braços da cadeira. Ela se queixou um pouco, mas se apoiou em seu peito e suspirou outra vez. Era muito leve, muito fácil de levar. Wolfe disse que ela tinha perdido peso recentemente, e parecia que era mais peso de que poderia perder sem ficar doente.

Sustentando-a com segurança em seus braços, subiu a larga escada e foi para o dormitório ao lado do dele. A cama era grande, coberta com uma mosquiteira, estava feita perfeitamente para o caso de que tivesse companhia. Os criados entravam diariamente e mantinham tudo preparado. Ele atirou colcha leve, as cortinas de seda, as almofadinhas e a colocou na cama.

Ele tinha pensado deixá-la dormir vestida, mas começou a despi-la, qualquer coisa exceto fazer o que ele queria fazer. Jacob teve que reprimir fortemente o tremor de seus dedos enquanto acabava de tirar a camisa de suas calças jeans. Os pequenos botões escorregaram facilmente de suas casas, o movimento suave do tecido, baixando sobre seu estômago, mas enredando-se em seus seios enquanto o botão passado escorregava livremente.

Seus dedos escorregaram sobre a pele dela, uma carne tão suave como a seda mais fina, com um resplendor de perfeição cremosa. Levantando-a, tirou a camisa de seu corpo enquanto um gemido silenciado sussurrava além de seus lábios. Ela mudou de lugar em seus braços, fazendo as extremidades duras de seus mamilos puxarem contra sua camisa, queimando através de seu peito.

Ele a pôs de barriga para cima na cama, olhando fixamente os montes cheios, amadurecidos de seus seios. Estavam inchados e firmes, os mamilos se elevando duros. Inspirando cuidadosamente, suas mãos foram à suas calças jeans. Os broches de pressão escorregaram livre e facilmente, revelando a pele branda de seu abdômen. Inspirando profundamente, moveu-a em braços, acomodando-a sem complicar a situação muito gravemente.

Ele voltou então para as calças jeans, que escorregaram de seu corpo com facilidade, deixando-a vestida somente com um triângulo de umidade, pêssego, colorido de seda. As pernas se moveram, e na débil luz ele podia ver facilmente os lábios gordinhos e seu clitóris, e a umidade que tinha molhado o tecido. Jacob engoliu com dificuldade. Conseguia cheirar sua excitação, apenas como ele o sentia há horas.

Seu membro se inchou, embebido de sua necessidade dela. Ele sabia que se não conseguisse afastar-se dela, se não saísse do quarto, tocá-la-ia. E se a tocasse, Jacob sabia que a tomaria.

Conseguindo colocá-la na cama, ele arrastou a colcha sobre a perfeição de seu corpo.

— Maldição — murmurou, dando a volta para longe dela. — Maldita seja, por todos os infernos. — Estava rendida até os ossos e ele sabia.

Estava tão cansada que caiu sentada, adormecida, sua cabeça se apoiou em seus braços enquanto tentava reclinar-se, e entretanto, tudo no que ele poderia pensar era nela.

* * * * *

Faith ouviu sua maldição, e olhou por debaixo das mechas como ele saía do quarto, fechando a porta brandamente detrás dele. Uma lágrima escorregou de seu olho antes que ela tentasse de conte-la de outras maneiras.

Ela virou de lado, encolhendo-se em uma bola enquanto lutava com a excitação que pulsava através de seu corpo. Estava muito quente, e afastou a manta de seu corpo, desejando um aparelho de ar condicionado, preferivelmente fixo na temperatura mais baixa possível.

Maldição.

— Teria se machucado por tocá-la, por ter notado a agonia que vê-lo tinha criado? — disse-se com auto-desprezo.

Como se ela desejasse pedir isso outra vez, só queria que se fosse antes que ele pudesse aumentar o sofrimento.

Tinha sobrevivido sem seu toque, sem seu membro durante seis anos, e sobreviveria sem ele o resto de sua vida. Suas mãos ainda se apertavam com cólera, e a necessidade sombria, vibrante ainda pulsava através de seu corpo.

Sua vagina doeu, uma comprovação do vazio quase doloroso que sentia habitualmente. Ela precisava partir longe de Jacob, e partir para longe dele rapidamente, antes que fizesse mais idiotice do que já tinha feito. Iria embora amanhã cedo, decidiu.

Tinha encontrado Jacob e dado o que Wolfe pedira; agora era hora de ir-se. Faith reprimiu seu gemido de desejo.

Ela agora se queixou.

Seus olhos se fecharam firmemente enquanto rodava para trás e olhava fixamente para o teto. Escutou Jacob no quarto ao lado.

Gavetas fechar-se, uma porta, a ducha. Ela o imaginava despindo-se, seu corpo duro e musculoso, amplo e alto.

Sabia que a vista de seu membro erguido era mais que impressionante. Seu cabelo marrom comprido, escuro fluiria além de seus ombros e debaixo do jorro da ducha convertendo-se em negra escuridão.

Seus olhos de um azul pálido se fechariam, o aroma do sabão e homem se mesclaria com o vapor, dominando os sentidos, fazendo-a deslumbrar-se com a necessidade de prová-lo. Ela sussurrou seu nome, um som faminto que provocou dor no peito com sua necessidade de tocá-lo, de ser tocada por ele.

Então o som da ducha se apagou. Passados longos minutos, uma porta se fechou mais adiante e ela o ouviu descer.

Suspirou com fadiga, apertou os dentes e se preparou para outra longa noite em branco.

CAPITULO 5

Essa mulher deixá-lo louco. Não havia dúvida disso. Jacob a escutou mover-se a pelo saguão na manhã seguinte; tinha o receptor do telefone colado ao ouvido enquanto ela escutava Wolfe. Ele sabia que seu líder da manada a chamaria, mas não contava com a lenta cólera que ele viu queimar-se nela.

Estava vestida com essas malditas calças jeans que ela tinha tentado lavar no dia anterior. Estavam manchados com sangue. A sua e a de outros, ele sabia. Estavam rasgados no joelho, mas se adaptavam a seu traseiro perfeitamente. Jacob inclinou-se contra o batente da porta, olhando como ela se detinha brevemente diante das grandes janelas que davam aos jardins laterais, e escutava a conversação de Wolfe.

Maldição, era formosa como o inferno. Não poderia ganhar no que se relacionava a ela. Traseiro bonito e arredondado. Apenas um conjunto perfeito. Seu membro lhe

recordou que era um ajuste apertado agradável ali, também. Ele tinha passado a noite revolvendo-se e dando voltas, atormentado pelas lembranças do quão firme era ela.

— Que merda! — Jacob fez uma careta de dor ao escutar a cólera em seu tom. Ela não escutava Wolfe mais. — Maldito seja, Wolfe, não tenho uma semana para ficar aqui e para tratar com ele... ! Jacob levantou uma sobrancelha enquanto a observava passar dedos impacientemente através de seu cabelo. Tratar com ele? Uma maneira agradável de expressar como ela poderia dirigir suas intenções para ele.

— Quem vai cuidar? Tenho coisas lá.

Coisas? Uma forma única de expressar seu afeto para com seus vibradores. Ele devia chamar Wolfe e trazer as malditas coisas do inferno para ela.

— Ele é um... grande menino — ela grunhiu, e Jacob fez uma careta de dor. Maldição, ela continuava zangada. — Wolfe. Não. Wolfe! Esse é meu maldito lar! Tem a menor idéia de quão difícil foi de encontrar? De conseguir a esse preço? Não, não o faça!

Agora havia um alarme definido em sua voz. Jacob podia sentir virtualmente seu medo aumentando. Seu corpo enrijeceu, os punhos se apertaram a seus lados enquanto lutava por manter o controle.

Ela escutou durante um momento, mas Jacob poderia sentir aumentar sua cólera com cada palavra do líder da manada.

— Deixarei a manada, Wolfe. — Jacob franziu o cenho ante o tom endurecido em sua voz, então uma sacudida elétrica o encheu à medida que ela continuava. — Não. Evidentemente, tem um problema com a eficácia com a qual realizo meu trabalho. Isso está muito bem. Posso digerir isso. Mas ninguém, Wolfe, embora seja o líder da manada, pode me dizer quando e com quem foder..., não o estou discutindo, Wolfe... Deixou-me sozinha durante seis anos e agora quer que separe as pernas para ele! — Gritou. — Encontre outra puta para ele. Melhor ainda, deixe-o sozinho, ouvi que ele é muito bom em encontrá-las por si mesmo.

Sua voz aumentava a cada palavra até que vibrou de raiva. Ela estava zangada porque ele se fora? Não estava furiosa da noite em que ele a tinha tomado, mas estava zangada porque ele tinha permanecido longe? Isso não fazia nenhum sentido. Ela deveria odiá-lo, desdenhá-lo pela maneira em que ele tomou, pela violência de sua luxúria, não soar furiosa porque ele a deixara depois de machucá-la. Jacob observou o corpo dela agora tremer, podia ouvir o dano e a dor em sua voz e decidiu que já era o bastante. Quando sua voz começou a espessar-se com as lágrimas, decidiu que era hora de entrar e resolver aquilo.

Maldito Wolfe, depois de enviar Faith para Jacob, ele não tinha mais direitos sobre ela. Jacob agora era seu companheiro de sangue, seu alfa. Wolfe não tinha nenhum direito sobre ela. Ele achegou-se ela, surpreendendo-a quando lhe arrebatou de um puxão o telefone, afastando o receptor dela e aproximando-o de seu ouvido.

— Já chega, Wolfe — ele grunhiu. Houve silêncio na linha.

— Hope pensa que ela manterá o apartamento e os brinquedos, Jacob, em vez de aceitar estar com você. — A voz do Wolfe era dura, ordenando. — Precisamos do lugar para outro escolhido também. Não temos tempo para cuidar seus sentimentos alterados. — Jacob franziu o cenho. Nesse momento, ele não considerava nada mais importante que cuidar muito seus sentimentos. Era uma toda uma surpreendente revelação para ele.

— Está se esquece de que a manada não possui esse lugar. Pagarei o aluguel de qualquer outro apartamento. — Grunhiu. Infernos, ele já pagava o aluguel do que Faith agora tinha. — Coloque-o por minha conta, e instala-o. Mas deixa livre sua casa. Agora.

— Posso lutar minhas próprias batalhas, Jacob. — Soprou Faith, com as mãos apoiadas em nos quadris, e a fúria irradiando através de seu corpo. — Não preciso de sua ajuda. Deixe-o colocar outro em meu lugar e ele verá muito bem como posso lutar.

— O que é o que acontece com ela? — A confusão encheu a voz de Wolfe enquanto escutava sua furiosa declaração. — Ela não sabe fazer outra coisa melhor que me desafiar. Não entendo a essa mulher.

— Ela não pode te desafiar, Wolfe, só a mim. — Jacob manteve sua voz baixa, seu olhar fixo no de Faith enquanto via o fogo o brilhar em seus olhos negros. — Deixe suas coisas somente. Não tem autoridade para fazer isto.

Como líder da manada, as ordens de Wolfe eram obedecidas automaticamente, mas Jacob não podia deixar ao Faith transtornada com isto. A hierarquia do grupo estava estabelecida. Wolfe era o alfa da manada, mas Jacob não era somente um membro da periferia.

Ele era alfa executor, o chefe da segurança de toda a manada, e tinha tanta autoridade como Wolfe. Houve outro silêncio.

— Poderíamos perdê-la, Jacob. — Sua voz era dura. — Não posso me permitir perder qualquer membro de manada. Especialmente a uma fêmea.

— Vou chutar sua bunda, Jacob. — Faith sibilou, apertando os olhos, sua cólera flamejando para Wolfe, a impaciência aumentando. — Se tivesse cérebro, seria um perigo para si mesmo. — Ele então ouviu a voz de Hope ao fundo.

— O que, a fêmea não tem nada que dizer disto? Ela é parte da família, Wolfe. Não uma maldita fêmea de cria. — Jacob girou os olhos. Ele ouviu o grunhido de exasperação de Wolfe.

— Deixa-o já, Wolfe. — Jacob aconselhou-o. — Não vale à pena lutar. E não verei Faith transtornada desta maneira.

— Desde quando preciso de você para lutar minhas batalhas? — Perguntou-lhe, furiosa, sua cara avermelhada, os seios elevando-se debaixo de sua camiseta. Não usava sutiã. Maldição, e seus mamilos também estavam duros. No outro extremo da linha, Hope gritava também; evidentemente inconsciente do que Wolfe estivera fazendo até o momento.

Ele desejou sentir pena de seu líder de manada, mas neste caso, Wolfe tinha procurado. Além disso, parecia que ele tinha sua própria fêmea furiosa com que tratar sobre este ponto.

— Deixe o apartamento, Wolfe. Faith pode decidir por ela mesma o que fazer com ele. — E com quem a foder, acredito? Ele se perguntava isso mais que Wolfe.

— É um homem valente. — Suspirou Wolfe. — Eu só pensei em tornar isso mais fácil. Ela parecia bastante zangada com você. Pensei que talvez se te desse um... — Podia ouvir que Wolfe diminuía a voz. Então escutou o comentário sarcástico do Hope atrás dele. Esta não parecia ser a semana de satisfazer ao companheiro. Jacob se perguntava se era uma fase de humor, algum tipo de TPM estranha.

— Como precisava lhe dizer isso. — Exalou Faith. — Quem te pediu que bancasse sir Galahad, idiota? Não precisei de você em seis anos, e que me amaldiçoem se agora te necessitar. E me dê o telefone. — Arrancou-o de sua mão antes que ele pudesse fazer outra coisa que grunhir por seus comentários sarcásticos.

* * * * *

Faith jurou que ia matar Jacob e Wolfe. Malditos homens. Primeiro uma ordem inexprimível, ordená-la foder com Jacob, depois ameaçar seu apartamento. Seu formoso e luminoso lar, aonde ela armazenava todos seus tesouros. Onde seus vibradores descansavam sobre veludo, sua máquina de moer de café que moía seus grãos de café à perfeição, e seu refrigerador, como o sonho moderno que era, recordava-lhe quando seu estoque de cerveja e de coca-cola estava baixo. Conquistar seu coração, ela ia arrancá-lo, isso sim.

— Wolfe querido? — Sua voz era doce como o açúcar, mas havia morte em seu coração. — Poderia, por favor, falar com Hope? Coisas de garotas, sabe.

Wolfe vacilou.

— Faith, deixarei as coisas como estão agora. Não tem sentido enfurecer mais ainda Hope.

— Por que eu faria isto a minha líder de manada? — Queria dizê-lo em forma desdenhosa, mas limitou-se a cerrar dentes, enquanto Jacob que a olhava, divertido. Malditos homens. Idiotas arrogantes.

Wolfe suspirou.

— Faith? — A voz de Hope era furiosa. Faith afastou-se de Jacob, com seu corpo sacudindo-se de cólera, com dor. Ela pensara que Wolfe entendia todos os anos em que ela tinha sofrido. Pensara que ele conhecia o inferno que ela tinha experimentado ao viver sem Jacob.

— Ele me mandou foder com Jacob, Hope — grunhiu, mantendo sua voz baixa, sua dor oculta de todos menos da mulher que, durante as últimas conversações noturnas de telefone, mantivera-a lúcida durante os últimos meses. — Pediu-me para dar minha casa para outro. Não o deixe ficar com minha casa, Hope. — Era tudo o que ela tinha que era seu, somente seu. Cada centímetro dele adornado para satisfazer seu gosto, limpo carinhosamente e cuidado para ela sozinha.

— Não se preocupe, Faith. — A voz de Hope também tremia de fúria. — Cuide-se, e de suas próprias necessidades. Eu me encarregarei de meu companheiro. — A cólera na voz do Hope dissolveu o nó de medo que crescera constantemente em Faith desde que Wolfe tinha começado sua pequena discussão privada com ela. Ela inspirou profundamente, acalmando-se

— Obrigado — sussurrou.

— É muito amável, Faith. Falarei com você mais tarde. Agora tenho um companheiro com quem falar — e desligou o telefone.

Faith ficou silenciosa, voltou-se de novo para Jacob, lutando com a fúria e a dor que continuavam crescendo nela.

— Desde quando decidiu bancar meu protetor? — perguntou-lhe, lutando para não gritar, para manter a voz calma, uniforme, apesar de seu tremor.

Ela colocou o telefone em sua base, depois deu volta para encará-lo, com os punhos apertados para manter a expressão de perplexidade de sua cara.

— Ele estava equivocado. — Jacob encolheu os ombros. — Simplesmente tentava ajudar, Faith.

— Não necessito da ajuda dele. — Ela lutou para respirar com normalidade e deter os golpes duros, furiosos de seu coração. — Não te necessitei em seis anos, e apesar da crença de Wolfe pelo contrário, não preciso de você agora também.

Ele cruzou seus braços sobre o peito, olhando-a fixamente com diversão, seus lábios crispando-se nesse pequeno meio sorriso de superioridade que ela odiava tanto.

— Seu corpo o faz — disse com tal confiança que ela apertou os dentes de fúria. — Mas não acredito que Wolfe tenha o direito de ordenar que durma comigo. Desejo-te ali porque você não possa se negar, não porque lhe ordenaram isso.

Os olhos dela se arregalaram.

— Pensa que não possa me negar? — Ela gritou, tão furiosa, tão raivosa com sua paciente diversão para com ela que teve que controlar-se para não atacá-lo. — Pensa que foder comigo é um fato?

Ele riu entre dentes. Bastardo. Ele ria dela.

— Minha querida companheira, não tenho nenhuma dúvida de que é assim. Mas sempre foi assim. Agora é uma mulher adulta, penso que agora já pode agüentar-me. — A fúria a percorreu como uma sacudida elétrica enchendo seu sistema. Ele estava de pé tão alto, tão seguro ante ela. Como se ele soubesse as respostas de todas as coisas importantes em seu próprio conhecimento. Ela desejava poder refutar sua demanda, mas sabia que se estrangularia com tal mentira.

— Segundo me lembro, eu não tinha nenhum problema para te agüentar antes — recordou-lhe ela, sentindo a necessidade de violência aumentar poderosamente dentro dela. — Penso que — disse com desprezo — seu fato é mais uma coceira que precisa ser coçada. O que aconteceu, faltou sua ração semanal ontem de noite?

Seus olhos se estreitaram nela. A diversão em sua expressão decaiu vários graus.

— Tem uma bonita boca, Faith, que poderia te colocar em confusão — advertiu-lhe; o tom baixo de sua voz a irritou.

— E você desenvolveu uma atitude tão dominante que poderia te chutar o traseiro — assegurou-lhe Faith furiosa. — Permanece fora de minhas coisas, Jacob.

Basta disto! Maldito homem teimoso, não havia maneira de fazer que ele visse o sentido, de fazer com que ele entendesse que ela não necessitava de ajuda em seus problemas com Wolfe. E que ela não necessitava que Wolfe lhe mandasse foder com seu companheiro.

Maldição. Maldito Jacob. Quem deu a qualquer um deles o direito de decidir repentinamente o que era melhor para ela, depois de seis anos?

— Você é meu assunto — grunhiu ele, enfrentando a irritação cara a cara com ela, sua própria fúria crescendo ao mesmo tempo.

— Sou? — Ela exigiu. — Então por que me deixou, em vez de me manter ao seu lado? Você é quem se equivocou. Lembra?

Seu rosto se ruborizou e durante um segundo, apenas por um segundo, seu olhar piscou. Faith entrecerrou os olhos, seu peito enchendo-se de dor.

— Não se preocupe Jacob. Esta a salvo. Você e Wolfe, podem ir ambos para o inferno. — Moveu afastando-se longe dele e da dor intolerável irradiando repentinamente dentro dela. Jacob a deteve quando passo a seu lado. Puxou-a para ele, suas mãos deslizando-se nela, em uma carícia lenta.

Suas mãos a tocaram. Faith inspirou profundamente, estremecendo enquanto os dedos dele se moviam mais abaixo, caindo até empalmar seus quadris, empurrando-a para suas coxas, para a dura longitude de sua ereção que pressionava contra sua parte posterior.

O calor queimou seu corpo, atravessando violentamente suas veias como uma explosão de fogo selvagem. Ela ofegou, sentindo como seu sexo se contraía faminto e seu clitóris começava a palpitar de necessidade. Deus querido, somente um roçar e ela estava pronta para que ele a montasse.

Ela podia respirar pelas demandas físicas de seu corpo. Poderia estar apenas em pé pela agonia do suspense, as necessidades primitivas, tanto físicas como emocionais, destroçavam-na.

— Sinta — grunhiu Jacob, suas mãos se apertaram em seus quadris. — Pode ser negado somente por algum tempo, Faith. Eu sei. Lutei para fugir disso durante seis anos; aguardando o chamado de Wolfe, rogando diariamente para que alcançasse a maturidade de seu corpo, e estivesse pronta para mim. Pensa que isso foi fácil para mim? Pensa que minha luxúria quase não me destruiu?

— Você estava com outras — gritou ela, e suas mãos foram às dele, onde se reclinavam sobre seus quadris, mesmo quando sua cabeça caiu para trás em seu peito. Seu fôlego fazia coisas perversas contra seu pescoço, enviando calafrios de prazer sobre seu corpo. Estava quente, sussurrando sobre a marca que tinha deixado enquanto estavam ainda cativos dentro dos malditos laboratórios. Ela se queimou em resposta. Tanto tempo havia ela sonhado com seu toque, tanto tempo.

— Não poderia voltar para você antes — ele sussurrou os seus lábios esfregando ligeiramente sobre a pequena marca. — Não poderia confiar em mim, Faith. Lembrava muito bem o gosto de seu mel que fluía em minha boca, como empurrei minha língua dentro de seu apertado canal, como chupei em seu clitóris e ouvi seus gritos de clímax, suas súplicas por mais. Era tão jovem. Não estava pronta para o acasalamento que nossas naturezas requerem. Muito jovem para saber da violência de minha paixão. Tinha que ir, ou teria te tomado e prejudicado mais do que já o tinha feito.

— De onde tirou a idéia de que me tinha feito mal? — Ela desejava protestar por seus sentimentos, mas não poderia parar o prazer que se derramava repentinamente sobre ela. — Não. — Ela não sabia se protestava por essa decisão, ou pela mão que deslizava lentamente dentro da cintura de suas calças enquanto a outra deslizava sob as frouxas dobras de sua camisa.

— Sim. — Os dentes raspavam seu pescoço. — Não teria conseguido esperar. Não teria podido proibir a época de crescimento, a aprendizagem que necessitava. Você sabe, tem idéia do inferno que agüentei ao tentar permanecer longe, ao esperar até que estivesse pronta para mim? — Sua voz soou feroz em sua fome. Quando ele falou, uma mão se encaixou sobre seu seio inchado, embora a outra se detivesse brevemente mais abaixo em seu estômago, para viajar mais longe para seu sexo palpitante.

Ela ardia. Necessitava que sua mão a tocasse, esfregasse-a ligeiramente. Os relâmpagos do torturado desejo não pareciam diferentes das drogas que lhe tinham injetado fazia tanto tempo.

— Eu não pedi que se refreasse. — Seus olhos estavam fechados quando ela gemeu com sua necessidade. Esqueceu-se de quão forte poderiam ser as necessidades, como atacavam, esfregando ligeiramente e ondulando através de seu sistema com apenas a ameaça do toque de Jacob.

— Teria te feito mal, Faith. Não tinha nenhuma outra opção além de ir. — Sua língua esfregava ligeiramente sobre a marca. Faith gritou, seu pescoço que se flexionava mais para lhe conceder maior acesso quando a mão que fazia pressão sobre seu abdômen tentava descer entre suas coxas.

— Você tinha uma opção — sussurrou, assim que pôde falar. Respirava com dificuldade, ofegante; seu corpo estava ardente, sensibilizado e cheio de uma dor aguda. A cólera e a fúria se dissolviam sob o impacto da luxúria. Sacudia-se, necessitando-o tão desesperadamente que não sabia se sobreviveria à dor.

— Deus, Faith, você é tão gostosa. Tão gostosa — sussurrou ele, com sua própria respiração áspera, pesada. Seu peito se levantou e caiu, respirando com dificuldade, a língua esfregava ligeiramente sobre a pequena cicatriz sensível que ele tinha deixado. — Quero te marcar outra vez. Necessito-o, Faith. — Sua voz era desesperada, tão quente e sombria que ela não podia fazer outra coisa além de derreter-se contra ele, presa das necessidades de seu corpo, sustentada pelas correias da excitação, tão forte, tão quente que ela só conseguia tremer contra ele.

Ela sentiu seus dentes raspando seu pescoço, as presas agudas arranhando sobre sua pele, enviando sensuais adagas de eróticas sensações através de seu corpo. Ela sabia o que vinha, recordava com perfeita claridade, a raivosa luxúria que encheria seu corpo. Mais aguda, mais intensa até que a necessidade que a atormentava agora. Emoções que ela negara por um longo tempo, esmagavam-na agora. Seu peito se apertou com elas, a carne se queimou com o desfrute em seu toque. Estava débil, muito fraca para lutar com ele, e com seu próprio corpo.

— Não — ela sussurrou sua negação ante as sensações que a atormentavam, mesmo com seu pescoço arqueado para outra raspagem de seus dentes, e atraindo sua mão para empurrá-lo mais próximo a ela para atormentar seu sexo. Sua mão escorregou mais, debaixo da beira de suas calcinhas de seda, caindo sobre os lisos lábios de mel de seu sexo.

Ela se arqueou sobre as pontas dos pés para conseguir chegar mais perto, sentindo o toque quente de seus dedos sobre seu clitóris.

— Mais — sussurrou. Ele grunhiu, respirando ofegante, lutando a mesma batalha que ela pelo oxigênio no meio do aumento da excitação dolorosa que se elevava entre eles.

— Vou fazer isso. Vou te comer, Faith, e te montar todas essas coisas que não podia antes — prometeu-lhe asperamente, enquanto seus dedos escorregavam na polida fatia coberta mel. — Está tão quente — ele ofegou em seu ouvido, beliscando no lóbulo enquanto ela se empurrava contra a palma de sua mão. — Tão quente e doce que se queima viva.

— É muito! — gritou ela, apenas capaz de respirar, com o corpo igualmente ofegante, incontrollável, montando em uma crista de prazer que a aterrorizou. Podia sentir sua vagina sacudir-se, os sucos escapar de sua entrada, cobrindo seus dedos, empapando suas calcinhas.

Ela desejava mais. Necessitava o alívio da fome entristecedora que agora atacava seu corpo. Seus dedos se moveram mais longe. Faith perdeu a respiração quando sentiu um dedo circundar a entrada a sua vagina, separando a nata de sua excitação, gracejando-a, medindo-a.

— Por favor... — sussurrou, e sua petição se converteu em um grito de assombro agonizante ante a sensação pura quando que ele penetrou a entrada de sua base ardente. Jacob gemeu em seu ouvido. Sentia o dedo enchê-la, empurrando dentro dela, laboriosamente e quente. Tremia, com seus joelhos que se debilitavam, sua respiração ruidosa e áspera no silêncio do quarto.

OH Deus, era melhor do que ela tinha pensado sempre que poderia ser. Mais quente, mais intenso, chamuscando-a de dentro para fora. OH infernos, controle. Onde estava seu controle?

— Minha — ele grunhiu em seu ouvido, a língua lambeu-lhe o lóbulo com um varrido lento, sensual. — Minha mulher. Minha companheira. — As palavras a penetraram, deslumbrando seus sentidos lentamente enquanto a mão se movia em sua carne, que empapava o impulso de suas frouxas calças.

— Não — Ela sacudiu a cabeça no rechaço deslumbrado, negando sua demanda. Se ele a demandasse agora, iria dominá-la, e sabia que nunca sobreviveria outra deserção.

— Sim — grunhiu o em seu ouvido, ignorando suas débeis tentativas de evitar que baixasse a calça de seus quadris. Ele a reclamaria. Tomando-a. A cólera se correu através dela de novo.

Ela não poderia permitir que lhe fizesse isto. Se o deixasse reclamá-la agora, nunca escaparia da posse que ele pensava que tinha sobre ela.

— Pare — Recuperando sua força, Faith empurrou-o longe, áspera, lutando não só com o Jacob e sua luxúria, mas consigo mesma também. Afastou-se, com sua carne protestando em voz alta contra a separação do corpo de Jacob, Faith pôs rapidamente vários metros entre eles, encarando-o com atenção.

Ele a observava, perigoso, com a sensualidade do desejo estampada em sua cara, com seu olhar eroticamente perigoso. Esse olhar que falava ao seu sexo, fazendo-a apertar-se de forma quase dolorosa.

— Faith, você é minha — ele inspirou, áspero. — Sabe que é...

— Não pertenco a ninguém, Jacob — O assombro e a cólera correram através dela. — Não pode decretar isto, você e Wolfe, depois de seis anos, de tocar de outras mulheres, e reclamar seus direitos como companheiro. Não o permitirei. — Ela sacudiu a cabeça, pouco disposta ou possivelmente incapaz de entender sua advertência de que ele poderia tomá-la.

— Você me deseja também, Faith. Não pode negá-lo — ele começou a avançar para ela, com seu corpo preparado para apanhá-la. Respirando dificilmente, Faith olhou-o cautelosamente. Se ele a tocasse outra vez, se ele a atraísse para ele, não poderia opor-se.

— Jacob, não serei forçada nisto — disse-lhe furiosamente. — Não pode me pedir que vá a sua cama, e não permitirei que o tente.

Jacob se moveu mais perto, sua intenção de seduzi-la estava refletida no brilho de seus olhos azuis.

— Você me deseja Faith, tanto como eu te desejo — ele grunhiu. — Sofri durante seis anos em que esperei que amadurecesse...

— OH pobre Jacob — ela o interrompeu, movendo-se rígida para longe dele, ignorando o olhar fulminante em sua cara. — Por que, só o deixaram que seguisse seu caminho através do mundo, à espera que a pequena e pobre Faith crescesse. Bem, as notícias chegaram tarde, queridinho; Faith cresceu faz muito tempo. Sem você, e sem sua ajuda.

Por um segundo, o assombro cintilou em seus olhos.

— Faith, fui embora por você — discutiu ele, com a irritação apertando os músculos de seus ombros.

— Por minha causa? — perguntou furiosamente. — Por acaso, pedi para que se fosse Jacob?

— Era muito jovem.

— Você não sabe nada — gritou ela. — E como fez Wolfe para sabê-lo? Você e seus malditos julgamentos. Não estava em você decidir se eu estava pronta ou não para fazer sexo. Bem, pois vou te dizer uma coisa, Jacob. Há seis anos, estava preparada. Não estou pronta agora. — Essa era uma mentira enorme. Ela a disse com a esperança rápida, fervente do perdão. Algumas mentiras eram malditamente grandes.

— Seu corpo diz algo diferente. — Ele começou a avançar para ela outra vez. Faith se afastou dele. Ela não ia fugir dele. Não estava assustada com ele, e maldita fosse se ela mentiria debaixo dele, o odor da velha luxúria ainda se agarrando a seu corpo.

— Meu corpo agora não me controla, Jacob — ela se foi para trás. — Você não me controla. Você tinha mais oportunidade antes.

Jacob a alcançou para tocá-la. Faith afastou-se de suas mãos imediatamente. Ela não poderia produzir mais lenha de luxúria através dela para arder mais longe. Os lábios de Jacob se inclinaram em uma meia careta enquanto franzia as sobrancelhas sobre seus olhos brilhantes.

— Lutará comigo agora? — A diversão cobriu sua voz. — Posso te tomar, Faith. Você me conhece.

— Pode tentar — disse-lhe brandamente, relaxando os músculos, preparando-se para seu movimento seguinte.

— Vou te montar quando te pegar; prepare-se — prometeu-lhe.

— Não conseguirá chegar tão longe. Venha — sussurrou com um sorriso. A adrenalina fluíu através dela. Ardentemente, a luxúria pulsou em seu sexo. Seus olhos se estreitaram nele, seu corpo se preparava para ele.

Ele não estaria preparado para ela. Ela sabia que não o estaria. Quando ele se moveu, com uma flexão natural do músculo, com o braço quis rodeá-la ao redor de sua cintura. Faith o evitou debaixo do braço, enganchando o tornozelo ao redor do seu em um movimento rápido como o relâmpago, que o fez cambalear-se quando ela empurrou seu corpo em suas costas, e deu um rápido e duro impulso ao ombro oposto movendo-se rapidamente e afastar-se.

— Merda — Ele caiu. Ela sabia que o faria. Movendo-se ao redor, ela o olhou enquanto ele estava a seus pés, seus olhos se estreitavam nela, o corpo grande bonito e perigoso, enquanto preparava sua vingança. — Bom movimento — felicitou-a. — Não vou esquecer.

Ela inclinou sua cabeça, mofando-se com a aceitação do elogio.

— Deveria ter se movido quando teve a chance — advertiu-lhe, o grunhido suave em sua voz, fez que seu ritmo cardíaco se acelerasse com entusiasmo. — Porque quando conseguir te agarrar, Faith, vou fazer te pagar essa pequena manobra.

— Violação é uma palavra suja, Jacob — Zombou. — Disse que não, e não significa não.

Ele se deteve brevemente, repentinamente parecendo indeciso.

— Você me deseja, Faith.

— Meu corpo está reagindo a você. — Corrigiu ela asperamente. — você é meu companheiro biológico, Jacob. Não meu amante, não meu amor ou meu amigo. E rechaço sua reclamação por mim. Você se foi, viveu sua vida e ganhou experiência enquanto se ajustava à liberdade. Acredito que agora é meu turno de viver minha vida, pois preciso obtê-la. Exijo que me deixe ir.

CAPITULO 6

O choque manteve Jacob imóvel. Ela soava séria, furiosa. Ele sacudiu sua cabeça em negação imediata. Deixá-la ir? Tinha sido algo que nunca tinha considerado em todos os anos que tinham passado separados.

Jacob se deu conta então que ele sempre tinha esperado que ela o perdoasse por feri-la, nunca tinha lhe ocorrido que ela estaria zangada com ele pela violência do ato.

Ele se envergonhava do quão áspero que tinha sido com ela. Não a ajudara, não demonstrara o ardor que sentia por ela. Não pudera. Se não fossem resgatados então, Bainesmith o teria utilizado atormentá-la, para machucá-la.

— Não te deixarei partir, Faith. — Ele sacudiu a cabeça enquanto devolvia seu olhar fixo, zangado. — Não posso te deixar. Não saberia como fazê-lo.

— Por quê? — Ela arrastou seus dedos sem piedade através de seu cabelo, enviando as mechas de seda cada em uma direção. — Você não me deseja Jacob. Não realmente. Se o fizesse, teria vindo por mim.

— Não desejava te machucar — grunhiu ele. — É tão duro de entender isso, Faith? Não tinha nenhuma idéia que não estivesse com medo de mim. Que não desejasse ser deixada sozinha. Violen-te virtualmente...

— OH, pelo amor de Deus. — O aborrecimento encheu sua voz, recriminação em sua expressão. — Acha que sou tola, Jacob?

Ele cruzou os braços sobre seu peito, olhando-a com cólera enquanto detectava o aumento de sua excitação. Ele podia cheirá-lo, desde a noite anterior no jipe.

E apesar da carta de Wolfe, ainda o confundia que ela pudesse desejá-lo, desejava-o, apesar de havê-la tratado com aspereza. Mas maldito se ia manter longe por mais tempo! Era diferente quando ele pensava que o temia. Agora que ele sabia que não era assim, não estaria sem ela muito mais tempo.

— Não acho que é tola Faith — assegurou brandamente. — Mas não me tome por tolo, tampouco. Podem ter sido equivocadas minhas razões de te dar tempo para crescer, mas isso não significa que repita meus enganos te dando mais tempo. Considere-nos acoplados, Faith. Não te deixarei ir. — Ele viu seus olhos arregalarem-se. Viu a surpresa que encheu sua expressão. Ela tinha esperado realmente que ele a deixasse ir de algum jeito.

Ele não fez caso da dor aguda que criou em seu peito esse pensamento. A natureza a dera. Tinha tomado uma criação do homem e a fizera perfeita, delicada e suave, iria tratá-la com suavidade. Não tinham começado bem, mas maldita fosse se ele lhe daria uma maneira de escapar. Jacob tinha admitido que ela faria melhor que ele.

Ele era um assassino, um Executor. Era seu trabalho procurar as castas prisioneiras, as resgatar, e destruir aos monstros que os tinham criado. Tinha mais sangue em sua alma do que poderia limpar jamais. Mas o aroma de sua necessidade, o zelo de seu corpo, limpava as lembranças dessa matança.

— Não pode me obrigar, Jacob — gritou, enfrentando-o furiosamente. Nunca a tinha visto tão zangada. Nunca vira avermelhar a linha ao longo de seus maçãs do rosto, o brilho em seus olhos, da fúria e da excitação.

Seu corpo estava preparado para a batalha e para o sexo, e ele estava mais que querendo lhe dar ambos. Embora não ao mesmo tempo. E maldição se ele deixava a sua própria natureza selvagem tomasse o controle da situação outra vez.

— Não te violarei — Corrigiu-a. — Não te deixarei ir. Tenho um trabalho para terminar aqui antes de poder voltar para grupo. Mas quando voltarmos, Faith, voltaremos como companheiros.

Seus olhos se entrecerraram. Ele podia ver o funcionamento de sua mente, as discussões que ela tentava emitir.

— E se não estiver de acordo em compartilhar sua cama? — Perguntou-lhe ela, com seus dentes fechados fortemente. Então ele se girou lentamente, um idiota perdido, gemeu silenciosamente.

— Pode ser honesta e negar que me deseja? — perguntou-lhe — E antes que fale, deixe-me te dizer, Faith, que posso cheirar sua necessidade, a luxúria que inclusive agora enche seu corpo. Não minta para mim, vai economizar vergonha.

Uma risada amarga lhe escapou. Amarga e zangada.

— Nunca neguei te desejar. Vá à merda! — Gritou explicitamente, fazendo-o ao encolher-se com a maldição. — Mas isso não significa que tenha que fazê-lo. — Jacob franziu o cenho. Ocupar-se desta nova, agressiva Faith era mais difícil do que ele tinha pensado que seria. A carta de Wolfe não lhe dera as explicações suficientes para prepará-lo para ela.

— Isto é verdade. Não é algo que você tenha que fazer. — Ela se encolheu. Infernos, o que esperava que dissesse? Ele não ia ordenar que o fizesse.

Seus lábios então ficaram firmes, enquanto seus olhos se entrecerraram mais.

Ela ainda não parecia contente. Ele tinha que tentar encontrar a estabilidade em meio da tempestuosidade que ela exibia. Não poderia fazer sua parte em sua cama. Embora esse fosse um pensamento intrigante.

— Não é algo que tenho que fazer? — perguntou-lhe lentamente, apoiando as mãos em seus quadris enquanto o olhava. — Diga-me, Jacob, o que quer exatamente de mim durante esta estadia com você? Ou estou aqui simplesmente para que me atormente?

— Te atormentar? — Jacob sacudiu a cabeça, confuso e achando difícil seguir seu raciocínio. — Faith, não tenho nenhum desejo de te atormentar. Eu não lhe deixei me chutar o traseiro? Fiz algo em represália? Montei-te e te forcei a foder? Maldição, é minha companheira, não minha escrava.

Sua voz se levantou lentamente enquanto sua própria frustração começava a levar a melhor dele. Avançou nela até que ficaram quase nariz com nariz. Tendo que refrear-se fortemente para não tocá-la, provando o zelo que os rodeava em ondas. Em toda sua vida, seu controle nunca tinha sido provado de tal maneira. Não poderia recordar uma época em que tivesse estado tão cheio de desejo e de necessidade, ambas as sensações estavam tão em conflito que seu corpo quase se estremecia por elas.

— É muito mandão, Jacob — gritou ela ferozmente. — Arrogante, mandão, e um idiota. Não tenho nenhum desejo de estar debaixo de seu polegar nem um dia, e não digamos sete.

— Prefere meu polegar ou meu corpo? — grunhiu ele. — Não me provoque Faith. Meu controle nunca foi o melhor no que se refere a você, e me enfurecer deste modo não ajuda.

— Agora é minha culpa? — discutiu ela, seus olhos negros insondáveis, quentes e excitados. Maldição, a ela não incomodava ocultar o fato de que sua cólera a excitava. — Pobre Jacob, não pode controlar-se, tudo é por culpa da Faith. Por favor, Jacob, certamente não espera que acredite nisso?

— Faith, está me provocando. — Sua voz baixou, um som áspero que retumbou em seu peito e que o surpreendeu. Somente a tensão ou a fúria extrema faziam que o grunhido animal vibrasse em seu peito dessa maneira. Os olhos de Faith se arregalaram, e maldição, ele poderia provar literalmente o zelo que fluía de seu corpo. O aroma de sua excitação que o envolvia com uma luxúria que ele achava realmente difícil de negar.

— Jacob, é você quem me está provocando. — Um dedo magro empurrou em seu peito. — Este alfa executor se está tornando aborrecido.

— Aborrecido? — ele grunhiu. Ele era um Alfa Executor. Isto agora o fazia aborrecido? Ele não pensava isso. — Estou a ponto de te demonstrar, Faith, o pouco aborrecido que posso ser se não tirar esse bonito pequeno dedo de meu peito. — Ela olhava seu dedo, depois o respaldo dele.

Uma sobranceira castanha magra se arqueou em desafio. Seu dedo pressionou mais profundo enquanto uma expressão atrevida cruzava sua cara.

— E o que fará o grande alfa Executor? Já chutei seu traseiro uma vez. Quer um repeteco? — perguntou ela brandamente, a diversão e o desafio feminino enchiam sua expressão. Antes que ela pudesse reagir, antes que ele inclusive soubesse o que tinha pensado, seus braços a alcançaram. Ela era um relâmpago rápido em sua tentativa de evitá-lo, usando seus pequenos truques desenhados para esquivá-lo.

Antes que ela pudesse lhe alcançar as pernas na posição anterior, ele a tinha com os braços a suas costas, seu corpo ficou arqueado sob o seu, com o sofá às suas costas. Ele se moveu rapidamente entre suas coxas dela, pressionando a grossa ereção contra a pele quente, contra seu clitóris coberto pelas calças jeans, tentando-a além da prudência. Ele olhou fixamente sua cara, produzindo-lhe uma sacudida elétrica, vendo o desejo que brilhava em seus olhos, o rubor da excitação enfurecida em suas bochechas.

— Tenha muito cuidado, Faith — sussurrou-lhe ameaçador, arqueando-se e apertando o peito sobre seus seios inchados, gozando da sensação de seus mamilos endurecidos. — Lembro bem como é de quente e molhado seu clitóris, e como é apertado o seu traseiro ao redor de meu pau. É sua opção quem vai tomá-la quando chegar a hora, o homem ou a besta. Provoque à besta muito mais no futuro, e pode ser que se repita a conclusão do ato forçado sobre você naquele maldito laboratório há seis anos. Não, Faith, não force minha necessidade de você deste modo.

Encarou-o fixamente, seus lábios abertos, a respiração áspera e desigual. Então, lambeu os lábios. Um golpe lento, molhado de sua língua, um ato deliberado, desafiador. Não havia nada que dizer. Os lábios de Jacob fecharam de repente os seus com um gemido esmigalhado de sua garganta.

Sua língua foi forjada em sua boca, nas profundidades excitadas que acalmavam a dor repentina dela quando seus lábios se fecharam nele. Jacob inclinou os lábios sobre os seus, a mão que sustentava as suas atrás dela se arqueou, a outra se curvou sem piedade ao redor de seu seio, os dedos agarrando o pequeno e duro mamilo que forçava o pano de sua camisa.

Ela gemeu, um som cheio de desejo e excitação enquanto intensificou seu beijo com força. Suas coxas apertaram as suas, conduzindo seu membro mais apertado contra a cunha de suas coxas, com os quadris arqueados para ele. Ela era uma chama viva em seus braços, queimando-o, chamuscando seu corpo enquanto lutava para tomar seu prazer desses lábios. E o obteria. Ele tomaria prazer de seu corpo, sua luxúria, sim, ele o fizera em outra ocasião. Enquanto sua mão se introduzia debaixo de sua camisa, o alarme da casa começou a soar insistentemente.

* * * * *

Jacob ficou de pé, movendo de um puxão Faith para levantá-la para trás dele um segundo depois, enquanto se movia para o gabinete de madeira de nogueira situada na esquina da habitação.

— Visitantes — disse ele, ante seu olhar surpreendido. Ele tirou dois revólveres, e o comunicador que se ligava no peito, empurrando-o para ela.

Ela não falou, mas a breve olhada que lhe deu, assegurou-lhe que ela seguiria suas instruções eficientemente. O revólver estava em posição em seu ombro, o intercomunicador unido com segurança a sua cabeça.

— Esperamos a alguém? — perguntou-lhe, apenas em um sussurro, quando se moveram pelo vestibulo, deslizando-se ao longo da parede para as magras janelas dobre tintas que davam à porta dianteira.

Jacob grunhiu sarcasticamente enquanto tirava sua própria unidade de intercomunicador. Não desejava que Faith se inteirasse do fato de que o resto da zona estava vigiada. Queria-a cômoda, relaxada e protegida. Não teve que falar. Quando ele trocou de canal, sabia que os outros estariam inteirados que era ele, e que estariam preparados para emitir.

— Não se pode ver uma merda, chefe. — A voz de Stygian soou desgostosa, zangada. — Consegui chegar junto ao alarme em um minuto, mas não há nada aqui. — Não era possível. Os alarmes estão estendidos completamente ao redor dos limites da fazenda, e foram programados para apagar-se somente em certos casos. — Nenhum animal, nem nada. Encontramos a unidade disparada, e está disparada definitivamente, mas maldição se houver algo ao redor aqui.

Outro executor continuou.

— Se forem as castas de coioote, estão ficando mais ardilosas; ou então as unidades de alarme não estão funcionando corretamente. — As castas de coioote já eram ardilosas o bastante como era, pensou Jacob furiosamente; não precisavam sê-lo mais ainda.

— Assegure-se! — disse-lhe Jacob, com sua voz soando mais forte à medida que seguia pela casa, certificando-se de que Faith cobria sua retaguarda. — Agora!

— Faremos nisso. — A comunicação tinha finalizado, quando Jacob trocou de novo ao canal privado com o Faith.

— O que está acontecendo, Jacob? — Sua voz soou desconfiada quando passaram através do nível inferior da casa.

— Não sei ainda — resmungou. — Fique detrás de mim, e fique pronta. Não sei o que disparou o alarme, mas desejo estar seguro de que nada conseguiu entrar na casa. Comprovaremos cada zona.

* * * * *

A casa estava limpa. Não havia janelas violadas, nenhum sinal de intrusos. Faith se moveu cuidadosamente atrás de Jacob, às suas costas, os olhos cobrindo cada polegada dos quartos através dos quais se moviam. Finalmente, terminaram a ronda no saguão, onde Jacob golpeou o interruptor que fechava as escuras cortinas sobre cada janela e deixando o interior sombrio e íntimo.

— Bem — Ela deu a volta para ele, desejando respostas agora. — Exatamente que missão é essa em que está metido, Jacob? E quem infernos era esse com quem falava, quando mudou o canal no intercomunicador?

CAPITULO 7

Jacob suspirou asperamente.

— A missão não é o problema, o problema são as castas de coioote. — Ele passou os dedos pelo cabelo e encarou-a. — Há um laboratório por aqui, em algum lugar, não o encontramos ainda. Evidentemente, as castas que têm são bastante importantes também, porque mataram qualquer pessoa que pudesse ter acesso à informação antes que pudesse consegui-la de fato.

Um cenho rápido, pensativo, enrugou sua frente.

— Quantos Executores tem com você?

— A força de elite está trabalhando comigo, assim como Danson. — Disse-lhe. — Disponho de uma equipe de onze castas, conhecidas por sua inteligência e selvageria. Trabalhamos nisto durante um ano, interrompendo somente na época de ajudar Wolfe. Mas penso que isso lhes deu o tempo que necessitavam para ocultar-se com mais eficácia. — Ela tirou o intercomunicador da cabeça, mas enfiou o revólver na parte posterior de suas calças jeans.

Deveria ter se sentido fora de lugar, perdida, mas o gesto anunciava uma confiança reservada, uma força que ele nunca imaginara que ela tinha. Ele sempre sentira que Faith precisava ser protegida, que não podia proteger-se sozinha. Vê-la tão diferente o sacudia, tinha que admitir.

Ela não deveria ter que defender-se. Se não tivessem que viver uma vida que o requeria.

— Vão te encontrar, eventualmente. Está se fazendo de invisível? — Perguntou-lhe ela. Ele sabia que ela o adivinharia rapidamente, e como esperava, não gostou.

— O lugar é seguro, Faith. — Assegurou-lhe. — Somos invisíveis não importa onde estejamos. Ao menos desta maneira temos uma medida de controle. — Ela sabia disto tão bem como ele. Cruzou os braços sobre o peito, depois esfregou mãos como se desejasse esquentar-se.

— Este lugar é um pesadelo de segurança, Jacob. — Disse ela, quando se dirigiu para as cortinas fechadas da janela maior. — De quem é? — Ela esfregou os braços outra vez. Jacob entreceitou os olhos, indagando-se se sua pele estaria irritada.

O preço que pagara por aquela maldita loção que utilizava não deveria fazê-la coçar-se, esfregar-se, ou desenvolver uma erupção. O assunto era revoltante.

— É de um amigo. — Ele encolheu os ombros, dando a mesma resposta que antes. — Ele raramente utiliza o lugar, e é um dos patrocinadores da manada.

Realmente, o pai de Caleb tinha sido um dos membros mais altos do Conselho de Genética. Depois de sua morte, e da fúria subsequente de Caleb ao dar-se conta da depravação de seus pais, este tinha se convertido em um dos aliados mais incondicionais da casta.

— Quanto conflito espera?

Jacob suspirou.

— Não muito. Evidentemente, estão bastante seguros de sua capacidade de ocultar-se. Não vimos nenhum sinal das castas de coio, e a brecha do perímetro pode ser qualquer coisa, inclusive falhas na equipe. Mas é o melhor que temos por agora.

Ela cabeceou devagar, pensativamente. Saber que ele estava em uma missão não surpreendia. Como Executor, aquilo era sua vida. Convertia-se, portanto, em sua vida também, e isso a assustava imensamente pelo. Finalmente, ela suspirou profundamente, esfregando os braços outra vez.

— O que há Faith? — Jacob se inclinou para frente em sua cadeira, franzindo o cenho pela maneira que ela os braços pareciam incomodá-la. — Isso já te machucou antes?

— Quando? — Ela olhou ao redor, confusa por um momento antes que seus lábios se franzissem em uma pequena careta. — Quando te chutei o traseiro? Não. Isso não me machucou. — Ela se acomodou o cabelo atrás da orelha, nervosa, antes de continuar comentando os últimos eventos da tarde. E esfregando os braços outra vez.

— Faith, o que há com seus braços? — Ele se levantou da cadeira, e foi para ela, tentando descobrir o que estava errado.

— Não há nada. — Disse, voltando-se para ele, franzindo o cenho enquanto ele se aproximava. Então o golpeou. Arduamente. Doce, quente e tão tentador que mal podia suportá-lo. Sua luxúria era uma coisa saborosa; ele poderia quase prová-la no ar ao redor dela. Levantou seu braço, seus dedos se moveram sobre a pele suave. Maldição, essa loção valera cada centavo que ele tinha pagado. Sua pele era suave como cetim, com um brilho saudável, que brilhava intensamente. Era quente, uma sensação diferente de tudo que já havia tocado antes.

— Não pára de se esfregar. — Ele limpou a garganta, incapaz de falar.

Ela se afastou dele, esfregando-se outra vez antes de permitir que seu braço baixasse.

— Estou agitada, suponho. Tenho que chegar em casa. — Anunciou, quase desesperada agora. — Tenho coisas que preciso fazer lá. Realmente não posso passar uma semana aqui, Jacob.

— As "coisas" serão cuidadas até sua volta. — Ele lhe assegurou, observando-a suspirar, afastar-se, até que ela se moveu cuidadosamente para longe dele. — Ninguém invadirá seu lar, Faith. Prometo isso. — Ela correu os dedos através das mechas curtas de seu cabelo. Jacob admitiu que gostava de seu cabelo mais curto. Gostava da maneira

em que emoldurava seu rosto, as mechas que emolduravam perfeitamente suas características élficas. Não fazia nada para subtrair a delicadeza de seu aspecto.

— Por que me força a permanecer aqui? — Perguntou ela, sua irritação anterior ameaçando voltar. — Por que Wolfe não te pediu ir lá? Por que não veio ele em vez de mim?

— É só uma semana, Faith. — Recordou-lhe. — Estivemos seis anos separados. Anos perdidos, como estou começando a suspeitar. Desta vez, deixe que nos familiarizemos o um com o outro. — Ele olhou como ela inspirava profundamente. Ela girou seu olhar para ele, com seus lábios úmidos e tentadores enquanto movia sua língua sobre eles nervosa.

— Preciso de roupas — disse-lhe firmemente enquanto se andava ao outro lado do quarto. — Hawke foi o bastante agradável para perder minha bagagem há quase uma semana. Ele levava as mudas de roupa. E as enviou para longe. — As roupas eram importantes, mas havia algo mais que necessitava, pensou ele. — Me encarregarei disso. — Prometeu-lhe. — Precisa de alguma outra coisa?

Ela suspirou outra vez.

— A loção, mas duvido que aqui tenham da minha marca. Poderia matar ao Hawke por perder minha bagagem. Sabia que era melhor não confiar. — Jacob franziu o cenho. Ela parecia melancólica. Estas eram as mudanças de humor às que Wolfe tinha se referido? Maldição, era desconcertante.

— Acredito que vi várias marcas de loção no armário, nos banheiros. — Ele encolheu os ombros. Sabia que sua marca estava ali. A irmã de Caleb também a preferia. — Dê uma olhada quando subir ao quarto esta noite, e veja quais tem aqui. Meu amigo utiliza a casa para as reuniões.

Ela deu uma volta ao redor da sala. Seus olhos romperam seu coração. Eram sombrios, tristes.

— Faith? — Ele se moveu lentamente para ela. — Não pode me dizer o que é que está havendo? — Um sorriso amargo formou-se em seus lábios quando sua mão se moveu sobre seu pescoço, até seu braço. Ela parecia querer tremer, mas conteve a reação.

— Esperei seis anos por você. — Disse ela suavemente. — Seis longos anos, Jacob. E só agora estou me dando conta de quão tola fui. Com quantas mulheres você estive enquanto eu te esperava, companheiro? Quantas vezes ficou com outra mulher enquanto eu esperava como uma imbecil?

* * * *

Jacob se perguntava se a verdade a surpreenderia. A verdade é que ele tinha decidido, na noite em que ela tinha aparecido no bar, que ele estava cansado de esperar. Sabia que ele era diferente, não era tão suave, tão delicado como ela, e tinha decidido que uma noite de sexo rude era a cura. Mas para ser honesto, em seis anos, não houvera outras mulheres.

Da adolescência à idade adulta, o sexo tinha sido uma dieta diária em sua vida. Não ter que preocupar-se dela tinha sido uma revelação. Até que ele tinha visto Faith outra vez. Até que a mordida aguda, amarga da luxúria tinha conseguido fazer dele sua presa.

— Acreditaria em mim se dissesse que não houve outras mulheres? — perguntou-lhe brandamente. Os olhos dela se arregalaram.

— O que é me está dizendo? — Havia uma faísca de esperança em seu olhar fixo, um brilho de medo.

— Infernos, Faith, você lembra, sabe como eram os laboratórios. — Grunhiu, movendo seus dedos impacientemente através de seu cabelo. — Passaram-se anos antes que conseguisse tirar o fedor daquele lugar de minha cabeça. O sexo era um maldito exercício de treinamento, como um autômato de merda. Não! Infernos, aqui não houve outras mulheres. Não houve tempo. Estou também muito ocupado na luta, e indo ao

encontro desses terríveis lugares que os cientistas chamam laboratórios. Quem tem tempo para foder? — Ele sabia que era sua própria culpa pelo pranto da noite anterior, o que causava sua ira. Mas maldição, era sua culpa dela também.

Ela tinha passado repentinamente de uma mulher raivosa empenhada em romper os ossos, a uma mulher tão suave, tão frágil, que os sonhos sussurravam através do ar ao redor dela. Como uma maldita princesa de conto de fadas. E como se tomava uma princesa de conto de fadas? Ele a desejava quente e suarenta, lisa e molhada, e pedindo-lhe que a enchesse. Supunha-se que as princesas não fizessem isso. Ou sim?

— Lembro de muitas coisas sobre os laboratórios. — Seus lábios estavam apertados quando ela encolheu os ombros firmemente. — Estou cansada. Vou para a cama.

— Ainda não, Faith. — A impaciência lutou com o desejo quando ele se moveu para detê-la. Ele não a deixaria fugir assim tão fácil. Apanhou-a quando ela fez menção de caminhar para o quarto, seu braço apertando-a ao redor da cintura quando lhe deu a volta, pressionando seu corpo tenso contra a parede, ao lado do batente da porta, enquanto olhava a surpresa em seu rosto. As mãos suaves apoiadas contra seu amplo peito, seus dedos magros tremiam sobre o tecido de sua camisa.

— Há coisas que lembro também. — Disse, surpreso pela qualidade áspera de sua voz. — Coisas que despertam na escuridão da noite, enquanto meu pau pulsa. Exige a minha companheira. Se estava equivocado sobre sua necessidade de crescer primeiro, depois posso aceitar isto. Mas não permitirei que me odeie por minha necessidade de te proteger.

— Onde me protegeu, Jacob? — Gritou ela, embora ele pudesse sentir seu corpo abrandar-se, cheirar seu desejo por ele crescendo. — Precisei de você. Precisava estar com você, e você nunca veio me buscar. Nunca chamou para que eu viesse ficar com você. Não estaria aqui agora se Wolfe não o tivesse exigido.

— Mas está aqui — Seus dedos enredaram em seu cabelo curto quando ele puxou sua cabeça. — E maldito seja eu, se te deixo ir.

A luxúria, densa e quente se formou em redemoinhos no ar ao redor dele. O aroma de sua necessidade doce e feminina era como um afrodisíaco, enlouquecendo-o. Os lábios de Jacob cobriram os seus, a língua empurrava em sua boca para reclamar sua posse. Ela gemeu contra ele. Um choramingo, um som necessitado que fez seu corpo estalar em chamas.

Ele sentia o corpo feminino relaxar-se contra ele, tão delicado e pequeno, quando as mãos agarraram seus ombros, suas unhas arranhando através do tecido de sua camisa, cravando em sua pele. O fogo queimou os nervos de seu corpo quando ele a puxou mais perto de si, os lábios a devoraram.

Ele não conseguia o bastante dela. Seu gosto doce, sua paixão ardente. Seus lábios eram ardentes, a língua uma sacudida de eletricidade, e quando seus lábios se aproximaram dele, utilizando a língua, aliviando a pulsação nas glândulas inchadas ao lado de suas bochechas, ele quase gozou dentro de suas calças jeans.

Seu membro pulsou, palpitou, até que ele agarrou seus quadris, levantando-a mais próxima da dura ereção contra o monte quente de seu clitóris. Ele a apoiou entre a porta e seu corpo, seus quadris pressionaram contra ela, inclinando-se, esfregando ligeiramente o sensível ponto nas calças jeans que cobriam as dobras de seu sexo. Desejava arrancar as calças de seu corpo, levantá-la mais perto e empurrar duro e profundo no canal ardente que o esperava. Desejava devorá-la. Arrasá-la. Ele desejava seus lábios e mãos em todas e cada uma das partes de seu corpo imediatamente.

— Demônios — amaldiçoou atraindo-a com um puxão, afastando os lábios dos dela, só para movê-los ao longo de sua bochecha e seu pescoço. — É como o fogo, Faith. O fogo e o relâmpago, e está me queimando vivo.

Ambos morriam pelo ar agora, respirando juntos, como um só.

— Jacob. — O som de sua voz trêmula, carregado com igual parte pelo medo e o desejo, açoitavam seu corpo com uma onda de sensações que o faziam lutar para respirar.

Ele poderia sentir os músculos que tremiam quando lutou para controlar-se, freando sua necessidade dela, que alcançava um topo que nunca soubera que existisse. Ela era quente e doce, e era dele. Sua companheira. Sua mulher. Jacob permitiu que seus lábios se movessem com beijos rápidos, vorazes, e movimentou a língua ao longo de seu pescoço, inundando debaixo da linha de sua camisa enquanto ela se esfregava contra ele. Amava a maneira em que seu corpo se arqueava contra ele, a inclinação de seu pescoço, lhe dando um acesso melhor, seus seios que se apoiavam contra seu peito enquanto ela lutava para respirar.

Ele poderia sentir os pontos de referência de seus mamilos que se queimavam em sua carne, enchendo sua boca de água em seu desejo por prová-los.

Uma mão se moveu por seus quadris enquanto ele tirou a camisa da cintura das calças dela. Sua mão se moveu debaixo do tecido, esfregando ligeiramente a pele, tão suavemente, que ele se estremeceu de temor.

— Desejo-te. — Grunhiu ele em seu pescoço, com a mão empalmada ao redor de seu seio, seus dedos dando um toque à curva de seu peito inchado, seus lábios doloridos por esfregá-la ligeiramente, alternadamente. — Desejo-te agora, Faith. — Ele ouviu seu gemido, quando ela se esticou, esforçando-se pelo controle. Ela apoiou as mãos em seus ombros firmemente, sua respiração estremecida lhe chegou através de seu corpo. — Agora — sussurrou ele outra vez. — Você é minha. Sabe tão bem como eu. Minha Faith. — Não esperou que ela se afastasse dele. Não contava com a onda de força que lhe daria o ímpeto necessário para afastar-se de um empurrão de seus braços, tropeçando, fraca, enquanto punha vários metros entre eles.

Os olhos de Jacob se estreitaram, seus punhos se apertaram quando olhou os montes inchados, duros e inclinados de seus seios que se moviam rapidamente debaixo de sua fina camisa.

— Por que agora? — Ela gritou, seus olhos escuros brilhavam com a emoção. — Por que agora me deseja, quando não o fez em seis anos? — Jacob se deteve brevemente, franzindo o cenho.

— Sempre te desejei Faith. — Ele sacudiu a cabeça, confuso com sua cólera. — Não há razão para isso.

— Oh, realmente? — Gritou sarcasticamente. — Que divertido, Jacob, estive me perguntando isso durante anos. Talvez porque nunca vi a prova desse desejo que você sente repentinamente por mim.

Jacob deu um grunhido de frustração. Seu membro estava inchado, seu desejo era exigente, o sangue bombeava através de suas veias, seu desejo por sua carne era implacável, e era mais que óbvio que ela era justamente quem o tinha despertado. Contudo, ela estava parada ali, discutindo com ele, em vez de escolher saciar a necessidade? Importava? Ele se passou os dedos por seu cabelo com irritação.

— Podemos compensar o tempo que perdemos Faith, se parasse de discutir comigo o tempo suficiente para isso. — Ele desejava saber acalmá-la, como aplacar a dor que cintilava em seus olhos. Tinha a sensação de que sua declaração somente tinha feito a situação pior.

CAPÍTULO 8

Faith sacudiu a cabeça.

— Às vezes, Jacob, — disse-lhe ela amargamente — os homens são tão estúpidos. — Ela saiu do quarto, subindo as escadas e saindo fora de sua vista.

— Merda! — Amaldiçoou ele, perguntando-se se ia atrás dela para lhe dizer qualquer maldita coisa que ela quisesse que dissesse.

Começou a passear pela sala depois de que ela se foi, lutando contra a necessidade de ir para ela, de forçá-la admitir que o desejava. Então olhou a seu redor, grunhindo impaciente. Como poderia saber lidar com esta mulher? Quando tinha desenvolvido tal teimosia, tal gênio?

Despertava o inferno nele, e o confundia ao extremo, fazendo-o ter o impulso de dominá-la, de montá-la, quase incontrolavelmente.

Seu membro palpitava impacientemente debaixo de suas calças, recordando-o energicamente que sua companheira estava ali. *“Ela agora está aqui, homem. Faça-o enquanto ainda esteja quente. Mostre que é o chefe. Agora, vá!”*. Maldito membro.

Ele sacudiu a sua cabeça, quase rindo de seus próprios pensamentos. Ela o levava à loucura. Estava certo que era o que necessitava, uma mulher louca cuja demência era contagiosa. Droga. Respirando asperamente, grunhiu uma maldição antes de decidir que sua melhor linha de conduta seria ir-se à cama. Vá dormir. Esqueça que ela esta em casa. Sim. Como se isso fosse acontecer.

Ele subiu as escadas, com essa intenção somente. E assegurou a si mesmo que isso era o que teria feito se os sons suaves, silenciosos e o aroma leve do zelo e da excitação não o tivessem golpeado no minuto que caminhou perto da porta de seu dormitório. Jacob caminhou silenciosamente para o dormitório, enfeitiçado pela vista que se revelou a seus olhos.

Ela estava deitada de costas, a cabeça arqueada para trás na almofadinha, os seios inchados e duros, com as coxas abertas e seus dedos magros movendo-se desesperadamente sobre as dobras molhadas de seu sexo.

Seus dedos escorregaram através da fenda estreita, brandamente, ela ofegava lentamente quando empurravam em sua vagina. Sua respiração se acelerou, áspera, quando se retiraram e voltaram para seu clitóris enquanto ofegava em luxúria necessitada. Os lábios internos reluziam com seu orvalho. Era tão escorregadio, agarrou-se em seus dedos, reluzente em suas coxas internas, e o aroma doce enviou a seu membro uma necessidade que ardia. Ele lambeu os lábios, os olhos fixos em sua mão, seu corpo que se esticava em gritos desiguais, quase silenciosos. Apertando seus dentes, amaldiçoando seu membro, caminhou para ela.

* * * * *

Os olhos se fecharam, seu lábio inferior ficou preso entre seus dentes para segurar os gritos, Faith moveu os dedos sobre seu clitóris inchado, o corpo estremecendo ante a deliciosa sensação; suas pernas se apertavam enquanto sentia a tensão acumular-se em seu clitóris e em sua vagina. O zelo assinalou por meio de lampejos que corriam através de seu sexo, seu estômago, suas veias. O sangue chamuscou pelo corpo, golpeando áspera e ruidosamente em sua cabeça quando ela esfregou ligeiramente o suave nó, lutando pelo orgasmo. Os dedos da outra mão beliscavam o mamilo de um seio.

De olhos fechados, imaginava-o tal como ela queria que ele fosse. Sua fronte dura, selvagem, desenhando dentro de linhas do prazer. Ela imaginava seus lábios nas dobras lisas de seu clitóris, melhor que os dedos. Sua língua lambendo-a, cobrindo-a. Seus quadris movendo-se freneticamente em resposta, num movimento em que as sensações relampejavam, viajando através de seu corpo desde sua vagina contraída. Ela respirava dura e pesadamente, sua necessidade elevando-se por segundos, e ainda não conseguira chegar a nenhum orgasmo.

Ela desejou gritar de dor. Como faria para agüentar o prazer/agonia de tal excitação? Seus seios estavam inchados, as pontas dos mamilos ardiam pela deliciosa sensação. Sua carne estava sensível, o corpo coberto de suor. Seu clitóris palpitou, pulsando, quando seus dedos se moveram mais rapidamente em seu clitóris dolorido. Gemeu. Não poderia aliviar-se. O desespero percorria seu corpo, como nunca antes. A

excitação era como uma besta voraz que estava à espreita apenas sob superfície, gritando para estar livre. Fato que não importava quando era mais jovem, mas que agora era imperativo.

Ela arqueou seus próprios dedos, que esfregavam ligeiramente, ofegando, o nome de Jacob finalmente saindo de seus lábios, quando as lágrimas brotaram de seus olhos. Necessitava-o, necessitava-o desesperadamente.

— Faith — Ela ouviu sua voz como tinha sido naquela noite nos laboratórios, profunda e sombria, ressonando com energia e excitação. Um fragmento de sua imaginação. Quantas vezes ela o tinha ouvido antes? Quantas vezes a voz dele a enviara à beira do clímax, satisfazendo-a não totalmente, mas o suficiente para fazer suas necessidades mais suportáveis?

— Agora — ela sussurrou, a cabeça se sacudindo na cama, os quadris se arqueando, sua palpitante necessidade corria através de sua circulação sanguínea com a força de uma onda de maré.

Então seus dedos foram detidos. Não por sua própria opção, mas sim pela força de uma grande mão masculina que a sujeitava. Os olhos de Faith se abriram com horror, arregalando-se quando viu Jacob parado sobre ela, a compaixão refletida em seus olhos, a tentativa de seu membro, que estava duro e pesado em seu corpo.

Ele a encheria. Ela gemeu, mordendo o lábio em agonia, envergonhada, enquanto puxava a mão para se soltar de se aperto e se mexia para saltar da cama. Tinha que conseguir afastar-se dele. Não poderia resistir se visse compaixão em seus olhos. Gritou silenciosamente pelo destino, pelas circunstâncias cruéis, a miséria de seu próprio corpo e pelo desejo que enchia seus flancos com um inferno de luxúria.

— Não, Faith. — Sua voz era dura, grossa, quando seu braço agarrou-a ao redor da cintura, arrastando-a ao longo de seu corpo quando ele se ajoelhou na cama. Como um eixo de aço ardente, seu membro foi amortecido contra a parte detrás do corpo dela.

— Deixe-me ir. — Sentia-se estrangulada, ofegando pelo ar quando seu toque lhe enviou tal incrível prazer, esquentado tanto seu corpo que ela teve que lutar para respirar com ele. Agarrou com as mãos o pulso a seu lado, puxando-o, tentando afastá-lo dela. Tinha que fugir dele. Humilhar-se à sua frente, duas vezes no curso da vida, era muito difícil de superar. Ela cravou os dentes em seu pulso, sentindo as lágrimas umedecerem suas bochechas e se odiou por isso. Odiava a debilidade que atravessava seu corpo, a necessidade desesperada para inclinar-se para frente, oferecendo-se a ele, pedindo que a montasse, para tomá-la com sua palpitante força, seu corpo gritava.

— Deixá-la ir? — Ele sussurrou em seu ouvido, com um tom divertido em sua voz que rasgava seu coração. — Não penso assim, amor. Quando começou a me considerar um imbecil?

— Sinto muito — ofegou ela, sua cabeça caiu para detrás, sobre o peito masculino quando a outra mão dele encaixou-se em seu seio, e os dedos tocaram o ponto túrgido de um mamilo, beliscando-o ligeiramente.

A debilidade a atravessou. Ela se arqueou com uma dor minúscula, necessitando mais, mas se decidiu a levar a cabo a súplica dentro. A vergonha furiosa e a luxúria lutaram em seu interior pela supremacia. Desejava pedir que a deixasse ir, desejava exigir que a tomasse no esquecimento.

— Sente o que? — ele sussurrou em seu ouvido, com sua boca escorregando em volta da pequena marca que ele deixara em seu pescoço ano antes. Ele lambeu a ferida que ele mesmo fizera.

Faith tremeu. Tão bem, sentia-se tão bem. Sua carne zumbiu, eletrificada, quando a língua áspera raspou sobre a área. Faith se sacudiu em seu aperto, odiando a debilidade de seu próprio corpo, a força de seu controle constante detrás dela.

— Jacob — Sua voz soou estrangulada enquanto sentia que a transpiração deslizava por sua pele. O zelo ardeu através de seu corpo, esfregando ligeiramente o vulcão que estava a ponto de explodir dentro de seu sexo.

— Deveria ver quão bonita que está agora, Faith — sussurrou em seu pescoço. — Sua cabeça tombada para trás, seus seios inchados e tão firmes. Seu clitóris que reluz com todo o doce suco. — Como ele poderia ver isso? Seus olhos cintilaram e se abriram enquanto lutava para levantar sua cabeça.

Ela solucionou imediatamente a incógnita ao ver o reflexo deles através do espelho. Viu o desespero em seu próprio reflexo e lutou para sossegar os gritos que emanavam de seu peito. Ela não desejava isso. Não desejava que Jacob se compadecesse pela excitação incontrolável contra a qual ela não podia lutar.

— Sabe o que vou fazer? — Seus olhos olharam nos seus no espelho, brilhando intensamente, a cor de aço azulado que ardia com o zelo. — Vou comer todo esse xarope doce de seu corpo, Faith. Lembro-me bem a delícia, e quão quente é seu bonito clitóris.

Ela tremeu violentamente. Ofegava somente para aspirar o ar, estava além de qualquer discurso coerente. No espelho, com somente a luz da lua cheia para iluminar o dormitório, olhou como sua mão se movia em sua cintura, escorregando para baixo, sobre seu abdômen, como os dedos amplos, escuros se dirigiam inexoravelmente aos lábios reluzentes de seu sexo. Quando a tocou, Faith pensou que não poderia suportá-lo. Seus dedos sussurraram sobre seu clitóris, quase conduzindo-a ao clímax imediato. Se ela pudesse falar, estaria gritando pela perícia de seu companheiro.

Somente choramingava de desespero, arqueando os dedos de seus pés. Olhou no espelho, incapaz de detê-lo, incapaz de acreditar que via seus dedos apartar as nuas dobras e deslizar-se através da pequena fenda da entrada de sua vagina. A respiração de Faith se estrangulava em sua garganta. Não desejava olhar, ver seu próprio êxtase vergonhoso refletido em sua face, a imagem dela desamparada, era mais erótica e mais sensual que algo que ele tivesse conhecido alguma vez.

— Olhe como goza com meu toque, Faith — Disse-lhe ele, com sua voz ofegante, sua própria respiração mais áspera que antes. — Como estão duros seus mamilos, quão suave e molhado é seu sexo. Sinta, Faith. Isso é tudo o que tem que fazer. — Era tudo o que ela podia fazer. Ela se sacudiu entre seus braços, gemendo, quando os dedos rodearam seu mamilo entre eles, beliscando ligeiramente. Então gritou, quando a outra mão se moveu para trás, e os dedos circundaram o inchado seu clitóris com movimentos tortuosamente lentos. — Seu vibrador pode fazer isto por você, Faith? — Perguntou-lhe, com voz sedutora, enquanto os dedos pressionados contra seu clitóris esfregavam-no brandamente. Seu gemido estrangulado era ruidoso no silêncio abafado do quarto. Seus dentes morderam o exterior das coxas onde ela agora pressionava as mãos. Corcoveou contra ele, sentindo a labareda de sensações que se construíram ali antes de elevar-se sobre seu corpo.

— Por favor. Jacob, por favor. — Ela odiou a súplica estrangulada que saiu em erupção de sua garganta. Desdenhando sua debilidade e seu corpo enquanto lutava pelo orgasmo.

— Ainda não, amor. — Os dedos dele moveram-se outra vez, escorregando através dos sucos de seu clitóris até se equilibrarem na entrada faminta da sua vagina. A visão de Faith se obscureceu quando sentiu a inserção de dois amplos dedos no apertado canal.

Ela sentia sua carne estirando-se, sentindo a agonia ardente de uma excitação tão intensa, que só podia gritar para ele. Empurrou-se contra sua mão, contra seus dedos, desesperada por uma penetração mais profunda, mais dura. Precisava de mais, e agora. Podia sentir seus sucos formando-se dentro dela, empapando sua mão, gotejando de suas dobras de carne ultra sensível, assim como seu corpo queimando-se por mais.

— Arde para mim, Faith. — Sua voz soou como um estrondo áspero, uma ordem à qual estava determinado que ela obedecesse. — Não tem porque controlar isto, amor. Deixe-se ir. — Ela se sacudiu em seus braços. Não podia deixar-se ir. Já se tinha humilhado o bastante. Não lhe mostraria o que pouco controle tinha sobre seu próprio corpo.

Então seus dedos se retiraram, só para afundar-se mais fortemente no canal apertado de novo. A parte superior de sua mão pressionou em seu clitóris, apertando contra ela com uma torção aprazível que a destruiu. Faith sabia que era seu grito que rompeu a noite, suas súplicas as que soaram, quando seu corpo gozou em um êxtase que nunca havia sentido antes.

Ela se arqueou contra seus dedos, desesperada por mais, apesar do balanço do clímax sobre seu corpo em ondas. Necessitava que seu membro a preenchesse. Ofegou asperamente quando ele empurrou contra ela; sua voz era áspera quando ele a pediu nessa posição.

— Olhe o espelho! — Pediu-lhe selvagememente. — Olhe, Faith. Encare o homem que te possui. — Suas pupilas estavam dilatadas. Ela se sentia selvagem, insensível, tinha as mãos e os joelhos ante ele, suas nádegas levantadas para ele, deixando seu sexo aberto, em convite, suplicando que o penetrasse.

Faith podia sentir sua excitação como uma besta, rugindo dentro dela, transformando-a, refazendo-a. Tentou-o com os olhos, com as ondulações lentas de seu corpo, desesperada para que a tomasse. Desejava possuir e ser possuída. Desejava o ardor e a força de seu gozo, seu palpitante eixo cravado dentro dela. A mão de Jacob se envolveu ao redor de seu membro, sua grossura incomum parecia ameaçadora, assim como a promessa que havia em seus olhos.

Ele então se moveu para frente, dobrando-se contra ela, cobrindo-a, enquanto alojava a cabeça de seu membro na entrada de seu sexo.

— Jacob. Agora. — Ela se pressionou contra ele, lutando contra a força repentina com que ele segurava seus quadris, com seu corpo muito mais largo, mais alto em cima dela. Seus lábios como plumas em seu ombro.

— Ainda é virgem, Faith? — Grunhiu ele. — Tirou sua própria inocência com aqueles malditos vibradores, ou a barreira continua em seu lugar?

— Não — A respiração soava estrangulada, sua voz débil, desesperada. — Não, Jacob. Juro. — Ela se sentia seus dentes beliscando seu pescoço, sua curvatura até que a boca cobriu a marca.

Suas agudas presas raspavam, arranhando, depois ele a mordeu com força até obter um grito de sua garganta. Ao mesmo tempo, seu membro empurrou dentro do canal apertado de seu corpo, fazendo-a gritar de prazer e dor combinados.

Um musculoso braço estava envolto ao redor de seus quadris para mantê-la no lugar quando seu pênis começou a invadi-la, empurrando através dos músculos apertados e tensos, queimados com as deliciosas sensações que se desenfreavam através de seu corpo. Ele trabalhou a ampla longitude para frente e para trás, seus quadris oscilando contra ela enquanto perfurava mais fundo em seu interior.

Ela poderia sentir seu corpo facilitando sua abertura para o grosso eixo. Seu pênis era ardentemente quente escorregando através da nata que empapava sua vagina.

Penetrando-a com movimentos suaves, prazerosos, ele facilitou seu trabalho no canal ardente dela. Empurrou mais profundo, então retirando-se antes de voltar com outro impulso lento, excitante, até que a prova de sua inocência foi transpassada.

Faith gritou, pedindo clemência. Arqueou-se contra ele, tentando forçar o membro pesado mais longe dentro dela. Necessitava-o agora. Desejava senti-lo movendo-se dentro dela, profundamente e quente, assim como a seus músculos apertar ao redor dele.

Ela o sentiu deter-se brevemente quando ele alcançou a barreira de sua virgindade. Seus olhos se levantaram para seu reflexo no espelho, vendo uma expressão selvagem de satisfação sobre seu rosto.

— Minha — grunhiu, introduzindo-se com um impulso duro. Não havia dor. Havia uma labareda de fogo que cegava, tão intensa que Faith sentia como se seu coração fosse parar.

Ele pulsou em sua vagina, atravessou seu corpo e chamoscou sua carne. Seu sexo foi estirado, preenchido tão apertadamente ao redor de sua ereção que ela poderia sentir cada duro golpe de pulsação no grosso eixo.

Suas presas estavam agarradas em seu pescoço, a língua lambendo a ferida e Faith se sentia incorporar a um torvelinho que ela nunca teria podido prever.

Quando os dentes a deixaram, o zelo a chamoscou. Seu corpo tremeu, o sangue atacou através de suas veias e todo vestígio de controle se rompeu com o incrível clímax que irrompeu em seu corpo. E Jacob não parecia afetado. Ele grunhiu baixo e áspero, e começou um ritmo que levava o duro impulso e o entrar e sair, que a fez gritar por mais.

Seu membro golpeou nela, enorme, insuportavelmente quente, sua carne apertada nela, em espasmos, tentando sujeitar o êxtase e a dureza em seu corpo. O suor gotejou da fronte de Jacob, de seu corpo enquanto agora lutava por seu próprio orgasmo.

Seus quadris bombearam contra suas nádegas, o pênis enterrado dentro da carne lisa, empapada de seu apertado canal, esfregando ligeiramente a malha delicada e sensível, acendendo as sensações que se derramaram sobre seu corpo inteiro. Ela apertou a vagina em torno dele, ouvindo seu gemido, os arranques quentes dentro dela, e ele empurrou, conduzindo-se mais perto, mais duro. Até que Faith sentiu seu corpo dissolver-se.

Seu clímax se rasgou através dela, através de seu sexo e cortou uma trajetória de destruição com o resto de seu corpo.

Ela perdeu a respiração, só conseguia ofegar enquanto se apertava nos braços dele. E então sentiu mais; os olhos abriram-se de alarme enquanto ela ouvia maldição de Jacob. Seu membro aumentava dentro dela, mais grosso, mais profundo, até que seus quadris se moveram de um puxão, um "grosso" incomum parecia ter crescido na ponta dentro estreito canal, agasalhando-se no mais profundo dela. Seu membro saía a ferveras várias vezes quando ele gritou seu nome, com o corpo movendo-se contra ela, acionando múltiplos orgasmos com o duro "nó" cunhado dentro de seu ainda mais apertado sexo, mais quente que antes.

A realidade reduzia-se somente à carne de Jacob cravada dentro dela. Eram somente os impulsos duros, profundos do orgasmo que rasgaram várias vezes através de seu corpo. O zelo e a dureza, a chicotada de prazer e dor, até que ela não pôde fazer nada mais que derrubar-se sob ele, lutando para respirar quando ele a seguiu, sustendo o seu peso nos braços enquanto seus quadris continuavam movendo-se contra suas nádegas, conduzindo o nó duro de aço que tinha crescido em seu membro ainda mais profundamente.

O tempo era um conceito sem sentido, com ela debaixo dele, estremecendo cada vez que ele pulsava dentro dela, cada vez que seus quadris se moviam comem fortes impulsos, com seu membro golpeando em sua carne.

— Jacob — ela sussurrou seu nome em várias ocasiões, a palavra suave, quase sem fôlego; ela duvidava que ele a ouvisse.

Finalmente, com um gemido e um forte estremecimento, ela o sentiu empurrar uma vez mais, seu membro explodindo livremente dentro de sua vagina enquanto se inclinava atrás ela. Ela esperou que ele se estendesse a seu lado.

Tinha pensado que ele a abraçaria. O que não esperava é que ele se separasse de seu corpo e saísse através do quarto. Quando ela se deu a volta rapidamente, surpresa, somente viu seu suor umedecido nas costas enquanto a porta se fechava de repente, furiosamente, em sua marcha.

CAPÍTULO 9

A fúria invadiu Faith. Inflamou todo seu corpo. Tão quente como a paixão, tão destrutiva como um clímax, arrastou-se por dentro dela enquanto as pesadas vibrações da porta que se fechara de repente morriam. O choque a mantivera imóvel, silenciosa, mas a dor que se derramou sobre dela a separou das amarras congeladas de silenciosa incredulidade.

— Você, seu bastardo! — Gritou, ficando de joelhos, os punhos apertados, e lágrimas que caíam por suas bochechas enquanto sentia a umidade de seu corpo, e sua semente que umedecia suas coxas.

Seu corpo ainda ronronava com seu orgasmo, e ele acabava de partir? Ele não podia nem sequer lhe dar um abraço ou algum maldito agradecimento?

Algo percorreu seu peito. Um núcleo oco de esperança que ela tinha mantido, que tinha nutrido sempre. Sonhos escuros, vivos, de Jacob que a abraçava, tocando-a com calor e suavidade, levando a dor, a fria solidão e a miséria que parecia preencher-lá. Ela sentiu que seu coração se rompia, e em seu lugar uma capa dura e fria de fúria o substituiu.

Não sabia o que tinha acontecido, não sabia o que fazer ante sua deserção. Ele acabava de afastar-se. Como se ela não fosse nada, como se ela não significasse nada para ele. De novo, seu próprio desespero, suas necessidades a adoeciam e o amor por ele, o tinham conduzido longe dela. Um soluço irrompeu de sua garganta enquanto saltava da cama e andava a pernas rapidamente ao banheiro para limpar a prova de sua falta de controle. Não era a primeira vez que ele a tinha deixado assim, recordou-se, mas maldito fosse no inferno, seria a última.

Seus dentes apertados se encheram de dor, de enfurecidos gritos. Os sons se entupiram em seu peito, pequenos gemidos sinais de sua difícil respiração, saíam de sua boca, enquanto ela lutava por e para manter seu controle. Para isso ela o esperara durante seis anos, explodiu em silêncio.

Isto era o que tanto tinha sonhado? Não pensava que seria isso. Maldição se ia aceitá-lo. Procurou suas roupas com fúria, seu corpo vibrando de cólera e com uma dor desesperada nascida de outro rechaço por parte de Jacob. Seria o último, prometeu-se.

Enquanto ela saía do quarto, ouviu quebrar-se um cristal, e o eco de uma maldição, escura e violenta.

Ela se mofou com desprezo. O pobre bebê estava alterado? Por quê? Ela queria arrebentar o cristal sobre sua cabeça. Recolheu sua jaqueta da cozinha e se dirigiu para a porta dianteira enquanto acomodava o celular no bolso.

O SUV de Jacob ainda estava ali no meio-fio, esperando-a, com as chaves na ignição. Ao inferno com ele. Maldição se iria de novo à cidade, fora daquele pequeno e sujo buraco. Partiria com estilo e ele poderia sentar seu traseiro ali até que encontrasse outro transporte.

Enquanto saltava no assento do condutor, discou o número da casa de Hawke. Colocou o telefone entre seu ouvido e ombro quando ligou o veículo, contando de cada toque, enquanto punha o veículo em marcha e se dirigia para o portão. Para longe.

Controle remoto, pensou ela; inclinou-se e abriu o porta-luvas. Por sorte, tinha prestado atenção em Jacob na vez anterior quando marcava o código.

Os portões abriram-se suavemente enquanto um grunhido vitorioso escapou de seus lábios.

— O que? — Hawke finalmente respondeu, com voz sonolenta e irritada.

— Me espere no estacionamento daquele maldito bar — gritou. — Eu não vou te buscar. Se não estiver ali, então irei para casa por meus próprios meios.

— Faith? — A surpresa encheu sua voz. — Que infernos estão fazendo? Estava com o Jacob.

— Já me ouviu, Hawke — Gritou. — Logo estarei ali, e você tem uma hora para vir e nos tirar fora deste lugar. Entendeu? — Não lhe deu tempo de responder antes de desligar o telefone.

Limpou a umidade em seu rosto, surpreendentemente as lágrimas ainda emanavam de seus olhos. Por que chorava? Ela deveria ter sabido o que esperar. Sempre soubera, apenas tinha medo de encará-lo. Jacob era o clássico lobo solitário, não a necessitava. Nunca o fez. Sua respiração soou forçada, enfurecendo-a. Maldito, ele a tinha feito gritar. Ele a fizera gritar durante todas essas longas noites, dolorida por ele, mas nunca a tinha empurrado tão desesperadamente a esse ponto.

Conduziu o SUV pela pista, levando-a novamente para dentro da cidade; ali, ela se encontrou desamparadamente perdida em meio aos caminhos traseiros e dos estreitos becos nos que ela conseguiu entrar. Amaldiçoou Jacob, Wolfe e ao maldito telefone que soava ao lado dela.

— O que? — Grunhiu no dispositivo enquanto dava volta ao longo de outro caminho lateral. Houve um pequeno silêncio; muito, para fazê-la franzir o cenho por entre as lágrimas.

— Se não voltar para casa, então pode ser você não goste de muito do que farei assim que conseguir te alcançar, Faith. — Ela nunca tinha ouvido a voz de Jacob tão fria, tão furiosa.

— Agora tampouco estou gostando! — Gritou. — Já fiz meu trabalho, você tem seus papéis, agora eu vou para minha casa!

— Faith, não sairá desta cidade antes que eu te apanhe, amor — grunhiu ele. — E prometo, vai lamentasse ter partido.

— Então me apanhe, filho de uma cadela — Disse ela furiosamente. — Corra Jacob, se quiser me encontrar. Prometo que será você que não ficará contente.

Ela desligou, pressionou seu pé no acelerador e conduziu sobre o caminho principal que conduzia diretamente à cidade. Acelerou o veículo tão rapidamente como se atreveu, conduzindo para o bar. Se Hawke não estivesse ali, jurou-se que o deixaria lá sentado sobre o traseiro.

Ele estava ali, com Danson, parados ao lado de um veículo idêntico ao que ela tinha conduzido. Parou com uma derrapada ao lado deles e esperou impacientemente que Hawke fosse a pernas rapidamente à porta. Ele o fez, abrindo-a e, antes que ela pudesse impedi-lo tirou as chaves, enfrentando-a com fúria.

— O que é que está fazendo? — Ela tentou agarrar as chaves, saltando do veículo quando ele se moveu para trás rapidamente. — Maldito seja, me dê as chaves! Por que infernos está fazendo isso?

— Faith, não pode ir, maldição! — Disse-lhe airadamente. — Acha que passei dois meses que quase arrebatam meu traseiro para conseguir te pôr em forma e te reunir com Jacob, só para que agora te dê a volta e parta? Nunca achei que fosse uma covarde.

Faith se acalmou. Ela sentiu uma sensação desagradável em sua coluna quando enfrentou ao Executor, vendo a determinação em seus olhos azul marinho enquanto a olhava fixamente. Este não era o soldado amistoso, encantado com o qual ela tinha lutado durante dois meses. Este não era seu amigo ou seu sócio. Ele era um Executor, e só respondia à Wolfe e Jacob, antes que a qualquer pessoa.

— Você o chamou — sussurrou ela, desesperada.

— Infernos, sim, chamei. — Ele passou através de seu cabelo negro curto e a olhou fixamente. — Faith, querida, não pode deixá-lo ainda. Sabe disso. Maldição, está tão quente que qualquer casta em um raio de duas milhas poderia lhe seguir. Está colocando em perigo a você e ao grupo.

Ela sacudiu a cabeça desesperadamente.

— Não vivo com o grupo. — Ela deveria sabê-lo, tinha sofrido esse isolamento cada dia de sua vida. — Estou sozinha, Hawke. Tudo somente por uma maldita razão. — Porque o homem que a tinha marcado a abandonara.

— E logo estará sozinha e morta, mulher. — Grunhiu. — Sabe tão bem como eu que por aí fora ainda existem soldados da casta aliados com os comandos. Maldição, o aroma de sua luxúria faria que te violassem antes de te matar. É o que deseja, Faith?

Realmente pensa que com esses vibradores está apagando sua luxúria e o aroma dela? Asseguro-lhe, não é assim.

Faith lutou para respirar. Ela desejava gritar, atacá-lo, feri-lo. Todavia, celebrou ter bastante controle, apenas o suficiente para dar-se conta de que não adiantaria.

— Dê-me as chaves, por favor, Hawke — sussurrou desesperadamente quando ouviu um veículo chegar rápido no estacionamento. — Só me deixe ir para casa. Por favor, Hawke, antes que ele me destrua. — Podia sentir o medo crescer em seu interior. Não estava assustada com Jacob, estava aterrorizada de si mesma. Das demandas de seu corpo, dos desejos, de suas emoções que a rasgavam.

— Faith, sua morte cairá sobre minha cabeça se te deixo ir. — Disse ele brandamente. — Fale sobre isso com Jacob. Vocês resolverão.

— Ele não me quer — gritou quando o farol de uma motocicleta iluminou a área. — Por que infernos me estas fazendo isso? Se tenho ser fodida, por que não o faz você? Demônios, isso não doeria tanto. — Houve silêncio quando as palavras dela golpearam a cada homem. Jacob, que tinha parado e acabava de desligar o motor da motocicleta negra que montava, e Hawke que o olhou fixamente com surpresa.

— Se ele te tocar, Faith, eu o mato. — Sêrio como a morte, e negro como a escuridão, a voz de Jacob ressonou com tensão no estacionamento. Ela encarou-o. Viu a fúria selvagem em sua face quando desceu da motocicleta e avançou para ela lentamente. Grunhiu-lhe, a fúria enchia cada pedaço de seu corpo enquanto se preparava para a luta que viu em sua cara. — Não ainda, amor — prometeu ele. — A menos que queira que te monte aqui, neste estacionamento, com Hawke e Danson como testemunhas.

— Eu te mato primeiro — Gritou ela.

Ele sacudiu sua cabeça, irônico, com a diversão cruzando seu rosto.

— Suba no jipe, Faith. Agora.

— Tente me obrigar. — Ela moveu para trás, longe dele, procurando desesperadamente uma debilidade em sua postura. Não viu nenhuma. Ele se deteve diante de Hawke e estendeu a mão. O bastardo traidor pôs as chaves do SUV na ampla palma. Jacob as meteu em seu bolso, sem deixar de olhá-la.

— Vê essa moto, Hawke? — Jacob perguntou cuidadosamente.

— Agradável e pouca coisa. — Faith disse com desprezo, intimidada pela voz do homem.

— Espero ver-te fora das portas da fazenda esta tarde. Seu trabalho por aqui já terminou.

— Hawke, se me deixar aqui com este sádico filho de uma cadela, te matarei a próxima vez que vir. — Faith mordeu as palavras furiosamente, sua respiração áspera, e o corpo ardente como o inferno, pois seu sexo palpitava com um golpe mais desesperado que o de seu coração. Ela poderia sentir o inchaço de seu clitóris, assinalando a rígida excitação através de seu corpo. Olhou como Jacob inalou brandamente, com seus lábios franzidos peculiarmente. — Eu te odeio. — grunhiu ela brutalmente, seus dedos se apertaram em punhos quando Danson e Hawke se afastaram. — Acaba de assinar sua sentença de morte, Jacob. Assassinarei a esse bastardo traidor assim que dê com ele.

Ele inclinou a cabeça, sua expressão curiosa.

— Faith — disse suavemente. — Carinho, eu nunca te vi tão sanguinária. Está excitada.

Ela tremeu violentamente, à beira de uma explosão de raiva que se disparou através dela.

— Excitada? — Perguntou-lhe com desprezo. — Sinto muito amor, eu não gosto de sua forma de foder. Encontrarei a alguém mais.

— Bem carinho bem, suspeito que só terei que ver se posso fazer melhor na próxima vez. — Ele avançou nela, com seus olhos reduzidos a frestas.

Faith vacilou outra vez, não vendo nenhuma vantagem, nenhuma amostra de debilidade nele. Vestia calças negras, os carregadores, e uma camiseta branca sem mangas que ele tinha enfiado no cinto apertado de suas calças. Não tinha pêlos no corpo para danificar a perfeição de seu corpo musculoso. Nada para amortecer o brilho bronzeado do sol em músculos flexionados e em um corpo preparado para rebater qualquer movimento que ela fizesse.

— Não te desejo — assegurou ela asperamente.

— Seu corpo está desesperado por mim — argüiu ele. — Posso cheirá-lo, Faith, doce e quente, tão condenadamente excitante que faz minha boca aguar com a necessidade de te provar.

— E você pensa que estou tão desesperada assim para te deixar me tocar outra vez? — Perguntou aos gritos. — Não penso assim, Jacob. Preferiria morrer.

Encarou-o fixamente quando ele se deteve ante ela, ficando quieta, forçando-se a relaxar-se. Ele a olhou durante longos instantes, e ela não ocultou a fúria, ou a dor clamorosa em sua expressão.

— Faith — sua voz foi gentil, assim como a mão que se elevou para tocar seu rosto. Por instinto, o canto de sua palma se fechou de repente no estômago dele quando ela se torceu, agachando-se sob seu braço, o pé golpeando a parte posterior de seu joelho enquanto dava um duro golpe a seu ombro.

Ela o escutou amaldiçoar, mas não volteou para vê-lo recuperar-se. Com uma explosão de velocidade e de desespero, ela se dirigiu para a beira da selva. Se não podia derrotá-lo, então possivelmente... Só possivelmente ela poderia enganá-lo.

Ele a agarrou assim que ela transpassou o perímetro da selva. Seus braços rodearam sua cintura, arrastando-a de costas contra o corpo duro, as pernas se apoiaram apartadas para afastar-se da energia das patadas se desesperados que ela lhe dirigia. Suas mãos agarraram as dela, torcendo-as para os lados enquanto a sustentava com segurança contra seu peito, mantendo-a quieta.

— Eu deveria te foder aqui e agora — disse, entre dentes, contra seu ouvido. — Deveria abrir seus joelhos e rasgar essas suas calças e te foder agora, e Faith, juro que o faria se não me aterrorizasse que estando dentro de ti, poderia conseguir que nos matassem.

Ambos respiravam com dificuldade agora. Ela poderia sentir o batimento de seu coração fazer um ruído surdo detrás dela, e ela sentia o golpear duro e desesperado em no peito. Seus seios se elevaram e caíram com fôlegos curtos e ofegantes, mas não era do esforço. Podia sentir a luxúria ziguezagueando através de seu corpo, convertendo seu sexo em fogo líquido. Sentia também sua ereção contra o traseiro, pressionando contra ela, quente e palpitando inclusive com as capas de sua roupa.

— Outra foda rápida para que possa te afastar de mim com repugnância depois. — Gritou ela, lutando contra seu aperto, contra o calor que seu toque evocava. — Não obrigado, Jacob, duas vezes no curso de uma vida foram suficientes.

Então ela gritou com fúria quando ele rapidamente a girou, tomando-a entre os braços, sacudindo-a sobre seu ombro enquanto ele sustentava suas pernas firmemente em seu peito. Ela abriu sua boca para morder os músculos de seu traseiro, quando um duro golpe ressoou em seu traseiro e a fez gritar ainda mais.

— Me morda e açoitarei seu bonito traseiro quando voltarmos para casa. — Advertiu ele. — Agora comporte-se. — Ele cobriu a distância do estacionamento rapidamente, suas largas pernas que se moviam deliberadamente, seu traseiro apertado atrativamente, debaixo de sua cabeça pendurada. Infernos, nada em seu corpo deveria ser atrativo para ela agora.

— Entre — Baixou-a diante da porta de passageiro quando a abriu com um puxão. — E se escapar eu prometo, Faith, que o lamentará.

Um impulso firme em seu ombro fez saltar furiosamente no assento, a cólera rolando sobre dela. Seu corpo se sacudiu com ela, com o desejo de saltar, para lhe

machucar. Ele fechou de repente a porta e foi rapidamente ao outro lado enquanto procurava as chaves no bolso de suas calças.

Abriu de um puxão sua porta e saltou dentro. Um segundo depois o motor rugiu e o jipe saiu da luz do estacionamento enquanto o amanhecer iniciou seu gentil despertar.

CAPITULO 10

A jaqueta negra, calças e camiseta estavam em um monte sujo no chão quando Jacob andou em seu dormitório mais tarde, naquela manhã. Ele podia ouvir a água da ducha correndo no quarto ao e o som de Faith, que murmurava furiosamente.

Maldição, ele nunca a tinha visto tão zangada antes. Com as bochechas avermelhadas, os olhos intensamente brilhantes de raiva, e seus lábios retirando-se em um grunhido, mostrando suas pequenas presas coquetes, seu corpo se enrijeceu com tal urgência que o sobressaltou. Ele desejara jogá-la ao chão naquele sujo estacionamento e forçá-la à submissão sem atraso. E quanto mais zangada estava ela, mais quente estava.

O aroma de sua excitação se envolvera ao redor dele tão abafado e quente como a selva.

— Filho de cadela, me obrigando, me ordenando retornar, me fodendo e partindo...

— A água salpicava com fúria como acompanhamento à sua voz zangada.

Ele recolheu as roupas do chão silenciosamente, e pôs o curto vestido que ele tinha tomado emprestado da irmã de Caleb na cama. Faith parecia ser da mesma medida, assim estava seguro de que ficaria bem. Caleb Sanchez possuía a casa, mas a utilizava raramente. Sua irmã, Catherine, usava-a a metade do ano e tinha roupa guardada ali todo o tempo. Ele tinha escolhido vários conjuntos, assim como roupa de baixo, que ainda tinha as etiquetas de compra nelas. Duvidou que Catherine sentisse falta delas.

— Bastardo obstinado! — Ele fez uma careta ao notar sua raiva estrangulada.

Ela não estava acalmada absolutamente. Maldição, se Wolfe tinha razão. Ela era mais harmônica e necessidade agora que bom senso. E ele não tinha sido de muita ajuda.

Correu os dedos pelos cabelos com irritação. Ficara em choque. Não havia outra maneira de descrevê-lo, nenhuma desculpa para isso. O prazer luxurioso o chamuscava e se cravou sobre ele, fazendo com que seu membro se inchasse ainda mais, e o orgasmo que explodiu através de seu corpo quando ele se introduziu dentro dela, tinha sido mais do que ele poderia controlar. Francamente, tinha-o aterrorizado. Nunca tinha experimentado nada assim.

Ao chegar a seu clímax, tinha perdido o controle com Faith. Não estava seguro de como tinha acontecido. Olhando-a naquele maldito espelho, sua cara era uma máscara de desespero e de necessidade, sentindo seu sexo tão quente e liso, cheirando sua excitação como uma potente droga que se envolvia ao redor dele, perdeu-se.

Ele sacudiu a roupa no que estava dentro do armário, recordando a si mesmo de jogar essas malditas coisas longe. Estavam rasgadas e sujas, e levavam rastros do aroma do Hawke. Ele não desejava nenhum aroma de nenhum homem unido ao de Faith. Quando terminassem, seu corpo estaria tão infundido de seu aroma, de sua necessidade, de sua posse, que nenhum outro homem se atreveria a tentar tocá-la.

Ele deixou o dormitório quando a ouviu sair da banheira. Não estava preparado para outra confrontação com ela. Seus instintos o empurravam a forçar sua submissão a ele, a vê-la ajoelhar-se ante ele, não mais lutando contra ele. Seu membro se apertou com o pensamento. Recordou a noite no laboratório, a maneira em que sua entrada

anal se abriu para ele, lhe permitindo afundar-se dentro dela, possuí-la da maneira mais primitiva.

Até a noite anterior, Jacob não tinha realizado nada como isso tão próximo realmente ao lado animal de seu DNA. O treinamento sexual nos laboratórios, as mulheres, as drogas, nada disso tinha produzido tal reação nele. Certamente teria que agradecer ao Wolfe por mencionar este pequeno fenômeno.

* * * * *

— Que infernos fez com minha roupa? — Jacob voltou-se ao ouvir essa pergunta e perdeu qualquer outro pensamento que ele tivesse podido ter e lhe responder. O suave vestido de seda branco se agarrava a seus seios fartos, acentuando sua estreita cintura e marcando seus quadris, para depois cair suavemente sobre as coxas. Era uma seda flexível, que sustentava seus seios sedutoramente em frágeis montes, saindo das curvas superiores tentadoramente descobertas e dando a sua pele o tom delicado e resplandecente do cetim. Mas o que o surpreendeu mais foram os saltos altos que ela tinha conseguido. Um par de sapatos brancos, com saltos de três polegadas com os que ela se movia naturalmente, de forma elegante.

Esta não era sua Faith. Esta era uma tentadora, uma sedutora.

— Não te dei os sapatos. — Sentiu a necessidade de dizer. E ele estava seguro como o inferno de que não teria escolhido os sapatos que transformavam suas pernas em uma obra de arte entre a qual somente desejava separar e deslizar-se. Aliás, desde quando tinha tido esse vestido com o que se apresentou ante ele? Ele estava seguro que não era o mesmo que havia lhe dado. — Onde os encontrou.

— No mesmo lugar onde consegui o vestido — ela ficou rígida. — Não sou uma menina, Jacob, e me recuso a usar algo que me faz parecer uma maldita adolescente. Agora me responda, onde estão minhas calças jeans? Não sei quem vive aqui, mas não possuí um só par. — Jacob desejou sacudir a cabeça, tentando limpar a névoa de luxúria que se elevava dentro dele. Esses seios iriam matá-lo. E rogou a Deus que ela não decidisse virar. Tinha a sensação de que o vestido abraçava seu doce traseiro com amor.

— O vestido que te deixei estava muito bem — resmungou ele, voltando-se para a sopa que estava cozinhando, ante a excitada névoa de confusão que crescia em sua mente.

— Tinha pelo menos vinte anos e era tão antiquado que não prestava. — Respondeu ela secamente. — Se for pedir emprestada roupa para mim, pelo menos, pede algo decente.

— Você não usa roupa como esta — disse entre dentes. — Só usa calças jeans.

Maldição, o pensamento de que outros homens a vissem assim vestida, fez com que sua visão se cobrisse com uma furiosa névoa vermelha.

— Sim. Certo, Jacob, se é nisso que deseja acreditar. — Murmurou ela atrás dele. — E então, onde estão minhas calças jeans?

— No lixo — grunhiu, mexendo a sopa. — Estavam repugnantes, rasgados e seu aroma me ofendeu. — Quando ela não disse nada, ele a encarou. Deus do céu, ia terminar por tomá-la em cima da mesa da cozinha! Suas sobranceiras se franziram sobre os olhos zangados, os braços estavam dobrados debaixo dos seios, pressionando-os para cima, em uma tentação dificilmente de ignorar. E essas pernas. Ele desejou envolvê-las ao redor de sua cintura, sustentando-a apertada enquanto ele a penetrava entre alaridos orgásticos.

— Está começando a me irritar. — Sua voz era tranqüila, uniforme, a pesar do fogo em seus olhos, e a óbvia excitação em seu corpo. E despertava, sabia.

— Sente-se e coma. Esta cansada e faminta, por isso está tão irritada. Pode descansar depois de almoço. — Ele serviu a sopa nas tigelas, e a deixou com dois sanduíches de presunto grossos na mesa situada no centro da cozinha.

— Estou irritada porque está sendo uma você pica casta masculina, mandona e irracional. — grunhiu, mas ela tomou assento de todos os modos.

— Está irritada porque está faminta, quente, e sonolenta, e tratarei de cada problema nessa ordem. — Ele se sentou, cheio de exasperação.

Ela o olhou fixamente, os olhos entrecerrados, a expressão cheia de teimosia, o que fez imediatamente com que ele desejasse forçá-la a admitir cada ponto.

— Tem razão. — Ela o surpreendeu. — Está me olhando como se pudesse conseguir também me "utilizar" enquanto está me forçando a permanecer aqui. Não tenho nenhum problema em comer sua comida, ou dormir nesta casa, mas retorcerei sua franga se tentar me tocar.

Jacob teve que refrear sua risada afogada e seu impulso imediato de lhe demonstrar outra coisa. Ela não esperou sua resposta, mas levantou o sanduíche e o mordeu, faminta. Jacob se dedicou a seu próprio alimento, mas olhando-a cuidadosamente para estar seguro de que ela tinha acabado. Uma das preocupações principais de Wolfe era o peso que ela tinha perdido nos últimos meses. E tinha perdido uma quantidade considerável. Não era pele e ossos, mas parecia muito delicada, muito frágil para suportar a selvagem necessidade que pulsava através dele. Por sorte, ela acabou a comida. Depois de comer, ela levou seu prato, a tigela e o copo vazio do leite a pia e começou a procurar nos gabinetes.

Ele a olhou durante vários momentos, curioso quanto a suas intenções.

— O que está procurando? — Ele se inclinou para trás em sua cadeira, incapaz de apartar seus olhos das curvas arredondadas de seu traseiro tentador. O maneo e a flexão da carne arredondada o faziam apertar suas mãos em punhos para evitar tocá-la.

— Café — murmurou. — Onde infernos guarda o café?

— Não tenho café. — Ele encolheu os ombros. É obvio, Caleb guardava um pote à mão, mas estava no armário dos fornecimentos em vez dos gabinetes. Ela voltou-se para ele com os olhos arregalados pela surpresa.

— Você não bebe café? O que você é, um extraterrestre? Peça um para mim. Agora.

Que lindo. Seus olhos ficaram redondos em sinal de angústia, e ele poderia jurar que empalideceu realmente um pouco. Amor de meu coração, era definitivamente uma viciada.

— A cafeína não é boa para seu sistema agora, Faith. — disse-lhe pacientemente. — Nem tampouco o álcool, já que falamos nisso. Vai ter que olhar o que bebe e come durante as próximas semanas—.

Ela se endireitou até alcançar sua altura completa, franzindo as sobrancelhas enquanto ia à porta do refrigerador e a abria de um puxão. Ele sabia que não havia nada de cerveja ali. Tinha conseguido livrar-se dela há horas atrás. Ela fechou a porta lentamente.

— Tem cinco minutos para chamar a alguém, qualquer pessoa, não me importa quem, e pedir a mescla mais fina de café que este buraco de ratos tenha e uma dúzia de cervejas. Se não estiver nesta mesa em... — um magro dedo o apontou furiosamente —... em uma hora, você é um homem morto.

Ela parecia realmente séria. Jacob se inclinou em sua cadeira, olhando-a com cautela.

— Faith, não vou trazer café ou álcool a esta casa por um tempo, e nenhum dos dois é bom para você. Estou te dizendo que, agora, seu sistema não pode suportá-lo. — Ele cruzou os braços sobre o peito e esperou para ver o que ela faria. Seus lábios se franziram, a cara avermelhou enquanto a cólera alagava seu sistema. Cólera e luxúria. Como se o calor de sua fúria fizesse subir o da luxúria mais alto. Maldição, ele adorava seu aroma. Os seios se levantaram sobre o seu decote enquanto inspirava profundamente. Sua cabeça se elevou, endireitando os ombros, então ela saiu do quarto. Isso não era um bom sinal. — Maldição Faith — grunhiu ele, saltando da mesa e saindo atrás dela enquanto se dirigia ao vestíbulo e ia para a porta dianteira. — Volta aqui!

Ele a agarrou a meio caminho do hall, a mão sujeitando seu braço enquanto a agarrava para freá-la. Ela se deteve facilmente. O tempo suficiente para alcançá-lo e mordê-lo.

— Filha de uma cadela! — gritou, saltando para trás, enquanto via seu braço, logo à mulher que tinha rechaçado morder a qualquer pessoa em qualquer momento durante o treinamento. Ele estava sangrando! Duas punções perfeitas danificavam a pele de seu braço e exsudavam uma pequena quantidade de sangue. Maldição, ele era parcial quanto a seu sangue e em geral preferia mantê-la dentro de seu corpo.

Ela não parecia surpresa ou sobressaltada por suas próprias ações. Encarou-o fixamente, os olhos escuros brilhavam de fúria e as bochechas estavam avermelhadas.

— Quero meu café, e minha cerveja. Você pode ser tão asno como deseja ser, e pode me manter aqui até que o inferno se congele, mas há algumas coisas sem as quais me recuso a viver. E enquanto estiver mandando buscar o que te pedi, consegue qualquer conexão de Internet nesta pestilenta selva que tem e me peça um vibrador. Quero-o de sete polegadas de comprimento, três polegadas de diâmetro e bateria de D. Use esse ineficaz cérebro masculino e compre também uma bola que vibre também. Preferivelmente, branca. Não vou permanecer aqui sem minhas necessidades.

Jacob a olhou fixamente com incredulidade. Seu olhar fixo foi ao seu braço, então de novo a ela outra vez.

— Você me mordeu, Faith — grunhiu, ignorando suas demandas.

— E te morderei outra vez — assegurou-lhe ferozmente. — Não me manipule, Jacob. Este não é o trato, e contrariamente ao que pensa, não vou te reconhecer como meu companheiro. Os companheiros não se abandonam. Não vão embora depois do sexo, e não acabam com os poucos prazeres que sua vida tem que oferecer. Ou seja, minha cafeína e minha cerveja. Mas posto que é um asno você pico da casta, pode me prover também de meus vibradores, porque te recuso. — Sua voz se levantou com cada oração. Os seios se elevavam, os olhos brilhavam, e ele sabia que seu sexo estava tão molhado que ele poderia entrar ali e depois atar-se sem problemas.

— Está em zelo, Faith. A cafeína lhe afeta ao contrário, ao igual ao álcool. E precisa de mim, não vibradores de merda — gritou ele em protesto, furioso que ela pensasse que poderia agora negá-lo.

Ela cambaleou apenas o bastante para lhe assegurar que a tinha sobressaltado com eficácia. Olhou-o fixamente, com o medo e o horror cintilando em seus olhos antes que suas feições se cobrissem com uma máscara de fúria dura e fria.

— Então estive em zelo durante seis anos de merda — grunhiu. — E adivinhe Jacob, sobrevivi sem você até então, e o farei agora. Então, peça o que necessito, ou devo dar uma volta nesta pequena e cômoda prisão que estabeleceu, e o encontro eu mesma?

— Ouviu o que acabei de te dizer, companheira? — disse, grunhindo. — Está em zelo de acasalamento. Precisa ser fodida. Com minha semente salpicando dentro de seu sexo apertado. Meu toque, meu gosto. Um vibrador não te fará nenhum bem, e a cafeína e o álcool somente farão os sintomas mais fortes em seu corpo. Não tolerarei esta infantilidade de você. O melhor que pode fazer é se cuidar.

— Minha infantilidade? — perguntou-lhe ela furiosamente. — Quer que te demonstre minha infantilidade, Jacob? Que te demonstre quão infantil posso ser? Melhor que não durma. Melhor que nunca me dê as costas, porque no minuto em que o fizer, eu darei fora daqui. Se não puder roubar um veículo, então caminharei, pedirei carona, o que seja para ir a qualquer lugar, para conseguir o que necessito. E posto que estou malditamente segura de que não há nenhum sexshop em qualquer uma destas cidades infestadas de pulgas onde está enfiado, pode ser que demore um pouco antes que o consiga. Porque terei meus vibradores de merda! — disse gritando a ultima oração.

Jacob piscou, olhando fixamente a aparição em miniatura que parecia possuída por algum demônio vil, horrendo. Como se exorciza uma dependência de cafeína de uma maldita pequena viciada? Maldito no inferno fossem Wolfe e seu traseiro, podia ao menos ter advertido o que esperar.

— Não haverá vibradores nesta casa! — grunhiu indo atrás dela. — Necessita o alívio de me ter dentro de você, companheira. Nada de vibradores. Nada de café, nada de cerveja. — Jacob tinha a sensação de que se demonstrasse a menor debilidade agora, depois não haveria freio a suas demandas. Ela grunhiu, exibindo essas lindas embora pequenas presas depravadas enquanto ia de novo para a porta. — Não. Faith. — Seus braços circundaram os dela, apanhando-os, envolvendo-se ao redor de sua cintura.

Não havia maneira no inferno em que ele chegasse perto de sua boca agora. Pequena viciada sanguinária. Ele pressionou o membro contra seu traseiro quando a levantou contra ele, deu volta e caminhou para a sala. Deixou-a no sofá, e a empurrou para trás quando ela tentou saltar para cima. Ele estava de pé sobre ela, franzindo o cenho, bebendo o doce aroma que vinha de sua vulva deliciosa. Ele a tinha alimentado, agora ia comê-la. Come-la até que ela não pudesse lutar, não pudesse discutir e muito menos ter energia para ir atrás de café, cerveja ou um vibrador de merda.

CAPITULO 11

Jacob estava em cima dela, com seu corpo estirado ao longo do dele, tão largo e quente, com seu corpo de macho enlouquecendo seus sentidos. Ela poderia sentir a longitude ardente de sua ereção quando se colocou sobre ela, suas pernas a cada lado, mantendo-a cativa debaixo dele enquanto sustentava seu peso em nos braços.

O peito duro amorteceu seus seios, seu cabelo que caía adiante, emoldurando as facções selvagens de sua cara.

— Anda, foda-me! — gritou ela furiosamente, odiando a resposta de seu corpo, sua necessidade de sentir a longitude de seu membro que a separava, penetrando-a, só para fazer que ele a abandonasse aos poucos segundos depois de culminar. Ela necessitava mais que só o sexo.

Faith sempre soubera, deu-se conta, de que o que ela necessitava dele, ele não poderia provavelmente proporcionar-lhe. Necessitava que a sustentasse, tocasse-a. Necessitava muito mais que o áspero ato e a deserção posterior. Ela necessitava o êxtase de seu corpo enquanto os tremores do orgasmo a sacudiam. Necessitava sua voz, suavidade e que a tratasse com delicadeza enquanto a abraçava.

Enquanto ele se situava sobre ela, seis anos de fantasias e de amor, sonhando acordada, pulsaram em sua alma, tão brilhante e quente como a luxúria que palpitava em seu sexo.

— Sinto muito sobre ontem à noite — sussurrou ele, olhando em seus olhos. — Percebeu o que aconteceu, Faith? O que te fiz enquanto culminei no doce, interior de seu ardente corpo? — Ela franziu o cenho, respirando asperamente. Não queria que ele falasse. Desejava-o para fodê-la, para amá-la e para sustentá-la. As explicações podiam vir mais adiante. Olhou-o fixamente com confusão.

— Importa? Só o faça outra vez. — Ela não necessitava explicações, necessitava a liberação. Necessitava-o para apagar a fúria da excitação, a dor da solidão, e dos sonhos que tinham quebrado fazia anos. Uma risada afogada escapou sua garganta. Suas mãos emolduraram o rosto dela, um polegar alisando seus lábios em um movimento lento.

— Faith, travei-me dentro de você — disse ele, seu corpo se apertando contra ela quando ela olhou fixamente para ele, perguntando-se se isso era mau.

— Você é... grande

— É que me atei dentro de você, Faith — gritou ele. — Meu membro se inchou mais, até o centro, era do tamanho de seu punho ou maior, amor. Não poderia empurrar livremente. Como um animal, Faith.

Ela lutou para respirar. Ele soava furioso sobre ela. Faith tragou firmemente. Sabia o que aconteceria, se Jacob a tomasse. Hope já a tinha advertido.

— Hope me avisou — sussurrou ela. — Wolfe não se zangou quando seu... seu corpo se travou.

— Você sabia que aconteceria isto? — perguntou-lhe, cuidadosamente.

Faith olhou fixamente para ele, com a antecipação palpitando através de seu corpo. Apertou-se mais contra ele, da coxa ao peito, o zelo de seu corpo a deixando louca.

— Eu pensei que sabia — disse, sem fôlego. — Hope me falou sobre isso quando ela descobriu que Wolfe me enviaria para você. Disse que eu precisava saber. Pensava que sabia. Houve outras...

— É que nunca aconteceu isto antes, Faith, com outras mulheres — grunhiu ele. A maldição áspera de sua garganta fez que seu corpo inteiro tremesse. Seu coração estava fora de controle, ela podia sentir como lentamente seus sucos cobriam seu clitóris, preparando-a, ajudando para abrir-se, para forçá-lo a tomá-la outra vez, para enchê-la, para queimá-la com seu zelo e sua dureza. Lambeu os lábios, tentando aliviar a secura que os invadia, olhando para ele indecisa, com seu olhar fixo faminto, morrendo por seu beijo.

— Eu gostei, Jacob — sussurrou ela, movendo as mãos debaixo de sua camisa, tocando a carne dura, musculosa de seu abdômen. — Não me fez mal. — Ela sentiu e escutou sua respiração áspera quando ela o tocou. Deteve-se brevemente, perguntando-se se deveria fazê-lo. Ela sempre tinha sonhado com o toque dele. Era um abraço proibido?

— Não pare — sussurrou quando ela se deteve brevemente. Arqueou-se, permitindo que sua mão trabalhasse debaixo da camiseta. Em vez disso, ela o acariciou pelas costas, enganchando as mãos na camiseta e rasgando-a. O entusiasmo flamejou sobre ela quando escutou o material rasgar-se, e viu os duros músculos de seu peito e abdômen finalmente revelados. O correr do sangue através de seu sistema parecia satisfeito por esse pequeno ato de selvageria. Com a necessidade de afirmar-se, com seu desejo gritando através de seu corpo.

Ele sorriu. Um pequeno meio sorriso que brilhava atraente e convidativo enquanto sacudia os restos de sua camiseta ao chão, levantando-se sobre os joelhos, suas pernas encaixotando seus quadris enquanto a olhava.

— Terminou? — A sugestão escura em sua voz fazia com que sua respiração fosse agora mais depressa, sua curiosidade a afligia.

— Não. — Ela aplanou suas mãos em seu abdômen, olhando os escuros músculos quando ele respirou asperamente. — Quero te tocar, Jacob — Ela ouviu o tom de desejo em sua voz, a necessidade dentro dele que era maior que a demanda de sua vagina.

— Então, toque-me — disse ele asperamente, movendo-se para trás. Ele se levantou até que ela ficou ajoelhada diante dele. Jacob agarrou seu vestido e jogou sobre sua cabeça. A calcinha se rasgou em seus quadris, ficando nua em questão de minutos. Então, ele a olhou, seus olhos pálidos cheios de fome enquanto as mãos baixavam a seus lados.

Faith o olhou, cautelosa, sem saber o que fazer. Ele respirava tão áspero como ela agora, seu peito levantava e caía ofegante. A tensão crepitava quente ao redor deles, desenhando um torvelinho de sensações que os invadia de dentro e a fora.

Suas mãos se moveram outra vez, agarrando as dela, colocando-as em estômago duro. Faith ouviu seu próprio gemido de desejo, lhe dando uma sacudida elétrica e desesperada. As mãos de Faith escorregaram para seu peito, as palmas zumbiam com a sensação do músculo liso, duro. Mas tanto como ela desejava tocá-lo, precisava prová-lo. Inclinou-se, com seus lábios pressionando contra um áspero mamilo masculino, a língua esfregando-o ligeiramente, perguntando-se se lhe daria o mesmo prazer que seus dedos davam a ela. Ele gemeu, seu corpo se esticou mais, as mãos foram a sua cabeça, apertando seu cabelo.

Ela se apoiou então contra ele, passando os dentes sobre um ponto antes de beliscá-lo sedutoramente. Sua respiração era dura, áspera. Ela se moveu para o outro

lado, oferecendo ao outro mamilo a mesma atenção; era surpreendente que Jacob lhe permitisse liberdade para que o tocasse como quisesse. Certamente não ia discutir isso. Sua boca escorregou para o pescoço em um movimento quente e lento, a língua raspou sobre sua pele, depois suas presas o mordiscaram fazendo-o estremecer contra ela. Sua boca então se arrastou sobre a mandíbula, sua mão se movendo timidamente a sua cabeça, necessitando seu beijo.

— Faith, assim vai me matar — sussurrou ele quando seus lábios esfregaram ligeiramente sobre os dele. Ela abriu os lábios, a língua pressionando contra a sua, pedindo seu beijo. Necessitava-o tão desesperadamente; necessitava a fome e o prazer que ela sabia que era uma parte dele.

Quando ela esfregava a língua ligeiramente sobre a sua, ele emitiu um grunhido, áspero e profundo, vibrando em seu peito. Aas mãos apertaram seu cabelo, ainda sustentando-a enquanto os lábios se fechavam brandamente sobre sua língua, arrastando-a mais dentro de sua boca, esfregando-a ligeiramente, amamentando-se nela até que Faith gemeu em sua boca, lutando por mais, incapaz de conseguir suficiente dessa carícia erótica, sensual.

Seus músculos estavam tensos, reprimindo a energia de seu corpo. Os lábios dele se inclinaram sobre os seus, com a língua movendo-se em sua boca enquanto ela pressionava os montes suaves de seus seios contra seu peito.

As pontas ardentes de seus mamilos se desenfreavam com a sensação da carne dura que as amortecia. Seu corpo vibrava, excitado. O prazer se derramou sobre sua pele como relâmpagos, com um som desesperado de sua própria fome e seus lábios fechados em sua língua.

Sua língua esfregou ligeiramente o inchaço das glândulas situadas ao lado da língua dele, sabendo que o hormônio que estas continham a enviaria mais à frente do êxtase. Seu gosto era escuro e rico, como a terra, como uma tormenta de relâmpagos do verão, como todo o zelo e loucura que queimaram seu corpo durante os últimos seis anos.

Parecia-lhe que não poderia conseguir bastante dele. Ela esfregou ligeiramente em invasão, empurrando a língua, alimentando-se nela, batendo-se em combate por mais e ainda lhe desejando. Ainda não apartou as mãos de seu peito; sua fome não permanecia tímida, refreada. Esfregou ligeiramente seu peito, seu estômago duro, depois deslizou ao zíper de suas calças jeans, quando sua luxúria finalmente a dominou.

— Faith! — Ele gritou seu nome brandamente, enquanto desabotoava o botão de metal, e empurrava freneticamente as mãos em seus quadris, arrastando o tecido para baixo, até que liberaram a ereção enorme que a aguardava. E era enorme. Muito grande para abrangê-lo com uma mão, uma ereção pesada e pulsando com o zelo. A cabeça era grossa e suave, perfeita para uma penetração lenta, fácil.

Ela recordou quando ele a penetrou, afundando-se em sua vagina, separando-a, estirando-a com uma dor sensual que a fazia pedir mais. Esfregou com as mãos ligeiramente o eixo, seus dedos explorando as veias, o zelo duro de aço enquanto ela sentia seu clitóris chorar com a antecipação, enchendo-lhe a boca de água com a necessidade de prová-lo, de esfregar ligeiramente esse membro pesado. Ela se afastou dele, seus olhos procurando os dele. Ele a olhou fixamente, seu olhar fixo pesado, seus lábios sensualmente inchados, a respiração dura e áspera.

— Eu quero.... — sussurrou ela, quase lacrimosa com sua estupidez para expressar o que ela necessitava. Não desejava desgostá-lo, não desejava a mesma vergonha, mas sim ela necessitava...

— Faith — Seus quadris se moveram, empurrando seu membro mais dentro em seu aperto, quando suas mãos se apertaram em seu cabelo. — Vai me matar, amor.

Então suas mãos pressionaram sua cabeça abaixo, empurrando-a, exigindo a ereção debaixo dela. Faith lambeu os lábios, depois lambeu a cabeça pulsante de seu membro, que se levantava para satisfazê-la. Ele se moveu contra ela. Apertou seu cabelo, enquanto com sua voz áspera, rouca, sussurrou seus estímulos explícitos.

Sua boca se abriu, escorregando pela extremidade afiada, estirando-se tal e como seu sexo tinha estirado a noite anterior, tomando a largura completa em sua boca e sugando-a, faminta. Ele tinha sabor de verão, rico e embriagador, forte e quente. Sua língua lambeu a área sob a beira encapuzada da cabeça, e ela o sentiu agitar-se.

— Sim, amor — gemeu ele quando ela se moveu para trás com o medo de ter feito algo errado. — Está tudo bem, Faith. Isso é ele, amor. Me lambe ali... Oh, infernos — Seu corpo se arqueou quando ela o sugou novamente dentro de sua boca, aplanando sua língua para permitir que esfregasse ligeiramente a área enquanto suas mãos lhe acariciavam a longitude do pênis, suas bolas lisas, sem pelo.

Ela o chupou, lambendo e aspirando com sua fome intensificada. Desejava sentir o gemido duro dele enquanto se enrijecia para seu orgasmo. Desejava prová-lo, desejava sentir o gosto dele em sua boca enquanto ele gozava. Ele sussurrou seu nome em várias ocasiões, os músculos de suas coxas apertando-se enquanto ela o sentia remover-se.

— Faith — Sua voz lhe deu uma sacudida elétrica quando ele tentou jogar sua cabeça para trás.

Ela se recusou a se mover. Seus dedos esfregaram ligeiramente o eixo duro, sua boca agora aspirava desesperadamente em seu membro, gemendo em uma negação desesperada quando ele tentou afastá-la dele.

— Amor, por favor — ele grunhiu, seu corpo estremecendo. Então a cabeça pulsou, jogando uma corrente pequena de umidade em sua boca. Era um pouco salgado, um pouco doce. Ela grunhiu então quando suas mãos apertaram em seu cabelo, seus dentes que raspavam a carne proibida. Desejava mais. Necessitava mais.

— Maldita seja — gritou com fúria sensual — Deseja-o, amor? Deseja-o todo? Então tome-o. — Ele então sustentou sua cabeça, o membro empurrando em sua boca, enterrando a cabeça larga várias vezes nela, tomando sua boca com movimentos duros. Outro pulso do líquido encheu sua boca. Seus lábios se apertaram nele quando ela tragou com gulodice, sua língua agora o esfregava ligeiramente, com suas mãos escorregadias com sua própria saliva à medida que seus quadris continuavam conduzindo sua carne em sua boca. Quatro pulsos, pequenos, doces, aditivos, então ele grunhiu ofegante, pesado, seu corpo estremecendo.

Ele não tinha gozado. Ela sabia que o líquido que jorrava era simplesmente um precursor. Então, sugou a cabeça mais profundamente em sua boca, ouvindo seus gemidos, suas indicações sussurradas em grunhidos quando ela o conduziu mais perto do orgasmo. Quando gozou, foi glorioso em seu áspero grito, esfregando-o ligeiramente com sua língua enquanto ela aspirava ao membro agora que palpitava.

Quando os jorros fortes e salgados, de gosto terroso, encheram sua boca, não poderia parar seu próprio grito, ou sua fome. Ela desenhava nele, necessitando mais, necessitando tudo o que ele poderia lhe dar. Ele gritava sobre ela, seus quadris arqueavam contra ela, jogando várias correntes mais explosivas contra sua língua enquanto ela tragava desesperadamente.

— Basta — gritou ele. Afastando-a com as mãos nos ombros dela, ele a empurrou para trás, seguindo-a em sua queda enquanto ela desabava no sofá. Suas mãos eram duras quando ele separou suas coxas.

Esperava que ele a enchesse, para conduzir o membro ainda duro profundamente em seu interior. Em vez disso, suas mãos emolduraram sua face e a cabeça baixou até que seus lábios tocam os seus com uma posse suave que parecia afundar-se em sua alma. Inclinou-se sobre seus lábios, a língua a penetrava e ela gritou no beijo. Uma mão se movia no cabelo ao lado de sua cabeça, sustentando-a perto, a outra estava sobre seu ombro, então cavando a curva de seu peito em desalmado zelo. Faith podia sentir as sensações aumentarem em seu corpo como nunca antes. Ela ardia, queimando-se da cabeça aos dedos do pé.

Os lábios deslizavam sobre os seus depois choveram beijos sobre sua bochecha e seu pescoço, movendo-se infalivelmente ao monte liso de carne que sua mão

aprisionava. Ela se retorceu sob seu toque, inflamada, tão desesperada por senti-lo dentro dela que não poderia fazer nada a não ser para choramingar cada súplica.

Quando a boca cobriu seu mamilo em uma quente sucção, o fogo oscilou desde sua língua como raios através de seu corpo, e ela gritou por mais. Podia sentir a sucção de sua boca em seu clitóris, em sua vagina, sacudindo seu corpo com a demanda que implorava que a penetrasse. Ela o necessitava, desejava-o agora. Seu sexo chorou com sua necessidade, com o ajuste interior dos músculos.

Seu clitóris era uma ponta torturada de dor e sensações quando ela o apertou contra sua coxa. Ela estava próxima. Oh Deus. Muito perto do orgasmo, ela ainda necessitava a prova da besta, o grito de satisfação.

— Jacob, por favor, pare de me torturar — gritou desesperadamente, quando seus lábios se moveram desde seu peito, sua língua lambendo para baixo em direção a seu abdômen tenso.

— É tão doce, Faith... tão doce, e tão suave — murmurou, baixando os ombros entre suas coxas, seus lábios se dirigiram imediatamente às dobras empapadas de dor de seu sexo.

Sua língua se introduziu no profundo interior de sua vagina, as mãos levantando suas coxas a seus ombros, abrindo-a mais para os impulsos ferozes.

Ele grunhia em sua carne enquanto ela se arqueou para ele.

Ela sentia as vibrações em sua vagina, contra seu clitóris. Seu clitóris exigia uma satisfação para a ardente dor, torturante. Faith agarrou seu cabelo com as mãos quando ele a lambeu, movendo-se a seu clitóris, circundando o broto duro, inchado, amamentando-o em sua boca. Apertou as mãos, suas coxas apertaram em sua cabeça. Ela sentia seu corpo sacudir-se, esticando seu corpo mais longe enquanto ela gritou nele.

— Jacob — sua voz repetiu ao redor dela sentindo que seu corpo estava a ponto de explodir. Suas mãos eram fortes em suas coxas, sua língua saqueando-a quando ele esfregou ligeiramente mais alto, destruindo-a com sua necessidade desesperada para um orgasmo antes que ele finalmente se levantasse sobre seus joelhos, levando suas pernas nas mãos duras, separando-a para depois enchê-la.

— Minha. — Ele a olhou fixamente, possessivamente, grosseiramente. Ela levou as mãos para a força dura de aço de seu membro, necessitando-a dentro dela, desejando animá-lo somente em sua posse dela.

Aferrou-lhe as mãos, forçando os amortecedores do sofá quando ele veio por cima dela, grunhindo.

— Minha. Diga, Faith. — Ele exigiu, suas presas cintilaram perversamente sobre ela.

— Prove-o primeiro — Ela exigiu de retorno. — Me faça sua, Jacob, e então veremos.

— Pagará por me desafiar — grunhiu ele. — Diga-me isso agora, Faith. Dê-me o que necessito, ou prometo que te farei gritá-lo antes que te dê seu orgasmo. — Ele não tinha nenhuma idéia quão perto estava ela. Se sua língua se enfiasse dentro de sua vagina mais uma vez, ela gozaria, Faith sabia.

Não haveria maneira de levá-lo a cabo quando seu membro se alojou dentro dela. Ela lambeu os lábios lentamente, olhando fixamente em seus olhos enquanto levantava os quadris, as dobras polidas de seu sexo escorregando sobre seu membro quente em um longo beijo. Ela o sentia tremer, seu corpo endurecendo-se mais.

— Me faça gritar então — sussurrou ela.

CAPITULO 12

Os olhos de Jacob se estreitaram para ela. Faith sentia a emoção da excitação, o regozijo quando seu desafio foi aceito. Jacob era mais alto, mais forte que ela. Seus instintos estavam mais exigentes, mais selvagens do que nunca. Mas aqui, ela era igual a ele.

Ela poderia sentir a cabeça de seu membro tocando seu clitóris, palpitando na apertada entrada, exigindo que seus sucos o esquentassem; os músculos apertados na boca de sua vagina beijaram seu membro.

— É um jogo perigoso, amor — Seu sorriso era sensual, atrevido enquanto a tocava com a cabeça grossa de seu membro a estreita boca de seu sexo.

Sua respiração saía sibilante de seu peito. Ele estava tão quente, tão duro. Ela se retorceu contra ele, tentando conduzi-lo mais profundamente, para ativar o clímax que fervia na beira de êxtase.

— Você é ambiciosa, neném — sussurrou ele, sustentando-lhe as mãos contra o sofá, impedindo ela retorcesse seus quadris. — Não, neném. Lento e fácil. Quero que sinta cada polegada de meu pau estirando esse apertado buraco seu. Desejo que grite por ele, me pedindo que ouça sua declaração, dizendo que me pertence.

Ele a mataria. Ela tinha se esquecido de que ele tinha aprendido as artes sensuais, a tortura de forçar a submissão erótica da mão de professores particulares que não levaram em conta nenhuma inocência.

Ela duvidava que seu desafio fizesse mais que sua própria antecipação. Lambeu os lábios, olhando fixamente para ele enquanto a tocava mais profundamente. Só um pouco, fazendo-a tremer desesperadamente, advogando, chorando seus sucos exigindo sua submissão a ele.

Seus olhos se estreitaram quando ele olhou sua língua, seus quadris se moveram de um puxão antes que ele pudesse controlar a resposta. Faith permitiu que suas pálpebras caíssem, sua cabeça elevada enquanto lambia um duro mamilo masculino. Ele gemeu, e ela podia sentir seus músculos tremer enquanto ele lutava pelo controle.

Seus dentes mordiscaram a dura carne masculina. Faith choramingou com a necessidade de afundar os dentes no músculo, de lambê-lo, provar sua pele outra vez. O gemido de Jacob era profundo, animal, seu membro se movendo uma leve polegada dentro de sua excitação ardente.

Quase. OH Deus. Ela desejou mover seus quadris e gritar por mais, gritar sua aceitação a sua dominação e suas súplicas pela dura longitude de seu membro. Ele então se elevou sobre seus joelhos, os olhos que foram aos lábios polidos de seu sexo. Faith olhava, considerando sua longitude, que parecia tão densamente ameaçadora, a cabeça enterrada entre os lábios, agasalhado em sua vagina.

— Te enganei — gemeu ela, caindo de novo no sofá quando suas pernas aprisionaram seus quadris. Ela puxou as mãos na pressão que ele tinha nelas. — Ganhei — anunciou ela. — Não importa que me force... — ela mordeu o lábio inferior, ofegando ao tentar levá-lo mais fundo dentro dela — Não importa sua opinião. Ganhei. — Ela forçou as palavras além de seus lábios, sua cabeça sacudindo-se, pois o grito desesperado que emanava em sua garganta estava livre.

— OH Deus Jacob!

Era uma agonia. Podia sentir o pulsar profundo, o calor que a percorria, o sangue palpitando em seu clitóris, enrijecendo-a, implorando por lhe dar o que ele desejava, assim lhe daria o que ela necessitava.

— Importa como ganho? — Perguntou-lhe ele, com voz grave, profunda com sua própria excitação. Os olhos de Faith se abriram, apenas capazes de olhar na selvageria erótica de sua expressão.

— Onde está sua vitória? — Perguntou, sem fôlego, tremendo com a necessidade. — Não há nenhuma sem resistência, Jacob. — Seus olhos se estreitaram mais.

Seus quadris se encolheram, conduzindo-o sem lhe importar o futuro, mas forçando a seu membro acariciar os músculos estirados que agora possuía.

— Há vitória no sucesso — lhe assegurou.

— Há? — Ela apertou os quadris contra ele, tendo êxito em atormentá-lo mais, mas também provocando o rubor que cobriu suas maçãs do rosto para aprofundar enquanto cintilavam as pupilas de seus olhos. — Eu poderia te derrotar, Jacob?

Ela não era capaz de suportar imóvel a urgência que golpeava demandante através de seu corpo. Precisava tocá-lo, prová-lo. Que Deus a ajudasse, lhe daria o que ele exigia por isso somente. Sua respiração era agora forte, pesada. Seu próprio controle se sacudiu. As lágrimas encheram seus olhos, seu corpo frouxo com o conhecimento de sua dominação neste momento. Sua experiência era mais do que ela poderia lutar. Mais do que ela poderia negar.

— Me deixe te tocar! — gritou ela finalmente. — Esperei seis anos por você. Maldição, me deixe te tocar. Sou sua. Por agora, Jacob, sou sua! — Seu membro pulsou, enterrado dentro dela uma polegada mais profundo quando ele gemeu roucamente, com uma confusão efêmera cruzando sua expressão.

— Sempre minha — ele sussurrou com aspereza.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça, lutando pela necessidade de mentir, dar o que ele exigia, somente no momento. — Agora. Sua agora, Jacob. Não pode derrotar a quem não pode lutar. Onde está sua vitória? Onde está o pertencer quando se toma? — Ela se moveu contra ele, suas pernas que apertavam as dele, lutando para forçar seu membro dentro dela, senti-lo preso, por afastar a dor de seu sexo.

— Maldita — disse ele asperamente, com a voz obscurecida pela exasperação e uma excitação tão quente como a dela. Mas lhe sustentou as mãos, suas palmas escorregando em cima dela, logo por debaixo de seus ombros, sustentando-a em uma postura aprazível.

Ele se inclinou para ela, a expressão cheia de precaução, uma vacilação, como se tomá-la fosse um conceito estranho. Estranho e não muito cômodo. Faith não estava em condições de repensar a decisão. Enquanto ele se movia para abraçá-la mais perto, ela aplanou as mãos em seu estômago duro.

— Quero te tocar — disse — Tocar como você me toca, Jacob. — Sua mão acariciou sua carne umedecida pela transpiração, seus quadris ondulando-se contra ele com um grunhido duro, torturado rasgado desde seu peito.

Sua vagina apertava as polegadas escassas enterradas dentro dela, e embora ele se recusasse enterrar mais de sua longitude dentro dela, permitiu-lhe que as mãos se deslizassem sobre os músculos apertados de seu abdômen, mais baixos à largura úmida de seu membro.

Seus dedos acariciaram a carne pulsante quando sua mão se moveu a seu peito, os dedos beliscaram um mamilo de forma dolorosa, dura. Ela se arqueou, gemendo por mais.

— Dê-me isso — exigiu ele. — Não me esqueci que o que deve pagar para receber seu prazer, Faith.

As palavras eram distantes, uma advertência, uma ameaça, um grunhido do qual ela escolheu não fazer conta. Sua boca foi aos músculos lisos de seu peito, sobre o mamilo escuro, masculino ao que tinha emprestado anteriormente sua atenção. Sua boca se abriu, seus lábios se moviam sobre a área, lambendo-o, oscilando sobre a salgada pele masculina enquanto sua cabeça se inclinava mais e ele lambia a marca ao longo de seu pescoço. Sensação acumulando-se em cima de mais sensações. Sua vagina se congestionou, seu clitóris se sentia explorar enquanto ela se arqueava para ele.

Então, incapaz de negar-se mais, seus dentes mordiscaram sua pele, suas presas raspando a carne da mesma forma em que ele tinha feito em seu pescoço. Antes que Faith pudesse pensar, parar, ou explicar a compulsão, permitiu que as pontas agudas de seus dentes lambessem o sangue, sua boca afiançando-se sobre a ferida quando ele se moveu de repente, gritando, seus próprios dentes e boca tomando novamente posse da área que ele tinha marcado em seu pescoço.

Ela poderia sentir seu corpo gritar, suas células lamentar-se agonizantes por uma excitação tão destrutiva, que sentia como se sua cabeça fosse explodir.

Sua língua lambia, sua boca sugava a ferida, as glândulas ao lado de sua língua pulsavam, lançando umidade com sua saliva, lambendo sobre os primitivos arranhões. O êxtase se elevava nela quando a boca de Jacob acariciou seu pescoço, sua língua fresca, logo quente, sua boca que aspirava nela enquanto as mãos dela foram a sua parte posterior, as presas dela cavando na carne tensa enquanto ele gritava roucamente.

Os quadris dele se levantaram, suas mãos agarraram os quadris dela, então ele se enterrou no interior macio e quente dela. Seu corpo estava arqueado quando um grito ressonante saiu de sua garganta, sua cabeça caiu para trás enquanto ela lutava por respirar.

Ele não se deteve. Todo o controle sumiu, um inferno corria agora entre eles. O som de seu membro afundando-se no túnel espumoso de seu sexo se repetiu ao redor deles enquanto ela tentava respirar.

Então seus gemidos quentes se mesclaram com seu grito desesperado enquanto sua carne roçava o broto inchado de seu clitóris e enviou seu corpo a um orgasmo desenfreado, intenso, com seus dentes travados sobre seu ombro. Enquanto o primeiro pulso de seu orgasmo começava, ela sentiu os dentes dele também cravar-se sobre seu ombro quando seu membro começou a inchar-se, a endurecer-se ainda mais. A tensão insuportável cresceu, estirando seu sexo apertado, conduzindo a um clímax tão quente que seu corpo estava ardente, chamuscado pela onda que se elevava de prazer e dor ardente rasgando-se ao longo de seu corpo. Seus olhos estavam totalmente abertos, mas não podia ver nada exceto as labaredas brilhantes de seu corpo que se queimava, estalando com o pulso de seu membro.

Seus quadris continuavam movendo-se contra ela, alojando o eixo inchado mais profundo ao momento de lançar rios incandescentes, o jorro de seu esperma tão profundamente dentro dela que apertou durante uns momentos mais o canal. Suas mãos ainda sustentavam seus quadris enquanto ela estremecia e se retorcia debaixo dele.

Ela respirou, incapaz de encontrar um cabo à realidade que se retorcia em uma espiral fora de controle. Explosões profundas e duras sacudiram seu corpo quando ele gritou seu nome, estremecendo-se tão fortemente em seus braços como ela o tinha feito nos seus.

Então, com uma pulsação de seu membro, um tremor duro pelo próprio orgasmo e que se repetia através de seu corpo, Faith se entregou até o esgotamento, e finalmente, saciou sua luxúria

* * * * *

O sofá era largo, mas ainda assim ficava apertado com o corpo de Jacob. Ele deitou de lado, levando Faith apertada em seus braços e finalmente se reclinou contra a parte posterior do sofá com um suspiro cansado.

Estava exausto. Tão malditamente esgotado que não desejava nem respirar. Ela o tinha esgotado até um ponto sem retorno.

Seus lábios se elevaram em uma careta, surpreendendo-o com a ligeira sensação dentro dele. Sentia-se livre, o que era confuso para ele. Inclusive depois da fuga dos laboratórios, Jacob nunca se havia sentido totalmente livre. Até este momento. Olhava a face dela enquanto dormia, levantando sua mão poderia passar o dedo sobre o rubor aprazível ao longo de seu rosto.

Maldição, sua pele era tão suave. Como a seda mais fina, iluminada com um resplendor acetinado que nunca tinha deixado de fasciná-lo. Adorava tocá-la, senti-la contra seu corpo. Sua mão jogou para trás seu cabelo, afastando várias mechas de seu rosto. Era suave, denso e sedoso. Cada parte dela o surpreendia. Era a criatura mais perfeita que deus tinha criado. E era sua. Um pequeno, muito pequeno pacote de fogo e com um ardor que esquentava cada parte de seu corpo, por dentro e por fora.

Aproximou-se mais enquanto se arrastava para a parte posterior do sofá e a deitava sobre ele. Permitiu-se relaxar-se por um instante, fechar seus olhos enquanto o esgotamento o enchia. Ela agora era sua. Sorriu enquanto se deslizava em sonho. Não deveria ter nenhum outro problema com ela, pensou com satisfação. Agora ela saberia certamente de sua reclamação sobre ela. Submeter-se-ia tão facilmente em todas as matérias como nesta. Então franziu o cenho. Porque ela se submetera... ou não?

CAPITULO 13

A chamada incessante do telefone finalmente despertou Jacob do sonho profundo no que mergulhara. Rodou sobre o sofá, sentindo imediatamente falta do calor de Faith, o calor de seu corpo apertado contra ele. Franziu o cenho, olhando ao redor do quarto escurecido, depois grunhiu enquanto o telefone não parava soar. Seu ombro ainda zumbia um calor agradável, lhe recordando as novas tendências sanguíneas de Faith.

Essas pequenas e lindas presas eram mais agudas do que pareciam. Mas junto com a ardência, podia também sentir um espessamento de seu membro, endurecendo-se com o pensamento de tê-la debaixo dele outra vez, de apertá-la e de travar-se com força dentro do vulcão apertado de sua vagina barbeada.

Teria que encontrá-la primeiro. Enrugou o cenho enquanto olhava ao redor do quarto. O vestido de seda ainda estava no chão, com a cintura rasgada a vários pés dele. As calças jeans de Jacob estavam sobre a mesa de café, sua camisa rasgada estava meio debaixo do sofá. Tudo estava ali, somente faltava Faith. E esse telefone maldito que o deixava louco. Tropeçou com o alto gabinete de nogueira, abriu a porta para desprender o telefone com um movimento violento.

— Alo? — disse com voz áspera, seus olhos que se movendo ao redor do quarto, perguntando-se se Faith se teria ido à cama sem despertá-lo. Certamente, estaria cansada para tomá-la outra vez. Os sons de risadas estridentes se filtraram através do receptor.

— Jake, é Hawke — a voz cansada, cuidadosa se identificou. Jacob sacudiu sua cabeça. Supunha que Hawke estava a várias milhas na selva, não em um maldito bar.

— Por que infernos está ligando? E por que está em um bar? Não deveria estar perto de uma cidade. — A irritação irradiou dentro dele.

— E me dirigia fora, realmente o fazia — Hawke lhe assegurou simplesmente. — Tivemos que esperar um pouco por fontes e questões adicionais, e nos dirigíamos fora da cidade quando vimos a questão mais assombrosa. — O estômago de Jacob contraiu. Seu termômetro de perigo subiu.

— Por exemplo? — Jacob pediu cuidadosamente.

— Bem, uma bonita e rebelde beleza castanha montando até o bar em uma moto negra, como a sua. Vestida para matar e tão feliz como poderia estar, e caminhou diretamente dentro como se possuísse o lugar.

— O que? — A fúria pulsou dentro dele. Ela saído furtivamente, maldita fosse ao inferno. Ele golpearia seu traseiro.

— Agora, está diante de uma xícara de café da Colômbia do melhor, e de uma jarra da mais fina cerveja, conversando docemente com o garçom. E filho de puta, digo que um corpo suave e sedoso vestido como o dela está esta noite, poderia fazer falar com qualquer homem. Ela tem o melhor da casa, e sua mesa está rodeada por muitos admiradores masculinos.

Jacob não esperou para ouvir mais. Pendurou o telefone. Enfiou suas calças jeans, zangado, depois foi para cima e puxou de uma camisa limpa do armário. Afundou seus pés nas sapatilhas de esporte de couro sem as meias e saiu da casa.

A garagem estava aberta e a motocicleta não estava. Gemeu. Infernos, ela teria fugido quando ele conseguisse sair dali. De maneira nenhuma permitiria que seu neném

fugisse com os ladrões que freqüentemente circulavam pelo lugar. Saldora era uma cama quente para os piores sedimentos que qualquer sociedade podia oferecer.

Ele procurou as chaves do SUV em seu bolso e em poucos segundos rugia fora do meio-fio enquanto as portas lentamente fechando-se detrás ele. Conduziu o veículo tão rapidamente como se atreveu pela perigosa pista, amaldiçoando Faith com cada osso que tinha, com cada polegada desigual que se rompia detrás dele. Amaldiçoou-a em voz alta, violentamente. Amaldiçoou seu traseiro obstinado. Ela pensava que isto era um jogo? Mais hormônios que bom-senso, as palavras saltaram em sua mente. Iria lhe dar uma boa dose de bom-senso rapidamente, na forma de sua mão aplicada em seu traseiro arredondado. Melhor ainda, com seu membro, fazendo um túnel nele, duro, até que ela gritasse reconhecendo sua dominação.

Maldito fosse se permitia que isto continuasse. Que infernos tinha acontecido? Ele tinha passado horas esgotado depois de tomá-la. Infernos, ela tinha estado com ele novamente quando ele finalmente se travou dentro dela, com seu corpo estremecendo-se violentamente com o orgasmo. Onde tinha encontrado energia para sair furtivamente?

Líder ou não, Wolfe tinha muito que explicar a próxima vez que Jacob o visse. Como o porquê ele se esqueceu de lhe informar que a uma vez inocente Faith, quase tímida, tinha se convertido em uma maldita gata do inferno. A transformação o destruía, e a todo seu autodomínio.

Rugiu na área de estacionamento de diante do bar, arrancou as chaves da ignição e saltou. A raiva borbulhava através de suas veias como uma explosão efervescente de mini bombas nucleares. Seu coração competia com ele, seus músculos estavam tensos com a violência que se derramava através dele.

Jacob parou quase dentro da porta e grunhiu. O som era tão primitivo, tão mortal que os homens iniciaram de repente uma retirada precipitada para fora das portas que se balançavam por onde ele tinha entrado.

E ali estava sua Faith. Vestida para matar, com um par de calças de seda apertadas e uma blusa amarela sem mangas. E usava sandálias. Sandálias que mostravam seus pés delicados, seus bonitos pequenos dedos, perfeitos e arredondados, pintados com um vermelho quente como o de um carro de bombeiros. Quando infernos tinha começado a pintar as unhas dos pés? Maldição, esta não era a Faith que ele recordava.

Mas então, outra vez, a Faith que ele recordava nunca tinha considerado os sapatos de salto, o barbear-se ou a seda. Não obstante, algumas coisas deviam permanecer constantes. A adoração de Faith, e seu acanhamento suave eram duas das coisas que ele tinha a crença de que nunca mudariam.

Hawke e Danson estavam apoiados contra a parede atrás dela, olhando estoicamente enquanto os homens se apertavam perto, seus olhos impacientes olharam com assombro como ela bebia alternativamente uma xícara de café quente, e o que aparecia ser uma jarra de cerveja fria. Maldição, Ramirez, o garçom, nunca lhe serviu a cerveja gelada. Lançou ao garçom um olhar escuro, furioso, e a satisfação o encheu ao ver que o outro homem empalidecia levemente. Falaria disto com ele em um momento em que não houvesse perigo de lhe rasgar a garganta. Agora, Jacob sabia que se enfrentasse ao homem, acabaria matando-o. A única coisa que salvava as vistas dos bastardos que se apertavam ao redor da mesa de Faith era que ela não fazia caso deles.

Estava sentada para trás ociosamente em sua cadeira, com suas pernas cruzadas à altura dos tornozelos, inclinando-se para trás para beber de uma xícara e acabar com o último gole da escura e potente cerveja elaborada. Ela inspirou profundamente, lutando o gesto que desejou cruzá-la cara.

— Faz quanto tempo está aqui? — Hawke gritou quando ele caminhou para o Jacob. — Serviram-lhe uma xícara desse maldito café e quase uma jarra cheia de cerveja. Que infernos lhe fez? — Jacob lhe dirigiu um olhar de aborrecimento. Hawke suspirou, beliscando a ponte do nariz, logo gemeu com aspereza. — Homem, você nem sequer imagina, não sabe o inferno que passei quando Wolfe me ordenou guardar aquele

maldito vibrador? Não apagaram as necessidades de Faith, homem. Ela tem suas necessidades. Sobrevivi apenas ao do vibrador. Ainda tenho as cicatrizes por esconder o maldito. Não pode fazer esta merda.

— Ela está em zelo — disse ele apagadamente. — Os efeitos são muito fortes nela.

— Bem, me diga algo que inclusive esses seres humanos ignorantes de lá não possam saber — disse ele zombador. — Estiveram cheirando ao redor dela como perseguindo um osso. Infernos. Faça-a sair daqui. Ponha em evidência a energia que ela necessita pela manhã antes que vá com o Danson. Isso é, se pudermos tirá-la daqui sem uma maldita luta. Dê-lhe café, só se certifique disso e faça furtivamente uma mescla de café. O álcool não parece golpeá-la tão fortemente como faz a cafeína. — Jacob grunhiu. Olhava a possibilidade de uma luta. Rogava que um de esses arrogantes tipos impacientes fosse o bastante valente para lhe dar o que necessitava.

Moveu-se longe do Hawke, e andou a pernas rápidas e furiosamente a sua mesa quando ela acabou o copo de cerveja. A transpiração reluzia em sua face e umedecia a camisa que usava.

Ela respirava rapidamente, seus olhos resplandeciam em seu pálido rosto. Estava tão excitada que ele virtualmente podia ver o calor branco elevar-se de seu corpo, cozendo-se ao vapor ao redor dela.

— Está louca? — Perguntou-lhe, em voz baixa, pulsando com cólera, fazendo que os varões ao redor dela se retirassem de repente precipitadamente. — Não escutou uma maldita palavra do que te disse antes?

— Ouvi cada palavra que disse. Evidentemente, entretanto, você não me escutou. — Ela se encolheu como se sua condição não fosse nada incomum. Jacob podia ver o sangue atacar através da veia em seu pescoço, vertendo a cafeína através de um sistema sobrecarregado já com adrenalina e luxúria.

— Está-te pondo doente — grunhiu ele. — Por que deseja fazer isso, Faith? É tão malditamente obstinada que não toma cuidado de não acabar consigo mesma?

A risada surpreendida encheu sua garganta enquanto ela sacudia sua cabeça para ele.

— Não estou doente, Jacob, nem a ponto de estar. Reage exageradamente ao fato de que me recuso a te obedecer. Disse-lhe isso antes, não me possui, apesar de sua opinião contrária a isso. — Ela se levantou e ele se surpreendeu ao ver que ela o fazia bem, sem tropeçar. — Arrumei para minhas entregas pela manhã. Como calculei os armazéns de brinquedos para adultos são tão escassos aqui como os dentes de uma galinha, mas enquanto estiver disposto, que infernos, pode tomar o lugar de meus brinquedos. Estamos preparados agora para ir?

A tranqüila inocência em sua expressão o fazia apertar os punhos para deter-se e não estrangulá-la ou beijá-la. Se a tocasse, temia terminar em cima da barra e lhe dar uma demonstração que nunca esqueceria.

— E minha motocicleta? — disse ele, furioso. Ela agitou sua mão para o garçom.

— OH. Ramirez a guardou em sua garagem. Hawke ou Danson podem levá-la de novo pela manhã. Ele tem as chaves. — Ela encolheu os ombros como se não acabasse de dar sua estimada máquina ao maior ladrão do território.

— Hawke — ele disse.

— Sim, Jake — a voz de Hawke era cuidadosa.

— Vá buscar minha moto de merda! Agora!

— Uh, claro, Jake — A voz do Hawke foi cuidadosamente controlada, mas Jacob ouviu a risada subjacente nela.

— Vamos. — Ele agarrou o braço de Faith, vigiando-a cuidadosamente. Ela não tentaria irritá-lo mais. Dócil, seu pequeno sorriso mais irritante que confortador, seguiu-o ao SUV. Abriu-lhe a porta, olhando-a com uma cólera ardente enquanto ela saltava no assento. Suas mãos estavam apertadas em punhos enquanto a olhava fixamente. — Está pronta agora para pagar por seu prazer, Faith? — perguntou-lhe, lutando para manter o controle. Olhava-a, seu olhar perigoso.

— Jacob, eu sempre pago de uma forma ou outra por meus prazeres. Aprendi essa lição nos laboratórios. — O tom firme e sensual de sua voz, o corte cínico de suas palavras era uma espada de fio que se balançava sobre suas costas. Seu membro palpitou, recordando-o que estava próximo a explodir com a ereção contida em suas calças. Como infernos poderia tomá-la outra vez, tão rápido? Seu membro logo estaria pronto se não fizesse algo para conter Faith e seus malditos impulsos. Inclinou-se para frente, notando que ela não fazia nada por afastar-se dele. Seus olhos se estreitaram, e maldita fosse ela no inferno, lambeu os lábios com um golpe delicado e úmido de sua língua que quase o fez ejacular dentro das calças.

Seus lábios cobriram os dela duramente, selvagens, seus dentes beliscando quando ela não se abriu imediatamente ante o impulso firme de sua língua. Quando se separaram, ele relaxou, e suas mãos a seguraram em seus ombros, puxando para aproximá-la enquanto ele gemia no beijo.

Com indecisão, a língua dela esfregou ligeiramente a sua, lavando o excedente fervente das glândulas que pulsavam ao lado de sua língua. Ela sabia o que ele desejava. Sabia o que lhe faria. A mão se enredou nas mechas curtas de seu cabelo, puxando a parte posterior deles, fazendo com que um gemido e um lamento saísse de sua garganta.

—Você sabe o que desejo — resmungou, beliscando seus lábios outra vez. — Faça-o, Faith.

— Não ainda, Jacob. — Havia uma súplica em sua voz, e uma fome que alimentou a sua própria.

— Agora — Ordenou ele contra seus lábios, sua voz era dura, implacável. — Agora, Faith, ou não serei responsável pelo que aconteça aqui, diante deste maldito bar. Agora, faça-o. — Sua língua afundou na boca dela outra vez provocando um gemido rasgado de sua garganta. Sua língua palpitou quase tão fortemente como seu membro, as glândulas ao lado doíam com a necessidade de lançar seu produto tóxico e potente em seu sistema. Sua língua esfregava ligeiramente sobre a dela, acendendo uma luxúria que o teria cegado se seus olhos não estivessem fechados.

Então seus lábios apertaram, com a língua esfregando ligeiramente outra vez, e então se iniciou nela uma sensação de ânsia de corpo inteiro, irradiando com tal necessidade e prazer insuportáveis que o controle que sustentava se converteu em um jogo em que cada segundo contava. Ele tomava o pulso das glândulas, a emissão do hormônio que enviaria a seu corpo a tal zelo, tal luxúria, que ele sabia que ela nunca poderia negá-lo.

Ela gemeu em sua boca, suas mãos se moviam desde seus braços a sua cabeça, agarrando as grossas mechas de cabelo quando lutou para atraí-lo mais perto, para acariciá-lo mais a gosto, para ter sua essência nela.

— Maldição, Jacob, vai incitar uma violação em grupo se não conseguir tirá-la daqui! — A voz de Hawke foi furiosa. Jacob se afastou relutante de Faith, e deu uma olhada sobre seu ombro à multidão que se apinhou. Fechou de repente a porta de Faith e olhou ao outro lado.

Quando se afastou do bar, olhou-a. Seus dentes se apertaram fortemente, os dedos se apertaram no volante quando viu seus seios, inchados e duros, movendo-se debaixo de sua camisa. Os mamilos estavam duros e o aroma de sua excitação o afogava de luxúria.

— Bastardo — sussurrou ela.

— Com tanto álcool e café somente você teria podido dirigi-lo — disse, furioso consigo mesmo, por sua própria carência de controle e por sua repugnância pelo vigor de sua anterior dominação dela. — Eu disse, Faith, que seu corpo não tolera isso agora.

— Pode ser que te surpreenda o que meu sistema pode fazer — murmurou ela asperamente, cruzando os braços debaixo dos seios e sentando-se em seu assento com um bufar nada feminino. Jacob podia cheirar sua cólera, quase tão quebradiça e quente como sua excitação.

Ele desejou sacudir sua cabeça, confuso pela criatura que tinha tomado o lugar da mulher de fala suave que conhecer uma vez. Esta mulher era orgulhosa, tempestuosa, e tão malditamente imprudente que o aterrorizava.

— Tentar me ignorar não ajudará à situação, Faith. — Disse enquanto se dirigiam para a fazenda. — Sabe que o que fez esta noite não pode ser tolerado. Pensa que não está em perigo? Esqueceu dos mercenários da casta de coiote que nos buscam como cães raivosos? Ou os soldados do Conselho que não desejariam outra coisa melhor que violar a uma fêmea da casta em zelo?

— Agora seria um bom momento para que qualquer deles o tentasse — grunhiu ela. Grunhiu literalmente. Jacob lançou um olhar rápido em sua direção, mostrando surpresa e sua própria excitação que deslizava através de seu corpo. Ela soava como se estivesse disposta a correr qualquer perigo. Deveria estar aterrorizada, não preparada para lutar. Jacob sentia vontade de golpear a cabeça contra o volante e gritar de exasperação. Essa mulher, agora, não tinha nenhum cuidado por sua própria segurança.

O que ia fazer com ela? Como faria para protegê-la? Melhor ainda, como faria para assegurar seu bom senso por tempo suficiente para mantê-la viva até que os efeitos do “Zelo de Acasalamento” se apagassem? Maldição. Ser companheiro desta mulher terminaria por matá-lo.

— Faith — murmurou ele. — Está se movendo muito perto do limite de meu controle.

— Oh, realmente? — Perguntou ela docemente. — Os limites se empurram, meu amor, Jacob. Vamos ver se posso patinar um pouco mais perto. — E então se moveu.

CAPÍTULO 14

Jacob permitiu que ela ficasse entre ele e o volante. Seu sexo se colocou agradavelmente contra a dureza torcida de sua ereção debaixo de suas calças jeans, chamuscando-o com sua excitação. Ele aprisionou sem piedade o desejo de tomá-la. Se o fizesse, arrancar-lhe-ia as calças do corpo e a forçaria a montá-lo imediatamente, antes que chegassem a casa. Não o faria. Não, ele tinha outros planos para Faith, e a satisfação da excitação que pulsava através de seu corpo agora não estava incluída nela.

Ela o aterrorizava com sua insensatez, sua imprudência impulsiva ao desafiá-lo. Ela controlava ao homem, a parte dele que desejava somente sua satisfação, o zelo de sua paixão e seu desejo. Mas nada controlava à besta que estava à espreita, apenas debaixo da pele. O predador masculino que exigia a submissão e exigia seu amparo a todo custo. Ela era sua mulher, sua companheira, e enquanto estivesse em zelo, era mais débil. Faith não poderia saber quão sedutora era a fragrância de sua excitação. Era um aroma capaz de possuir a mente e o corpo de qualquer homem que não fosse o bastante forte para prestar atenção à marca estampada em seu pescoço. Um aroma que incitava uma luxúria violenta.

Também havia os que os perseguiam. Havia ainda ali fora os que seguiam a seus criadores. Os que se quebraram, os que tinham cansado sob as crueldades e o treinamento de seus amos, sem piedade. Jacob não podia ficar parado ante o pensamento de perdê-la para tais criaturas raivosas. Lamentou-se, com a cabeça em seu ombro, quando seus dedos empurraram a um lado a beira de sua camisa. Ele se manteve como o aço contra a língua suave que esfregou ligeiramente a marca à esquerda em seu amplo ombro.

— Meu — sussurrou ela, com as mãos correndo nas mechas do cabelo na parte posterior de seu pescoço quando lambeu a ferida. Jacob manobrou a SUV através dos caminhos estreitos e os becos traseiros, torturado, atormentado pela suavidade da

mulher que se pôs sobre ele. Mas se recusando a perder-se em seu toque. Em suas carícias. Sorriu firmemente. Ele sabia o que ela fazia, toda suave e sedutora em seu regaço, e sabia que não cairia. Não desta vez.

— Sou Faith? — Perguntou-lhe ele sedutoramente, dando a volta sobre a pista áspera e conduziu para a casa. Sua língua esfregava ligeiramente sobre seu pescoço alternadamente, raspando a marca deixada por ela.

— Agora é— Havia um fio de diversão, de confiança em sua voz.

— E como tem certeza disso? — Perguntou-lhe, seco. Ele se refreou de não lhe dar o conhecimento de que ela tinha, é obvio a razão.

— Minha marca, Jacob. — Sua mão se apertava em seu quadril quando ele ouviu a nota de esperança, de desejo em sua voz. — Você aceitou minha marca. — Jacob sentia seu coração apertar-se. Havia um eco de solidão, de dor em sua voz que o turvou.

— Sou seu companheiro. — Ele manteve a voz suave. — É obvio que aceitei sua marca, Faith. Assim como você aceitou a minha. — Ele sentiu seu suspiro, o sussurro de sua respiração sobre a ferida. Era um suspiro de pesar, de desejo. Golpeou-o repentinamente a idéia de que ele a tinha deixado verdadeiramente só durante os seis anos passados, inconsciente das repercussões que isto teria para ela, do inferno que seu corpo lhe imporia, enquanto o esperava. E ainda assim, vinha a ele.

Tinha-lhe permitido tocá-la outra vez, só para que ele a deixasse quando deveria tê-la confortado, facilitado as conseqüências em vez de lutar por seus próprios demônios. E apesar tudo, ela tinha vindo a ele. Talvez não com doçura e necessidade, mas com uma luxúria e uma demanda que ele não teria podido recusar.

— Zangou-se, Jacob, quando não me encontrou? — Ela era suave, excitada, e tão quente, devido ao zelo de seu sexo queimando através de suas calças jeans a seu membro que gotejava. Ele se pressionou mais perto, imprimindo sua ereção ainda mais contra sua vagina saturada quando a sustentou contra ele com a mão em seu quadril.

— Ainda posso golpear seu traseiro, Faith — prometeu, com os lábios tensos em um sorriso peculiar e com a risada afogada sobre seu pescoço. Ela não o levava a sério. E embora Jacob não tivesse nenhuma intenção de machucá-la, ele sabia que o castigo sexual por vir asseguraria que ela pensasse duas vezes antes de desafiá-lo de tal forma outra vez. Seu corpo se endureceu ante esse pensamento.

A lembrança de tê-la tomado, dominando-a naquela maldita cela de laboratório o tinha açoitado durante seis anos. Recordava claramente o impulso que o empurrara além da razão, e o forçara a tomá-la da maneira mais primitiva. Submissão. Ela era sua companheira, sua debilidade sexual, sua força sexual. Estava determinado a fazer com que ela reconhecesse sua força e sua dominação sexual sobre ela. Era essa necessidade a que o tinha empurrado no ato. Eram os mesmos impulsos que agora o empurravam. Ela saberia que ele não toleraria tal desafio.

— Promete? — Perguntou-lhe ela sedutoramente.

— OH, prometo isso e muito mais. — Sua mão acariciou as bochechas arredondadas de seu traseiro, apertando os dentes contra o pensamento de conduzir seu membro entre esses globos arredondados. Maldição. Ele podia sentir o calor úmido que chorava de sua vagina enquanto se esfregava contra ele. Cetim coberto de seda e de mulher molhada e quente. Havia combinação mais sedutora idônea ou irracional? Mas ainda não, a onda dominante de possessividade vertia através de suas veias. Ahh, doce Faith. Ela pensava que poderia tentá-lo, seduzi-lo de novo para forçar sua submissão a ela? Ela tinha muito que aprender sobre seu companheiro.

— Oh, prometo-lhe isso definitivamente — assegurou outra vez enquanto lhe dava um beijo sobre a fronte. Então, ela beliscou seu ombro. Um segundo depois que sua língua o lambeu. Ele podia sentir o sorriso que curvava seus lábios. — Está brincando com sua sorte, companheira — disse ele brandamente, enquanto lutava para manobrar os tropeços e as calhas na trajetória sobre a que ele conduzia.

— Não, ainda não estou fazendo isso. — Uma mão pequena foi aos botões da camisa que ele usava, deslizando vários enquanto ele lutava para respirar. A boca se

moveu ao longo de seu pescoço, sua língua lambia como um relâmpago sensual. Resistir ao suave e necessitado encanto de seu corpo não era fácil. A base dominante dele estava afrontada por ela tentar tais manobras para conseguir escapar de seu castigo, mas o homem que a conhecia, que finalmente se dera conta dos anos de perda e do zelo em solitário que ela tinha vivido, resistiu a sua cólera. Como faria ele para castigá-la, quando não tinha estado durante os anos em que ela o necessitara? Os anos que ele tinha passado lutando, e tentando manter a raia sua fome por ela com a mesma negação de sua existência.

Ele tinha abandonado sua companheira. Não importava que não se desse conta das conseqüências da marca que tinha deixado nela. Não importava que teria ido com ela se soubesse da necessidade, física e emocional que ela tinha dele. Importava que a abandonara. E agora, sua possessividade natural a forçaria a enfrentar a sua outra parte, a parte do animal que a tomara, que tinha se travado dentro dela, forçando seu corpo a aceitar sua semente, para sustentá-la com a esperança de assegurá-la.

Ele suspirou enquanto alcançava as portas fechadas da fazenda. Alcançando o porta-luvas, pegou o controle dos portões, olhando enquanto estes se abriam lentamente. Passaram através delas, fechou-as e reajustou o sistema de segurança. Olhou o reflexo do retrovisor cuidadosamente, assegurando-se que ninguém se deslizou detrás deles. Seu indicador de alarme não assinalava nenhuma advertência, nada muito sério. A única maldita coisa que não era muito pertinaz, com seus braços cheios de Faith, seu clitóris quente que se esfregava contra sua ereção, com o calor de seus braços e o de seu corpo. Era malditamente difícil concentrar-se em nada, exceto Faith.

— Diga-me, Jacob — sussurrava sensualmente, sua voz suave, cheia de forte excitação. — Já transou com alguém neste SUV antes?

Faith sentia a flexão do membro de Jacob entre suas coxas enquanto ele reprimia uma dura respiração. Ela suprimiu um pequeno sorriso de triunfo enquanto suas mãos se dobravam em seus quadris e um grunhido soava em sua garganta. Seus dedos acariciaram a parte posterior de sua cabeça, acariciando através das mechas finas de cabelo enquanto seus lábios acariciavam a pele sensível debaixo de seu ouvido.

Ela se sentia aventureira. A pequena, séria e reservada Faith partira, e em seu lugar estava a mulher que sempre tinha desejado ser. Tentadora. Poderia ela tentar Jacob? Poderia fazer com que ele perdesse esse precioso controle? Fazer com que tomasse outra vez, como fizera nos laboratórios?

Ela era a sedutora. Iria seduzi-lo, o faria abrasar-se como ela se queimara durante tanto tempo. Poderia fazer seu sangue chispar nas veias, fazer com que ele se esquecesse das idéias que tivesse de cólera ou de castigo, e encher seus pensamentos, sua mente com nada que não fosse ela? Bem, possivelmente não. Mas poderia brincar, definitivamente, e ao inferno com ele, isso era o que ela queria fazer. E parecia que estava ao começo da corrente.

Ela sentia os botões das calças a seu lado deslizar-se livremente, e as mãos de Jacob acariciando seus quadris nus. A respiração dele era profunda e forte, sua cabeça apoiando-se contra o assento enquanto seus lábios sussurravam sobre seu pescoço.

— A cama seria mais cômoda — disse ele, áspero, suas mãos se movendo em cima e atrás dela, empurrando sob sua camisa, para logo levar as gemas de seus dedos a acariciar sua coluna vertebral.

— Mas certamente não tão divertida — ela sussurrou, sorrindo contra sua mandíbula, sua língua espionando às escondidas, desejando provar a áspera pele de barba. Seu sabor era selvagem e picante, com o gosto de uma tempestade de trovões, de relâmpagos e de fogo.

Ela desejava mais. Seus dentes raspavam ao longo de seu queixo, a língua que aparecia às escondidas para lambe seus lábios. Faith abriu os olhos, tomando sua respiração e fixando-se na expressão em sua cara. A luxúria, crua e deixando ver temor.

Ele a olhava como se tivesse lhe dado um presente, um tesouro estranho e precioso.

— Jacob? — Ela perguntou, encarando-o, tremendo. O que ela lhe dera que era tão especial? Ele a olhou fixamente, com o brilho intenso de seus olhos quase pesados, alagados de prazer.

— Beije-me, companheira — Agora havia uma nota de desespero em sua voz. — Me beije, Faith, antes que morra por seu sabor. — Não lhe deu tempo para perguntar. Faith choramingou com impaciência quando os lábios cobriram os seus, a língua empurrava além de seus lábios enquanto ele gemia, perdido em sua própria necessidade. Seus quadris se lançaram para cima quando suas mãos se moveram a seus quadris de novo, sustentando-a no lugar, com sua ereção apertada contra seu sexo.

Faith envolveu os braços ao redor do pescoço dele, com os dedos aprendendo cada contorno de seu pescoço, seus ombros. Amava a força que podia sentir, o zelo e a dureza do homem que a sustentava, fascinando-a. Sua carne estava totalmente livre do pêlo, mas a pele não era lisa, suave como a sua própria.

Era firme e resistente, fazendo-a sentir-se mais feminina, conquistada e protegida. Ele estava mais duro que o inferno. Com a língua enredada com a sua, um impulso de travessura sedutora a percorreu.

Ela permitiu que seus lábios se fechassem em sua língua, para desenhar nele, ao mesmo tempo, seus dedos percorreram seu peito até que encontrou os pedaços duros de seus mamilos masculinos debaixo da camisa. Agarrou o pequeno ponto, massageando-os firmemente enquanto os desenhava com sua língua.

Ele se arqueou com um movimento curto, convulsivo. Seu corpo se sacudiu, estremecido com prazer enquanto gritava com a carícia. Entretanto, suas mãos se moveram em um movimento rápido como o relâmpago, agarrando seus pulsos e prendendo seus dedos. Faith se moveu para trás, olhando-o, respirando asperamente, confusa por suas ações.

— Por quê? — Ela tentou afastar-se dele, encarando-o enquanto lutava para recuperar sua respiração. Seus olhos brilhavam com certa emoção que mexeu com seu coração. Vulnerabilidade? Fome? Ela o olhou, tentando ocultar seu assombro. Receava que o tocasse? — Me deixe te tocar — ele grunhiu, suas mãos foram à prega de sua camisa.

— Não. — Ela tentou liberar suas mãos agora agarradas pelas suas.

— Por que não quer que te toque, Jacob? Não gosta de meu toque? — Ele tinha lutado antes, no sofá. Forçando-a a chantageá-lo, a desafiar sua força e lhe permitir a liberdade o toque. Possivelmente porque ela era tão inexperiente... — Poderia me ensinar a fazê-lo bem. — Ela odiou como sua voz tremia, revelando sua debilidade, sua necessidade de tocá-lo. — O que está errado, Jacob?

Ele tragou firmemente, seus olhos se fecharam por um breve momento.

— Faith, melhore e gozarei dentro de minhas calças. — Ele fechou fortemente os olhos, sua fronte se reclinou contra a dela enquanto ele olhava fixamente em seus olhos. — Nunca senti tal falta de controle. — Ela conseguia ouvir a confusão em sua voz. Uma necessidade de entender o que não era compreensível.

— Quero te tocar também, Jacob. — Disse ela, ferozmente. — É correto para mim te tocar. Necessito-o.

— Não te violarei no banco da frente deste maldito veículo, Faith. — Suas mãos se apertavam em suas coxas, quase a contundindo com sua força.

— Só pode me violar em uma cama? — zombou ela.

— Parece que só posso te controlar em uma. — Ela ouviu a frustração em sua voz. Faith mordeu o lábio inferior, olhando-o com uma mescla de surpresa e confusão. Estava zangado com ela? Se assim era, que infernos esperava?

Ela tinha necessidades também. Como seu companheiro, devia satisfazer essas necessidades, e ela estava cansada de esperar.

— E está seguro de que me pode controlar ali, Jacob? — Perguntou brandamente, olhando-o, com seus sentidos cheios de energia, e de conhecimento. Seus dedos se arrastaram sobre o abdômen firme, sua alma feminina se revelou em sua respiração áspera, exausta.

— Poderia te amarrar a ela. — A voz soava áspera, desesperada.

— Humm — ela suspirou, lambendo os lábios lentamente. — Agora me interessam as palavras. Mas onde está seu sentido do desafio? — Ele grunhiu, lhe apanhando tanto as mãos como os dentes raspando sobre um ponto sensível.

— Deve haver um desafio? — Perguntou ele com seus dedos sobre ela, abrindo vários dos botões de sua camisa. Seus músculos estremeceram, sentindo seus dedos esfregar ligeiramente sobre sua carne. — Deus, Faith. Tenha misericórdia. — Gemeu, apertando a mão na sua.

— Misericórdia? — Perguntou-lhe, oscilando contra seus quadris, e acariciando seu membro através de sua roupa. — Que misericórdia, Jacob? Onde esteve sua misericórdia nos seis anos passados? — Seus olhos se estreitaram quando recordou as noites que tinha passado desejando-o, com sua vagina empapada e chorando enquanto lutava por uma pequena medida de satisfação.

Ele gemeu, com a cabeça caindo para trás contra o assento, de novo com o ardor de seu corpo oscilando contra ele. Durante uns indescritíveis minutos ele se arqueou contra ela, lhe dando sua sensação máxima, cunhando seu membro mais apertado, mais duro contra o entalhe de suas coxas.

— Faith, está brincando com o homem errado — disse ele, com sua profunda voz enrouquecida. — Sua energia se estende somente aos limites de meu controle.

— E você pensa que não posso agüentar sua perda de controle, Jacob? — perguntou-lhe, e seus dedos arrancaram vários botões para poder afastar a camisa, revelando os músculos pesados de seu peito.

Incapaz de controlar-se, a cabeça de Faith baixou, sua necessidade de prová-lo e de acariciá-lo era suprema. Ela soprou suavemente sobre a carne lisa, depois passou a língua em um rastro úmido ao redor da área plana, mais escura de seu mamilo. Ela sentiu seu corpo endurecer-se, ouviu o grunhido em sua garganta enquanto ele lutava pelo controle. As mãos estavam apertadas em suas coxas, então as moveu mais para cima, arrastando sua camisa sobre seu estômago, mãos que se moviam em uma trajetória para seus seios.

— Vou me vingar, Faith — prometeu ele, gemendo. — Eu me recuso a perder meu controle como um sacrifício a suas explorações. — Faith sorriu, seus lábios raspavam mais perto ao endurecido seu mamilo masculino. Ele saltou de seu assento quando seus dedos o haviam tocado. O que ele faria se sua boca o sugasse, como tinha feito a ela?

— Faith, não faça isso. — Sua voz soava pesada com a advertência quando ela se moveu mais perto, sua língua que lambendo ao redor da área obscurecida.

— Por quê? — Ela murmurou contra seu peito, apoiando as mãos completamente nos músculos agrupados de seu abdômen. — Diga-me, Jacob, por que devo mostrar misericórdia, quando não eu não tive nenhuma? — Seus olhos apunhalaram os dele. Ela viu um torvelinho de emoções, em conflito necessidade e lamento em sua expressão. Suas mãos se levantaram, segurando seu rosto com uma doçura da que não acreditava que ele seria capaz.

— Eu deveria saber sempre que estivesse sofrendo; se sequer suspeitasse, Faith, teria ignorado minha consciência e nosso líder da manada para te ter comigo. Mas na verdade, Faith, agradeço a Deus que não soubesse. Porque os horrores que teria visto teriam destruído sua alma. — Como tinham destruído a sua. Faith estava parada, vendo a dor, o horror de suas lembranças, e como nublaram seus olhos, obscurecendo sua expressão.

— Possivelmente, Jacob — disse triste, dolorosamente. — Possivelmente seu engano foi sua falta de fé em mim. Para destroçar minha alma, primeiro teria que ter sido minha âncora. Teria que ter estado contigo, essa âncora teria sido segura.

Ela agora se moveu de seu regaço, respirando asperamente, inteirada de que a dor do passado de ambos se retorcia entre eles, afastada da luxúria pela amargura. — Mas não havia âncora, nenhum companheiro, nada a não ser uma lembrança, ou um sonho. Nunca estava segura do que. — Com os dedos trementes ela abotoou as calças, a luxúria e a tormenta emocional que correndo entre eles.

Ele começou a falar. Ela olhava seu rosto, viu sua indecisão, as palavras que vinham a seus lábios, e sabia que tinha que escapar. Que Deus lhe ajudasse se ele se desculpasse por aqueles momentos no laboratório, ou se ele expressasse seu pesar. Tinha havido tão pouco para sustentá-la durante os anos. Se tirasse isso dela também, não sabia se poderia agüentar. Empurrou porta aberta e partiu para a casa. Não fez caso de sua maldição. Não fez caso da cólera em sua voz. Não fez caso da necessidade, do desejo, e dos ataques das lágrimas que caíam de seus olhos.

CAPITULO 15

— Faith — Ele a agarrou logo que entrou na casa, envolvendo o braço ao redor de sua cintura, arrastando-a contra seu corpo, sustentando-a apertada contra seu peito. — Amor, por favor, não quis te magoar. Por favor, Faith...

Ela cravou seus dentes em seu braço, dor e cólera açoitando seu coração enquanto tentava afastar-se dele. A sensação de seu corpo, tão quente e duro contra o dela enviava seu sangue trovejando através de suas veias, palpitando em seu clitóris. Era uma massa furiosa de luxúria, e estava malditamente perto de pedir que a tomasse. Mas mais forte que sua luxúria, era sua necessidade de Jacob. De seu coração, seu amor. Ele carregava as emoções intensas que ela sabia que tinha mantido ocultas. Para amparo de seu coração.

— Essa era minha escolha! — Gritou. — Minha escolha era estar ali para você! Para apaziguar os horrores aos que enfrentou, Jacob. A sua comodidade. E você roubou isso de mim. — E a tinha atormentado durante anos. Perguntando-se se ele a necessitava, se ele estava sozinho, ferido, se as coisas que estava forçado a fazer, o sangue que o forçavam a verter estava marcando com uma cicatriz sua alma.

— Não, Faith, esta te protegendo — ele protestou áspero. — m sua voz ela ouviu seus piores medos confirmados. — Você pensa que desejava te recordar do que nos escapamos? Te recordar os horrores dos que já conhecia? — Girou-a em seus braços, agora encarando-a fixamente, furioso. Seus olhos obscurecidos com a intensidade de suas emoções. — Era meu dever te proteger.

— Era também meu dever te proteger —ela ardeu detrás nele. — Proteger seu coração e sua alma para te confortar, para te curar, Jacob. Esse era meu dever. E você o tirou de mim. Em lugar disso, marcaram-lhe com uma cicatriz, deixando-o tão duro que não se pode abrir nem sequer para mim.

— Me abrir para você? — Perguntou-lhe asperamente, afastando-se, seus dedos correndo através de seu cabelo na agitação. — O que oculto de você, Faith? Só tem que me perguntar o que e responderei. — Faith o encarou fixamente, considerando sua confusão, sua tentativa de entender o que ela sentia e que ele deveria ter visto já.

— Então me dê seu coração — ela exigiu. — Pode fazer isso, Jacob?

Ele se acalmou. Ficando imóvel, Faith sentiu uma onda crua de medo através de seu corpo. Seus olhos perderam sua cólera quente, esfriando-se até que ela se sentiu congelada até o osso.

— Bainesmith o arrancou, Faith — disse-lhe finalmente, com suavidade. — Faz muito, muito tempo. Não sabia isso, amor? Não há coração na esquerda. — Faith

estrangulou o grito que emanou de sua garganta quando ele a adiantou, passando através do vestibulo e depois subindo as escadas. Não havia pesar nele. Nenhuma cólera.

Ele se tinha afastado dela como se ela não existisse. Seus punhos se apertaram com dor. Ela deveria saber. Saber que não devia forçá-lo, não mencionar seu coração ou seu amor. Como Wolfe e Aiden, a vida de Jacob tinha sido muito mais dura que a sua como o membro mais jovem da manada. Como o mais velho, o mais forte, ele tinha tomado a responsabilidade de proteger aos outros.

Ela estremeceu enquanto recordou as crueldades dos cientistas e dos soldados. Então seus olhos se estreitaram. Olhou fixamente o segundo piso, apertando os lábios.

Ele estava equivocado. Ainda tinha um coração, ela poderia senti-lo pulsar, sentia-o doído. Ela podia ver a dor em seus olhos quando recordava os laboratórios, a fúria desamparada que os seis anos transcorridos, não tinham amortecido. Ocultava seu coração dela. Ocultava suas emoções, e sua alma. Converteu-se em tal hábito que inclusive ele não se dava conta do que fazia.

Ela suspirou com fadiga, limpou as lágrimas de suas bochechas e pensou na melhor maneira agora de ocupar-se disso. Amava Jacob. Sempre o amara. Mas necessitava seu amor também, e Faith sabia que ele lutaria para não deixar o protetor casaco de suas emoções.

Ela entendia a necessidade de fazê-lo. Fazia o mesmo desde que ele a deixara, após sua fuga. Mas isso não significava que fosse permitir que se ocultasse por mais tempo. Faith sabia que se não agisse e rompesse sua reserva, eventualmente ele iria para longe dela outra vez. Ele era um Executor, um combatente, guerreiro. A parte dele que nunca se submeteria e aposentaria, e Faith sabia que ela não o desejaria. Havia também muitas castas ali fora que gritavam por sua liberdade. Mas ela desejava, precisava ser uma parte disso também. Apertando fortemente os dentes, ela grunhiu silenciosamente e se foi pelo vestibulo amplo até a cozinha.

Ela estava rígida e tinha fome, e Jacob evidentemente tinha pouca intenção de satisfazer a primeira necessidade agora, assim trataria de satisfazer à segunda. Necessitaria de todas suas forças para ocupar-se de sua teimosia, de qualquer forma. As castas masculinas eram simplesmente impossíveis. E as castas masculinas alfa eram as piores, é obvio. Dominantes. Insuperáveis. Muito atraentes para descrevê-los apenas com palavras. Suspirou. Esperava que ele estivesse duro como o inferno e que fosse impossível encontrar satisfação. Isso lhe ensinaria a não deixá-la tão necessitada.

CAPITULO 16

Ele era um covarde. Jacob olhou fixamente o teto sobre sua cama e admitiu que esse conhecimento murchava sua alma, enquanto escutava a agitação e a volta de Faith a sua cama no outro quarto. A mulher o aterrorizava. Ela era tanto suavidade como agressão, e toda fêmea, e a combinação o destruía. Seu desejo por ela o destruía.

Infernos, não podia acreditar que se afastara dela. Ela era a fantasia mais quente, molhada, e sexual que ele tinha tido em toda sua vida, e tinha se afastado porque as necessidades dela o aterrorizavam.

O amor não era um conceito que pudesse aceitar, associado com a Faith. Ele velava por ela, profundamente. Respeitava suas capacidades, seu valor, e sua tenacidade. Desejava-a tanto que até seu membro estava tão inchado que pensava que não seria possível ejacular bastante freqüentemente para satisfazê-lo.

O amor o aterrorizava, admitia-o. O mesmo pensamento de Faith carinhosa o punha em pânico. Se ele a amava, poderia sobreviver a sua perda? Poderia continuar

vivendo? E o medo de perdê-la aumentou quando se deu conta de que o até então invulnerável Executor alfa tinha uma debilidade. Como a protegeria?

Franziu o cenho, uma dor aguda repentina se rasgava em seu peito com o pensamento de perdê-la agora. Seus punhos se apertaram em seus flancos quando empurrou a sensação longe, empurrando atrás seus medos.

Não havia amor dentro dele, tinha-lhe sido arrebatado há anos, assegurou-se. Porque certamente se houvesse um pouco de amor, logo seria Faith quem sofreria por ele.

Ela já tinha sofrido por ele. A noite no laboratório poderia tê-la marcado com uma cicatriz, poderia ter feito com que o odiasse para sempre, em vez de desejá-lo e sofrer por ele. Ele tinha perdido controle. E o controle perdido de tal maneira não era aceitável. Mas não conseguiria deter o zelo e a elevação da necessidade que provocavam as lembranças.

Ele a dominara, mas sua boa vontade, sua necessidade de se submeter a seu desejo não tinha feito nada para facilitar sua fome por mais.

Era isso instinto?, perguntava-se. O DNA de lobo selvagem agregado ao seu de algum jeito trazia essas necessidades, essas fomes das que ele tinha sido previamente inconsciente? O pensamento de Jacob voltou-se de novo aos anos de treinamento sexual em que os cientistas tinham insistido repetidamente. Os diversos parceiros, a variedade de posições. As mulheres que usaram devido a sua capacidade de dominar os homens, outras mulheres para que sua capacidade as submetesse, e algumas que tinham lutado.

Empurrou as lembranças para longe. Fizera o que tivera que fazer em sua luta para salvar as vistas de outros e a sua própria. Tal como Wolfe e Aiden faziam. Cada dia ali tinha sido um inferno. Cada decisão tinha sido uma questão de vida ou de morte. E, entretanto, essas decisões o marcaram. Essas experiências tinham arrancado seu coração de seu peito e o tinham sangrado de maneiras que ainda lutava para enfrentar. E agora, marcariam Faith com uma cicatriz. Marcando-a com uma cicatriz porque as mesmas coisas que ela necessitava dele, tinham sido destruídas, anos antes.

Ele silenciou a maldição que deslizava além de seus lábios; forçando-se a reprimir o uivo de agonia que desejava escapar de seu peito. Ele não podia protegê-la. Não importava com quanta força tentasse, ou como lutasse, ele nunca poderia protegê-la completamente. E se nenhum nem outro podia, ele a deixaria ir. Não era amor, assegurou-se. Era o frenesi de acasalamento, o zelo sexual o que o enlouquecia. De algum jeito, ela o tinha infectado também. Seu membro nunca tinha estado tão duro, tão agonizante e desesperado por afundar-se dentro dela.

Ele nunca estivera tão aterrorizado por algo em sua vida como estava das necessidades que ela tinha, e das necessidades que cresciam dentro dele por ela. Jacob tinha a sensação de que agora lutava, não por sua vida, mas sim por sua alma também. Agüentar a dor de Faith, seu padecimento era mais duro do que ele tinha pensado que seria.

No dia seguinte, olhou como ela estava no pátio lateral, fazendo as manobras do exercício que Wolfe tinha insistido sempre, repetidamente, que fizessem depois que saíssem dos laboratórios. A luz do sol cintilava em seu cabelo castanho enquanto ela se estirava, manchando sua pele dourada com umidade, lhe dando fome por prová-la.

Ele estava parado silenciosamente à sombra de várias árvores baixas, olhando simplesmente.

Ela se movia como um sonho, suspirou de prazer. Ágil e agüentando, ela realizou as voltas e os exercícios intrincados do karate como se tivesse nascido para eles. A roupa esporte de lycra se pegava a seu corpo, a cor azul marinho mostrava sua pele cremosa.

Ele soprou asperamente, agarrando seu frágil com as unhas. Finalmente, com uma exalação lenta de respiração, ela se acalmou enquanto terminava com os exercícios. Já em repouso, agarrou a toalha que tinha deixado na terra e limpou a transpiração de sua face.

Abriu os olhos, seu olhar fixo que apunhalava o seu. Jacob se endireitou, a cólera açoitando através de seu corpo com a emoção reservada que ele leu dentro seus olhos. Amor e necessidade. Ela não ocultava uma só maldita emoção que sentia para ele, e exigia o mesmo de volta. Seus punhos se apertaram em seus flancos quando lutou com a dor de seu peito. Ela então sorriu. Um sorriso lento, quase vitorioso que o aterrorizou. Sacudindo sua cabeça, forçou-se a dar volta. Forçando-se a si mesmo a retirar-se. Maldita fosse no inferno. Ela o destruiria.

Faith estava quente, e desesperada. Estava cansada de deitar-se em sua cama, para esperar a saída do sol, e agüentar outra noite sem dormir. Odiava as noites em branco, quando seu corpo se queimava, e a necessidade palpitava através de sua circulação sangüínea como um tambor batendo de agonia.

Movia-se na cama, acordada, com os olhos totalmente abertos. Isso não era nada incomum, durante os últimos anos tinha passado mais tempo lutando por dormir dos que tinha passado realmente dormindo. Teria conseguido dormir a outra noite, recordou-se, se não tivesse deixado que sua cólera e sua determinação por conseguir o melhor a forçasse a ter esse impulso de ir à cidade.

Fez uma careta, o gosto da cerveja e do maldito café tinha estado perto de ser digno dele. A reclusão era uma má coisa. Não é que fosse seriamente viciada. Era apenas um de seus poucos prazeres. Seu café da manhã, sua cerveja da tarde. O primeiro para agüentar a passar o resto do dia, o último para acalmar seus nervos depois de tratar com as castas obstinadas e com os informantes suspeitos. Rodou sobre si mesma e suspirou com aspereza. O amanhecer começava a iluminar através da janela, e ela tinha feito pouco mais que uma sesta desde que voltaram para a casa na noite anterior. Seus nervos pareciam atados com arame, sua carne sensível.

Ela tentaria apagar a dor ela mesma, mas sabia que nunca encontraria satisfação. E estava segura como o inferno de que não ia encontrar o sonho tampouco. Respirou com um suspiro zangado e rodou da cama para a ducha. Quinze minutos mais tarde, depois de tremer debaixo da ducha fria, envolveu-se em uma toalha, e jogou a loção rapidamente sobre o corpo antes de vestir-se com um vestido iridescente, de algodão verde pálido, e com umas sandálias que combinavam.

A luz do sol se filtrava forte e brilhante através das cortinas do dormitório, enquanto se perguntava, um pouco zangada, se Jacob não se arrastara para fora de sua guarida. Tinha-o ouvido mover-se e dar voltas na cama durante a maior parte da noite também. Durante um momento, entreteve-se com a idéia de ir até ele, de montá-lo até não poder mais e partir depois como se seus desejos, suas necessidades fossem pouco importante. Infelizmente, Jacob tinha a força para submetê-la a ele, e sua reação a ele se asseguraria de que ela estivesse mais que desejosa de satisfazê-lo.

Ela fez uma careta com o pensamento de como se deslizaria de seu dormitório, vigiando-o cuidadosamente. Estar emparelhado era um saco. Fez uma nota mental de estar segura de advertir às outras fêmeas da manada de Wolfe sobre isso. Nenhum homem merecia ter tal controle sobre uma mulher que o amasse. Especialmente, não um homem que tinha passado os seis últimos anos separado de sua companheira. Seis compridos, e duros anos, lembrou-se ela. Embora seu corpo o recordasse energicamente tanto se ela o necessitava como se não.

Sua primeira prioridade era café. Danson fizera um comentário com Hawke no bar, perguntando-se por que a tinham forçado a procurar o café, porque o dono da Fazenda o guardava em abundância e à mão. Isso significava que ela só tinha que encontrá-lo.

Jacob estava obviamente ocultando-o dela. E essa matéria descafeinada falsa que Danson se empenhava em tentar lhe dar era um nojo. Vinte minutos mais tarde, Faith estava virtualmente ronronando de prazer, com o café medido, coado e fresco na cafeteira, vertida a água no depósito e esperado com antecipação ambiciosa quando a força escura das sementes frescas começou a formar redemoinhos ao redor de seus

sentidos. Seus olhos se fecharam com êxtase quando se dobrou perto da xícara, inalando seu aroma embriagador.

— Isso não é sexo. — A voz de Jacob a surpreendeu, fazendo-a saltar de surpresa. Ele tinha uma expressão de contrariedade, seu peito estava nu, arriscando-se a um ataque por parte de seus hormônios excessivamente amorosos, os pés descalços, e só estava vestido com as calças jeans, o botão superior dos quais estava aberto. Sua boca babou, e desta vez não foi pelo café.

— Bem, posto que o sexo não está disponível, é a melhor coisa seguinte no menu. — Assegurou ela, dando uma olhada no vulto impressionante de suas calças jeans de novo. Sua vagina se contraiu com o pensamento da grossura e a longitude confinados ali. Sua boca babou de novo. Maldição. Por que tinha que ser tão atraente?

— Quem disse o sexo não estava disponível? — grunhiu entrando na cozinha, agarrando uma xícara da prateleira sobre a cafeteira, enquanto ela vertia sua xícara e se afastava. Faith se encolheu, dando a volta para olhá-lo curiosamente enquanto ele verteu uma xícara de seu café e a levava aos lábios para um sorvo tentativo. Ele fez uma careta, mas tomou mais.

— O açúcar e a nata iriam bem com isto — sugeriu ela, retraindo seu impulso de fazer caretas.

— Os gatos bebem nata. Não sou um maldito gato.

Ele deixou sua xícara na mesa. Faith girou os olhos.

— Não tem que ser um gato para gostar de nata. Inclusive os seres humanos puros gostam.

— Isso deveria te dizer algo — ele grunhiu, sorvendo o líquido outra vez. Faith somente podia sacudir sua cabeça. Indo ao refrigerador, tirou dois filés nos que se fixou a noite anterior, os ovos, as bolachas e o leite.

— Tenho uma fixação pelo café da manhã. Desejas algo? — Ela perguntou, lhe jogando uma olhada para trás questionadoramente, não fazendo caso dos músculos que se apertavam em sua vagina, as mãos que coçavam com o anseio de tocar a pele lisa de seus ombros. Ele grunhiu. Faith tomou como um gesto afirmativo e estava determinada a alimentá-lo. — É um resmungão pelas manhãs — informou-lhe enquanto acendia o fogão e cortava um file decente. — É sempre assim, ou é só comigo?

— É pouco razoável — ele grunhiu.

— Já me disse isso antes. — Ela girou os olhos, enquanto se deu a volta dele. — Você é quem é pouco razoável e não se dá conta. — Isso fazia sentido. Ela não considerava pouco razoável desejar o coração do homem que a tomara como sua companheira. Malditas fossem as reações da natureza e do produto químico. Amava Jacob desde que era uma menina, estava cansada de sentar-se e esperar que ele decidisse que era hora de amá-la. Ele poderia seguir tão resmungão como quisesse. Ela precisava de sexo, mas também necessitava de amor. Se não poderia ter seu amor, então seu membro também lhe era inútil. Bem, quase inútil. Estava em zelo, apesar de tudo.

— Nunca sou pouco razoável — assegurou ele, arrogante. — Sou um Executor, Faith. Treinaram-me para ser lógico, sempre. Para estar preparado. Um Executor pouco razoável é um Executor morto. — Ela se voltou de novo para ele, estreitando os olhos. E caminhou cautelosamente, olhando-o fixamente, não fazendo caso de seu cenho enquanto se inclinava perto.

— Realmente parece vivo, Jacob — assegurou-lhe. — Talvez seja uma dessas anomalias surpreendentes. Você sabe, as castas que poderiam ser mais humanas que a casta. Ou em seu caso, mais vivo que morto, apesar de seus flashes de comportamento pouco razoável. — Ela saltou atrás com um sorriso antes que ele a agarrasse. Seus olhos se obscureceram perigosamente, o músculo em sua mandíbula se esticava de cólera ou de excitação... não estava segura.

Seu corpo se queimava por ele, mas por uma vez, não havia fúria nela, nenhuma cólera por sua atitude dominante ou pelos anos que ele tinha passado longe dela. Ali, se

determinou, não haveria mais separação. Sufocaria suas necessidades durante este tempo que estivesse com ele, ou se separaria dele para sempre.

Ela franziu o cenho, perguntando-se se era possível estar sem seu companheiro. Não era como uma união ou um contrato. A química e os enlaces psicológicos eram um mistério aos cientistas e castas igualmente. Não havia notícia até agora de qualquer casal que se separasse depois de que tivesse ocorrido o acasalamento físico completo.

— O que se passa com você esta manhã? — Ele quase grunhia enquanto ela cantarolava colocando os files e os ovos nas bandejas separadas mais adiante e colocando as bolachas ligeiras, esponjosas em uma tigela grande. Ela deixou sua bandeja diante dele, preencheu ambas as xícaras de café e sentou-se.

— O que se passa comigo? — Perguntou ela, franzindo o cenho. — Soa mais como algo incorreto contigo.

— Você foi uma bruxa durante dois dias, fazendo de tudo e me convidando a que te desse uma lição nesse maldito bar, e agora age como a *Srta. Sunshine* que prepara o café da manhã e que banca a companheira. Precisa ser constante, Faith. Tudo isto que está acontecendo ao meu redor está me deixando louco. — Ele cortou seu file com um golpe rápido e destro de sua faca. Faith ocultou seu sorriso e fez sua melhor tentativa de parecer inocente. A melhor maneira de sacudir a um maldito varão alfa era confundindo-o. Hope lhe assegurara isso. Segundo ela, Wolfe ainda não sabia como lidar com ela. E tinha admitido facilmente que amava Hope.

Depois que ela comeu o café da manhã, lutou com sua dependência. Esta era sua oportunidade, e ela sabia. Se ele se fosse para longe dela outra vez, não sabia se sobreviveria à dor.

O café da manhã terminou em relativo silêncio. Depois de limpar a mesa e de empilhar os pratos na máquina de lavar pratos, Faith preparou outra xícara de café, então entrou no salão onde tinha colocado sua carteira depois de encontrá-la cheia com o café falso com o qual Hawke pensou que a enganava.

Ele havia devolvido a motocicleta como prometera no dia anterior, e comprado para Faith o que lhe tinha ordenado. Uma caixa de cerveja, e tinha tentado acontecer às escondidas com latas e café. Como se ela não soubesse distinguir o café verdadeiro, suspirou ela. Depois, voltou a entrar na cozinha, para levar a carteira à habitação, ao seu dispor, e pegou Jacob tirando furtivamente da bolsa os grãos de café da despensa. Ele se congelou quando ela se deteve, olhando-o com olhos zangados.

— Jacob. — Ela deixou sua carteira no piso e cruzou os braços sobre seus seios enquanto suspirava com resignação. — O que quer em troca de deixar meu café e minha cerveja em paz?

Seus lábios se estremeceram, seus olhos se estreitaram para ela. Ela tinha a impressão de que ele se agarrava desesperadamente à equivocada idéia de que poderia controlá-la realmente.

— É muito forte para você. As provas o demonstram. — Ele estreitou seus olhos para ela. — Até que saia do zelo, precisa se abster do café.

— Isso não vai acontecer — ela assegurou. — Vamos negociar isso. Em troca do que promete não tocar no meu café?

CAPÍTULO 17

Ela o olhou deter-se brevemente. Ele se acalmou, com os olhos fixos nela de uma maneira que fez disparar seu pulso em quente advertência.

— Negociações — Ele fixou a bolsa com os grãos de café na mesa entre eles. — Posso lidar com isso.

— Hum, tenho certeza que pode. — Murmurou ela. — Então, vejamos suas exigências e o que vamos conseguir com isso. — Nenhum Executor conseguira negociar

com tudo isso. Inclusive Wolfe teve que lutar para fazer isso. Jacob a olhou cuidadosamente, duvidoso.

— Só uma xícara ao dia. — Indicou.

Faith pôs em branco os olhos.

— Se não ir levar isso a sério, Jacob, levarei sempre a maldita bolsa ao redor de meu pescoço.

Ele franziu o cenho.

— Uma xícara é mais do que necessita.

— E menos do que beberei realmente. O mínimo que me proponho a beber são quatro xícaras antes de última hora da tarde, se estivermos na casa todo o dia. Vamos a partir daí. — Seus lábios se apertaram.

— Quatro xícaras? Faith, não é nenhuma surpresa que não durma nunca. A cafeína te matará. — Ele a olhava tão dominante que ela desejou rir entre dentes. Adotou sua expressão de calma apesar dessa necessidade. Se ele agora visse uma só debilidade em sua postura perderia tudo.

— Nunca durmo porque estou muito excitada para dormir — assegurou-lhe, indo direto à jugular. — Se cumprisse com seus deveres como meu companheiro, possivelmente o problema do café se solucionaria por si mesmo.

A surpresa congelou a expressão dele.

— Não essa parte de mim que toma, amor, mas não sou seu maldito brinquedo — ele mordeu, seu tom era furioso. Como não se deu conta de que ele reagiria assim, Faith se perguntou com diversão. Ela encolheu os ombros.

— Parece-me que talvez haja um problema aí. Mas isso é outro ponto. Estamos falando de café aqui, não de sexo. — Ela olhou seus lábios se abrirem, seus olhos obscurecer-se. Não de fúria, mas sim por completa surpresa. Ela teria rido dessa expressão se não se visse compelida a olhar o redemoinho de emoções que encheram repentinamente seu olhar fixo.

— Você crê que o problema está em mim? — Perguntou ele, incredulamente. — Pensa que não te desejo?

— Jacob, não acredito que seja uma questão de não me desejar, mas é uma questão de continuar comigo. Café ou nada de café, não sei que pode acontecer. Tentei deixá-lo. Mas isso somente o faz pior — ela admitiu com um encolhimento de ombros. — Somente estamos discutindo meu café...

— Faith, poderia continuar contigo qualquer dia da semana — ele grunhiu com irritação. — Está tentando me insultar?

— Se o tentasse, Jacob, então saberia — lhe prometeu com um cenho. — Podemos voltar de novo para o café? — Faith tentou não fazer caso do agudo estalo de calor em sua vagina quando o enfrentou. Seu corpo inteiro se esquentava, preparando-se para ele. Ela podia ver a determinação de dominá-la em sua expressão.

— Esqueça o maldito café — Uma mão cortou o ar quando ele a olhou com uma expressão do desafio masculino. — Desejo discutir o sexo.

Ela a apoiou as mãos em seus quadris.

— Esqueça o sexo, Jacob. Desejava sexo na outra noite e você foi como um menino mal-criado. Não desejo sexo, desejo café. — Ele hesitou brevemente, com seus olhos estreitando-se enquanto meditava, atento.

— Se deseja café, depois tem que dar algo em troca — informou-lhe ele com ar satisfeito. — Torna-o mais duro, lembra?

— Não o tive durante seis anos, lembra? — ela retrucou sarcasticamente. — Posso estar sem ele outros seis se o desejar.

Jacob franziu o cenho. Pôs sua mão na bolsa do café, mas era o vulto detrás de seu zíper o que lhe fez água na boca.

— Nada de sexo, nada de café. Isso é não negociável. — Sua expressão desenhava linhas de teimosia masculina. Faith refreou seu impulso de rir dele. Como se ela quisesse recusar o sexo...

— O sexo então é negociável? — Perguntou ela, com a cabeça inclinada enquanto o considerava. Jacob franziu o cenho, com seus olhos estreitados.

— Tem que negociar tudo, Faith?

Ela suspirou.

— Não negocieie o bastante no que se refere a você, Jacob. Se o tivesse feito, não teria sofrido durante os últimos seis anos. Eu consigo meu café, você consegue sexo. Sem limites permitidos. Nenhuma asquerosa discussão se não poder continuar.

— Quanto café pode beber? — perguntou-lhe ele com suspeita. Faith lhe ofereceu seu sorriso mais inocente e não ameaçador.

— A pergunta é Jacob, com que frequência você consegue foder?

* * * * *

Com que frequência ele conseguia foder? Como se ele não tivesse o desejo de continuar com uma mulher que até a outra noite tinha sido virgem? Jacob observou Faith, enquanto ela vertia uma xícara de café com indiferença.

Ela deu a volta, e aquele vestido cobria seu traseiro perfeitamente. Ela girou de novo para ele, olhando-o com aquela expressão maldita de interesse curioso. Como se ela esperasse que ele tivesse alguma dúvida sobre continuar com ela. Quase suspirou com repugnância. Desejou grunhir de frustração. Recordou-se de perguntar a Wolfe sobre as múltiplas personalidades que ela parecia exibir. Temperamental num momento, ninfa no seguinte. Acabaria deixando-o louco. Devia a seu líder de manada um poderoso "agradeço-lhe isso" por não informá-lo corretamente o que esperar. E Jacob não tinha nenhuma dúvida Wolfe sabia.

Como se as revelações sexuais não fossem o suficiente, agora o forçava a ocupar-se de uma agressividade adicionada à sua; a tímida Faith o deixou totalmente fora de controle.

— Você sabe Faith, me ocorre que em seu papel de negociador e de escolhida do grupo, talvez você tenha vindo sob a impressão de que as mesmas regras que seguimos se aplicam de algum jeito ao resto dos seres mortais. — Ele cruzou os braços sobre o peito, jogando uma olhada mordaz à xícara de café.

As sobranceiras delicadas desceram em um cenho.

— Como assim? — Ela sorveu o café, e Jacob refreou seu impulso de sorrir de satisfação, com ar agradado. A cafeína tinha demonstrado aumentar a excitação, a adrenalina, durante o ciclo da fêmea em zelo. A agressão e os desejos sexuais poderiam ser temperados e controlados se ela escutasse a razão.

— Você se esquece que está acoplada. Os varões de nossa casta são naturalmente mais fortes, e altamente sexuais. Terei você pedindo misericórdia antes que durma esta noite. — E ele não tinha nenhuma dúvida, cafeína ou não, que ele poderia usá-la para resistir.

Ela o perseguia e ele sabia. Jogando-lhe na cara a ignorância de sua condição durante os últimos seis anos, e sua decepção por suas respostas emocionais, ela estava determinada a fazê-lo pagar, de uma forma ou outra. Divertia-se com a crença de que sua excitação era maior que sua capacidade de aplacá-la; isso o fazia estar mais que determinado a provar que era de outra maneira. Era um sorriso o que ela ocultava detrás da xícara da qual ela bebia. Era deliberado, sabendo o sorriso fazia que a besta nele rugisse de ultraje. Ele sabia que ela sorria. Era proposital, para assegurar-se com ar satisfeito que o aroma de seu zelo que o deixasse louco. Essa tinha que ser a razão de suas próprias emoções agora instáveis. Essa era a única explicação para aquele jogo estúpido ao qual ele permitia que ela o arrastasse.

— Segundo você mesmo disse, não teve ninguém durante seis anos, até a outra noite — ela o desafiou. — É um fato provado que quando os homens, inclusive os das castas, ficam sem sexo por períodos longos, não têm nenhum controle. E acredito que somente duas vezes uma noite, e somente algumas vezes à semana. Não são boas médias. — Ela encolheu os ombros. — Talvez devesse pedir os vibradores, só para o caso de que esteja cansado... seria uma boa idéia.

Oh, com que olhar inocente ela o olhava enquanto o perseguia. Como se não tivesse nenhuma idéia do desafio ao qual o submetia.

Como escolhida e como casta feminina, Jacob sabia que ela *sabia* o que fazia. Ou pelo menos, deveria. Podiam sua inocência, e suas necessidades, permitir que passasse por cima deste fato? Ele fixou seus olhos nela, tentando ver além da doce delicadeza que sua expressão revelava, para descobrir qualquer motivo oculto que ela pudesse ter. Mas ele não viu nada a não ser a crença completa em suas próprias palavras. E ele sentia a labareda da irritação em seu interior de novo. Demonstraria definitivamente que ele era mais que capaz de acalmar qualquer desejo que ela pudesse ter.

— Agora, acabe logo essa xícara de café. — Disse, sedutor.

Faith se congelou. Ele teve o prazer de perceber a apreensão repentinamente em seus olhos, a maneira em que cada músculo de seu corpo se esticava, e a fragrância doce de sua excitação que se aprofundava.

— Perdão? — Ela enrugou peculiarmente uma sobrancelha. Esse era um movimento encantador, mas seu membro não estava de humor para encantar-se. A ponta ao longo de sua carne crescia somente a pior. A sensibilidade de sua pele, a necessidade de tocá-la, de prová-la, deixava-o louco. Ele tinha passado a noite dando voltas na cama, negando-se, permanecendo longe dela, tentando protegê-la.

Ela necessitava um amor e alegria. Ele desejava ser honorável; desejava protegê-la contra o mundo no que vivia e, em parte, de si mesmo. Mas maldita seja se ele ia negar-se por mais tempo. Ela tinha vindo a ele, com esse traseiro doce que se flexionava diante dele, com sua suave voz e a forte necessidade ao redor dele. E agora, ela tinha a completa temeridade de desafiar sua virilidade. Malditas doçura e inocência. Iria lhe mostrar o que significava ser seu companheiro, e se não gostasse, então a culpa poderia assentar-se sobre ela, e de jeito nenhum encheria de novo sua alma de culpa.

— Acabe o café, Faith — ele grunhiu outra vez. — Acredito que é hora de te mostrar o que posso fazer e o que não posso.

Ele viu acelerar o pulso em seu pescoço e a maneira em que seus seios se aceleravam com suas respirações agudas. Cativava-a, e um pouco a assustava. Ela reconsiderava seu desafio, suspeitava ele. Ele ocultou um sorriso de triunfo. Era muito tarde para que ela reconsiderasse algo.

Ela sorveu seu café outra vez, e ele podia senti-la virtualmente procurar desesperadamente ter o controle da situação. Tinha muito que aprender sobre as castas masculinas, e seu próprio companheiro em particular. Ele agora se permitiria um controle muito pequeno.

— Tenho trabalho a fazer. O sexo é um esporte noturno, acredito. — Ela finalmente se recuperou, encolhendo-se elegante, uma elevação dos ombros, uma expressão de indiferença que foi danificada pelo rubor em suas bochechas, o brilho da excitação em seus olhos negros.

— O sexo acaba de converter-se em sua vocação, companheira — ele prometeu espreitando-a, levantando o café facilmente de sua mão e pondo-o na pia.

Ela abria sua boca para insultá-lo outra vez.

Ele sabia o que ela era, e ele não tinha nenhum desejo de ouvir mais de suas opiniões sobre o gênero masculino. Cobriu-lhe os lábios com os seus, sua língua se lançou a sua boca enquanto ela ofegava de surpresa. Não lhe deu tempo para protestar. Tinha aprendido que lhe dar um segundo para falar era sua queda a cada vez. Faria o que pudesse para manter sua boca cheia, se não de sua língua, então de seu membro. Recompensou-lhe por sua iniciativa quando os lábios se fecharam em sua língua, acariciando a carne sensível, mitigando a dor das glândulas inchadas e enchendo suas bocas do gosto embriagador da especiaria e uma tempestade da chuva enquanto lançava seu potente hormônio. Sua mão se moveu a sua cintura, depois às curvas tensas de suas costas quando ele puxou para situá-la mais perto, levantando seus quadris até que ele pôde esfregar o calor de sua vagina contra sua ereção.

Agora ela era como o fogo em seus braços, seus gemidos acariciando seus lábios com a língua enredada à sua, então entrou de novo em sua boca. Oscilou sobre seus lábios, com os dentes enredados com os dela, até que ele pôs fim a suas palhaçadas permitindo que seus lábios se afiassem sobre ela, acariciando-a como ela tinha feito com ele. Seu corpo se enrijeceu, arqueando-se mais perto dele enquanto ela choramingava com a carícia. As mãos acariciaram seus ombros, enredadas em seu cabelo, as presas morderam seu couro cabeludo enquanto ela lutava para mover-se mais perto. As mãos de Jacob apertaram seu traseiro, levantando-o mais perto.

Ele gemeu com surpresa quando ela levantou suas pernas e suas coxas lisas se afiassem como braçadeiras em seus quadris, e ela se moveu contra ele, sua fenda mais acima, mais apertada contra seu sexo quente. E estava quente. Chamuscou-o através de suas calças jeans, o fogo úmido tão tentador que teve que fechar fortemente seus dentes para impedir-se de lançar seu membro e enchê-la furiosamente. Estava enlouquecido. Ela tinha que saber o que lhe tinha feito. Deveria saber que ele desejava seu sabor, seu toque, como um homem possuído.

— OH sim — sussurrou ele contra seus lábios, beliscando-os enquanto ela começou a montar a beira de sua ereção. Suas mãos a sustentaram constantes, sustentando-a mais apertada, mais perto como se ela se fundisse com ele. — Como é bom, Faith. Tão malditamente bom — ele gemeu incapaz de fazer mais que seus próprios sons de prazer enquanto sentia a umidade de suas calcinhas através do material de suas calças jeans.

— Posso fazê-lo melhor. — Os lábios foram ao seu pescoço, acariciando seu ombro, então suas presas rastelaram a marca dela situada à esquerda dele, fazendo-o sentir um puxão de prazer.

— Exceto recuperar minha prudência — ele gemeu seus lábios lhe devolviam o favor enquanto ele sorvia a pele fragrante de seu pescoço. Jacob podia sentir a necessidade apunhalando através de seu corpo como pontas minúsculas de relâmpagos.

Seus músculos se apertaram, fazendo do controle um conceito tênue quando ela se moveu contra ele, gemendo seu prazer, com sua umidade molhando as calças jeans sobre sua ereção. Uma mão se moveu das curvas de seu externo, acariciando sua coxa.

Faith estava quieta, a respiração era áspera, pesada com a atmosfera úmida da luxúria que se levantou entre eles. Jacob permitiu que sua mão acariciasse sua coxa, logo a suavidade de cetim de sua nádega nua, e para baixo, abaixo aonde a seda líquida e suave aguardava o toque de seus dedos. Ela gritou quando seus dedos empurraram sob o tecido do lingerie, inserindo-se na entrada úmida de sua vagina. Empurrou-o contra ela, tremendo, sufocando os gritos quentes que se rompiam em sua garganta quando ele brincou com a possibilidade de que seu dedo empurrasse dentro dela.

— Jacob — ela gritou seu nome, suplicante.

— Não ainda, amor — ele grunhiu seu dedo circundando a entrada branda.

— Jacob — ela choramingou tremulamente. — Por favor, Jacob. Dói. Dói tanto. — Ele podia tomar o pulso de seus músculos internos, a suave umidade que ela emanava sobre as gemas de seu dedo. Ela estava tão quente que o chamuscou.

Ele apertou seus dentes, lutando pelo controle. Estava tão perto de arrasá-la, de tomar quando ele devia preparar. Sabia que ela estava dolorida, literalmente. As necessidades dela se elevavam tão alto, quando não se saciavam, que a dor podia ser agonizante.

O relatório que Wolfe tinha lhe enviado tinha sido muito profundo nessa área. E Jacob admitiu que não fosse muito melhor para ele. Podia sentir cada músculo de seu corpo ajustar-se, quase obstaculizando com a demanda pelo orgasmo. Sustentou-a perto dele, girando-a, situando-a em cima da mesa e colocando-a sobre ela. Ela ofegou enquanto a madeira fresca refrescava sua pele quente. Os dedos de Jacob foram aos botões de seu vestido e reprimiu um gemido enquanto os dela foram aos botões de suas calças jeans.

Ele rasgou o tecido em sua rapidez por tomá-la, mas finalmente o atirou ao chão, dando-se de presente a vista de seu corpo, sua boca empurrou os seios e seus mamilos rosados escuros. As mãos de Faith empurravam suas calças jeans sobre seus quadris, tocando a longitude torcida de seu membro enquanto Jacob rasgava suas calcinhas.

Ele desejava o jogo sensual. Desejava prová-la, lambe cada gota da nata de entre de suas coxas. Desejava amamentar-se em seus seios, morder seus mamilos.

— Suave amor — ele gemeu quando seus dedos tentaram rodear a largura de seu membro. — Devagar, Faith. Me deixe fazer gostoso para você, amor. — Ele queria que ela soubesse, quando acariciasse seu corpo, seu desejo por ela. Desejava esfregar ligeiramente sua pele, apenas porque era tão quente e tão malditamente suave que fazia que pensasse em contos de fadas. Desejava beijá-la, acariciá-la suavemente. Desejava seu sexo tão malditamente molhado que pudesse afogar-se nele.

— Humm, Talvez seja eu que precisa fazer gostoso para você. — Ofegou ela, esfregando sua mão ligeiramente em seu eixo tortuosamente duro. — Não sou eu a que tem problemas nesta relação. — Suas mãos estavam em seus seios. Ele podia apenas compreender o sentido de suas palavras, estava tão ansioso que por tocar as curvas plenas, cheias que o tentavam.

Ele sentia seu grito de assombro do prazer com suas mãos cheias de carne quente. Teve que acalmar o tremor de seu corpo e sua impaciência por ela. Sentia-se faminto, privado, à beira de um banquete, aterrorizado de que este lhe fosse arrebatado antes que pudesse saciar sua fome.

— Nada de medo — ele grunhiu, baixando sua cabeça sobre os tentadores picos e seus escuros mamilos. — Seu prazer é tudo o que necessito, Faith...

Ele gemeu, enquanto as mãos apertavam seus seios e lambia o bico duro de seu mamilo. Ouviu seu gemido de necessidade, sentiu o incêndio de seu corpo e não pôde controlar a flexão dos quadris, que conduziram seu membro contra seus dedos.

Ela se arqueou para trás, empurrando as extremidades duras de seus seios contra seus lábios, e não estava na mente de Jacob negar-se. Cobriu uma extremidade pontuda com um suspiro faminto de prazer e procedeu a tomar seu prazer dela.

CAPÍTULO 18

Faith lutou para manter seu controle por tempo suficiente para tentar a Jacob, para queimá-lo com sua paixão e sua própria necessidade. Entretanto, manter qualquer controle com aqueles lábios em seus seios, os dentes que mordiscavam em seus mamilos, era impossível para ela.

Ela se arqueou contra ele, a ereção em sua mão quando o esfregou ligeiramente, atraindo-o mais perto do portal gentil de seu sexo. Necessitava-o ali, agora. Não mais tarde. Agora não desejava o êxtase, não ainda. Talvez mais adiante, quando as explosões agudas de necessidade dolorosa rasgassem seu corpo. Agora, olhando para Jacob, olhando seu rosto tenso em linhas de prazer sensual, com tanto sua boca como seus dentes em seu peito, e sua língua raspando-a, ela se sentia como se um inferno se incendiasse nela. O relâmpago percorreu seu peito, viajou através de seu estômago e pulsou em sua vagina como uma explosão postergada. Os músculos ali se agitaram, apertando com quente necessidade. Uma mão se ancorava em seu cabelo para sustentá-lo a ela quando se arqueou mais perto, as coxas agarrando seus quadris quando a cabeça púrpura de seu membro tocou sua entrada polida. Ela estava tão molhada, tão quente por ele, que estava se desesperando. Não poderia conter os gritos, a necessidade de sua dureza, estirando-a com os impulsos que a queimariam, esfregando-a ligeiramente em um orgasmo ardente.

— Jacob, por favor — ela gemeu quando ele tocou a entrada, retirando-se logo. Ele estava tão quente. Tão denso. Suas coxas se apertaram nele quando ela pressionou-se mais perto, desesperada por sua posse.

— Ainda não — resmungou ele contra seu peito, seus lábios esfregando ligeiramente sobre seu mamilo sensível, enquanto as mãos acariciavam os globos inchados. — Ainda não, Faith, preciso te saborear, te tocar.

Suas mãos esfregavam ligeiramente seus quadris, agarrando-os, sustentando-os enquanto ele se movia para ela. Ele a destruiria. Faith choramingou quando ele começou a descer por seu corpo, com os lábios esfregando ligeiramente sobre a carne de seu abdômen em um rastro úmido de sensação tão quente como a lava.

— Parece fogo e seda — sussurrou ele, pressionando-se contra ela, e indicando que ela devia se reclinar.

— Jacob, na mesa? — ela ofegou, surpreendida. Mas o pulso quente do líquido de sua vagina lhe assegurou que seu corpo estava mais que pronto.

— Que melhor lugar para te colocar e para me banquetear de você — murmurou ele, com os lábios movendo-se mais perto das pétalas nuas e lisas de seu sexo. — Maldita seja, Faith, estou faminto por você.

Ela sentia suas mãos separando suas coxas mais ainda, seu corpo que se deslizava, seus dedos acariciando os lábios gordinhos de seu sexo. Seus quadris arquearam-se mais perto com os quentes sopros de sua respiração lhe acariciando a carne sensível.

— Tão doce. — Sua língua esfregava ligeiramente seu clitóris úmido.

— OH Deus! — Ela gritou, movendo-se contra ele, conduzindo seus quadris mais perto de suas carícias torturantemente lentas.

— Você é deliciosa. Como o néctar e os sonhos, Faith — gemeu ele, sua língua esfregando ligeiramente ao longo dos lados dos lábios inchados. — Tão quente e molhada, e minha. Só minha, Faith. Cada doce e deliciosa plegada é minha.

Ela teria protestado. Realmente o teria feito. O teria feito se sua língua não tivesse entrado lentamente através dela, de sua dolorida fenda, circundando a entrada a sua vagina e movendo-se então para trás. Faith mal conseguia respirar. Era tudo o que podia fazer para não lançar roucos gemidos, agonizantemente próximos ao orgasmo. Sua língua era um movimento de luxúria suave, sensual, quente, lambendo a nata de sua paixão, murmurando sua avaliação quando ele a devorou como um manjar delicado.

Ela se retorceu em seu aperto, tentando aproximar-se mais a ele. Desejava sua língua profundamente dentro dela. Desejava senti-la afundar-se em sua vagina, enchendo o vazio de dor ali. Precisava ser cheia, tomada, sustentada, conduzida à loucura do orgasmo.

— Adorável, amor. — Ele a lambeu. Chupando-a. Sorvendo na umidade que reuniu ao longo de seu sexo. Como um homem esfomeado. Um homem que morria de fome por ela. Um homem que nunca deixou de estar desesperado por seu gosto e sua paixão.

Ele pôs suas pernas sobre os amplos ombros, suas coxas agora separadas por sua cabeça enquanto lambia e aspirava em sua carne empapada. As mãos não estavam paradas, entretanto. Elas apertavam as bochechas de seu traseiro, trazendo-a mais perto de sua boca, ainda sustentando-a quando ela se retorceu contra ele, gritando em sua necessidade quando ele aspirou ao delicado clitóris umedecido.

Ela poderia sentir seu corpo apertar-se. Sua cabeça sacudir, seu corpo golpear e podia ouvir-se rogando por ele. Quebrada, choramingando, gritando quando ele gemia em seu sexo segundos antes que conduzisse sua língua profundamente dentro de sua vagina alagada.

Faith se estremeceu convulsivamente, seus quadris apertando-se mais perto, seu clitóris entrando em uma erupção de fogo enquanto ele tomava seu alimento com a língua ágil. Ouviu-se gritar, rogando. OH Deus, era muito bom. Muito quente. Ela morria. E quando seu polegar esfregou ligeiramente sobre seu clitóris, então explodiu. O

êxtase choveu sobre seu corpo, chispando em seu sangue até que não podia respirar, não podia lutar, podia somente dissolver-se em fragmentos líquidos de êxtase, enquanto ele introduzia cada gota da inundação de seu orgasmo na boca. As erupções cantaram através de seu corpo, vibrando nas extremidades. As explosões repetidas de pulsações em seu sexo eram intermináveis, fazendo com que seu corpo se agitasse à medida que ele continuava lambendo no calor líquido que a transbordava. As mãos Faith agora se ancoraram em seu cabelo, embora ela não estivesse segura de como chegaram ali. Seu corpo estava tenso, era uma massa a ponto de romper-se, de desejos que exigiam mais de seu toque enquanto marcavam as necessidades ambiciosas de seu corpo.

— Mais — pediu ela, desavergonhadamente. Ela não sentia nenhuma vergonha. Sabia somente o queimar da dor, do vazio dentro dela.

Ele então se levantou entre suas pernas, os dedos apartaram os dela de seu cabelo; então ele levantou suas pernas dos ombros e as envolveu ao redor de sua cintura. Seu membro pressionou contra sua abertura enquanto ele olhava fixamente para ela. Seus olhos brilhavam intensamente. Um azul pálido brilhante em sua face suarenta, suas pálpebras se fecharam.

— Preciso de você — gritou ela, com as pernas apertando ao redor da cintura dele, retorcendo-se mais perto, desesperada por sentir seu inchado membro empurrando dentro dela. Profundamente. Duramente. Desejava-o, todo ele, agora.

— Deus, é tão formosa — ele sussurrou gravemente, com as mãos apertadas em seus quadris, seu membro escorregando dentro de seu túnel faminto. — Suarenta e úmida, com seus olhos tão escuros. Faz-me sentir fome por você, Faith, pois nunca tive fome antes. — Sua voz era grave, profunda, até que retumbou em seu peito e esfregando ligeiramente sobre seus sentidos como uma carícia.

Ele empurrou em seu interior mais profundamente, a cabeça grossa e avermelhada de seu membro dividindo os músculos apertados de sua entrada como seus dedos apertados em seus quadris.

— OH sim.

Ela estremeceu, necessitando de mais. O prazer/dor de sua leve entrada não era o bastante. Nunca era o bastante. Necessitava mais. Necessitava-o de todo ele.

— É tão quente. Tão firme — ele gemeu, afundando no ninho de seus quadris a longitude grossa de seu intumescido membro uma polegada mais profunda. Ele se queimou, estirando-a.

Ela se retorceu em seu aperto, lançando gritos desiguais e famintos e pedindo mais. Podia sentir seu sexo que aferrava a cabeça, ordenhando-a, lutando por sugar dele mais profundamente. Desejava-o profundamente, fortemente em seu quente interior.

— Maldito seja! — gritou ela enquanto ele se movia apenas um pouco mais.

Ela sentia como se queimasse viva do interior. Seus músculos estavam apertados com furiosa necessidade, seu clitóris chorando com desesperada luxúria. O prazer açoitava sua carne da cabeça aos dedos dos pés, sensibilizando sua pele, atormentando-a com sua necessidade do clímax. A cara de Jacob estava enrugada com linhas de tensão. A transpiração empapou a ambos, umedecendo seus corpos, pondo-a mais molhada, fazendo o fogo da luxúria mais quente.

— Agora, Faith. — Ele fez uma careta, seus dentes apertados enquanto lutava pelo controle. — Você é tão apertada. Tão malditamente apertada e quente.

Ele se moveu mais para dentro e ela gritou com frustração.

Ela agarrou com as mãos dele apoiadas seus quadris, e utilizou os pés travados por trás para alavancar-se, para empurrar-se mais, para enterrar a longitude quente mais profundamente. A cabeça de seu membro entrou mais longe quando com seus músculos se afiançou firmemente, desesperado por sustentá-lo dentro dela. Ela o agarrou, gozando com o prazer de sua posse. O aperto desfez ao Jacob. Com um gemido pesado, uma maldição áspera ele se perdeu, dividindo-a com um impulso que roubou sua respiração. Ela sentia a forja pesada de sua longitude dentro dela, facilitada pela

essência úmida de sua necessidade, queimando-se com a luxúria que se levantava como um inferno entre eles. E ele não se deteve.

Não lhe deu tempo de acostumar-se à largura de sua ereção. Como se esse impulso tivesse sido seu ponto de desempate, sustentou-a apertada e começou a mover-se, duramente e pesado, várias vezes dentro dela enquanto ambos lutavam para respirar. A espuma de sua nata se deslizava entre eles, esquentando-os mais enquanto se empurrava para frente e para trás. Seu membro perfurando dentro dela com movimentos repetidamente longos que aumentaram as sensações, o queimar do fogo. Os tremores correram no corpo de Faith com uma tensão construída de proporções dolorosas dentro de seu clitóris.

Seus quadris se elevaram e caíram, tomando-o mais profundamente, sentindo-se parte dele, estirando-a com cada movimento para baixo. As sensações a destruíam. Ela era quente, fria, sua vagina estava apertada; seu clitóris tremia ao redor de sua ereção enquanto ele começou a aumentar a velocidade e a profundidade de seus impulsos.

Ele se dobrou sobre ela, sustentando-a perto, empurrando suas pernas mais abertas ao redor de sua cintura enquanto seus lábios cobriam os dela com um gemido faminto. Os lábios e as línguas lutaram juntos. Geceram cara a cara quando a mão de Jacob se moveu em seu seio, os lábios esfregavam ligeiramente sobre sua mandíbula, por seu pescoço e a marca sensível que ele tinha deixado nela. Lambeu-a ali, gemeu e começou a empurrar mais arduamente. Faith podia sentir seu corpo romper-se. Uma tormenta de prazer entrou em erupção através de sua corrente sanguínea, de suas terminações nervosas enquanto tudo dentro dela começava a desentranhar-se.

Ela estava vagamente inteirada de seu grito que vibrou contra seu pescoço, mas estava mais que inteirada do inchaço de seu membro, da maneira em que ele a estirava, conduzindo seu clímax mais alto e bloqueando-se dentro dela. Exatamente onde ela o desejava. Profundamente, duro, sustentado na boca de sua matriz enquanto ela sentia os jorros quentes de seu esperma que entrava em erupção dentro dela. Seus quadris se moviam desesperadamente. O nó inchado se travou dentro dela, fazendo Faith ofegar com as vibrações renovadas de seu próprio clímax.

As mãos de Jacob estavam sob ela, sustentando-a apertado, seus soluços eram gemidos enquanto seu membro se movia, pulsando, com cada erupção de sua semente dentro dela. Faith afiançou seus músculos com mais força, com o membro dele completamente agasalhado. Ela estremeceu com a sensação. O prazer ardente que se confundia com dor, o estremecimento profundo de outra erupção culminante. Mas a reação de Jacob era mais intensa. Suas mãos a apertavam, abraçando-a mais perto, grunhindo com seus lábios grudados na marca que ele tinha feito previamente, com a respiração estremeçando em seu peito e seus quadris movendo-se em embates.

Sua semente pulsou dentro dela outra vez. Parecia que nunca ia terminar, um prazer que oscilava a sua base, e a atava a ele de corpo, coração e alma. Ela nunca sobreviveria sem ele. Sem seu toque, sem a profunda satisfação que enchia a alma de mantê-lo nela, sentindo-o travado dentro dela de uma maneira que ele nunca saberia fazer com outra mulher. Somente com Faith. Somente com sua verdadeira companheira.

CAPÍTULO 19

Jacob saiu lentamente do apertão quente, úmido do corpo de Faith, a respiração se estremeceu através de seu peito, seu membro estava tão sensível que a simples fricção de sua retirada o fazia tremer de prazer. Ele nunca tinha sentido tal prazer. Nunca soubera de tal satisfação.

Ela estava arreganhada na mesa, lutando para respirar, com o cabelo úmido e os lábios inchados enquanto estes se separavam pela necessidade de tomar ar. E ele ainda a necessitava. Ele continuava ereto, inchado de sangue e de luxúria. As rajadas

repetidas de sua semente dentro dela tinham feito pouco para saciar sua fome por ela. Puxou-a para cima até que pôde sustentá-la contra seu peito.

Ela colocou sua cabeça contra ele, depositando um suave beijo em seu peito.

Ele sentiu os músculos ali apertarem-se, sentindo a batida de seu coração contra as costelas, com a doçura incrível que sua suave carícia transportou. Ela o fazia sentir coisas que ele nunca tinha imaginado antes que existissem. Coisas nas quais ele não desejava cavar muito profundamente.

— Desejo-te outra vez — ela sussurrou, com as mãos esfregando ligeiramente ao longo de seu estômago tenso, suas coxas duras. — Desejo-te dentro de mim para sempre, Jacob. — Sua garganta estava apertada. Sua voz era tão suave, vacilante, mas sem medo de expressar suas emoções.

Ela o destruía com sua gentileza, com seus beijos de seda e esquentava a paixão.

Ele a sustentou mais perto, pousando a bochecha contra seu cabelo quando ele a esfregou ligeiramente nas costas, nos ombros. Respirou difícil e profundamente quando as mãos dela circundaram seu eixo, os dedos magros medindo, redesenhando as veias pesadas e grandes em torno da cabeça.

— Temos uma cama onde acredito que poderíamos fazer isto muito melhor — disse ele, a voz reduzida a um grave grunhido.

— Quantos milímetros? — Ela escorregou da mesa, e seus lábios e língua desenharam uma trajetória de fogo ao redor de um duro mamilo masculino.

— Infernos, Faith — ele gemeu seu nome quando ela beliscou-lhe o mamilo, depois o esfregou ligeiramente com a língua.

— Quero te tocar tendo seu gosto quando me toco — ela sussurrou. — Desejo te demonstrar como de boa é a sensação que me dá, Jacob.

Ele ouviu a necessidade em sua voz, a excitação, e mais. Ouviu sua convicção, sua crença no final feliz e nos sonhos românticos que tinham que acontecer. E ele desejou acreditar. Embora ele soubesse que não existiam, ele desejou poder acreditar. Jacob fechou os olhos, lutando com as lágrimas que sentia, com um nó de dor em seu peito, e em vez disso se concentrou nas explorações de seu corpo.

Ela sopesou seu escroto pesado em na mão, murmurando sua avaliação enquanto introduziu o grão pequeno de seu mamilo em na boca. Sua outra mão esfregou ligeiramente sua ereção, movendo os lábios através de seu peito, atendendo então a seu outro mamilo. Jacob estava perdido na sensação.

O prazer se elevou sobre seu corpo em intermináveis ondas, deixando-o ofegante enquanto ela o acariciava. Observou como ela começou a mover-se mais para baixo, transfigurado imediatamente pelo prazer que transformava sua face. Como se tocá-lo lhe trouxesse tanto prazer quanto o toque dele o havia feito.

As mechas castanhas suaves como plumas, assim como a língua, esfregavam ligeiramente os músculos tensos de seu estômago. Seus dentes o raspavam, as presas delicadas rastelando sensualmente sobre sua carne enrijecida enquanto ele gemia asperamente no toque.

As mãos dela trabalhavam obstinadas através de seu cabelo quando seu corpo se endureceu mais, seu membro pulsava com a antecipação agonizante quando a boca suave se aproximou. Sua respiração soprou sobre a cabeça sensível, brandamente, enquanto sua mão esfregava ligeiramente a coluna dura com movimentos firmes.

Os músculos de Jacob se apertaram com encrespada antecipação em seu ventre e se entrelaçaram ao redor de seu lombo. Sua ereção se moveu de um puxão em sua base, aguardando com impaciência o momento em que sua boca quente envolveria a inchada cabeça.

— Faith — ele grunhiu seu nome quando ela deu a volta para beijar sua coxa. Ele sentia seu sorriso contra sua carne, então um segundo depois, o golpe quente de sua língua através de seu escroto.

Ele não poderia parar o sobressaltado gemido de prazer que irrompeu de seu peito. Enquanto lutava para recuperar-se, ela escolheu esse momento para mover-se mais

acima e enfiar a cabeça de seu membro dentro da boca quente, úmida. Jacob apertou os dentes enquanto lutava pelo controle.

As mãos dele estavam agarradas em seu cabelo, arqueando-se para trás, conduzindo-o mais profundamente nas profundidades úmidas de sua boca enquanto ele sentia seu gemido vibrar contra a carne ultra sensível. Ela ronronou sua aprovação ante sua reação, com a língua formando redemoinhos sobre a cabeça grossa, então o tomou firmemente na boca.

Ele se sentia seus músculos agruparem-se enquanto lutava por controlar-se. Sua boca era um instrumento da tortura. Sua língua uma chicotada de fogo que o abrasava. O movimento de seus lábios, os gemidos dela e suas carícias o conduziam à beira da loucura. Os sons suaves, úmidos de sua boca, o zelo dela, as mãos, a aspereza de sua língua, eram muito, muito quentes.

As presas se moveram ao longo de suas coxas internas, uma ardência espinhosa que fazia com que sua respiração se estrangulasse em na garganta. Ele sentia seu membro palpitar, o primeiro pulso do líquido que teria enchido sua vagina se estivesse lá. Ela sugou-o com impaciência em sua boca, cantarolando contra sua carne tensa de novo. Jacob sentia a choramingação, e como o prazer era tão profundo, tão forte.

Seus músculos tremeram com a força que requereu atrasar seu clímax, o aplique do zelo de sua boca que se movia nele, lhe dando prazer, generosamente dando, não tomando nada para ela quando o tocava. Alguma outra pessoa tinha feito tal coisa antes por ele? Fazia tudo o que podia fazer para atrasar seu clímax, para permitir-se desfrutar de cada instante desta experiência incomum.

— Faith, é tão bom... — Ele não poderia reprimir seu gemido de louvor quando sua língua esfregou ligeiramente a superfície inferior de seu membro com uma lenta passada, lambendo-o. — OH, amor. OH Infernos. Faith, é muito bom. — Sua boca que se movia para frente e para trás, forçando seu membro dentro e fora do aperto de seus lábios.

Ele nunca havia sentido tais sensações em sua vida. Um prazer que se rasgou através de seu corpo, sua alma, envolvendo-o em zelo e em paz, apesar da necessidade agonizante do orgasmo.

Outros arranques de líquido quente entraram em sua boca, e ela tomou com cobiça. Seu membro curvado, palpitante de sangue através das veias grossas, depois ele sentiu as contrações que começavam duras, assinalando seu clímax e o nó de inchaço que o travaria profundamente dentro de seu sexo.

— Faith — Suas mãos agarraram a cabeça dela quando ele se forçou para trás. Gemeu, agonizante, pulsado duro enquanto se forçava para ignorar seu grito decepcionado e abandonar o zelo líquido que o conduzia à beira da loucura.

— Venha aqui.

Ele a levantou seus pés, com a luxúria rugindo através de suas veias, golpeando através de seu corpo. Tinha que ser suave. Refreou a besta que rugiu sua demanda, que a penetrasse agora, tomando-a com dureza e rápido.

Ela beijou seus lábios, e enquanto ele gemia seu nome de novo girou-a, dobrando-a sobre a mesa, colocando seu membro pronto para o impulso necessário. — Faith. Amor. Você me destrói — sussurrou, inclinando-se sobre ela, com sua ereção tocando o túnel de fogo entre suas coxas.

— Jacob, se brincar com esse membro outra vez te machucarei — ela gritou ferozmente, movendo-se para ele, dando-lhe uma sacudida elétrica com a necessidade explícita em sua voz. — Me tome, droga. Antes que mate de necessidade... — A cozinha repetiu seus gritos combinados quando ele empurrou dentro dela.

Um comprido movimento, fazendo coração dela falhar uma batida quando seus músculos se separaram, então apertou seu membro como um punho de veludo.

O controle se converteu em uma idéia feita de fragmentos como seu zelo e seda molhada vertidos sobre ele. Segurou seus quadris, estabilizando-a, sustentando-a no lugar enquanto ele começava a golpear dentro dela. Os gritos, os sons do sexo molhado,

da carne empapada e de ofegos o envolveram até que ele poderia ouvi-la soluçar pelo alívio.

Ele sentia seus próprios gritos rasgando-se através do interior apertado e duro de seu peito quando seu membro palpitou, pulsando, inchando dentro dela e profundamente travado, travado claramente em sua alma quando ele verteu sua semente dentro de seu corpo.

CAPITULO 20

Na manhã seguinte, vestida com calças jeans e uma camiseta escura, Faith observava como Jacob vasculhava o perímetro da casa de novo. Ele e vários outros Executores repassavam os alarmes e as medidas de segurança que tinham espalhado através do complexo, assegurando-se de que ainda estavam em funcionamento.

O que procuravam? Faith não estava segura. Pelo que ela podia ver da atual missão, estavam em um compasso de espera. A menos que pudessem conseguir fazer com que os soldados do Conselho ou do laboratório se movimentassem, uma captura, e algo fora dos detalhes, e então apanhá-los.

Era tudo bastante perigoso. já que existiam laboratórios pequenos e independentes nesta parte do mundo. A América do Sul estava despovoada em grande parte, com selvas densas e capazes de proporcionar tantos lugares para ocultar-se que inclusive o explorador mais experiente poderia fracassar.

Tinham perdido expedições humanas inteiras dentro do terreno montanhoso. Aqui, a selva crescia até as altas paredes de pedra que rodeavam a fazenda. Em muitas áreas, tinha crescido sobre os perímetros e procurava de novo reclamar sua terra roubada. As árvores cresciam perto das paredes, os menores inclinados sobre ela, ou seus ramos a abrigavam. Era um pesadelo de segurança. Mas ela tinha a sensação de que Jacob sabia disso, dependendo disso, realmente.

Agarrando-se a um ramo baixo sobre ela, Faith se levantou, olhando fixamente ao redor, curiosamente. Os Executores estavam ocupados com os detalhes minuciosos da verificação da equipe e da preparação para uma armadilha.

Ela suspirou. Com apenas algumas tentativas, as criativas castas de coioote encontrariam uma maneira de entrar na casa. Movendo-se lentamente, seus olhos se estreitaram quando ela tentou colocar-se na mente dos inimigos, olhando ao redor do extremo traseiro dos jardins.

Ao lado dela, outra árvore prática lhe deu outra idéia. Ela foi para ela, parou, depois considerou seu próximo movimento. Nenhum dos outros sabiam onde estava ela, ou o perigo inerente na facilidade com a qual poderiam ser logrados. Balançando-se cuidadosamente, moveu-se de ramo a ramo, de árvore em árvore, sentindo-se mais como a irmã do Tarzan que a companheira de Jacob.

Vigiando cuidadosamente para não acionar o alarme, ela se moveu para cima, depois caiu abaixo da área do disparador, que estava também mais próximo a casa. Um alto sinal sonoro soou imediatamente, fazendo com que os Executores se voltassem para ela ao mesmo tempo, com as armas engatilhadas e prontas

Faith não moveu um olho, embora ela estivesse mais que agradecida pelo treinamento rigoroso dos Executores.

— Maldição, Faith! — A voz de Jacob era furiosa, furiosa e com um toque de medo. — Tome cuidado por onde caminha. — Ele andou a pernas até, ela aproximando-se. Ela levantou seu peso, permitindo que o pesado ramo que ela tinha puxado para baixo se movesse de um puxão novamente para dentro da árvore. Houve silêncio completo, pois ela não fez caso do Executor e começou um registro mais cuidadoso da árvore. Ela encontrou o que procurava em poucos minutos.

— Há marcas de desgaste ao longo dos ramos, assim como casca quebrada. Seu intruso está utilizando os pontos de aço para mover-se ao longo das árvores — informou aos homens abaixo.

— Não é possível — disse Jacob. — Teríamos ouvido algo.

— Não se ele sabia o que fazia. — Ela se encolheu então, franzindo o cenho outra vez enquanto puxava uma pluma de águia presa entre os ramos. Ela olhou fixamente a árvore, cuidadosamente, procurando uma pista, ou qualquer amostra de um pássaro que ela tivesse podido incomodar. Havia algo diferente na pluma, que ela não poderia explicar inteiramente. Encolhendo os ombros, enfiou-a em seu bolso enquanto Jacob a fez girar na árvore diante dela.

Ele encontrou rapidamente as áreas onde a casca estava nua, a evidência dos dentes de metal que eram utilizados.

— Que merda! — xingou, levantando os olhos lentamente para ela. — Como soube?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Os escolhidos têm que pensar de forma sinuosa. Frequentemente. Se estiver lidando aqui com os coiotes, então são os mais elegantes dos que já ouvi falar.

— Os escolhidos podem ser elegantes, também. — Ele resmungou. Faith lambeu os lábios e baixou os olhos enquanto ela fez a mímica de um beijo.

— Você pode beijar meu elegante traseiro, Jacob. A disposição de segurança de sua equipe não está funcionando corretamente.

— E como me sugere que o faça, *MS Liaison*? — Ele retrucou. — Estamos no centro de uma selva selvagem. Além disso, só desejo a advertência antecipada, não um sistema de alarme importante.

— É provável conseguir que um de seus Executores seja assassinado — sibilou. — Estão utilizando as árvores, Jacob. E já fizeram uma abertura em suas defesas uma vez. E se calcularem onde estão os alarmes, agora que sabem que as há?

— Pensa que não estou considerando isto? — Perguntou-lhe impaciente, estava parado a toda sua altura, elevando-se sobre ela enquanto caminhou para mais perto. — Pensa que lutei com estes bastardos durante seis anos sem aprender alguma coisa, Faith?

— Bem, evidentemente não aprendeu nada sobre como usar as árvores para encobrir-se, ou teria pensado nisso — replicou ela. — Estive aqui fora durante meia hora e nem se deram conta.

— E o que fez estas marca, segundo você, um maldito gato? — ele grunhiu, com sua voz agora retumbando.

— O que tem contra os gatos, Jacob? — Ela girou olhos, zombadora. — Aprenda com eles. Os Felinos podem ser seus amigos, amor.

Ela ouviu um risinho baixo. Jacob evidentemente também, se o olhar vulcânico em sua face era uma indicação.

— Styx, o que está rindo, a cabeça mais dura, passará sua noite nas malditas árvores esperando aos bastardos — disse, frio. — Consegue-o e vejamos se não pode fazê-lo como um gato esta noite. — Faith jogou uma olhada ao ruivo enorme. Se um lobo não poderia fazer careta, então ele fazia uma boa imitação disso, se sua expressão era clara.

— Infernos, chefe. Ela é formosa. Não pode nos culpar. — Stygian agora ria abertamente.

— Deseja ficar com Styx esta noite, Stygian? — Jacob ainda ameaçou, com os olhos nos Faith. Ela refreou sua própria careta enquanto Stygian mudou imediatamente sua expressão.

— De maneira nenhuma, chefe — respondeu rapidamente. — Nunca me movi muito à maneira felina. Prefiro meus pés em terra se não se importar.

— Qual é seu problema e o de sua gente com os Felinos? — Ela perguntou com paciência exagerada. — São pessoas muito agradáveis, sabia?

— E você, como sabe isso? — Grunhiu Jacob. Os olhos de Faith se alargaram.

— Não faz precisa saber isso, companheiro. — Ela falou claramente, esperando ele o entendesse desta vez. — Sou a escolhida do grupo entre todos os informantes. Isto inclui membros das castas felinas. Lido diretamente com seu escolhido, Tanner. — Um grunhido verdadeiro agora entrou em erupção de sua garganta.

— Não comece, Jacob. — Advertiu-lhe ela firmemente. — Não há nada errado com Tanner.

— Ele é um pervertido — resmungou. — Seu companheiro afirma isto. Não tem nenhuma razão de estar ao lado desta pessoa.

— Ele tem uma companheira perfeitamente agradável. Ela deu a luz a gêmeos o ano passado. Ambos perfeitamente adoráveis. — Disse, cruzando os braços sobre o peito e entrecerrando os olhos. — Alguma casta de lobos já gerou algum filho? Não que eu tenha ouvido falar.

— Isto está fora de questão. Quando uma casta de lobo gerar um filho, ele não necessitará nenhuma ajuda de outras, eu posso te assegurar isto.

Faith respirou fundo, tentando juntar paciência.

— Perdeu a cabeça? Isto é alguma coisa que acontece com o do alfa quando está se acoplando? Agradeço a Deus que não tenho que tratar com essa atitude sua eternamente. E me deixe te assegurar que não está contribuindo muito hoje. Talvez necessite de ajuda, depois de tudo.

Os Executores se dispersaram em meio a risadas quando ela enfrentou seu companheiro.

— Prometo, companheira — grunhiu ele, indo lentamente para frente, movendo-a para trás no tronco grosso da árvore, seu corpo agressivo, sua voz perigosa e sensual. — Que não necessito nenhuma ajuda para te ter. Não hoje, não amanhã, nem sempre. Tudo o que preciso fazer, é conseguir te liberar do maldito café que te converte em uma ninfomaniaca com mais mau humor que um coioite raivoso.

Seus olhos se estreitaram nele quando os quadris pressionaram os dela, conduzindo seu membro contra a suavidade de seu baixo-ventre.

— Temos um trato — recordou-lhe ela asperamente. — Você apenas tem que deixar meu café em paz e me manter ocupada. Não me atacar, ou me tirar isso porque me dei conta de algo em que você não tinha pensado antes.

Agarrou-lhe com as mãos para estabilizar-se. Ela olhou o desejo em seus olhos, suas bochechas que se obscureciam com o conhecimento sensual de como seus seios se apertavam contra seu peito. As mãos de Jacob foram a sua cintura e ele a levantou só o suficiente para apertar seu membro entre suas sugestivas coxas.

— Mmm — Ela lambeu os lábios outra vez, levantando as pernas, permitindo que se flexionassem e que agarrassem suas coxas. — Sexo selvagem. Soa divertido para mim.

CAPÍTULO 21

— Ainda acharia bom se a tomasse diante da manada inteira? — grunhiu ele, levando os lábios a seu pescoço, sua língua esfregando ligeiramente a pele.

— Exibicionismo? Soa pervertido, Jacob. Eu topo se você topa.

Ele inclinou a cabeça para trás, seus olhos se fechavam de prazer sobre ela, esquentando a base de seu corpo, e nascendo a ânsia por seu toque, seu gosto. Ali, na cortina das enormes árvores, abrigada pela selva, a névoa da noite ainda se agarrando ao ar à volta deles quando o sol ardeu no céu da manhã. Apertou as mãos na árvore quando Jacob se moveu mais próximo a ela, com seus pés descansados e espaçados, com os quadris pressionando firmemente contra os seus quando seus lábios acariciaram seu pescoço, e uma mão mergulhou debaixo de sua camisa para os seios nus e inchados

que o aguardavam. Com o primeiro toque, Faith sentia a ondulação de a sensação raiar-se através de seu corpo, acariciando sua vagina. Ela sussurrou um gemido necessitado da excitação, desesperada por mais.

— OH, está muito quente — ele sussurrou em seu ouvido quando os dedos beliscaram seu seio. Vire-se, Faith, ou quer lutar comigo? Quer me empurrar? — Ela sabia que o fazia. Apertando-se contra ele, olhando em seus olhos, vendo que a emoção transformava sua face, a cólera confusa, o desejo quente. A necessidade de fazer com que ela se submetesse. Isso acendeu seu sangue como nada mais poderia, vendo essa dominação elevar-se à superfície. Ela não desejava mais nada a não ser ele. Faith admitiu completamente que ela desejava ser melhor.

— Vai se virar? — perguntou-lhe ela, revelando suas sensações, sua debilidade para com as emoções.

Seu grunhido era assombrosamente forte quando ele moveu deu um puxão na camisa sobre seus seios, e olhou fixamente para baixo, para a generosidade agora oferecida a ele.

— Me virar? — Ele disse, áspero. — Maldita seja, Faith me faz sentir tão quente que espero me desintegrar cada vez que te toco. — Ela contava com sua boca selvagem em seus seios, para tomar o que ele olhava fixamente tanta com gulodice. Em vez disso, tomou-lhe os lábios em um beijo que a destruiu. A língua varria em sua boca, conquistando-a, debilitando-a mas enchendo-a de uma energia que ela nunca teria imaginado.

— Então me tome, Jacob — ela sussurrou, suplicante, quando seus lábios se levantaram. — Podemos nos queimar juntos. — Ela o necessitava, necessitava-o como nunca tinha necessitado qualquer outra coisa em sua vida.

— Não te terei onde meus homens possam ver seu corpo luxurioso, ou ouvir seus gritos — ele gritou. — Você é minha, Faith. É hora de que perceber isso. Minha.

— Sua — ela gritou, sem fôlego, como as mãos dele agarradas em seus seios, os dedos que acariciavam seus mamilos enquanto ele a olhava fixamente com ardente desespero. — Se eu for sua, Jacob, então prove. Me tome.

Ele se afastou dela, respirando ofegante, áspero, sacudindo-o enquanto ele moveu de um puxão sua camiseta sobre seus seios nus.

— Vá. Agora. — Sua voz era áspera, tão escura e grave.

— Estarei em nosso dormitório em cinco minutos, e por Deus, é melhor que esteja preparado para mim.

Preparado para ela não descrevia nem de perto como se sentia enquanto ela o esperava com impaciência, pensou Jacob enquanto entrava no dormitório para encontrar seu corpo pronto, perfeito reclinado na cama. Encarou-o fixamente, seus olhos tão negros e quentes que o chamuscaram. Seu corpo inteiro palpitou. Não só seu membro, não só sua língua. Ele olhou enquanto ela lambia os lábios com um movimento preguiçoso, úmido, de sua língua. Agora reluziam, fazendo-o sentir fome com sua necessidade de prová-los.

Havia conhecimento em seus olhos. Uma satisfação ardente que o confundia. Como se uma certa necessidade nela estivesse satisfeita repentinamente. Uma necessidade que não implicava seu toque, simplesmente o que ela via em sua expressão, em seu desejo dela.

— O que pensa que fiz com você? — Perguntou ela com um sorriso puramente feminino e misterioso. Maldição, isso só fez com que a desejasse mais.

— Me enlouqueceu? — Sugeriu ele, com uma medida de diversão em seus desejos. Ele estava quase à beira de seu controle, e tinha que beijá-la. Jacob se deitou na cama, vindo sobre ela, necessitando-a.

Sua companheira. Ela levantou as mãos, tocando em seu abdômen, os músculos ali apertados com o prazer agonizante de seu toque.

A respiração de Jacob era dura, profunda, quando seu membro se crispou com a reação. Seu toque passando de seu abdômen ao peito, e então movendo-se para trás outra vez, acendeu o fogo da necessidade que rasgou um gemido desigual de seu peito.

Ele desejava comê-la viva. Desejava fodê-la até que ela gritasse. Ele desejou amá-la, tocá-la com toda a doçura, todo o ardor que levava dentro dele por ela. O aroma de sua necessidade o quebrava, infundindo-se em seu sistema agora, somente quando ela o fez. Somente, ele se deu conta, como ela o tinha feito sempre. Ele alguma vez estivera livre de Faith? Livre da necessidade, e de certa forma, dela?

— Você é tão suave — Ele esfregou a mandíbula, áspera da barba incipiente que tinha crescido durante a noite, contra seu ombro nu. — Sua pele me surpreende. — Ela brilhava intensamente com a profundidade de uma pérola rara, perfeita; com o fulgor do cetim, o ardor da vida, a paixão da luxúria que o surpreendia.

Ele esfregou a área curva de seus exuberantes lábios, amando o gosto do ardor e da mulher, coberta com o orvalho da transpiração que começava a cobrir seu corpo.

Ela se moveu sob ele, arqueando-se, esfregando os mamilos forte e ardentemente de encontro a seu peito.

Ele fez uma careta, enterrando os lábios em seu pescoço, a língua esfregando ligeiramente a marca que ele deixara, enquanto ele se colocava cautelosamente ao lado dela. Puxou-a para seus braços, lutando com a necessidade que o dominava de tomá-la rapidamente, urgentemente. Seu corpo e sua mente estavam em conflito. Desejava sua suavidade e com dificuldade refreou-se, uivando com o prazer.

— A sua é quente, e forte — ela sussurrou, sem fôlego, testando seu controle quando as mãos dela deslizaram sobre seu abdômen. — Faz com que me sinta quente e faminta, Jacob.

Jacob não poderia parar a necessidade de pressionar-se mais perto, para sentir aqueles seios queimando contra seu peito, a maneira em que a coxa se levantava sobre a sua, o zelo úmido de seu sexo que queimava em sua pele. Maldição, ele se sentia como um animal, voraz em sua necessidade. Tentava se controlar, pois era tudo o que poderia fazer para evitar tomá-la por trás. Em vez disso, seus lábios tomaram os dela possessivamente.

Ela era sua mulher. Sua companheira. Ele provaria isto hoje. Antes que deixasse sua cama, ela saberia que era dele, de coração e alma, em corpo e vida.

Ele agarrou seu grito em sua boca, a língua empurrou além de seus lábios suaves como pétalas, esfregando sobre os dela, para desenhar o pulso de sua paixão das glândulas inchadas ali. Ela não vacilou. Seus lábios e língua se retorceram contra os dele, sugando-o dentro dela, revelando a dor minuciosa de sua necessidade. A língua macia escorregou além de seus lábios, escapando um grito quando sua própria necessidade chegou a ser suprema. Os lábios de Jacob se retorceram contra os dela, tomando posse, desenhando a doçura de sua paixão nele.

Seu beijo era seda ardente, cetim luxurioso, e uma base de tal emoção vibrante que ele desejou afastar-se para longe dela como autodefesa. Ele, o lobo solitário, o Executor ao que todos os grupos e todos os seres humanos que o conheciam, o temiam. Com somente seu beijo, esta mulher tinha roubado sua força, sua respiração, sua vontade de viver sem ela. Como se soubesse as necessidades da escuridão que ele tinha se recusado a enfrentar, e admitindo que todas elas provinham de sua necessidade dela, temeu repentinamente por sua sobrevivência.

Que Deus o ajudasse, ela havia possuído sua mesma alma. Quanto mais provava dela, mais a necessitava.

Ambos lutaram pela dominação do beijo; os lábios, línguas, os gemidos silenciados de desespero quando a excitação começou a ondular-se fora de controle. Jacob sentia seu controle esgotar-se, como na noite do laboratório, quando seu desespero, seu instinto animal o tinha empurrado muito mais à frente do limite.

Agora mesmo, ele lutava contra essas mesmas necessidades. Como se o primeiro e quente pulso dela, o beijo engrenado com a excitação se incorporasse a seu sistema.

Com a mão apertou seu quadril, seus lábios desenharam uma linha desesperada de beijos sobre o queixo e o pescoço. Ele lambeu na marca ali, desenhou-a dentro de sua boca, lambendo-a, áspero.

Ele a desejava tão quente, tão fora de controle como ele estava. Desejava seus gritos. Ou desejava sua suavidade e seus gritos? Ou desejava o ardor e a explosão? Ele desejava tudo isso, e ele desejava agora. Tudo o que importava era a necessidade.

* * * * *

Faith não poderia ajudar, só imobilizar seu corpo tão perto de Jacob como fosse possível. Ela sentia a necessidade crescendo dentro de seu corpo. Vibrando através dela, produzindo uma palpitação constante em seu clitóris, sua vagina, debaixo de sua pele enquanto seu beijo acendia seu corpo mais ferozmente que nunca.

Ela se agarrou a ele, querendo que cada polegada de seus corpos se tocasse, acoplassem-se. Uma mão agarrou seu cabelo, lutando para sustentá-lo a ela quando deu volta para trás dela, levantando-se sobre seu corpo.

— Seu gosto me deixa louco. — Havia um tom quente, áspero e atraente que escapou de seu peito quando ele falou. Faith tremeu, e Jacob inclinou a cabeça para lhe dar um acesso melhor a seu pescoço, enquanto ela lambia a ferida em seu ombro.

Ele tinha um sabor um pouco salgado, e muito masculino. Com sua boca à esquerda de seu pescoço, ele então viajou em uma quente trajetória até seus seios.

Ela gemeu, sentindo o fôlego de sua respiração sobre um mamilo, esquentando-a até que ela sentiu sua carne o queimar-se com a necessidade. Ela se arqueou para ele, sussurrando sua súplica quando os lábios se esfregaram em seu mamilo.

Com os olhos entreabertos, afogando-se na sensação, Faith observou como sua boca até então aberta cobriu o pico rígido. Faith sentiu sua respiração faltar por momentos longos quando o prazer se rasgou de seu mamilo a sua vagina, contraindo os músculos de seu abdômen. Seus quadris se moviam, seu clitóris se ondulava sob o impacto do êxtase que correu por seu corpo. Seus olhos estavam fechados e um gemido trêmulo saiu de seus lábios. Ela deixou vagar as mãos por seus ombros umedecidos de suor, por seu cabelo, abraçando-o mais próximo, sentindo o movimento profundo da sucção de sua boca a fazia queimar-se viva. Suas coxas se apertaram quando ela lutou pela demanda de seu sexo. Tentou arquear-se, encontrar a facilidade das coxas masculinas duras que empurraram entre as suas, mais suaves, quando ele que se situou mais sobre ela.

— Fique quieta — ele resmungou, áspero. — Meu controle é instável no melhor dos casos, Faith. Não me tente agora.

— Preciso de você, Jacob. — Ela sentia o sangue correndo, desenfreado, em suas veias, palpitando em seu clitóris e fazendo seu corpo gritar de fome.

Ela gemeu em seu peito, lambendo um mamilo com toque áspero de sua língua, antes de mover-se mais completamente entre suas coxas. Faith desejou gritar pela negação quando ela se deu conta de que ele não colocaria seu membro para afundar-se em seu interior; em vez disso, Jacob colocou suas pernas sobre os ombros para então baixar a cabeça até seu clitóris.

— Eu te quero, Faith — ele gemeu, com o fôlego soprando contra as dobras molhadas de seu sexo. — Preciso de seu gosto, preciso de você, Faith... — Ela quis gritar quando sua língua circundou seu clitóris, empurrando através da fenda estreita. Retorceu-se, sondando, lambendo-a com tal estímulo erótico que ela conseguia poderia tremer sob seu toque, seus quadris empurrando contra sua boca ambiciosa. Quente, chamoscou todo seu corpo, açoitando através de sua vagina, contraindo-a quando sentiu o mergulho de sua língua profundamente dentro de seu sexo saturado. Apertou as coxas em seus ombros, sacudindo a cabeça na cama e lutando para conseguir estar ainda mais perto, para fazer mergulhar dentro de si ainda mais duro.

Ela gritou quando ele se moveu, sua língua movendo-se ferozmente sobre seu sexo até que esfregou ligeiramente seu clitóris. Com os toques curtos, rápidos e a ação de seus lábios e Faith foi conduzida além da prudência. A sensação de seu dedo, comprido e largo, deslizando-se na entrada de seu ânus, escorregando com prazer ardente em seu traseiro, a empurrou para o limite.

Ela se arqueou contra ele, depois contra seu dedo, tomando-o com movimentos curtos apazíveis, e se dissolveu.

— Maldita seja — A voz de Jacob era escura, tão desesperada como seu corpo quando ele a moveu de um puxão, deitando-a rapidamente sobre o estômago. — De joelhos — exigiu asperamente, as mãos levantando seus quadris, colocando seu corpo em posição.

— Jacob? — Ela se acalmou, recordando claramente à noite nos laboratórios, o fogo sensual, a agonia não saciando a luxúria.

— Minha — grunhiu ele, as mãos apertando suas nádegas quando seu dedo se moveu de propósito ao longo da linha que conduzia a sua entrada anal. — Diga-me, Faith. Diga que é minha.

— Sou sua — choramingou ela, incapaz negá-lo, incapaz negar a dominação completa de sua posição, a luxúria selvagem, animal, que se apoderava dela.

Ela sentia os dedos na abertura apertada, sondando brandamente, separando a carne suave antes de empurrar dois dedos para dentro com ardor e prazer terríveis. Ela gritou, ouvindo seu gemido distante, com seu nome soando asperamente em seus lábios.

Seus dedos se moveram facilmente dentro dela, estirando-a, trabalhando os músculos, preparando-os enquanto ele escorregava mais profundo, mais profundo, até que não pôde ir mais dentro. Ele os tirou então, enquanto ela gritava em protesto e seguia o movimento.

Ela se moveu para trás muito mais energicamente, muito mais dificilmente que os dois dedos que a tinham preparado. A cabeça de seu membro tocou em seu ânus. Um segundo depois, jogou uma pulsação pequena, quente de líquido na entrada anal. Faith tremeu, recordando a confusão com que Hope tinha reagido a esta ação. A capacidade que o varão tinha de proporcionar a lubrificação que necessitava para sua companheira. Uma lubrificação natural. Uma que ajudava na excitação, e diminuía a dor da penetração.

Ela sentiu quase que imediatamente os músculos apertados relaxar-se mais.

A paixão quente correu através de suas veias, acendendo um inferno de luxúria desesperada enquanto a cabeça de seu membro facilitava o passo. Prazer/dor ardentes começaram a elevar-se em seu interior enquanto ela sentia os músculos separar-se para dar passagem à ampla longitude que empurrava nela.

— Jacob — Ela desejou gritar, mas tinha respiração apenas para um sussurro.

— Faith. Deus. É tão quente. Tão firme. — Sua voz soou torturada enquanto ainda segurava seus quadris, movendo seu membro mais dentro em seu traseiro.

Ela se arqueou para trás, sentindo como as labaredas de sensações irradiavam de seu buraco estirado, difundindo-se através de seu corpo, pulsando em seu clitóris. Torturavam-na, atormentando-a pelas demandas de seu eixo enchendo seu apertado buraco.

Ela se arqueou contra ele, tomando outro pulso quente de líquido quando ele sussurrou uma maldição, sua voz soando cheia de prazer.

Seus braços tremeram, a debilidade alagando-se através dela, o zelo do líquido ardente aplacado enquanto ele forjou mais profundo. Finalmente, afundou-se até o punho, com seu membro palpitante apertado e quente dentro de seu ânus, enquanto ela se retorcia contra a posse.

Ela não conseguia deter a flexão de suas nádegas, coisa que se revelou no grito duro de prazer de Jacob quando ela o fez.

— Com suavidade, Faith. — Sua voz era gutural, suplicando.

Ela não podia lutar contra a luxúria que a invadia, entretanto. Estava quente e exigente, controlando seu corpo quando ela se moveu adiante, sentindo a opressão de seu canal ao longo da ampla longitude de seu membro.

Jacob gemeu, inclinando-se, entrando as polegadas que faltavam com as mãos agarradas em seus quadris.

— Não posso me controlar... — gritou ele, lutando para respirar, com voz desigual.

— Foda-me, Jacob — exigiu ela, a voz rouca, a agonia de seu êxtase próximo acabando com sua razão. — Maldito seja, agora tome — seus músculos apertaram nele outra vez, e quando o fizeram, ela sentiu seu clitóris zumbir, a fina separação entre seu ânus e sua vagina não era obstáculo para as sensações que a atacavam.

Ele era tão grosso, tão uniforme que preenchia totalmente, e seus movimentos estimulavam os músculos de seu sexo, provocando um curto-circuito, esquentando-a.

Ela lutou para seguir seus impulsos, para forçar uma penetração mais dura até que a palma da mão de Jacob aterrissou em sua surpreendida nádega. Faith gritou, sentindo uma sacudida elétrica de prazer provocada por essa ação. Meneou-se contra ele, enquanto ele afastou-se até que ficou somente a cabeça em seu interior.

Sua palma aterrissou na nádega oposta um segundo antes que outro pulso líquido a enchesse, e ele a penetrasse outra vez com um movimento duro.

Esquentou-a, escorregadia com sua lubrificação, e a dela própria. Seu clitóris palpitava e o movimento de seu escroto que dava “palmada” contra ela excitou-a. Então ela se esticou, lutando pela explosão que sabia vinha, procurando desesperadamente o orgasmo de prazer de fogo e a agonia apenas fora de alcance.

Ela não poderia agüentá-lo muito mais. Não poderia conservar sua prudência se não gozasse logo.

Jacob aumentou seus impulsos; seu membro se afundava em seu traseiro, retirando-se, estirando-a, fazendo-a enlouquecer com a mordida dura de prazer/dor que se seguia a cada um dos embates. Ela estava perto, mais que perto. Ouviu-o gritar atrás dela, outra vez, produzindo uma ejaculação mais dura de sua lubrificação um segundo antes que seu membro começasse a inchar-se.

Faith não podia parar de gritar. O ardor, o fogo indescritível, pulsou as paredes de seu ânus, de sua vagina, quando ela começou a começar a gozar. O nó duro se centrou de uma maneira que pressionou nas paredes de seu sexo, pressionando esses músculos juntos, firmemente, enquanto ela o ajudava em um apertão natural que o bloqueou incondicionalmente dentro dela.

— Não — ela o ouviu gritar desesperadamente atrás dela quando o inchaço aumentou, roubando sua opção de sair de dentro dela.

Os pequenos puxões apertados se rasgaram nela, entretanto, conduzindo-a mais alto quando seu corpo se sacudiu, estremecido. Faith caiu à cama e Jacob a seguiu, seus quadris movendo-se em puxões espasmódicos, seu membro palpitando.

Um grito estrangulado entrou em erupção em sua garganta enquanto os jorros duros do sêmen quente a enchiam. Profundamente, chamuscando-a, conduzindo seu clímax à outra cúpula, ela não podia fazer nada exceto apertar-se ao redor dele mais ainda, seu corpo tremendo, sacudindo-se com agonia.

Enquanto os espasmos passavam, ela o ouvia lutar para recuperar a respiração, ofegando, com os dentes em seu ombro enquanto se estremecia em várias ocasiões. O suor gotejou deles, umedecendo seus corpos.

Faith sentia seus sucos unir-se debaixo dela, seu clitóris estava inchado, sensibilizado, mas já não palpitava em uma agonia de necessidade. Atrás dela, ainda enterrado em seu traseiro, o membro de Jacob se crispou, o inchaço apertado foi diminuindo lentamente quando os dentes se separaram de seu ombro, seus lábios estavam agora sobre seu pescoço enquanto seu peso a cobria.

Ele deveria ser muito pesado para ela. Seus maciços músculos deveriam sufocar a respiração de seus pulmões, mas Faith sentia somente alegria, o ardor quando ele lutava por recuperar a respiração, para permitir que seu membro saísse de seu corpo.

— Faith? — Ele sussurrou seu nome, afastando uma mecha de cabelo de sua bochecha. — Deus. Amor sinto muito. Por favor. Por favor, diga-me que não te machuquei, Faith. — Ela poderia ouvir o medo, o desespero irradiando de sua voz.

— Humm — ela sussurrou sua satisfação. — Estou morta. Agora me deixe descansar em paz. — Havia silêncio atrás dela, então ele a pôs sobre seu corpo, suas mãos, tão fortes e aprazíveis, voltando-a para ele.

Encarou-o, vendo seus olhos, pálidos e cheios de preocupação, sua face contraída com a inquietação. Sorriu fracamente, sentia seu corpo sem ossos, tão totalmente satisfeito que não tinha nenhum desejo de mover-se.

— Acomode-se e durma comigo, ou vá embora. — Bocejou, respirando profundamente quando a sonolência começou a enchê-la de novo. — Pode tomar-me outra vez quando acordarmos. — Faith sentia Jacob mover-se com indecisão na cama. Ela abriu os olhos outra vez, olhando-o enquanto ele estava parado sobre ela.

— Um banho. — Ele limpou a garganta com indecisão. — Ambos precisamos nos banhar. Você vai relaxar mais.

—Vá e tome banho você... maldição, Jacob! — Ela amaldiçoou enquanto ele a tomava nos braços. Ela se disse que em condições normais teria lutado, e teria feito planos para fazê-lo logo que recuperasse sua respiração e sua força.

— Deixe-me cuidar de você, Faith — disse ele brandamente, encarando-a fixamente quando se dirigiu à porta aberta do banheiro. — Pare de amaldiçoar e de lutar comigo. Só me deixe cuidar de você. Só por agora. — E como poderia ela se negar? Especialmente quando ela não tinha sonhado com nada mais além disso.

Ela o olhou em silêncio enquanto ajustava a água que se vertia na banheira; esta era grande o bastante para que coubessem nela três pessoas de tamanho normal. Podia ser que coubesse dentro com ele, ela pensou com um flash da diversão.

— Está segura de que está bem? — Voltou-a para ele de novo, segurando sua mão para ajudá-la a entrar na água quente que se levantou lentamente na banheira de porcelana.

— Jacob, está brincando? — Ela franziu o cenho enquanto o permitia ajudá-la. — É obvio que estou muito bem. Disse-lhe isso antes. — Ele se moveu na água, então a acariciou entre suas coxas. Faith relaxou contra seu peito com um suspiro. Ela estava tão cansada, pronta para dormir o resto do dia ao menos. Era estranho que seu corpo e sua mente estivessem o suficiente relaxados para permitir-lhe isso.

— Assusta-me, Faith — ele sussurrou quando suas mãos a seguraram junto a ele, seu corpo aconchegando o dela.

O coração saltou em seu peito. Ela ainda se reprimiu, respirando, assustada de romper o tênue ar de intimidade que repentinamente os rodeava.

— Aterroriza-me sua inocência — disse ele brandamente. — Sua generosidade e suas emoções. Você ameaça tudo o que me manteve são todos estes anos. Como poderia viver agora, se te perdesse?

Ela ofegou

— E como eu viveria, Jacob, se te perdesse? — pergunto-lhe ela, com voz suave.

Ela deu a volta até que seu lado se reclinou contra seu peito, apoiando a cabeça no oco de seu ombro. Uma coxa masculina grande se levantou para deixar lugar às pernas, depois ficou sobre elas protetor.

Seu corpo duro a rodeou, masculino. Como ela sempre acreditou que deveria ser. Uma palma grande aproximou sua cabeça a seu peito enquanto ele beijava brandamente seu cabelo. Ele era muito reservado, mas seu coração palpitava debaixo de seu ouvido.

— Desejo te proteger — sussurrou. — E não posso porque não tenho a força necessária para lhe enviar para longe, nem vontade ficar sem você por mais tempo. Mas temo por você, e esses medos poderiam te oprimir.

Ela franziu o cenho, depois inclinou a cabeça de novo para olhar para sua cara. Ele aparecia inseguro, intenso. Em seus olhos se formavam redemoinhos de emoções

que ela sabia que ele nunca admitiria, pelo menos não ainda, não agora. Sorriu-lhe, e piscou um olho, coquete.

— É o alfa em você. Não se preocupe, amor. Nenhuma restrição a menos que possa viver com ela. — Ela desejou rir do choque que encheu seus olhos, que agora se estreitavam.

— Estou sendo sério aqui, companheira — ele grunhiu.

— Não, meu amor, você está tentando desesperadamente desculpar o amor com uma necessidade de amparo. Mas está bem. — Ela acariciou sua coxa, confortando-o. — Por agora, pode seguir com isso. Agora, ajude-me a me banhar, assim poderei dormir. Arrastou-me aqui dentro, agora pode me lavar. — Ela puxou um pano da prateleira pequena detrás dele, e uma barra pequena de sabonete ao lado dela. Ela deu uma palmada a ambos em suas mãos e o olhou com expectativa.

— Um dia destes, não dirá tão facilmente a última palavra — assegurou-lhe ele, com uma advertência em sua voz, seca e escura. Ela simplesmente arqueou uma sobrancelha com diversão e refreou seu sorriso. Sabia que ele estaria ao seu redor. Ele tinha que estar, ou sabia que nunca poderia sobreviver a seu futuro.

CAPITULO 22

O alarme soou outra vez, logo depois da meia-noite. Várias dos alarmes do perímetro fizeram com que Jacob e Faith saltassem da cama e se movessem rapidamente, em segundos, dentro de roupas e sapatos.

— Permaneça perto de mim — pediu-lhe, sério, enquanto agarravam seus revólveres e aparelhos comunicadores. Ela não falou, mas a breve olhada que lhe deu, assegurou-lhe que ela segurava sua arma eficientemente. O revólver estava em uma posição enganchado a seu ombro, o intercomunicador unido com segurança em sua cabeça de novo.

— Contamos com alguém? — perguntou-lhe ela, apenas uma respiração de um som quando se moveram rapidamente para o salão, deslizando-se ao longo da parede às janelas duplas, enquanto olhavam à porta dianteira. Jacob grunhiu sarcasticamente.

— Está aí, Stygian? — Sua voz era suave, pois veio através da unidade. Faith sabia que contavam com outra tentativa contra a segurança da casa, mas não contavam com isso tão logo.

Quem quer ou o que fosse que estivesse ali era mais que persistente.

— Não posso ver uma merda, comandante. — A voz de Stygian soava desgostada, zangada. — Cheguei ao alarme em seguida, mas não há nada aqui. — Mas estavam ali. Jacob podia senti-lo. Seu termômetro de perigo estava disparado. — Nem animais, nem nada. Encontramos a unidade disparada, e está disparada definitivamente, mas maldita seja se houver algo ao redor — continuou o outro Executor. — E cheiro a coiole. Os bastardos estão conseguindo evidentemente ser mais ardilosos. — As castas de coiole já eram bastante elegantes como eram, pensou furiosamente Jacob, eles não precisavam ser mais matreiros.

— Encontre-os — Jacob disse, com sua voz dura à medida que continuava através da casa, assegurando-se de que Faith cobria certa distância atrás. — Agora!

— Estamos fazendo isso. — A comunicação se rompeu quando Jacob deu volta de novo para Faith. — Cubra minhas costas. Estamos em uma confusão de merda, se o som desses alarmes é boa indicação disso. — Não havia só uma, parecia como se a cada milímetro do perímetro tivesse sido praticada uma abertura e o protesto chiava nos dispositivos eletrônicos, machucando seus ouvidos, quando começaram a deslizar-se através da escura casa, procurando qualquer amostra ali da intrusão.

A casa estava limpa. Não havia janelas abertas, nem nenhuma amostra de delinquentes. Faith se moveu cuidadosamente atrás de Jacob, buscando-o com o olhar, seus olhos cobrindo cada polegada dos cômodos através dos quais se moviam. Depois,

entraram no grande salão de baile, uma sombra de movimento no canto de uma janela chamou a atenção de Faith.

— Para baixo! — Jacob fez girar-se, arrastando-a para o chão quando uma rajada de fogo entrou em erupção através da habitação. — Filho de uma cadela! Stygian, onde infernos está? — ela o ouviu amaldiçoar quando voltaram suas armas para a janela, devolvendo o fogo de um lugar de seguro atrás do grosso carvalho, com o sistema de unidade da janela apagado ao lado.

Faith recarregou sua pistola, dirigindo-se ao canto da janela, com seus olhos estreitados enquanto olhava fixamente para a entrada da casa. Seus dedos foram ao intercomunicador, pressionando em vários dos botões até que ela encontrou a frequência que desejava.

— Estamos fodidos aqui embaixo, comandante. — Gritou uma escura voz de barítono no comunicador. — Não sei quem ou o que são, mas de repente saíram de um nada.

— São coiotes. — Faith chiou. — Deveria poder cheirá-los. Desligo. — O silêncio saudou suas palavras à exceção do som do fogo distante e das maldições ásperas de um varão. Fora das janelas rotas, Faith olhou várias formas débeis mover-se ao redor na escuridão, muito rapidamente como para que ela os distinguisse, mas se atrasavam o bastante como para que ela tivesse um cronômetro cuidadosamente calculado.

— Precisamos dos rifles — disse ela, sentindo Jacob mover-se ao redor dela.

— Esgotei as recargas e nos sentaremos aqui como patos de feira.

— Estamos nos movendo em sua direção. — Uma voz veio do comunicador. — Ela tem razão. Temos quatro coiotes na mistura e um punhado de soldados. Tivemos algumas baixas e nos movemos dentro pelo resto.

— Cuidem de seus traseiros, têm binóculos de visão noturna, e se moveram a uma posição de defesa.

Quando Jacob gritou as ordens, Faith olhou como as vagas formas mudavam de lugar, combinando-se fora.

— Desejam entrar nesta casa, e estão determinados a fazer o que for preciso para consegui-lo. Há também muitos pontos de ingresso para cobri-los todos.

— Permaneçam abaixados, mantenham os olhos abertos. — Jacob estava ao lado dela imediatamente, com seu revólver posto em sua mão livre.

— Vou atrás dos rifles e das granadas. — Ela ouvia a preocupação em sua voz, desejava olhá-lo e tranquilizá-lo, mas a assustava também não poder tirar olho das janelas que os rodeavam.

— Depressa — gritou. — Estou a um inferno de um tiro, mas há muitos deles lá. — Ela lutou para não deixar sua voz tremer, que seu medo não a atasse.

Ela era uma negociadora. Tinha que recordar-se isto. Por que tinha que encontrar-se em meio de batalhas armadas?

— No máximo cinco segundos — prometeu-lhe quando ela tomou seu revólver, exercitando ambas as armas nas janelas e esperando.

O intercomunicador se encheu de atividade. As vozes se levantaram furiosamente, as maldições corrompiam o ar com sua virulência enquanto quem quer que fosse o que olhasse do exterior só veria um combate pela dominação.

— Os bastardos estão se movendo na parte posterior — alguém gritava. — Querem entrar na casa. Matem a esses sujos cães. — O fogo entrou em erupção outra vez, quando os que estavam fora do salão de baile se decidiram a fazer seu movimento.

— Jacob, traga seu traseiro aqui dentro agora — Faith gritava no intercomunicador quando começaram a disparar outra vez. As balas choveram ao redor dela enquanto ela devolvia o fogo.

Ela não poderia fixar um objetivo mortal como faziam eles. Somente devia escolher bem e rogar por acertar a muitos, isso e que a parede fosse densa o bastante, vendo como cada bala deixava sua marca.

Ela olhou várias faíscas, mas o fogo não cessou.

Sustentando sua arma firme, escolheu o vulto mais próximo, que se movia furtivamente atravessando ao redor com o óbvio intento de descobri-la atrás de uma das janelas rotas. Depois, mais três tomaram seu lugar e rajadas de disparos estalaram no setor, Jacob saltou no quarto, voltando para a luta, disparando com uma metralhadora que fez ao inimigo dispersar-se buscando ficar a salvo.

Ele continuou disparando balas, jogando-se por cima do banco, rodando sobre ele e lançando-se atrás do amparo da grossa madeira.

— Rifles, granadas. — Ela modificou sua voz, agarrando a arma pesada e o monte do ombro cheio de recargas. — Que infernos está se passando? — gritou, quando foi de novo a sua posição, seus olhos se movendo para avistar as formas débeis de novo.

— Infernos se sei — Jacob gritou, movendo-se ao lado dela, cobrindo as janelas longínquas agora. — Somente estamos em um inferno de ratoeira. Stygian, informa. — O fogo ardeu ainda lá fora, repetindo-se nos intercomunicadores assim como maldições e as ordens furiosas vertidas através da conexão.

— Estamos trabalhando a nossa maneira ao redor — a voz escura disse. — Tenho três lados a cobrir. Estamos de livres do perigo.

— Bem, parece que os bastardos se concentraram aqui — Jacob gritou. — Pegue pelo menos a um prisioneiro, desejo saber que infernos é isto.

— O que, pegar prisioneiros? — A incredulidade encheu a voz. — Você não é muito exigente, é chefe?

—Tente — Jacob grunhiu. — Precisamos saber por que estão atacando agora.

—Farei melhor, chefe. — Havia um aumento de brincadeira na voz lenta e profunda, quando outra rajada de fogo começou a varrer através do quarto.

— Filho de uma cadela, vão destroçar a casa de Caleb. — Faith devolveu o fogo enquanto Jacob se deixou cair frouxamente ao lado dela. Mais janelas se romperam, orvalhando o salão de baile com cristais quando as rajadas ensurdecedoras de disparos repetidos assaltaram seus ouvidos.

— Estamos chegando. Cambio e desligo. Cambio e desligo. Nós os pegamos — a voz de Stygian era grave agora; ele e seus homens limparam o lado da casa e começaram a conduzir ao inimigo longe das janelas.

As balas voltaram a soar perto de Jacob e Faith, unidas a gritos distantes de fúria e de ordens repetidas, que soavam em meio ao fogo. Lá fora, as explosões ardentes de cores explodiam no que uma vez foram jardins imaculados como uma exibição destrutiva de foguetes miniatura.

— Fique aqui. — Jacob saltou a seus pés, recarregando sua arma e dirigindo-se para as janelas.

— Sem chance, querido — gritou, seguindo perto atrás dele. — Sinto muito, amor. Sigo estando dura. Não posso me arriscar a deixar que lhe matem por um capricho, companheiro, até que consiga pelo menos meus brinquedos de volta. Onde você for, eu te cubro. — Havia uma breve pausa no fogo fora, uma risada afogada estrangulada sobre o intercomunicador, um grito de assombro, um gemido masculino e a cara de Faith avermelhada. Então, a necessidade alcançou um choque quando a batalha se empreendeu de novo.

— Então permanece atrás de mim — Jacob pediu, com voz estrangulada, movendo-se junto à parede, movendo-se perto dos enormes buracos onde as janelas deveriam ter estado.

— Cubro seu traseiro, amor — prometeu-lhe, enquanto se moviam para a escuridão de fora.

— Estão em movimento — Stygian gritou repentinamente.

— Agarra a um desses bastardos, maldição. — Havia um furioso movimento no exterior das janelas quando Faith seguiu Jacob, bem inteirada da importância de agarrar vivo a um dos atacantes. Se não havia uma razão clara pela que atacavam, ao menos precisavam saber por que.

— Os fodidos estão partindo — Stygian gritou.

— Maldição, Stygian, pegue esses bastardos.

Atravessaram o marco da janela de um salto, correndo, movendo-se rapidamente pela alta parede de pedra que rodeava a parte posterior dos jardins.

Outro curto silêncio, rapidamente seguido de uma explosão de fogo veio de várias direções, e então um silêncio total encheu os intercomunicadores durante longos minutos.

— Filho de uma cadela — Stygian amaldiçoou outra vez, respirando ofegante. — Jacob, acabamos de perdê-lo. Um atirador emboscado o matou.

— Um atirador emboscado? — Perguntou Jacob quando se moveram através da grossa folhagem, saindo onde um grupo pequeno de Executores se aproximavam junto a vários corpos caídos.

— Bem, chefe, era acabar com seu traseiro ou deixar que me matem. E para que procurar até agora as respostas que já sei? — Profundamente áspero, o barítono era mais escuro em pessoa do que no intercomunicador.

Faith não fez conta, apesar de sua curiosidade. Foi aos corpos caídos, ajoelhando-se a seus lados apesar do sangue derramado que manchava a terra.

Eram definitivamente castas de coiote, mas tinha soldados humanos também. Ela conhecia o aroma de ambos.

— Me ajude a examinar seus bolsos — disse ela a um dos Executores parado a seu lado. A casta silenciosamente se dobrou e começou a verificar os bolsos do outro homem morto. Enquanto Faith trabalhava, pôs os poucos pedaços dobrados de papel que encontrou no peito do inimigo morto. Atrás dela, Jacob dava a outras ordens silenciosamente, embora ela pudesse sentir seu olhar fixo nela.

— Hey, encontrei algo. — O Executor ao lado dela manteve sua voz baixa enquanto punha várias fotografias na pilha pequena de papéis que Faith tinha acumulado. — Parece uma lista de uma certa classe, também.

— Tem uma lanterna? — perguntou-lhe ela, jogando uma olhada enquanto ele se levava de novo a mão a um grosso fardo situado no quadril. Faith torceu o extremo da pequena lanterna, e foi recompensada com um feixe de luz brilhante, embora magro. Ela a dirigiu para as ensangüentadas fotografias.

Havia uma dela no bar. Era surpreendente. Ela não podia recordar que lhe tivessem tirado uma foto. Havia também fotos de Hope e de outras duas mulheres. A lista dava nomes, localizações e vários desenhos pequenos que Faith assumia que deviam ser um código de alguma classe.

Ela foi de novo às fotos. Conhecia Hope, é obvio, mas também conhecia as outras duas. Todas, exceto ela, eram seres humanos puros não-castas.

— Jacob, temos alguma conexão de Internet neste buraco? — gritou quando leu a lista, e jogou uma olhada detrás das fotos.

— Nenhum vibrador — resmungou ele. — Mantenha sua mente no trabalho. — Faith se manteve calma. Ao lado, ela podia sentir ao Executor mais jovem conter a respiração. Ela foi cuidadosamente para eles, olhando fixamente a seu companheiro, irritada, quando ele jogou uma olhada atrás da cara inexpressiva que mantinha Stygian, o Executor de cabelo chamejante e cenho perigoso. Seus olhos se estreitaram enquanto ela sentia o rumo ofendido da fúria sobre seu corpo.

— Perdão? — Ela ouviu o grunhido primário em sua própria voz, e teria se preocupado, se não estivesse tão furiosa. Jacob lhe franziu o cenho outra vez.

— Em um minuto, Faith. — Ele deu volta de novo para Stygian. Faith sentia seu corpo tremer de dor. Os homens estavam parados ao redor dele, olhando-a cuidadosamente, inteirados de que ela era a fêmea alfa deste grupo, mas sua resposta a tinha colocado no nível mais baixo da hierarquia. E falavam tanto falar da inteligência dos alfas.

— Levou um tiro na cabeça? — Dirigiu um olhar da falsa inocência ao Executor Stygian, ignorando o vigilante olhar de Jacob. Stygian limpou a garganta cuidadosamente.

— Não posso dizer isso. — Seu olhar avaliador quando ele a olhou, perguntando-se como ela dirigiria a seu companheiro, e se era o bastante forte para estar com eles. Ela não os culpava. Com um comentário irrefletido levado por sua própria cólera, Jacob tinha apagado qualquer respeito inicial que houvessem tido.

— Há alguma conexão de Internet disponível aqui? — Ela dirigiu de novo sua pergunta a Stygian. — Assumirei que o ardor da batalha fritou seus cérebros, então espero que você ao menos tenha uma resposta inteligente. — Ela ignorou Jacob. Era isso ou gritar.

— Bem, tenho um computador um portátil — gritou ela. — Consigo com conexão via satélite?

Ele jogou uma olhada ao Jacob.

— Não lhe perguntei — ela lhe recordou. — Eu estou perguntando.

Stygian encolheu os ombros.

— Ele é o chefe. Você consegue um portátil se ele o quiser. — O que não era satisfatório. Antes que Jacob pudesse repreendê-lo, Faith se moveu. Quanto maiores eram, menos contavam com que uma mulher pequena, débil e indefesa os atacasse.

Ele bloqueou seu movimento, mas não olhou seus pés. Suas pernas se enredaram com as dele, lançando-o ao chão enquanto ela mantinha suas peritas pernas afastadas, e firmemente empurrando-as, observou-o cair.

Ele aterrissou, e ela plantou pé firmemente em sua entreperna. Se fosse sua inimiga, teria se jogado contra ela. Mas se fosse seu inimigo ele já teria perdido suas bolas, e depois sua garganta. Jacob amaldiçoou atrás dela.

— Sim, sou pequena, e ele é o idiota que abandonou à sua companheira durante seis anos para vagabundear, lutando pela selva. Pode ser que eu não goste, e pode ser que você esteja sob a falsa impressão de que pode seguir o jogo. Mas sigo sendo seu alfa.

Stygian se estremeceu, mas não de medo. Umas risadas afogadas profundas, duras, brotaram de sua garganta e sacudiram seu corpo enquanto suas mãos a alcançavam. Ele agarrou seu tornozelo. Faith se retorceu em seu apertão, executou um salto e aterrissou agachando-se a vários pés dele.

— Maldição. Chefe, ela é perigosa. — Ele chegou até ela, enfrentando-a enquanto Faith estava parada a sua altura completa. O que ela admitiu que não era muito igual a estar parada ao lado de Stygian.

— É —, Jacob grunhiu a advertência e uma medida de respeito que ela não tinha ouvido em sua voz antes disto.

— Agora não preciso de sua ajuda — gritou, encarando-o fixamente, furiosa.

— Não, vejo que já o solucionou por si mesma, mas era eu que deveria estar sobre meu traseiro outra vez — ele suspirou com fadiga. — Tenho uma conexão de computador portátil e internet via satélite em casa. Mostrarei tudo o que necessita. Tem razão. Provou seu lugar esta noite, e não devo deixar que minha cólera e minha preocupação por você levem a melhor de mim.

O choque a manteve imóvel, silenciosa.

— Caramba. O chefe acaba de desculpar-se — Stygian riu de maneira contida, com voz cheia de falsa incredulidade.

— E você, é o seguinte... — Faith se voltou para ele com um grunhido selvagem. Ele se afastou para trás com surpresa.

— Maldição, está bem. — Stygian então cabeceou respeitosamente. — Não acontecerá outra vez, M.T.

Faith franziu o cenho.

— M.T.? Mal traseiro! — Sua cabeça deu um puxão agudo da exclamação.

— Demônios, não só é muito bonita, mas também se move como um relâmpago. Bem vinda à manada.

CAPITULO 23

Finalmente terminaram na sala de estar, onde Jacob pressionou o interruptor que fechava as cortinas escuras sobre cada janela e deixava melancólico o interior, íntimo.

— Agora, temos um problema. — A voz de Jacob soou dura e fria, depois ele dispôs as quatro pequenas fotos sobre a mesa de café. — Minha missão não tem nada a ver com estas mulheres. E penso que acabamos de estabelecer que esses coiotes estavam atrás de você, não de mim.

Faith suspirou com fadiga quando se derrubou no sofá, olhando fixamente a pequena fotografia dela. Era uma fotografia antiga que tinha sido tirada há seis anos, nos laboratórios; Hope era um pouco maior agora, mas as outras duas não estavam muito seguros.

— Por quê? Se desejavam me apanhar, tiveram ocasiões melhores antes que eu viesse aqui. Quantos Executores têm? Há o suficiente para cobrir às outras duas mulheres, se conseguirmos encontrá-las?

— Tenho muitos, ou então, posso contar com os de outros grupos próximos — disse-lhe. — Acha que pode encontrar às outras duas mulheres?

— Posso começar com minhas conexões, mas nos moveremos mais rapidamente trabalhando os dois. — Ela tirou o intercomunicador da cabeça, mas enfiou o revólver na parte posterior de sua calça jeans. Deveria parecer fora de lugar, torpe, no corpo dela, mas o gesto anunciou uma confiança reservada, uma força que ele nunca tinha pensado que ela tivesse.

Faith devia ser protegida; que ela não pudesse proteger-se sempre fora seu medo. Vê-la de forma diferente o sacudiu um pouco, tinha que admiti-lo. Não deveria ter que defender-se. Mas tinham que viver uma vida que o requeria.

— Posso começar assim que Stygian vier aqui com a equipe. — Faith encolheu os ombros, embora Jacob pudesse ver que os nervos e o cansaço mexiam nela.

— Precisamos conseguir algumas respostas rápidas — resmungou. — Esses bastardos estavam detrás de você essa noite. Um movimento perigoso, para os coiotes. Nunca tentaram roubar uma fêmea da manada, ou apontar a uma especificamente.

— Não são vão só atrás das fêmeas da casta — recordou-lhe Faith. — Hope é humana pura, igual o são as outras duas, se a memória não me falha. E todas estivemos associadas a nosso laboratório de nascimento. — Jacob se ajoelhou junto à mesa de café.

— Charity Dunmore e Honra Roberts. — Ele franziu o cenho enquanto olhava fixamente às duas mulheres. — Charity é humana. Ela era técnica no laboratório antes que tudo fosse ao inferno. Lembra? Honore Roberts é Honore Christine Roberts, a filha de um dos membros mais altos de Conselho. Pelo que ouvi falar dela, ainda estava na escola quando aconteceu isso. Desapareceu de vista em seguida, logo depois que encarceraram o pai dela.

Ela sabia disso tão bem como ele. Cruzou os braços sobre o peito, esfregando as mãos como se quisesse esquentar-se.

— Precisamos descobrir onde ela está, e o que nos conecta. A Hope e a mim mesma, eu entendo. Somos companheiras de duas das castas mais altas de lobo vivas. Mas note que a companheira do alfa da casta felina não está dentro. Merinus, acredito. Nem seus filhos. Agora há três. Não aparecem nenhum dos Felinos; pelo menos para este grupo de coiotes, o foco eram as castas de lobo. Preciso entrar em contato com Wolfe e informá-lo do perigo. — Jacob olhava fixamente a lista e os desenhos pequenos ao lado de cada um.

— Reconhece os códigos que aparecem aqui, Faith? — perguntou-lhe lentamente, levantando os olhos.

Ela caminhou para ele, olhando fixamente a lista, franzindo o cenho. Tomou alguns momentos para lê-los.

— Os códigos de fertilidade — murmuro, recordando os que tinham sido instalados nos laboratórios quando tinham ocorrido as provas com Hope e Wolfe.

— A fertilidade é quando a fêmea está em zelo — Jacob lhe recordou. — Segundo estes códigos, Hope está no ponto mais baixo, enquanto sua, está no mais alto, com as outras duas, portanto.

— Só que tem que estar acoplada para entrar zelo. — Faith sacudiu a cabeça com confusão. — Essas marcas não têm nenhum sentido, Jacob. Charity Dunmore e Honore Roberts não pertencem às castas e não deveriam poder se acoplar com qualquer um de nossos varões. Por que estariam na lista?

— A menos que sejam, como você e Hope, destinadas para um acasalamento de algum jeito. — Jacob franziu o cenho enquanto a olhava. — Não havia certas suspeitas de que tais provas foram feitas nas sessões de genética, durante os dias de nossa fuga?

Havia. Registros através dos quais tinham descoberto vários cientistas de genética do alto nível, que faziam alusão aos experimentos que procuravam investir o código genético que evitaria que as castas se multiplicassem.

A natureza, parecia, tinha lhes ajudado somente nas anomalias genéticas que tinham começado ocorrer nos varões e as fêmeas desde sua primeira concepção.

— O general Roberts pediu muitas dessas provas — Faith suspirou. — Pelos dados que pude compilar, nós estaríamos destinados à extinção se tudo se fizesse à sua maneira. Ele pensou que qualquer filho que pudéssemos ter seria mais fácil de controlar.

O general considerava as castas subumanas, isso não era nenhum segredo. Assassinos sem consciência, sem uma necessidade de zelo ou de vida. Tinha sido meras ferramentas em seus magníficos esquemas de poder. Ele e Bainesmith tinham sido um par perfeito.

— Precisamos entrar em contato com Wolfe; ele tem que saber sobre isto, assim como os outros grupos e os felinos. Pode ser a ponta do iceberg, isso aqui.

— Descobrir por que apontam a essas mulheres será a parte difícil — disse Stygian, entrando na casa, seguido por vários Executores transportando material eletrônico.

Em poucos minutos, um computador portátil foi colocado em frente à Faith, com uma conexão via satélite que demonstrava recepção e segurança completas.

— Quão seguros estamos aqui? — Perguntou Faith, sentando-se em uma cadeira diante do computador.

— Somente o território da manada é mais seguro. — Jacob encolheu os ombros. — É nossa base neste lado das montanhas. Stygian está chamando vários grupos próximos para pedir amparo adicional. Mas não estaremos aqui durante muito tempo. Dirigiremos-nos de novo ao território de Wolfe logo. — Como fêmea alfa de toda a manada, a segurança de Hope e a de qualquer criança que ela concebesse eram de importância extrema. Não podiam arriscar sua vida. Os Executores estariam ao redor dela até que a ameaça desaparecesse.

— Quão logo nos moveremos? — Ela acomodou o telefone celular em sua cintura. Haveria muito trabalho a fazer para conseguir a informação que necessitava. Para conseguir algo.

— Em alguns de dias, com sorte. — Jacob marcava já os números no telefone da casa — Veja o que pode descobrir por agora. Qualquer informação que possa solicitar pode nos ajudar neste ponto.

* * * * *

Não havia muito que encontrar, mas o que encontraram durante as horas seguintes era apavorante. As duas fêmeas da casta de lobo tinham cedido ante os atacantes durante o último mês. Por sorte, não tinham morrido, mas não estavam ilesas,

tampouco. Ambas as fêmeas estavam sem casal, entretanto, e não tinham entrado zelo. Tinham violado a ambas.

Faith tremeu de fúria ao saber disso. Malditos bastardos, eles nunca se deram conta de que horrores causavam aos outros com suas depravações. Não tinham nenhuma consciência, e nenhum sentido da vergonha. Eram seres sem piedade, em sua indiferença com as vidas que tinham criado. Faith emitiu um alarme mundial a todos os grupos conhecidos.

Sentou-se encurvada no computador por horas, trabalhando para alertar aos que podia e procurando obter mais informação. Precisavam saber por que o Conselho se movia de novo, e por que razão.

O clã felino já estava em alarme aumentado depois do seqüestro do primeiro filho de Calam e Merinus, várias semanas antes.

Tanner, o escolhido do clã, falou diretamente com Faith, e todos podiam ouvir a fúria em sua voz. Sua própria companheira acabava de dar à luz a gêmeos durante o último ano, e sua preocupação se refletia no tom frio, duro de selvageria em sua voz, enquanto ele falava do intento de seqüestro.

— O conselho está nisso outra vez, Faith — disse com efeito brutal. — Os bastardos não se deterão até que os matemos, e Calam se recusa a dar a ordem de terminar com eles, antes que se movam.

— É correta a ordem de Calam, Tanner — disse-lhe com fadiga. — Agora mesmo, nossa posição dentro do favor do mundo é muito tênue—.

— A merda com o favor do mundo! — Grunhiu grosseiramente. — Estes são nossos filhos e nossas mulheres! Ao mundo não importa se sobreviverem, ou se o fazemos, ou como! — Havia muitas vezes que Faith estava de acordo com ele.

Depois de retransmitir o resto de sua própria informação, ela desconectou a chamada, e foi de novo à árdua tarefa de entrar em contato com tantos informantes como fosse possível. Tinha que haver respostas em alguma parte, pensou triste.

— O que vem agora? — Faith sacudiu a cabeça enquanto olhava fixamente outra transmissão de Internet de um informante. Segundo o relatório diante dela, não havia rumores, nenhuma ordem, nenhuma "informação sussurrada" movia-se entre os poucos membros do Conselho.

Devido à força extrema das várias agências de aplicação da lei, as castas eram consideradas "intocáveis" pelo tempo que fosse, de fato tinham apenas sido durante vários anos. Se um deles morresse, as repercussões que resultariam disso seriam mais do que desejavam.

As tentativas de seqüestro dos filhos do clã tinham gerado medo e preocupação entre esses membros do Conselho livres.

— Como poderia o Conselho não estar detrás disto? — Jacob estava curvado ao lado de sua cadeira, olhando fixamente a tela com o cenho franzido.

— Eu não estou dizendo que eles não estejam detrás disto. — Faith encolheu os ombros, cansada. — Mas não há informação para verificá-lo ainda. Há definitivamente algo que se move. Mas ou nenhum de meus informantes tem nada, ou o que há é muito perigoso para escapar. Poderia demorar dias em conseguir algo que dê uma luz tênue sobre a informação que temos aqui.

— Não temos dias. — Jacob sacudiu sua cabeça. — Consegue o que puder. Não dormiu desde o ataque e não muito antes, tampouco. Tentarei olhar.

Faith sacudiu a cabeça. Ela sabia que o tempo acabava. E inclusive seu ardente e palpitante sexo não ia afastá-la do trabalho. Maldição, ela o necessitava muito. Inclusive em meio a qualquer novo perigo ao que enfrentassem, ela o desejava. Era como uma enfermidade, pensava. Uma praga de Jacob.

Estivera sentando ali durante horas, ignorando a dor sensual que palpitava através de seu corpo, a queimadura do sangue que lhe ardia nas veias, a disposição suave de seus sucos ao longo dos lábios de seu sexo. Apertou suas coxas. Muito trabalho a fazer.

— Não pode ignorá-lo para sempre. — A voz de Jacob era mais suave agora, sugestiva com o fato de que ele sabia, e tinha se dado conta desde o começo de sua excitação.

— Há muito a fazer. — Faith sentia sua respiração raspar a garganta, seus músculos apertar-se em protesto.

— Todos nós fizemos o que pudemos hoje, Faith — sussurrou, empurrando-a para trás na cadeira e movendo-se entre suas coxas. Faith olhou fixamente em sua face obscurecida pelo sol, vendo a sensualidade preguiçosa que cruzava sua expressão, a maneira em que suas mechas escuras sombreavam as bochechas e seus olhos que brilhavam com luxuriosa antecipação.

As mãos cruzaram seus quadris, empurrando debaixo de sua camisa para iniciar uma acariciante trajetória de fogo demolidor para seus seios. Faith não podia evitar o movimento instintivo que pressionou seus mamilos mais fortemente nos dedos que os beliscavam ligeiramente.

— Cheirei seu zelo durante horas — gemeu ele, olhando-a fixamente. — Isto olhos é tudo o que posso fazer para me mover sem tomar, para pensar sem imaginar seu gosto em minha língua. Como me faz isto, Faith? Faz que te deseje até que estou morto de fome por você?

— Como o que você me faz ? — Ela ofegou enquanto seus lábios pousavam sobre sua bochecha.

— Jacob, não posso pensar quando me toca

— Eu não posso pensar quando está em qualquer lugar ao meu redor — replicou. — Como acontece isto, Faith? Tudo o que posso pensar é no doce gosto de seu corpo, e no zelo de seu sexo que me agarra. Desejo-te, amor. Desejo-te com loucura. Agora. — Ele pressionou-se contra ela, a ponta dura de seu membro pressionando-se contra a carne quente entre suas coxas.

— Também te desejo — sussurrou ela, olhando-o fixamente. — Desejei-te sempre, Jacob. Sempre te amei. — Ela olhou sua mandíbula apertar-se. — Não deseja ouvir isso, não é?

A dor rasgou através de seu peito. Ela tinha se prometido que poderia ficar satisfeita com o acasalamento, com seu desejo por ela, mas em um flash imediato, deu-se conta de que necessitava desesperadamente seu amor.

— Faith — ele sussurrou roucamente, sua face se enrugando em um cenho de tal amargura e dor que ela desejou gritar na negação dele.

— Não desejo sua paixão. — Ela sacudiu a cabeça, empurrando-o longe dela. — Desejo seu amor, Jacob. — Faith se levantou da cadeira, afastando-se dele, lutando para conter o tremor de necessidade que se vertia sobre ela. Agora não era hora de tomar ou lutar, recordou-se. — Temos muito trabalho a fazer — resmungou quando ele não respondeu. — Mas estamos aqui sem fazer nada. Tenho outras fontes que comprovar.

— Não pode trabalhar desta maneira, Faith — grunhiu o enquanto a rodeava com o braço ao redor de sua cintura, e a abraçava firmemente. Estava duro, quente, tenso com sua própria necessidade e sua determinação obstinada de não acreditar na existência do amor. Maldito, ela o amaldiçoou silenciosamente. Necessitava mais que seu membro. Necessitava mais um companheiro que um homem com um membro preparado e duro.

— Como devo trabalhar então, Jacob? — sussurrou quando suas mãos pousaram sobre ela por trás, em seus quadris. — Estou muito cansada de lutar com você, e muito cansada de negar o que necessito também. Não desejo ser tomada. Desejo ser amada. — Seu peito se apertou com dor, seus olhos se encheram de lágrimas.

Ela odiou seus hormônios, odiava o que o fazia. A cólera incessante já era bastante má, mas esta necessidade era pior, destruindo o que seis anos de desejos físicos tinha suportado.

— Não grite, Faith. — Sua voz era tão baixa que ela mal podia ouvir as palavras. Com a mão, levantou sua cabeça onde ele a pressionou mais próxima a seu peito a seu coração. Ela podia senti-lo pulsar, um batimento do coração áspero debaixo de sua bochecha. Como não poderia ele ter um coração, ou o amor que ela necessitava tão desesperadamente?

— Não estou gritando. — Disse, mas podia sentir a umidade em suas bochechas, ouvir a aspereza em sua própria voz.

— Quando te toco, não desejo nada mais que te demonstrar com meu toque, meus beijos, que é o mais importante de minha vida — ele suspirou contra seu cabelo. — Sempre, Faith, tive uma parte de mim. Uma parte que nunca pude ocultar totalmente. — Sua voz era suave, carregada com dor, cheia de seus próprios medos. — Não te darei só uma ilusão. Não te mentirei ao dizer que existe algo dentro de mim que não o faz. Não sei de amor, amor. Não tenho nenhuma idéia de com o que compará-lo, ou de como reconhecê-lo. Tudo o que sei, é que durante toda minha vida, minha única debilidade foi você. — Podia ser isso amor? Faith sabia que isso era mais do que Jacob tinha dado a outra pessoa viva. Sua reputação, uniforme entre as castas, era a de ser desumano contra o inimigo, e a de resolver com dureza e frieza todas as questões.

Ela sabia que ele tinha mostrado muitas vezes na cara a preocupação com suas mudanças hormonais de humor e de cólera. Nenhum outro Executor, varão ou fêmea, desafiava-o como ela o fazia, ele teria reagido de forma muito diferente. Seus homens não eram cuidadosos com ele sem motivo.

— Me deixaria te amar, Jacob? — finalmente perguntou ela, brandamente. — Necessito mais. Muito mas, Jacob, ou não poderei sobreviver.

CAPÍTULO 24

Se tivesse um coração, teria se quebrado nesse momento. A dor encheu a alma de Jacob, derramando-se através de seu corpo, apertando cada osso e músculo em uma agonia de protesto. Sua voz era suave, tão apazível e doce que o destruiu. E nela, ele ouviu seu amor. Como se sua alma se abrisse e dela se vertesse o néctar de um banquete emocional. Derramou-se sobre ele. Filtrando-se nas cicatrizes e feridas ele nunca soubera que tinha, profundamente dentro de sua própria alma.

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto a abraçava contra seu peito, cobrindo seu corpo pequeno, não desejando protestar por toda a inocência e as crenças que ela ainda tinha. Ainda. Inclusive depois da vida dentro da qual a tinham criado. Mesmo depois de todas as crueldades que tinha visto desde seu escapamento. Apesar de tudo isso, Faith acreditava no amor.

Como tinha permanecido o interior tão suave, e tão delicado, quando ele era tão duro, tão amargo? Que ato de misericórdia suprema o tinha conservado? Não sabia. Mas assim que a teve em seus braços, agradeceu a Deus com tudo o que tinha dentro dele que a tivesse protegido. Que sua mão a tivesse amparado de algum jeito, protegido, sustentado com seu coração intacto.

— Você me humilha, Faith. — Ele não sabia o que lhe dizer. Não entendia o caos que se retorcia das emoções que agora que o sacudiam. Emoções desconhecidas. Sensações e emoções das quais ele nunca soubera em sua vida. A graça dos pedaços unidos e a dor aguda, alagaram seu corpo e sua mente como nada o tinha feito nunca.

— Não desejo te humilhar, Jacob. Desejo te amar. — Ela moveu as mãos para trás, sobre as suas, seus dentes o arranhavam eroticamente através do tecido que o cobria. Ele sufocou o gemido. O aroma de sua necessidade tinha aumentado.

Como se sua tormenta emocional fosse ligada de algum jeito à intensidade de sua excitação. Este aumento o narcotizou, até que ele não podia pensar em nada exceto afundar seu membro profundamente dentro de seu corpo. Mas havia uma parte de sua

alma que também reagia. Faith era sua companheira, e em sua voz, em suas ações, ela o tinha aceitado, sem o amor que ele sabia que ela necessitava também.

— Você é tudo para mim. — Ele lutou com sua necessidade de lhe dar, de lhe proporcionar tudo o que ela desejasse, só porque ela o desejava. Mas que infernos, o que sabia ele de amor, além do que lhe tinha demonstrado? E Deus sabia que nunca lhe teria dado a dedicação, a profundidade do sacrifício que lhe dera durante seis anos.

— Está tudo bem, Jacob. — Ela sacudiu a cabeça para lhe dar a fuga que ele sabia que necessitava. Mas ele também sabia que não estava tudo bem. Estava falhando com ela, e ele não poderia falhar, não com Faith. Não outra vez.

— Se soubesse de amor, então sei que tudo o que tivesse seria para você. — sussurrou desesperadamente. — Se meu coração estivesse intacto, não estaria cheio de nada além de meu amor por você, Faith. — Ele se agarrou a ela, com os braços apertando ao redor dela, sentindo sua respiração, filtrando suas lágrimas contra seu peito. — Deus querido, Faith, não posso sofrer ou te machucar. Por favor. Por favor, me chute o traseiro outra vez ou algo assim. Algo. Mas não chore.

— Não de você, bufão. — Ela empurrou-o, limpando desesperadamente suas bochechas enquanto o olhava fixamente. — Estou chorando para você. Há uma diferença, sabe.

Ela era formosa. Um trabalho tão formoso da natureza que o mantinha enfeitiçado. Sua cara limpa, seus olhos tão escuros e o faiscar maravilhoso das lágrimas e das emoções até que pareciam cheios de mil pontas de luz. Um cenho desenhava suas sobrancelhas castanhas sobre seus olhos.

Ele nunca tinha visto outra mulher mais formosa. Nunca tinha desejado qualquer outra coisa ou a qualquer outra pessoa em sua vida tão desesperadamente como ele desejava agora à Faith.

— Então não chore para mim, tampouco. — Ele sacudiu sua cabeça, sentindo-se hipnotizado por ela. — Maldição, Faith.

Ele passou os dedos pelo cabelo, sentindo-se à deriva, perdido em um abismo emocional no que não tinha nenhuma idéia de como navegar. Tudo o que sabia era que esta era Faith, e que onde mais importava a ela, ele poderia sentir-se falhar. Não havia maneira de desculpar-se. Nenhuma palavra que pudesse lhe expressar as sensações emocionais tão desconhecidas. Ele fez a única coisa que ele sabia que o faria. Lutando por proporcionar-lhe a única maneira ele sabia.

Ele a moveu de um puxão em seus braços, cobrindo com os lábios os seus, parando mais palavras, mais lágrimas dela. Sua língua empurrou além dela, surpreendendo os lábios, esfregando em sua boca com um desespero que mal poderia controlar. Necessitava-a. Tinha que tê-la.

Ele bebeu de sua boca, seus lábios, sua língua. O toque dela, o gosto dela queimava em sua alma. Necessitava mais, necessitava seu corpo tão quente, tão desesperado por ele que nunca se fosse, que nunca lamentasse seu amor por ele. Que nunca lamentasse que ele não soubesse amar.

— Jacob — Seu grito era música para sua alma. Cheio de necessidade quente, de excitação deslumbrada. Fez com que se sentisse como um conquistador, salvador. Fez sentir-se vivo. E Jacob sabia disso desde que ela tinha caminhado no pequeno e sujo bar, sua excitação que pulsava com cada pulsa do coração, ele não tinha vivido. Não realmente. Sua vida começou com essa noite.

— Agora te necessito — grunhiu ele quando esfregou os lábios com os seus, em uma trajetória, descendo por seu pescoço, empurrando com as mãos debaixo de sua camisa uma vez mais. — Agora, Faith. — Seus seios estavam duros, inchados, inclinados com os mamilos duros que advogavam por sua atenção. Ele beliscou os pequenos pontos, elogiando-os em seu grito quente por mais.

Ela se pressionou mais perto, arqueando-se contra ele enquanto gemia profundamente. E Jacob não poderia fazer outra coisa mais que lhe dar o que necessitava tão desesperadamente.

Voltou-a, suas mãos a dirigiam enquanto os lábios beliscavam em seu pescoço, na marca dele. A pequena marca de sensual que a tinha identificado como sua companheira. Sua mulher. A porta do salão estava fechada, ele sabia que nenhum de seus Executores se atreveria a incomodá-lo, mas tinha chegado a um ponto em que não lhe importaria se o fizessem.

Ele não poderia deter-se. Devia estar dentro dela, profundamente e firmemente, com seus músculos lhe abrasando enquanto ela culminava a seu redor.

Ela choramingou. Um pequeno suspiro necessitado, sem fôlego, que fez com que a pressão arterial lhe subisse como um foguete e que seu membro pulsasse em resposta.

— Aqui — ele sussurrou, ouvindo o desespero em sua própria voz quando lhe deu a volta em seus braços, dobrando-a sobre a parte posterior da cadeira.

— Na cadeira? — A diversão e a luxúria competiram pela supremacia enquanto ela rebojava contra ele. Maldição, era um traseiro tão bom. Era seu, pensou, apertando as curvas arredondadas com um grunhido animal retumbando em seu peito.

— Na cadeira — assegurou-lhe quando a alcançou, seus dedos se lançaram rapidamente para o zíper de suas calças jeans. Antes que ela pudesse fazer mais que ofegar com surpresa, ele os tinha ao redor de seus tornozelos, depois seus dedos cavaram no zelo gentil, molhado de seu sexo.

Ele desejou escrever um tolo poema a esse pedaço particularmente delicioso de carne. Uma ode de reverência ao zelo apertado, o botão molhado, cremoso de seu clitóris quando entrasse nele. Era um homem que se afogava, que lutava pela sobrevivência, e um traseiro apertado sobre um sexo empapado e necessitado.

Ele desejava gritar sua excitação, sua supremacia, sua vitória de que somente ele tinha acoplado a esta mulher.

— Vou te foder até que grite. — Ele liberou seu membro palpitante tão rapidamente como se despojou de suas roupas. — Vou te foder tão duro e tão profundamente, que sempre saiba que me pertence. Que nunca o duvide, Faith. Que nunca duvide o que é para mim, e que eu sou para você... — ele colocou a cabeça grossa na entrada de sua vagina gotejante, tão quente. Espumosa, borbulhando filtrando-se dela chamuscando sua carne.

— Sempre grito quando me toma. — Ela agora ofegava, empurrando-se para trás, contra a cabeça bulbosa de seu membro, gracejando-o com o ajuste apertado de seus movimentos. — E você — Jacob se deu conta de que ele ofegava também. — Você grita bastante também, amor — Suas mãos acariciaram as curvas arredondadas de seu traseiro antes de voltar para o quadril.

Ele a sustentou, colocando o membro em sua entrada, com os dentes fechando-se fortemente contra o zelo ardente que lambeu a ponta de seu membro. Ele sentia os músculos que apertavam, acariciando a cabeça de seu membro, chovendo sua essência doce sobre ela.

Era como fogo e relâmpagos, prazer avivado que se irradiava em cada polegada de seu corpo. Ele se inclinou sobre ela, os lábios se movendo em seu pescoço enquanto seus dentes raspavam sobre a marca que ele tinha feito nela. Apertou a cabeça arredondada mais firmemente contra sua entrada, ouvindo seu grito e choramingarão, sua súplica por mais.

— Grita agora, Faith — Ele enterrou seu eixo comprido e duro em um impulso profundo que a fazia endireitar-se contra ele, um lamento de prazer/dor erótico que repetia ao redor dele.

Ela se sacudia, tremendo em sua presa, com a cabeça lançada para detrás contra seu peito quando os músculos de sua vagina tremeram ao redor dele, derramando seu suco com o passar do caule grosso de seu membro e gotejando abaixo ao longo do escroto, com o orgasmo que ele tinha provocado nela. Os músculos de seu sexo tremeram.

Ele fechou fortemente os dentes, lutando com a necessidade de começar um movimento de impulso duro e rápido dentro dela. Agora desejava saboreá-la. Desejava o

sabor, a umidade, a sensação dela, o zelo que amaldiçoou, enterrar seu membro e fazer com que o endurecesse ainda mais. Sentia a transpiração umedecer de sua pele, lutando com a necessidade de tomá-la com dureza e profundamente. Desejou sentir o inchaço rápido, o prazer agonizante do nó que o travaria profundamente em sua carne estremecida.

— Jacob — ela ofegou quando ele palpitou dentro dela, sentindo-se apertar nele, ordenhando sua carne com um aperto que o deixou quase louco.

— Tão quente e apertada — ele gemeu quando sua língua esfregou ligeiramente sobre a marca de seu pescoço. — Tão doce e gostosa. Poderia permanecer dentro de você para sempre, Faith.

— Se não me tomar, vou golpear o seu traseiro com o pé — ela gemeu asperamente, enquanto lançava o braço para trás, e a mão se agarrava em seu cabelo, quando ela lutou pelo orgasmo. Seus quadris rodavam lentamente, profundamente, grunhidos de prazer saíam de sua garganta. O movimento o enviou quase à beira do esquecimento. Sua vagina apertou, seus sucos facilitavam a união entre sua carne e a dela, quando trabalhou os músculos internos ao redor do eixo grosso.

Jacob permitiu que suas mãos escorregassem para seus seios enquanto ele se movia, tentador, dentro dela. Movimentos pequenos, medidos que romperam quase seu controle. Ele a necessitava.

Era necessário que ela o necessitasse com loucura para continuar com uma progressão tão lenta para o orgasmo. Seus dedos brincaram com seus mamilos quando ele a abraçou mais perto, agarrando os pequenos picos enrugados, sentindo o espasmo de seu clitóris cada vez que ele os beliscava eroticamente.

Ela estava úmida de suor, tremendo, os quadris se moviam contra os seus, o corpo se arqueava contra ele.

— Incline-se — Suas mãos se moveram de seus seios quando ele a empurrou para cima de novo. Ela apoiava as mãos no amortecedor da cadeira enquanto seus joelhos se flexionavam e ele conduziu seu membro mais duramente dentro dela.

— Sim! — gritou ela em resposta. — Outra vez. OH, Deus, Jacob. Faz outra vez. — Outra vez e ele pode ser que tivesse terminado, ele sabia. Mas não poderia opor-se.

Agarrou seus quadris outra vez enquanto ele arrastava a longitude pesada de sua ereção no ardente canal até que somente a cabeça ficou alojada dentro dela.

Ele sentia como os gritos de prazer indescritível se derramavam através de seu corpo enquanto empurrava dura e profundamente outra vez. Não tinha nenhum controle. Não poderia deter a necessidade, o fogo que cintilava em sua coluna vertebral, apertando seu escroto, por um orgasmo tão desesperado que quase soluçou por ele.

Faith gritava já com desespero. Cada impulso poderoso extraiu um soluço dela, uma súplica por mais. Mais forte. Mais profundo. Deu-lhe tudo o que pediu e mais, até que finalmente sentiu a ondulação de sua vagina espremê-lo firmemente, e o orgasmo começou a explodir dentro dela.

Ela cantou seu nome quando ele empurrou uma última vez, dura e profundamente, e sua carne começou a inchar-se, travando-o dentro dela. Jacob lutou para respirar, com seu corpo sacudindo-se em reação enquanto sentia o inchaço, o aperto que não permitiria que nem uma gota de sua semente transbordasse de seu corpo durante esses longos minutos.

Travou seu membro fortemente dentro dela, com o sêmen de sua extremidade enchendo-a, afogando-a de prazer. Seus gritos e ofegos eram os únicos sons no quarto. O suor os empapou, os corpos tremeram, os sussurros escapavam dos lábios quando cada ângulo se ondulava com as ondas de choque do prazer. A intensidade da sensação parecia durar para sempre. As pernas de Jacob tremeram enquanto seus quadris se moviam contra ela outra vez, ampliando o prazer, outro espasmo acariciou agora seu membro dilatado. Finalmente, os tremores fortes deixou-os entregues, e seu membro se abrandou lentamente dentro dela.

Ele saiu livremente de seu corpo, estabilizando-a enquanto ele se moveu ao reverso.

— Que demonstração mais maravilhosa. — A voz aguda fez com que Jacob se movesse para sua arma até que viu os soldados olhando a sua companheira. Ele puxou Faith para trás dele enquanto ela lutava fracamente para endireitar as roupas e enfrentar a um monstro do passado.

CAPITULO 25

Ele tinha sido seu chefe de treinamento. O tenente Dale Marshal. Das Forças Ex-Especiais. Tinham-no expulsado dos militares sob a suspeita de crueldade com os detentos e de depravações extremas. Jacob sabia bem que os rumores eram muito verdadeiros.

O marechal tinha sido um pesadelo nos laboratórios. Seus métodos de treinamento e crueldades extremos tinham dado lugar freqüentemente a castigos dolorosos. A obediência completa, nenhuma emoção, nenhuma debilidade era seu lema. A uma tenra idade, o jovem Jacob tinha aprendido como um acessório emocional poderia ser utilizado facilmente contra ele por parte do inimigo. Ou seja, o Marechal.

Jacob se endireitou as calças, fechando-a despreocupadamente. Ele notou que o outro homem não tinha mudado muito em seis anos. Ainda era alto, imponente. Seus olhos azuis eram frios, e cabelo loiro estava desaparecendo. Parecia tão cruel como sempre. Nesse momento, seu olhar fixo, assim como o de seus dois homens, estava em Faith enquanto ela lutava atrás dele para acertar suas roupas.

— Conseguiu passar pelos meus alarmes. — Jacob chamou sua atenção de novo a ele. — Coisa que deve ter dado um certo trabalho. — Ele tinha sabido que o marechal viria. Como amestrador de Jacob, somente ele tinha o conhecimento para segui-lo. Mas Jacob não contava com isto tão logo. E nunca imaginou que poderia passar pelos alarmes com tanta eficácia.

O marechal disse com desprezo em resposta.

— Alguns alarmes de perímetro? Realmente, Jacob. Tinha ouvido que suas medidas de segurança estavam muito melhor do que as que encontrei. Vim eu mesmo depois que acabou com a força que enviei ontem à noite. Não contava com tão poucos homens, ou alarmes.

O que esperançosamente significava que Stygian estava informado de que ele estava dentro da casa.

Jacob não tinha esperado que outra força invasora se movesse para dentro tão logo, mas a informação que ele precisava tinha ditado a carência na segurança, que permitiria que ele praticasse uma abertura na casa. Estar preparado sempre para o inesperado, ele pensou com um suspiro.

Sua luxúria tinha posto Faith em perigo, sua necessidade dela a tinha posto na linha do fogo.

— Meus homens estão por aí. — Jacob encolheu os ombros, contendo seu próprio sorriso de diversão. Confiança na cara do inimigo. Nunca deixar que o vissem suar. As velhas regras eram as mais duras de esquecer, e agora ele as utilizou a sua vantagem. Nunca demonstre debilidade. Um flash na expressão do marechal denotou preocupação.

— Verifiquem outra vez — ele falou por seu próprio intercomunicador. Quantos homens estavam com ele? Se o marechal tivesse tomado a qualquer dos Executores, ele estaria presumindo disso agora. Tão cheio de sua própria presunção, de completa confiança em suas próprias capacidades. Tinha sido sua queda mais de uma vez.

Jacob estava parado firmemente diante de Faith quando ela se moveu para mais perto dele, permitindo que ele a abrigasse agora. Seria melhor se os homens que a

olhavam fossem inconscientes que ela era mais que capaz de proteger-se. Sua estrutura delicada, seu ar de fragilidade trabalharia certamente em seu favor. E no de Jacob.

— O que é que faz aqui, marechal? — Jacob perguntou curiosamente, guardando sua cólera, seu ódio do homem controlado cuidadosamente. — Eu pensei que o Conselho tinha parado de tentar nos recuperar. Deve estar mais que informado do apuro que isto causará em seus superiores.

O marechal franziu o cenho.

— Isto não tem nada a ver com o Conselho — grunhiu. Seu olhar fixo foi a Faith, que ele ainda conseguia ver, abrigada atrás do corpo de Jacob.

— Só necessitamos a sua mulher durante um momento. — Ele sorriu com antecipação de luxúria. O olhar fez com que Jacob se esticasse com raiva. — Prometemos devolvê-la, possivelmente um pouco desgastada, mas viva, em alguns dias. — Jacob se cruzou os braços sobre o peito, perguntando-se onde infernos estavam Stygian e seus homens. Agora seria um bom momento para entrar.

— Você deve me tomar por um parvo, marechal. — Jacob lutou para manter sua voz suave, para guardar sua raiva sob controle. — Esta mulher da que fala é minha companheira. Penso que você sabe bem que não a deixarei ir de boa vontade.

A face do marechal se fechou com um breve cenho.

Jacob tinha sido a casta menos provável para rebelar-se sob suas ordens. No laboratório, Jacob tinha jogado o seu jogo muito bem, controlando seu temperamento até que pudessem escapar, com cuidado de manter todas as indiretas de agressão contidas. O cão guardião perfeito, o marechal apelidara uma vez. Jacob jurou que ele rasgaria a garganta desse homem na primeira ocasião que se desse com ele.

— Posso te matar, e tomá-la depois. — O marechal encolheu os ombros. — O que ganhará estando morto?

Era a oportunidade de Faith, apoiada em Jacob atrás dele. Ele também sentia seu braço escorregando ao redor de seu corpo. Maldição, apostava que a arma ainda estava enfiada em seu bolso traseiro. Mantendo suas ações protetoras, ele a alcançou com um braço para segurá-la atrás dele. Ao mesmo tempo, ela escorregou o revólver Colt dentro de sua mão. Era bastante pequena, mas poderia ser tudo o que os protegeria até que chegasse a ajuda.

— O que ganharei se você a levar? — Ele contradisse brandamente; seu tom era mortal. Era hora de que o chefe aprendesse que o tutelado não seguia mais seu chumbo. — Você sabe que não deixarei a minha companheira, marechal. Veio evidentemente para me matar de qualquer maneira.

O marechal sorriu. Um descobrimento de dentes, uma exibição fria de crueldade.

— Um acessório emocional, Jacob? Não lhe ensinamos melhor que isso durante o treinamento? — E o tinham feito. Os anos de castigos ou da brutalidade que ele ainda recordava somente em seus sonhos, eles o tinham ensinado que nunca devia cuidar, nunca devia deixar que outro chegasse a ser importante para ele.

— Tem muito pouco que ver com a emoção. — Jacob encolheu os ombros, embora nesse momento, nesse só instante, ele sabia melhor. Sabia que tinha todo a ver com um coração que ele pensou que não tinha, e agora se dava conta de que somente tinha sobrevivido, marcado com uma cicatriz, mas quase intacto. Um coração que pertencia somente a Faith.

— Nenhuma emoção? — O marechal lhe perguntou, com expressão condescendente. — Então não terá nenhum problema deixá-la ir.

— Ela me pertence. — Jacob agarrou a arma, seu estômago se apertou em advertência enquanto olhou aos três homens que o enfrentavam. — Marquei-a, acoplei-a. Ela é minha.

— Ela nunca conceberá. — O calculismo frio acendeu os olhos do outro homem. — Deixe-nos levá-la, Jacob. Devolveremo-la, prometo isto, mas incapaz da concepção. — O que fizeram às duas mulheres que tinham sido atacadas? O terror pulsou no coração de

Jacob. Tinham forçado de algum jeito a mulheres não emparelhada da casta a não conceber? Como? A pergunta enviou o gelo através de seu corpo.

— A concepção não é minha preocupação, marechal. À diferença do Conselho, deixo tais coisas para um ser mais alto. Não deixarei a minha companheira com você.

— Sonha como se tivesse uma opção, meu amigo — O marechal riu com diversão contida. Um som frio, duro, que sublinhou o mal em seu coração. — Não te pedi que a deixasse vir. Ordenei-o, Jacob.

Jacob escorregou o dedo sobre o disparador da arma quando notou a sombra leve que se perfilou por uma janela atrás dele.

Ele olhou a imagem pela extremidade de seu olho, nas prateleiras refletidas ao lado do marechal. Até agora, a atenção dos soldados estava mais fixa em Faith que em qualquer dos Executores que pudessem ter derrotado seus homens lá fora. A ajuda estava aqui. O único problema era saber exatamente o que aconteceria.

— Já não sigo mais suas ordens, marechal — Jacob lhe recordou, agora olhando aos homens mais de perto, para qualquer amostra de agressão. — E tampouco o faz minha companheira. Você não a levará.

O marechal suspirou pesadamente.

— Vamos devolve-la — discutiu, como se houvesse alguma diferença.

— Depois de que quantos de seus homens a tenham violado? — Jacob perguntou firmemente, recordando os informe das duas mulheres da casta que tinham sido atacadas. — Esta mulher leva minha marca, meu aroma. Pertence somente a mim. Não permitirei que nenhum outro homem a toque, você sabe isso.

— Aquelas mulheres não estavam emparelhadas. — O marechal não tinha evidentemente nenhuma idéia dos horrores que ele tinha levado a essas mulheres. — Simplesmente brincamos durante um momento com elas. Trataremos a sua mulher com mais cuidado. — Sua mão se moveu, sujeitando a arma a seu lado quando os dois soldados levaram seus rifles automáticos em cima algumas polegadas mais altos, apontando-os diretos ao coração de Jacob. — Entregue-a, Jacob — o marechal pediu outra vez. — Ou posso ficar irritado. Você sabe quão imprevisível sou quando estou irritado.

— Imprevisível? — Jacob mascou a palavra. — Raivoso, quer dizer? Você é como um cão doente, marechal, que precisa ser eliminado. Nunca lhe confiaria minha mulher.

— Não está olhando o conjunto, engana-te! — O marechal finalmente cuspiu. — Ela está tentando conceber. Não podemos permitir a concepção incontrolada, Jacob. Você sabe o que poderia significar para o futuro da civilização. O mundo não está preparado para os de sua classe. Devemos solucionar este problema. Somente a uma casta completamente humana pode ser permitido sobreviver. — O choque se rasgou através de seu sistema. A loucura brilhava intensamente nos olhos do marechal. Um brilho fanático quando fez alusão a um maior mal.

— Completamente humano? Como podia isto ser possível? Em que loucos experimentos estão vocês bastardos implicados? Não somos completamente humanos, marechal.

— Vocês são abominações. Seres débeis que querem forçar sua semente no mundo — o marechal cuspiu. — Os Felinos são já bastante maus. Não o permitiremos com seus grupos tampouco. — Loucura. Somente um louco teria podido conceber o plano de criar as castas. Dementes somente, os monstros verdadeiros podiam realizar seus planos.

— Então possivelmente seu conselho não deveria nos haver criado. — Jacob se inclinou para trás. — Devíamos ser seus cães da guerra, seus animais domésticos treinados para realizar seus pervertidos planos. Esqueceram-se de que só os seres humanos são naturalmente enganosos. Naturalmente cruéis. As castas que escolheram eram as mais honoráveis, assim como as mais selvagens. O que não significava ser suas marionetes de violência gratuita.

A face do marechal se encheu com a fúria que o engoliu.

— Malditas sejam todas as marionetes. É como todos, animais que agora pensam que você e os seus tem o direito de viver e se multiplicar. O Conselho te criou, e agora te destruirá.

Duas coisas aconteceram simultaneamente. Jacob empurrou Faith ao chão, atrás do duvidoso amparo da cadeira enquanto ele tomava a arma para mirar aos três homens que puxavam os disparadores em suas próprias armas.

O cristal das janelas atrás dele se rompeu quando ele caiu ao chão, cobrindo o corpo de Faith, compreendendo que o inimigo destruiria tudo o que ele tinha sonhado ou pelo que sempre tinha rogado. Mas não era Stygian ou os Executores o que viu através das janelas, armas que ardiam, um grito de guerra que soava em seus lábios. A atenção de Jacob se fragmentou do marechal e de seus homens enquanto o choque invadiu seu corpo.

Não podia ser possível. Nem o Conselho em todas suas perversões e crueldades não teria podido realmente tentar criar uma casta como essa. Mas tinham, a prova disso rodando através do chão.

Eram três homens grandes, armas que ardiam, raiva que se refletia em seus gritos quando centraram sua fúria no marechal e seus homens.

— Não matem a todos, maldição! — Jacob gritou quando viu um soldado cair. — O marechal, precisamos ao marechal. — Ele não tinha nenhuma idéia se suas palavras foram ouvidas na comoção. Manteve Faith coberta, seu palpitante coração cheio de medo enquanto ardiam as armas e as balas ricocheteavam ao redor do quarto.

— Maldição, Jacob, afaste-se de mim — Faith amaldiçoou debaixo dele quando a manteve com segurança no chão, protegendo-a com seu próprio corpo. — Vou golpear seu traseiro, quando me levantar. — Ela se removeu debaixo dele, com sua voz levantando-se furiosamente. Quando os tiros cessaram, Jacob ficou em pé.

— Descubra quem — gritou ele — ou que infernos são — enquanto assinalou imperiosamente aos três homens com asas que se moviam lentamente a seus pés. — Maldição, não precisamos mais castas de merda que se movam pelo mundo. Matarei aos membros de merda do Conselho que digam... — Ele atacou o corredor, dando ordens a gritos quando saiu, amaldiçoando pelo sangue e os danos feitos a casa.

— Como ficou a casa? — gritou passando pela soleira. — Maldição, Caleb vai matar nos a todos.

— Não se eu te matar primeiro — balbuciou Faith, dando a volta para olhar à cara dos três homens que a olhavam, suas expressões aristocráticas imediatamente identificando sua linhagem.

— Me deixem adivinhar — disse ela em tom áspero. — Alfas, é obvio. Onde infernos estão todos os betas, nenhum deles sobrevive na seleção genética? Betas, os betas são boas coisas.

CAPITULO 26

O marechal não sobreviveu ao interrogatório. Nem tampouco o fez qualquer um dos outros. Faith escutou Jacob amaldiçoar em voz alta, violentamente.

— Um. Tudo o que peço é um. Só não matem a um deles, assim podemos lhes perguntar — ele grunhiu, enfrentando Stygian furiosamente. — O que aconteceu?

— Tinham armas maiores, chefe. — Stygian encolheu os ombros. — Primeira dispara, preocupar-se com as perguntas mais tarde. Este não é lugar para as discussões sérias.

Jacob encarou Faith quando limpou o suor de sua cara em um gesto de frustração extrema. Ela estava em pé, pacientemente compartilhando um olhar divertido com Ciam, o segundo no comando das castas aladas.

Jacob repreendeu Faith.

— Está um pouco divertido aqui, companheira? — Ele franziu o cenho. Faith encolheu os ombros.

— Talvez.

Os olhos de Jacob se estreitaram. Ela podia sentir sua luxúria, sua provocação, sua fúria, combinando tudo de uma maneira que fez que se elevasse sua pressão arterial.

— Por exemplo? — mordeu ele.

— Por exemplo, o fato de que nossas novas castas têm certa informação interessante. — Ela encolheu os ombros. — Enquanto você tomava o cuidado do negócio dos alfas, este bom e pequeno enlace compilava os dados.

— Como o que? — Um fio de suspeita incorporou seu tom.

— Como o fato de que o Conselho desenvolveu um pequeno soro intrigante. Um que acreditam forçará a concepção, mas ao fazê-lo assim, assegurarão de que todo o DNA da casta está investido na criança. — A incredulidade, como uma sacudida elétrica, se refletiu nas expressões das caras giradas para ela.

— Acreditam que podem brincar com a natureza uma segunda vez, dentro do mesmo código genético? — Ele grunhiu. — Acaso perderam a cabeça?

— Tinham-nas de qualquer forma? — Ciam lhe perguntou então, enquanto se inclinava ociosamente contra a parede na cozinha onde estavam reunidos. — Têm a duas mulheres humanas, nas que forçaram um zelo similar ao que sofrem as fêmeas da casta. Estudando a estas mulheres e suas mudanças físicas e hormonais, pensam que podem conseguir.

— Que mais lhes fizeram? — Perguntou Jacob, obscuramente.

Ciam sacudiu a cabeça.

— Há uma nos laboratórios onde estão retendo a nossa comandante e dois dos mais jovens de nosso clã. Seus gritos... — Ele não foi mais longe.

— Qual? A quem têm, à mulher Roberts ou a Dunmore? — Mordeu Stygian, sua voz soou fria, dura.

— Charity Dunmore. Trouxeram-na há vários meses. Ela ainda estava lá quando escapamos. Não acreditam que ela viva muito tempo mais. O que lhe fizeram... afetou-a....

— Chamem Wolfe. — Ele se voltou para Faith. — Quero Aiden e seus homens aqui.

— Já cuidei disso. — Faith cabeceou firmemente. — Também enviei uma chamada a qualquer grupo o bastante perto para nos ajudar.

— Moverão o laboratório? — Ele encarou de novo Ciam.

— Não o moverão. Está fortemente protegido, entretanto. Faz parte da montanha. Não será fácil encontrar uma abertura.

— Nunca o é — Jacob lhe assegurou. — Começaremos a planejar quando chegarem Wolfe e Aiden. Até então, prepararemos-nos. Faith. — Ele voltou-se para ela lentamente outra vez. — Esteja pronta, você voltará com a manada à casa de Hope. Precisarei de você lá para coordenar os grupos, e para proteger a base de origem.

CAPÍTULO 27

Várias horas mais tarde, depois de uma comida quente e de um banho relaxante, Faith aguardou Jacob em seu dormitório.

Ela se sentou em uma das cadeiras, de frente à porta. Alguns dos planos e dos preparativos de Jacob, é obvio, teriam que ser revisados. Sua última bomba, de que ela seria deixada de lado, teria que mudar ou ela seria capaz de lhe dar um tiro. Proporcionar o amparo para a base de origem. Ela suspirou rudemente. Como se fosse necessário. Treinavam a cada homem, mulher e criança para proteger e para manter a

segurança da base de origem. E Hope nunca permitiria que Wolfe a deixasse atrás, Faith estava segura disso. Assim, não a deixariam para trás tampouco. Era tempo de que seu companheiro aprendesse que agora eram uma equipe, nunca mais entidades separadas.

Ele ia ter que pensar sobre esta mania do amparo sobre a que parecia ter problemas. Não ia esperar muito tempo. Ele entrou no dormitório circunspecto, fechando a porta atrás de si enquanto inspirava profundamente. Faith foi para ele e acendeu o abajur pequeno, vendo de uma olhada sua expressão cansada, preocupada antes que a apagasse.

— Tudo bem? — perguntou ela, mantendo sua voz cuidadosamente suave.

— Wolfe e Aiden estarão aqui pela manhã. Atacaremos os laboratórios dentro de três dias a partir de agora. — Sua voz era fria. Dura.

— E deixará Hope para trás? — Ela inclinou a cabeça, olhando-o curiosamente enquanto lhe jogou uma olhada fulminante.

— Você vai ser tão obstinada como a companheira de nosso líder, não é? — Perguntou furiosamente. E estava zangado. Ela poderia ver o pulsar do ar ao redor dele, brilhando intensamente em seus olhos pálidos.

— Sabe, Jacob, ser sua companheira está sendo particularmente frustrante. Não pode me proteger da maneira que o deseja. Não pode me envolver entre algodões e me deixar em uma prateleira, para pegar somente quando deseja brincar. — Ela se colocou atrás de sua cadeira, olhando-o com preguiçosa diversão. Ele grunhia silenciosamente, com suas presas cintilando na luz débil do quarto.

— Alguma vez disse que desejava fazer isso? — Ele arrancou a camisa com movimentos curtos, furiosos.

— Há algumas coisas que não tem que dizer, Jacob — ela afirmou. — Não voltarei para a base de origem da manada. Lutarei a seu lado, ou te deixarei. E lhe prometo isso, não voltarei se me deixar para trás.

O choque o manteve rígido. Faith olhou o tremor de seu corpo, seus olhos alargar-se quando o enfrentou

— Por quê? — Ele sussurrou, áspero. — Por que faria isso, Faith, quando sabe que somente desejo sua segurança?

Ela se perguntava se ele se daria conta do fio de dor ou temor que havia em sua voz. Ela se dava conta, e embora rompesse seu coração vê-lo sofrer com o que ele se sentia que era uma debilidade dentro de si, não cedeu nem um milímetro.

— Porque não pode assegurar minha vida — disse-lhe, triste. — Porque nossas vidas foram uma luta a partir da época de nossa criação. Porque não há amparo para mim ou para você. Sou sua companheira. O ser humano me criou, mas a natureza me fez compatível somente com um varão. E esse varão é você. Não ficarei quieta e só enquanto se arrisca, repetidamente. Não esperarei em silêncio, me perguntando se ou quando voltará. Não o farei, Jacob, porque não poderia agüentar a separação.

— Se arriscaria assim? — Perguntou Jacob. — Arriscaria a qualquer criança que concebesse, e minha prudência, atacando o perigo a meu lado?

— Igual a você arrisca a si mesmo, e que amparo que teria nosso filho se você morresse? — Ela encaixou a pressão atrás dele. — Se conceber depois, é obvio reconsiderarei minhas opções. Mas até que esse dia chegue, se uma separação ocorrer entre nós, depois a considerarei permanente.

— Não teria a nenhuma outra mulher que...

— De verdade, pensa que isto tem algo que ver com ciúmes ou confiança? — perguntou-lhe, furiosa agora enquanto ele a olhava fixamente com fome escura. — Você acha que não confiaria em você? Confio, Jacob. Mas meu lugar está ao seu lado, não em um grupo longe de você. Não farei isso. — Encarou-o enquanto ele passava os dedos através de seu cabelo com frustração. Sua face se encheu de dor e de amargura, e de sua própria preocupação por sua segurança. Uma segurança que ele sabia que nunca poderia assegurar-se.

— Permaneci longe de você para te proteger — finalmente disse, áspero. — Durante seis anos, neguei tudo o que era devido a meus medos por você. Espera que me esqueça de tudo durante a noite. Para te acender, como se não existisse perigo para você.

— Não, Jacob, você permanecia longe de mim porque foi um covarde — respondeu ferozmente, ignorando sua cólera surpreendida por suas palavras. — Muito covarde para admitir que se importava, e que me necessitava tão desesperadamente como eu sempre te necessitei. Estou cada vez mais cansada disso; eu desejo seu amor, tanto como seu sexo. Não desejo um sem o outro.

— E você pensa que não tem o meu amor? — Ele gritou, andando a pernas para ela e movendo-a de um puxão da cadeira, quando ele a olhou fixamente, mais zangado que ela jamais o vira. — Você pensa que não sei exatamente o que é para mim, maldita seja! Morreria, Faith, seria um tiro na cabeça se algo te acontecesse. Pensa por um momento que você não sustenta tudo o que sou? — Gritava com ela.

Jacob, que nunca tinha perdido o controle o suficiente para gritar, a menos que fosse durante o ardor da batalha, gritava nela. Sua cara estava avermelhada, seus olhos brilhavam intensamente enquanto lhe grunhia.

— Tenho seu amor, Jacob? — Ela não poderia deter a esperança que a encheu, o sussurro dos sonhos que competiram com através de seu sistema.

— Meu amor? — Ele a sacudiu levemente com exasperação. — Faith, você é meu amor. É meu coração. Quando vi esses bastardos tão empenhados em te levar, sabendo que se me matassem poderiam te pegar, eu... eu perdi quase a prudência. — Sua voz baixou a um sussurro. — Não sabia quanto foi uma parte de mim, até que quase te perdi. Para sempre, Faith. Um movimento descuidado, uma bala perdida, e eu podia te perder. — Ele tremia, mas também o fazia ela, Faith, ao ser observada.

Sacudindo-se pela reação, e a sobrecarga emocional. Sua mão se moveu para tocar sua bochecha, como se ele acariciasse a sensação dela.

— Quando tinha treze anos, sua pele começou a coçar. Lembra? — Perguntou-lhe. Faith franziu o cenho, perguntando-se o que tinha que a ver isto.

— Lembro.

— Wolfe e eu acumulamos o dinheiro que roubávamos em nossas missões, esperando uma época em que pudéssemos escapar e nos estabelecer com segurança. De minha parte, tirei dinheiro para a loção que agora utiliza. Era tão cara que Wolfe e eu discutíamos sobre ela continuamente. Mas sua pele era tão suave, Faith. Mesmo quando era uma menina, brilhando intensamente como o cetim e com pureza. Não poderia agüentar ver que se irritava por nossas ásperas condições.

A surpresa a deixou imóvel. Ela pensava que Aiden lhe tinha proporcionado a loção. Ela nunca soubera que tinha sido Jacob.

— O apartamento que considera tão querido — ele continuou. — Procurei por ele para você. No momento em que sabia que você desejava, algo que te fosse necessário, eu me assegurava de que podia comprá-lo, sem importar o custo. Porque desejava te dar alegria. Desejava te confortar, embora não estivesse ali. Fiz isso, Faith, ignorando, sem me dar nunca conta de que eu o fazia porque te amava além da razão. Fazia-o simplesmente pelo pensamento da alegria que te traria. Sonhando com sua surpresa, seu prazer, quando adquirisse o que procurava. Isso é tudo o que me protegeu durante anos. Por e você para estas coisas lutei.

Faith lambeu os lábios, pela dor que a percorria, nos sacrifícios que ela viu através de seus olhos. A outros, poderia parecer pouco. Mas para Jacob e Wolfe, o dinheiro era segurança, segurança para o grupo, liberdade.

Saber que tinha pagado as comodidades que tanto tinha necessitado, demonstrava-lhe que Jacob não a esquecera tal como ela sempre temera. Ele cuidara dela, estivera com ela da única maneira em que ele sabia.

— Essas comodidades me trouxeram mais alegria da que poderia imaginar, Jacob — sussurrou ela, chorosa. — Só que não te substituem. Não viverei sem você outra vez.

Nunca, nem por um momento. Somos companheiros. Lutamos juntos, ou não lutamos. Se voltar para grupo, depois voltará comigo, ou nunca estaremos juntos outra vez.

Seus lábios estavam apertados. Como se ele esperasse que sua declaração a tivesse feito duvidar de sua decisão.

— É tão malditamente obstinada — grunhiu, levantando as mãos enquanto se movia longe dela. — Por que é desta maneira?

— Está tentando me manipular com o amor que sinto por você e por suas próprias emoções. — acusou-o. — Por que não pode parar, Jacob? Por que não pode admitir que não pode me proteger como deseja? De verdade, pensa que o trabalho de um escolhido está isento de perigo? Que não estou forçada, sobre uma base regular, a me proteger?

Ele se deteve. Ela ainda olhou seu corpo, os músculos de seu traseiro se apertavam com o rechaço de sua demanda.

— Não é igual — finalmente grunhiu.

— Ter tido uma arma em minha cabeça, e ser perseguida por parte dos soldados do Conselho é de algum jeito mais seguro que estar com você? — Ela olhou o sangue escorrer de sua face quando suas palavras o golpearam. Suas mãos vieram até apanhar sua cara, depois tocou seu cabelo de novo. Quando a encarou, a admissão e uma classe estranha de revelação pareciam encher sua expressão.

— Amo-te, Faith. Mas isso me aterroriza — disse profundamente, com voz rouca. — Morrerei de um ataque de coração devido ao medo que sinto por você, antes que qualquer soldado do Conselho possa conseguir uma chance de me matar.

Faith se levantou de sua cadeira então e caminhou para ele. Ele estava parado sozinho no centro do quarto, olhando-a atento, com sua face tensa, seus olhos brilhantes com tal torvelinho de emoções que fazia que ela desejasse chorar.

— Tudo no que posso pensar é em te sustentar. Em ser envolto em seu zelo. E no inferno que minha vida seria sem você. — Ele envolveu os braços ao redor dela, abraçando-a apertado, quente contra seu peito nu. — O que faria agora, Faith, sem você?

Ela ouviu a solidão escura, os anos da dor e de amargura que ele tinha sofrido sem ela. Os mesmos anos escuros solitários que ela tinha sofrido também.

— E o que faria eu sem você, Jacob? — Ela o agarrou firmemente, não desejando nada mais que derreter-se contra sua pele, ser uma parte dele em todas as horas, sem importar onde fora, ou o que ele pensasse, ser uma parte dela.

Suas mãos pousaram sobre as costas dela, criando um ardor, um desejo diferente de qualquer um que tivesse havido antes dele. Seu toque era firme, seguro, suas mãos a acariciavam mais possessivas, embora a dominação de seu toque nunca mudaria, sabia. E ele era dominante. Manteve-a perto, apesar da ligeireza de seu toque, pois sua excitação começou a ondular mais alto.

Faith inclinou sua cabeça de novo, o olhar fixo nele, mas encontrando-se com seus lábios capturados em um beijo que mesclou o desespero, a fome e a dedicação.

Ele lambeu, depois afundou em seu interior a língua enquanto ela gemia em necessidade. Jacob era voraz nas demandas de seus beijos, também em seu toque. As mãos agarraram o decote de sua camisa, rasgando-o com um movimento forte de mãos.

Seu clitóris se contraiu com a ação, a sensualidade dela que propagava através de seu corpo com a força de um furacão. Então suas mãos correram em sua parte posterior nua, pressionando seus seios firmemente contra seu próprio peito enquanto ele gemia com um escuro prazer.

— Tenho fome de você — ele sussurrou quando ela levantou os lábios para os seus, suas mãos trabalhavam nos broches de pressão de suas calças jeans. — Meu corpo inteiro, Faith, arde de fome.

Faith lambeu os lábios e baixou seus olhos.

— Então me coma — ela sussurrou, olhando seus olhos aumentarem, e depois estreitarem-se. Suas mãos empurraram suas calças jeans para baixo, descendo por suas pernas enquanto ele baixava seu corpo até ajoelhar-se ante ela.

—O Chapeuzinho Vermelho vai montar a cavalo em seu lobo — disse-lhe com diversão. — A Chapeuzinho Vermelho, ao montar a cavalo em seu lobo, não sabia em que se metia — sua voz era áspera e cheia de desejo quente quando seus lábios acariciaram sua coxa interna, suas mãos que lhe levantavam uma perna para tirar suas calças jeans, e depois à outra. — A Chapeuzinho Vermelho talvez estivesse vermelha por montar a cavalo e saber como perigoso era o lobo — sugeriu ainda, enquanto seus dedos acariciavam brandamente sobre os lábios úmidos de seu sexo.

— Ela era uma pequena medrosa — Faith ofegou, suas mãos agarradas a seu cabelo quando ela mudou de lugar, abrindo suas coxas mais de par em par. — Pelo amor de Deus, Jacob, me toque antes que eu morra.

CAPITULO 28

Faith gritou quando a língua de Jacob bateu as asas na fenda aquecida de seu sexo. Ela estava molhada, preparada e pronta para ele. Um inferno de necessidade ardia em seu interior, derretendo-a, derramando sua essência ao longo de suas coxas, domada por seus lábios ambiciosos.

Ela o sentia gemer contra seu clitóris e quase culminou. Tinha as mãos sustentando suas coxas, estabilizando-a, senão ela sabia que teria caído em um montão quebrado no chão. Maldição, sua língua era como um instrumento de agradável tortura. Quente e firme, esfregando-a ligeiramente, lambendo sobre ela para então cavar no vale gentil por mais de sua nata quando seus dedos esfregaram ligeiramente suas nádegas, suas coxas, acalmando-a quando ele a conduziu mais alto.

— Se incline — Ele a empurrou para trás até que alcançaram o pé da cama. Faith se sentou, seu corpo tremendo em reação com a excitação, quando ela se reclinou no colchão firme, tremendo com a antecipação. Jacob a seguiu rapidamente, com a cabeça baixando entre suas coxas, forçando-as mais. Sua língua afundou forte e profundamente em sua vagina apertada quando seu grito rompeu no interior do quarto. Ondas de sensações se derramaram sobre ela. Sacudiram suas terminações nervosas, atacando através de suas veias, lançando-a em um torvelinho de tal incrível ardor que ela temeu que não sobrevivesse a ele. Sua língua tomou-a com uma passada de veludo molhado de ardor e de fome, lançando-a rápida e duramente a um clímax que fazia a seu corpo arquear-se firmemente. As mãos dela agarraram a manta da cama no desespero. Não havia lentos jogos de amor, nenhuma carícia suave e devota.

Ele era duro e faminto, e Faith poderia sentir seu próprio controle retorcer-se em uma violenta espiral. Não poderia fazer nada exceto gritar seu nome quando ele se moveu sobre ela. Sem nenhuma preliminar, seus lábios foram em cima dela, sua língua se afundou em sua boca enquanto seu membro empurrou ao interior profundo e duro de sua vagina vazia.

Ela agarrou suas mãos quando ele se instalou com um rápido movimento, conduzindo o ritmo que enviou ondulações de relâmpagos que formavam arcos através de seu corpo.

Era um prazer que a destruía, reconstruía-a. Ela o sustentou contra seu corpo, sentindo a longitude dura, grossa de seu eixo que a separava, conduzindo-a a um píncaro de prazer que ameaçou destruí-la. Penetrações fortes, profundas que tocavam se sexo e que acionavam uma reação em cadeia de prazer que se envolveu ao redor de seu corpo inteiro.

Faith somente podia choramingar debaixo dele, com a língua enredada com a sua, com suas mãos que a sustentavam próximo quando seus quadris se moveram mais dificilmente, empurrando com uma força que a levou para diante em uma esteira de tal êxtase ela não sabia se ela sobreviveria ele.

Finalmente, a necessidade de tomar oxigênio o fez apartar os lábios dos seus, sua cabeça baixou ao lado dela, sujeitou-lhe seus quadris enquanto ele gritou sobre ela. Ela sentia seu membro palpitar, espessa, enquanto um jorro de líquido a preparava para o nó que vinha.

Ele gemeu quando ela gritou, empurrando mais profundo, mais forte, enviando-a sobre uma onda que rompia no precipício de um orgasmo que a deixou sem fôlego, fazendo-a gritar quando seu membro se inchou mais densamente, mais duro, até que ele estava no interior profundo e apertado, travado nela.

— Faith. Que Deus me ajude, Faith. Eu te amo. — As palavras saíram rotas dele quando estremeceu, sua semente chamuscou seu sexo em outro clímax brutal.

Ela poderia ofegar somente seu nome. Sussurrar seu amor por ele. Seu corpo apertou em várias ocasiões, seguindo cada ejaculação forte de esperma com outra, um clímax menor que se difundiu através de seu corpo. Ela ofegava pela falta de ar. Ofegava pelo prazer incrível que nunca parecia acabar.

Cada vez que ele a tocava, cada vez que ele a tomava, parecia aumentar somente, crescer mais forte em intensidade. Finalmente, o suor molhado, os pulmões que imploravam por respirar, facilitaram a volta das alturas brilhantes de seu orgasmo até derrubar-se fracamente na cama. Jacob baixou ao lado dela, puxando-a fraca em seus braços, enquanto ela bocejava sonolentemente contra ele.

— Roguemos para que o Conselho não ataque durante um momento — sussurrou ele. — Temo que agora eu seja de pouca ajuda na batalha, Faith. Você roubou toda minha força

— Hummm, talvez esteja ficando um pouco velho. — Ela sorriu contra seu peito enquanto sentia um movimento duro, masculino de uma perna sobre as suas. Ele grunhiu. Estava claro que ele discordava, contudo achou que o tema era pouco importante para discutir sobre ele.

— Preciso de café — ela bocejou. — ou nunca despertarei.

— Não. — Sua voz era firme, quase alarmada. — Nada de café. Não mais sexo até que tenha descansado. A este passo vai me matar. Deixe-me dormir, por compaixão, Faith. Levantaremos quando Wolfe e Hope chegarem e começarem nossos planos. Tenho a sensação que necessitarei o café eu mesmo para me ocupar de sua teimosia.

— Não vou ficar para trás, Jacob. — Ela esperava que ele já tivesse se dado conta disso.

— Não, Faith — ele concordou, sério. — Não ficará, amor. É minha. E rogo para que de verdade seja o que deseja, porque não penso nem posso te deixar ir agora.

— E se qualquer pessoa te perguntar? — Ela se colocou mais confortavelmente contra ele, bocejando de novo. — Se não poder tomar meu café, deixe para dormir depois. Então poderá me amar mais antes que vamos abaixo.

Mas seria possível amá-la mais? Jacob a olhou fixamente enquanto ela relaxava contra ele. Seu peso era leve, ao aprofundar sua respiração no sonho.

Ele a manteria satisfeita e bem fisicamente, pensou com diversão. Sua excitação parecia acionar a sua tanto se ele queria como se não. Mas o coração de sua mulher lhe tinha mais que confundido. Como poderia ela amar tão profundamente, tão forte, a um homem que tinha permanecido ausente durante tanto tempo? Não havia respostas a suas perguntas. Um sorriso acendeu seu coração. Ela o amava apesar de tudo, ele sabia. E embora não estava cômodo com o poder que ela tinha sobre ele, ele sabia agora que provinha de seu amor por ela.

Ele, que não tinha acreditado, mas que sempre amou este espírito de fogo minúsculo de mulher. Jacob puxou lençol sobre seus corpos que se refrescavam, perguntando-se como as tinham arrumado para fazer tal confusão de lençóis. Ele suspirou profundamente e fechou os olhos com seus braços apertados ao redor dela.

— Minha Faith — sussurrou, relaxando-se então, estando mais em paz do que ele tinha estado sempre. — Eu te amo, minha Faith.

EPILOGO

— Esta é Charity Dunmore. — Ciam pôs a foto diante de Aiden então se inclinou para trás respeitosamente. — Mantiveram-na durante meses nos laboratórios. Não estamos seguros dos experimentos que estiveram fazendo com ela, mas Keegan, nossa líder, poderia detectar sua debilidade antes mesmo que ela nos ajudasse em nosso escapamento. Ela poderia estar morta agora.

Aiden tomou a pequena fotografia. Ele se recordava de Charity. Tinha sido reservada, sempre olhando, fazendo seu trabalho dentro dos laboratórios e falando muito pouco.

Ele o haveria sentido antigamente, ela tinha sido pormenorizada com as castas. Tinha revisado sua opinião no mês antes de seu escapamento.

— Como ela fez ela para ajudar em sua fuga? — perguntou, reservado.

— Ela que acionou o mecanismo de saída em uma abóbada que se utilizava em nosso treinamento, em uma vez de que não nos encadearam. — Ela tinha advertido ao Keegan que faria isso. — Não tinha que ter estado com os mais jovens que foram capturados dentro das redes automáticas, depois nos teríamos escapado todos.

Ela era uma mulher magra, não frágil ou minúscula, bem feita, com os seios cheios e os olhos azuis grandes. Seu cabelo loiro recolhido em um grosso coque na nuca, não saberia dizer quão comprido era. Aiden supunha, entretanto, que lhe chegava perto de seus quadris.

— Em que forma estava na última vez que a viu? — ele pediu a Ciam, tentando não fazer caso do diabólico impulso de atração que o encheu. Se ela os tinha ajudado ou não, seguia sendo o inimigo. Tinha participado dos experimentos do laboratório nos que ele tinha estado, e se ela se voltou contra os chefes, e depois tinha sido muito mau para ela pior, mas não mais ainda do que ela se merecia. Rechaçou sentir qualquer compaixão por ela.

— Ela estava muito débil. Keegan é absolutamente claro em questão a ela. O que lhe fizeram está se agravando, não só fisicamente, mas também mentalmente. Ele insiste em que a resgatemos primeiro. — Aiden olhava a casta orgulhosa, lentamente.

— Espera à líder até que ele está presente para dar ordens — ele grunhiu. — Esta conexão que tem com ele é boa. Mas prefiro receber ordens de alguém que vejo, não de um que está encarcerado me ordena fazer.

— Ela nos ajudou, Aiden — Ciam discutiu. — Durante anos ela tem feito assim, tentando pôr em jogo tudo o que ela sabia para nos ajudar a escapar.

— Entretanto, ela fez seu trabalho, não? — Mordeu Aiden. — Ela fez suas provas, tomou seu sangue e seu sêmen, e te bombardeou por completo de drogas para substituí-lo. Só como ordenaram.

— Ela sujou os leitores de diagnose de sangue para fazê-los funcionar mal, e arriscando sua própria vida por nós enquanto nossas energias psíquicas começavam a emergir. — Ciam se inclinou mais perto, golpeando com sua mão na mesa com cólera, enfrentando Aiden. — Não conheço suas razões, e não me importam. É uma ordem de minha líder para mim, que se resgate à moça e cuide dela. Faça o que quiser, mas meus homens e eu iremos por ela.

— O que há nessa moça que inspire tal lealdade? — pediu-lhe brandamente, ignorando a vulnerabilidade que ele vislumbrou nos olhos azuis da fotografia. As maçãs do rosto suaves, de seus lábios curvados em uma careta, seus grandes olhos torturados, cheios de sombras.

— Ela nos foi leal. — Ciam se endireitou de novo. — Não o seremos menos com ela.

— Fodeu com ela? — Ele ignorou a labareda primitiva de fúria. A repugnância e a fúria guerrearam no rosto aristocrático de Ciam.

— Ninguém de meu clã a tocou, casta de lobo. Ela não é compatível para acoplar-se conosco, pertence à outra pessoa. — A fúria emanou em sua voz e em sua expressão.

Aiden viu imediatamente que a casta com asas havia dito mais do que ele pensava. Cativou-o, este acasalamento psíquico que esta nova casta tinha estabelecido com outra. Mas mais importante, parecia que as energias de sua líder estavam ainda mais avançadas. Aiden se inclinou para trás em sua cadeira, ignorando o interesse que geravam entre as outras castas do lobo reunidas dentro da cozinha da fazenda.

— De quem é ela companheira então, Ciam? — pediu com imitação de diversão. — O que poderia ser tão importante com esta fêmea, que faria que arriscasse o resgate de sua gente por ela?

Ciam cruzou os braços sobre seu peito, olhando fixamente Aiden, frio.

— Tinha ouvido que as castas de lobo tinham mais honra e justiça que o Conselho. O que há tão pouco importante nesta mulher, para que a julgue indigna de resgate? —

Aiden olhava a fotografia outra vez.

Ele recordou uma época em que ele teria sentido dor por ela. Quando ele teria encontrado entusiasmo em seu coração pela inocência que tinha visto em seus olhos seis anos antes. Ela tinha sido jovem então. Nova nos laboratórios. Tão tranqüila que era quase uma sombra dentro do grupo. Sempre olhando-o, sempre parecia esperá-lo. Havia sentido um pouco de compaixão por ela, por um tempo. Até que ela tinha provado seu frio coração. Provado que ela não era mais que uma seguidora violenta do Conselho que lhe pagava.

— O que acredito não é o que importa — disse ele finalmente, sua voz soou dura enquanto ele empurrava a cólera dentro de si. Dentro, onde não importaria por muito tempo, só ficaria a energia da fúria nele. — Está-me perguntando por que arriscar cada Executor que nossa raça possui, e de vários de nossos grupos, por um ser humano pleno que não é mais que uma puta do Conselho. Saberei por que, ou a matarei eu mesmo para economizar a qualquer pessoa o mau gole.

Ciam se esticou, com seus olhos de ouro gelados, cheios de fúria refletida no estremecimento duro de suas asas.

— Você deseja saber por que esta mulher é tão importante, lobo — mordeu. — Desejas saber por que ela deve viver, por cima do sacrifício de minha própria líder, e dos jovens de nosso grupo. Vou te dizer por que, mestiço. Porque esta mulher é uma companheira de um que conhece somente escuridão, somente fúria. Uma companheira de um que vê somente o que mostra o Conselho, e somente sua própria alma fria. Um monstro. Um que a machucaria. Uma criatura machucada e mutilada, e que sem ela se converteu em um ser raivoso. Essa mulher. — Seu dedo assinalou áspero à imagem suave exibida na fotografia. — Essa mulher é Charity. Ela é tudo o que é suave, tudo o que está dando. Ela é sua companheira, e você está arrumando desculpas para que não a resgatemos. Uma mulher muito suave, muito boa para os gostos de um bastardo como você.

O choque atacou sobre o corpo do Aiden, embora ele o ocultasse cuidadosamente, não havia nenhum indício de suas emoções mostradas em sua expressão. Imediatamente, um punho de sensação lhe golpeou.

Ele recordou suas mãos, tão suaves como a seda e quentes em seu membro. Não fazendo caso de suas ordens ásperas, silenciosas de suas maldições quando ela ordenhou sua semente de seu corpo. Dando aos cientistas a semente que necessitavam para outro experimento.

Somente Aiden havia possuído a energia de lutar contra suas drogas, seus afrodisíacos, e suas ameaças. Durante anos, tinham-no acreditado impotente. Até o toque de suas mãos. Até sua língua suave, que lambia a cabeça avermelhada de seu membro, aspirando-a em sua boca com uma suavidade, sussurrando seus elogios. Então ele a odiou. Odiou seu afeto sobre ele. Odiou seu olhar inocente, o encanto azul de seu olhar, e seu corpo tentador. E ele nunca se esqueceu desse ódio.

Ela tinha obedecido a suas ordens quando teria podido apartar-se longe. Ofereceu-se voluntariamente, devotado voluntariamente a excitá-lo em vez de permitir que o

tentasse uma das putas que empregavam de cidades próximas. Ela tinha revelado sua debilidade, e ele a odiou por isso.

— O que importa. — Ele finalmente encolheu os ombros, mantendo sua voz dura, implacável. — Se ela for minha companheira, depois de tudo é minha decisão...

Ciam riu. A diversão cintilava em seus olhos de ouro, dissipando sua fúria na cintilação de um olho.

— Lute, lobo — disse brandamente. — Pode lutar consigo e com sua própria natureza, tudo o que deseje. Mas que saiba isto. O primeiro menino nascido em seu grupo virá do corpo dessa mulher. Sem ela, sem o segredo que ela leva, sua raça morrerá lentamente, suas mulheres expirarão de sua própria excitação, e seus homens não encontrarão nenhuma esperança, nenhum recurso dentro de suas vidas. Exceto ela, ou será responsável pela morte e destruição de todos os que considera queridos?

Fim

	Projeto Revisoras Traduções Grupo Romances Traduzidos http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/ Comunidade Romances S.A. http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161
--	--